



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Giselle Maria Pantoja Ribeiro

**Roteiro de viagem pelas histórias contadas na Amazônia e outras paisagens  
da tradução**

Florianópolis

2020

Giselle Maria Pantoja Ribeiro

**Roteiro de viagem pelas histórias contadas na Amazônia e outras paisagens  
da tradução**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adja Balbino de Amorim Balbieri Durão.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribeiro, Giselle Maria Pantoja

Roteiro de viagem pelas histórias contadas na Amazônia e outras paisagens da tradução / Giselle Maria Pantoja Ribeiro; orientadora, Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, 2020.

213 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Lexicografia. 3. Tradução Intralingual. 4. Literatura oral. I. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

III. Título.

Giselle Maria Pantoja Ribeiro

Roteiro de viagem pelas histórias contadas na Amazônia e outras paisagens da tradução  
O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Otávio Goes de Andrade, Dr.  
Universidade Estadual de Londrina

Prof<sup>a</sup>. Cláudia Cristina Ferreira, Dr<sup>a</sup>.  
Universidade Estadual de Londrina

Prof<sup>a</sup>. Evelyn Schuler Zea, Dr<sup>a</sup>.  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>a</sup>. Mirella Nunes Giracca, Dr<sup>a</sup>.  
Fundação Universidade Federal de Rondônia

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Estudos da Tradução.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof<sup>a</sup> Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, Dr<sup>a</sup>  
Orientador(a)

Florianópolis, 2020.

Dedico esta aventura tradutória e lexicográfica  
ao poeta Manoel de Barros que me ensinou a  
escovar palavras como o arqueólogo escova  
ossos, por amor.

## AGRADECIMENTOS

À Profª. Drª. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão pelo respeito e atenção a este objeto de estudo indicando, sempre que preciso, os esconderijos dos significados das palavras e os caminhos para chegarmos ao repertório dos glossários contidos nesta pesquisa.

À Profª. Drª. Evelyn Schuler Zea por iluminar outras possibilidades do ato tradutório.

À UFSC, PGET e CAPES com o Programa em Estudos da Tradução pela acolhida e empenho na parceria com a UFPA.

À Universidade de Valladolid e Departamento de Língua Espanhola pelas contribuições importantes para a conclusão desta pesquisa.

À Profª. Drª. María Ángeles Sastre Ruano com quem aprendi a examinar mais de perto as palavras e, como cientista, poder melhor identificar suas origens.

Aos Cirandeiros da Palavra e suas vozes que atravessam terras, matas e águas da Amazônia brasileira encantando ouvidos com as histórias que contam.

### Biografia incandescente

Samuel Johnson era craque em lavar as  
palavras  
e retirar delas o suco licoroso.  
Depois,  
bebia até se embriagar  
dos seus significados e insignificâncias.

Provavelmente o pai de Samuel Johnson  
desejasse que ele fizesse Direito,  
que fosse Juiz,  
ou, talvez fizesse Medicina,  
que fosse chamado de Doutor.

Não fez nada disso.  
Foi ser Lexicógrafo  
e curou muita gente  
do desconhecimento das palavras.

(RIBEIRO, 2019)

## RESUMO

Em todas as línguas, há representações simbólicas gerais e representações simbólicas particulares. As representações simbólicas gerais são, na maior parte dos casos, compreendidas entre os seus falantes. Em um mesmo país, as comunidades de fala divididas em diferentes regiões, fazem ‘acordos’; esses acordos correspondem às representações simbólicas particulares que são compreendidas pelos entre os falantes de cada comunidade de fala específica. As variações linguísticas, uma espécie de arquivo do saber linguístico local, suprem as necessidades de comunicação dos seus usuários. A presente pesquisa é marcada por um compromisso com a Tradução Intralingual das lexias que compõem parte das variações linguísticas do Norte do Brasil presentes nas vozes dos contadores de histórias de Belém, capital do Pará. Em um momento que antecedeu a elaboração propriamente dita deste estudo foi feita uma verificação informal com estudantes de Letras da UFSC para averiguar se compreendiam algumas lexias oriundas da região Norte. Posteriormente, já tendo iniciado a pesquisa, foi preciso investigar a fundo as lexias selecionadas das histórias contadas na Amazônia brasileira, fazendo, para isso, várias consultas em dicionários gerais da Língua Portuguesa, bem como em Dicionários do Dialeto Parauara, na tentativa de encontrar todas as lexias selecionadas, depois, produzir um glossário específico delas, tornando-as, desta forma, conhecidas em outras regiões do Brasil. Como fruto das reflexões teóricas desenvolvidas neste estudo, foram produzidos três produtos aplicados, com a finalidade de dar a conhecer o dialeto Parauara: o Glossário das Vozes que Contam na Amazônia; o Glossário dos Significados Poéticos do Norte do Brasil e os Jogos Lexicográficos para uso de dicionários do Dialeto Parauara. Esses três produtos favorecem a compreensão das marcas do Dialeto Parauara, dialeto falado no Pará, tornando possível a visita de outras regiões ao imaginário dos amazônidas, sempre que suas histórias atravessarem outras fronteiras do Brasil.

**Palavras-chave:** Lexicografia. Tradução Intralingual. Literatura oral.

## ABSTRACT

In all languages, there are general and particular symbolic representations. In most cases, general symbolic representations are understood by their speakers. Within the same country, the speech communities divided into different regions, make some 'agreements'; and those correspond with the particular symbolic representations that are understood by the speakers of each specific speech community. Linguistic variations, a kind of archive of local linguistic knowledge, supply the communication needs of its users. The present research is marked by a commitment to the Intralingual Translation of the lexemes that are part of the linguistic variations of Northern Brazil, present in the voices of the storytellers of Belém, the capital of Pará state. At a moment that preceded the preparation of this study, a previous verification was made with undergraduate students of Languages at UFSC to see if they understood some lexemes from the Northern region. After having already started the research, it was necessary to thoroughly investigate the selected lexemes of the stories told in the Brazilian Amazon region. Therefore, several consultations in general dictionaries of the Portuguese language were made, as well as in dictionaries of the Parauara dialect in an attempt to find all the selected lexemes. The previously referred lexemes were chosen to produce a specific glossary and to make them known in other regions of Brazil. As a result of the theoretical reflections developed in this study, three applied products were produced to raise the awareness of the Parauara dialect: the *Glossário das Vozes que Contam na Amazônia*, *Glossário dos Significados Poéticos do Norte do Brasil* and the *Jogos Lexicográficos para uso de dicionários do Dialeto Parauara*. These three products favor the understanding of the Parauara dialect marks, a dialect that is spoken in the state of Pará, making it possible to visit other regions of the Amazonian imaginary whenever their stories cross the Brazilian borders.

**Keywords:** Lexicography. Intralingual Translation. Oral Literature.

## RESUMO

En todas las lenguas hay representaciones simbólicas generales y representaciones simbólicas privadas. En la mayor parte de los casos, los hablantes comprende las representaciones simbólicas generales se comprenden. En un mismo país, las comunidades de habla, divididas en diferentes regiones, establecen ‘acuerdos’; esos acuerdos corresponden a las representaciones simbólicas particulares que son objeto de comprensión entre los hablantes de cada comunidad de habla específica. Las variaciones lingüísticas, una especie de archivo del saber lingüístico local, suplen las necesidades de comunicación de sus usuarios. La presente investigación está marcada por un compromiso con la Traducción Intralingüística de lexías que componen parte de las variaciones lingüísticas del Norte de Brasil presentes en los discursos de los contadores de historias de Belém, capital de Pará. En un momento que antecedió a la elaboración propiamente dicha de este estudio se hizo una verificación informal con estudiantes de Letras de la UFSC para averiguar si comprendían algunas lexías usadas en la región Norte. Posteriormente, cuando ya se había empezado a desarrollar esta investigación, se investigó a fondo dichas lexías, las cuales fueron seleccionadas de historias contadas en la Amazonía brasileña, haciendo, con esta finalidad, varias consultas a diccionarios generales de la Lengua Portuguesa y también en diccionarios del Dialecto Parauara (de voces de Pará, Brasil), en el intento de encontrar todas las lexías seleccionadas, para, después, producir un glosario específico de esas palabras, haciendo, de esta forma, que ellas se hicieran conocidas en otras regiones de Brasil. Como resultado de las reflexiones teóricas desarrolladas en el estudio se produjeron tres productos aplicados, con la finalidad de dar a conocer el dialecto hablado en Pará: el *Glossário das Vozes que Contam na Amazônia*; el *Glossário dos Significados Poéticos do Norte do Brasil* y los *Jogos Lexicográficos para uso de dicionários do Dialeto Parauara*. Esos tres productos favorecen la comprensión de las marcas del Dialecto Parauara, que, como hemos dicho, es el dialecto hablado en Pará, y hacen posible la visita de otras regiones al imaginario de los amazónidas, siempre que sus historias crucen otras fronteras de Brasil.

**Palabras-clave:** Lexicografía. Tradução Intralingual. Literatura Oral.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lugar ou não-lugar I.....	24
Figura 2 - Lugar ou não-lugar II.....	24
Figura 3 - Lugar ou não-lugar III.....	24
Figura 4 - Lugar ou não-lugar IV .....	24
Figura 5 - Brasil sem nuvens .....	27
Figura 6 - Terra do meio.....	34
Figura 7 - Mapa das vozes.....	38
Figura 8 - Histórias retiradas das águas turvas.....	42
Figura 9 - Tradutores das vozes ancestrais.....	46
Figura 10 - Pontos de variações linguísticas .....	56
Figura 11 - Investigação da Língua Paraura I.....	68
Figura 12 - Investigação da Língua Paraura II .....	68
Figura 13 - Investigação da Língua Paraura III.....	68
Figura 14 - Investigação da Língua Parauara IV .....	69
Figura 15 - Roleta do jogo Giro dos Saberes .....	75
Figura 16 - Capa do Dicionarinho Papachibé.....	83
Figura 17 - Página para significar Medrar.....	84
Figura 18 - Página de Pai d'égua.....	85
Figura 19 - O giro do Curupira.....	87
Figura 20 - Página sorteada .....	87
Figura 21 - Jogo Roda da fortuna .....	92
Figura 22 - Jogo das Lexias Cruzadas .....	98
Figura 23 - Trilha da história.....	101
Figura 24 - Amarelinha dos medos .....	102
Figura 25 - Tapete da Amarelinha dos medos.....	103
Figura 26 - As duas pedras do jogo.....	103
Figura 27 - Jogo da velha leitura .....	104
Figura 28 - Jogo Saia de dentro da Boiuna I .....	107
Figura 29 - Jogo saia de dentro da Boiuna II.....	108
Figura 30 - Corrida do saco.....	108
Figura 31 - Tapete da Roda da fortuna Figura 32 - Chapéu da Roda da fortuna .....	108
Figura 33 - Glossário das vozes que contam na Amazônia.....	121
Figura 34 - Glossário dos Significados Poéticos da Região Norte.....	141
Figura 35 - Sapopema.....	156
Figura 36 - Cacuri.....	156

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Definição de vocabulário e glossário I.....	65
Quadro 2 - Definição de vocabulário e glossário II.....	66
Quadro 3 - Definição de vocabulário e glossário III .....	67
Quadro 4 - Busca das lexias regionais I .....	154
Quadro 5 - Busca das lexias regionais II .....	155

## LISTA DE ABREVIATURAS

<i>adj.</i>	adjetivo
<i>s.f.</i>	substantivo feminino
<i>s.m.</i>	substantivo masculino
<i>s.m.p.</i>	substantivo masculino e plural
<i>s.m.f.</i>	substantivo masculino e feminino
<i>v.t.d.</i>	verbo transitivo direto
<i>v.t.i.</i>	verbo transitivo indireto

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2 ESTABELECENDO CONTATO COM A TORRE PARA PEDIR PERMISSÃO PARA VOO.....</b>	<b>20</b>
2.1 SOBREVOLANDO O BRASIL SEM NUVENS .....	27
2.2. CONEXÃO NA AMAZÔNIA DEMARCADA PELO MAPA DAS VOZES.....	38
2.3 CONFERÊNCIA DE EMBARQUE: SÃO TRÊS PASSAGEIROS TRADUTORES DAS VOZES ANCESTRAIS.....	46
<b>3 CHECK IN: A TRADUÇÃO DAS HISTÓRIAS, AS HISTÓRIAS DA TRADUÇÃO.....</b>	<b>54</b>
3.1 EMBARQUE IMEDIATO NA TRADUÇÃO INTRALINGUAL PELAS LEXIAS REGIONAIS.....	63
<b>4 AS TURBULÊNCIAS NA TRAVESSIA PELAS LEXIAS LOCAIS .....</b>	<b>71</b>
4.1 JOGOS LEXICOGRAFICOS PARA AS HORAS DE TURBULÊNCIA .....	74
<b>5 POUSO AUTORIZADO NO GLOSSÁRIO DAS VOZES QUE CONTAM NA AMAZÔNIA.....</b>	<b>112</b>
5.1. NOVO CARDÁPIO DE BORDO: GLOSSÁRIO DOS SIGNIFICADOS POÉTICOS DO NORTE DO BRASIL.....	135
5.2 A CAIXA PRETA DA ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO DAS VOZES QUE CONTAM NA AMAZÔNIA .....	152
<b>6 CONCLUSÃO OU DESEMBARQUE.....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>170</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Uma palavra abriu o roupão pra mim.  
 Vi tudo dela: a escova fofa, o pente a doce maçã.  
 A mesma maçã que perdeu Adão.  
 Tentei pegar a fruta  
 Meu braço não se moveu.  
 (Acho que eu estou em sonho.)  
 Tentei de novo  
 O braço não se moveu.  
 Depois a palavra teve piedade  
 E esfregou a lesma dela em mim.  
 (BARROS, 2013, p. 412).

O objeto de estudo do qual esta pesquisa se nutre e se consolida tem origem em dois momentos do curso de doutorado em Estudos da Tradução. O primeiro momento diz respeito ao conteúdo ministrado da disciplina Antropologia e Tradução. Na oportunidade, a professora da disciplina ampliara o meu olhar e favorecera o entendimento das histórias contadas pelos indígenas enquanto ato tradutório. A abordagem fora feita através de passagens do livro *A queda do céu* (2015); nele o eu narrador indígena abandona o cunho autobiográfico para se juntar à multiplicidade de vozes do seu povo e, desta forma, passa a traduzir os guardados da sua memória aos brancos que ali estavam para escutá-lo. Indubitavelmente minhas ideias a respeito do assunto foram irrigadas, frente a isso: ali eu começara a pensar na região em que habito e na literatura oral que por lá se produz em grandes proporções, tanto na capital Belém, quanto nos municípios que compõem o mapa do Pará.

No entanto, não havia nada ainda consolidado para que eu abandonasse um projeto de tese que havia esboçado inicialmente. Naquele primeiro projeto, eu havia assumido um compromisso com a tradução comparada do livro *Les chansons de Bilitis* (1894). A proposta elaborada no primeiro momento pretendia fazer um estudo comparado de duas traduções do referido livro de poesia erótica, escrito pelo belga Pierre Louÿs. O projeto atravessaria as escolhas feitas por Ferreira quando traduziu o livro para o português do Brasil, salvaguardado o título original, *As canções de Bilitis* (1994), e as escolhas tradutórias feitas para o português de Portugal por Llansol, que anunciava uma tendência mais libertária de tradução desde o título que dera ao livro *O sexo de ler de Bilitis* (2010).

Até o momento parecia que o projeto inicial se manteria apesar do tremor de terra causado pelo estudo antropológico da disciplina referida acima. Mas, cumprindo o cronograma do curso, outra disciplina abala novamente a estrutura do que seria a tese pretendida. A disciplina Lexicografia, tradução e ensino de línguas recompõe a paisagem da pesquisa e assegura o novo compromisso. Tão igual um barco encalhado, eu havia

reabastecido as ideias e esperava o tempo melhorar para tomar a decisão de mudança na rota. Descobri, na oportunidade, os segredos sagrados de fazer dicionários, vocabulários e glossários. Durante as aulas comecei a notar os obstáculos que a Lexicografia atravessara para se tornar ciência e não mais apenas técnica de elaboração de dicionário. Quando por fim, essa ciência me mostrou a compreensão que ela propõe do vocabulário enquanto classe aberta, capaz de fazer compreender e aceitar as variações das línguas, percebi o quanto era possível aproximar a Lexicografia, uma ciência aberta para receber as lexias e seus múltiplos significados, e a literatura oral viva na Amazônia. Esse foi o segundo chamado que recebi para compreender melhor as novas abordagens e melhor entendimento do que vem a ser o ato tradutório. Foi então que depois do segundo chamado, eu aceitei a aventura que aqui lhes conto.

Nesses dois espaços de tempo, a pesquisa que agora apresento, começou a ser redesenhada, fincada na língua falada e escrita, através das histórias contadas no Norte do Brasil, bem no ponto geográfico do meu nascimento. O segredo era encontrar um objeto que servisse de estudo. Foi então que uma lexia em um livro de histórias contadas em Belém do Pará me inquietou: *Ancinhar*, eis a lexia que me provocava e me redirecionava, martelando em minha cabeça. Na época o que me intrigou foi saber se o significado de uso local alcançava as outras regiões do Brasil. Depois disso, a inquietação foi ganhando maior sustentação, outras tantas lexias apresentavam a mesma estranheza dentro daquele livro.

*Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (2012) fora publicado em dois volumes pela editora Tempo, uma editora local. O livro era parte de um projeto preocupado em manter viva a memória dos avós, bisavós, tataravós e das gerações anteriores nascidas naquela região amazônica. Para o projeto foram convidados oito contadores de histórias experientes e com vontade de partilhar as suas memórias de infância.

Foi assim que o ato tradutório deixou de ser, para mim, um trabalho minucioso feito só entre línguas de países distintos, quero dizer, entre línguas estrangeiras que tramavam conversar. Assim, a tradução intralingual se anunciava dentro da minha pesquisa e começava a guiar o estudo que agora apresento.

No primeiro momento proponho a ampliação do olhar percorrendo o Brasil até alcançar, mais precisamente, o lugar de investigação da tese. O Brasil é o quinto maior país do mundo, pela sua extrema dimensão. Isso quase todo mundo sabe. O português, língua falada neste território, traz o traço da maleabilidade, desta forma é possível que apareçam obstáculos tanto no plano das traduções feitas entre essa língua e outra, de outra Pátria, quanto nas traduções de natureza intralingual, pela existência de idioletos que podem dificultar o acesso

às lexias locais entre leitores de outras regiões, tal como acontece com leitores de outros países ao lerem textos redigidos em português do Brasil.

A publicação de pesquisas sobre tradução e de dicionários variados tem ajudado consideravelmente a troca ou o entrecruzamento das culturas de cada lugar demarcado no mapa do país e, desta forma, se tornou menos impossível atravessar as fronteiras das nossas cinco regiões: Centro-Oeste, Norte, Nordeste, Sul e Sudeste e estabelecer uma comunicação fluida entre seus habitantes. Neste sentido, proponho o estudo das variações linguísticas da língua falada no Norte, através da literatura oral que resiste há milênios na região, com o propósito de facilitar o acesso ao imaginário e à cultura local dos amazônidas, além de proporcionar o enriquecimento do vocabulário dos brasileiros falantes da língua geral, fazendo-os compreender que quando despertados pelas suas reminiscências, os amazônidas sabem dizer o sentido que tem contar e ouvir suas histórias.

Compreendo que ouvintes ou leitores compatriotas de outras regiões precisam preencher as lacunas que a comunicação lhes impõe, lacunas essas relacionadas aos conhecimentos que dominam em diferentes âmbitos de sua própria língua. Por tudo isso, convido-os a entrar no terreno da tradução intralingual para privilegiar os falares entre nativos de uma mesma Pátria, de modo que a comunicação entre eles se estabeleça adequadamente e a produção da literatura oral nascido nas terras amazônicas se faça compreendida como força motora de um rico imaginário.

Marcando o respeito à diversidade cultural e linguística, esta pesquisa se debruça não apenas no estudo da língua, mas da linguagem humana e das formas de representação do seu cotidiano, com o que é possível compreender a importância da aproximação da literatura oral com a lexicografia:

Nos livros literários, há sempre expressões idiomáticas, dicção, frases, provérbios e imagens arquetípicas “que revelam as características socioculturais de uma língua. Esses elementos tornam possível não apenas passar uma mensagem, mas também trazer elementos socioculturais da língua de partida”. No mais, essas expressões são portadoras de diferenças entre idiomas. A língua não é um elemento passivo na sociedade, tem uma pluralidade de interseções, compromisso dinâmico entre grupos de pressão biológicos, psicológicos e sociais, daí a necessidade de criar conjuntos de palavras usadas por uma determinada comunidade linguística e ter uma existência. (HODA, 2016, p. 28)<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Dans les oeuvres littéraires, on voit souvent les expressions figées, les diction, les locutions, les proverbes et les images archétypes « *qui révèlent les caractères socioculturels d'une langue. Ces éléments permettent non seulement de passer un message, mais aussi d'apporter des éléments socioculturels de la langue de départ* 30 ». Ensuite, ces expressions sont porteuses de différences entre les langues. La langue n'est pas un élément passif dans la société, elle présente une pluralité d'intersections, compromis dynamique entre les groupes de pression biologiques, psychologiques et sociaux, d'où la nécessité de réaliser des ensembles de mots utilisés par une communauté linguistique donnée et ayant une existence historique et culturelle. **Synergies** Monde Arabe n° 9,

Dois importantes livros despertaram a curiosidade e interferiram no avanço deste trabalho: *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, publicado em 2015, pelas reflexões sobre as origens indígenas e a permanência ou não delas:

Os dizeres dos nossos ancestrais nunca foram desenhados. São muito antigos, mas continuam sempre presentes em nosso pensamento. Continuamos a revelá-los a nossos filhos, que, depois da nossa morte, farão o mesmo com os seus. As crianças não conhecem *os xapiri*. No entanto, prestam atenção nos cantos dos xamãs que os fazem dançar em nossas casas. É desse modo que, aos poucos, as palavras dos maiores vão fazendo seu caminho nos pequenos. Depois, quando ficam adultos, tornam-se por sua vez capazes de dá-las a ouvir. É assim que transmitimos nossa história. (KOPENAWA; BRUCE, 2015, p. 457).

Em outro momento tive contato com a teoria do filósofo alemão Schleiermacher (2010) e esse contato me lançou a provocação da necessidade de intérprete que os contemporâneos da mesma classe e de sensibilidade distinta sentem quando são separados por dialetos; novamente eu ouvi o chamado a repensar o estudo da tradução. Daí advém o reconhecimento da necessidade da elaboração de repertórios e alcançar a tradução intralingual de algumas histórias contadas na Amazônia, e trazer os leitores para o cenário pretendido, guiando-os durante a leitura.

No reconhecimento das unidades lexicais não pretendo, tão irredutivelmente, classificá-las como parte específica da Amazônia no Norte do Brasil, mas detectar a quebra na comunicação que pode ocorrer entre os falantes da língua geral, enquanto língua portuguesa brasileira, ampliando os seus significados pela diversidade de lexias que uma língua comporta e, se possível, aproximar os leitores da compreensão do uso. Os mitos poéticos, quando entrecruzados cumprem o mesmo papel, algumas vezes, podendo ser reconhecidos com os mesmos nomes, outras vezes com nomes distintos. Um bom exemplo do que digo é o *capelobo*, que aparece durante a noite nos Estados do Pará e Maranhão. Os indígenas o chamam de *lobisomem*, nas matas do Pindará, Maranhão, ele é conhecido pelo nome de cupelobo. Considerando esse exemplo, espero contribuir para aproximar as distâncias existentes entre uma língua que se mostra tão plural. Neste sentido, será feita a coleta das lexias incomuns nas regiões distintas da Amazônia, no Norte do Brasil e o estudo de seus significados quando usados pelos contadores de histórias locais. Deste modo, tenho o propósito de aproximar o vocabulário amazônico dos falantes das outras regiões do Brasil, compreender a narração como tradução, ampliar o entendimento de tradução, propor a organização de um Glossário das Vozes que Contam na Amazônia brasileira, fazer pensar as

---

2016, p. 23-40. Tradução da autora. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Mondearabe9/brinijy.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

marcas culturais das histórias e a contribuição na formação de identidade e apresentar algumas histórias contadas na Amazônia como herança da ancestralidade local. Além disso, fazer compreender que as palavras, quando ditas de boca em boca através das histórias, são capazes de conectar a humanidade com a força que ela tem guardada em algum ponto. Ampliando a forma de fazer pesquisa no campo da tradução, nesta tese apresento algumas propostas, ou fórmulas capazes de familiarizar o léxico incomum que a língua portuguesa das regiões distintas que o Brasil tem através do glossário dos significados poéticos do Norte do Brasil, resultado de experimentações em minicursos durante a pesquisa.

Os jogos lexicográficos aparecem neste contexto, porque são reinvenções da minha memória de infância. Com eles eu procuro conectar o livro com o leitor através de regras que conduzem à consulta dos livros: *Dicionarinho papachibé: a língua paraense* (2019); *O meu dicionário de coisas da Amazônia* (2014); *Dicionário de imprecisões* (2019) e *O livro dos ressignificados* (2017). A ideia surgiu com a necessidade de tornar os dicionários mais próximos das crianças, fazendo com que essas publicações se tornem um instrumento pedagógico e incentivador das descobertas do repertório e dos significados que eles têm para apresentar ao leitor.

Convido então a adentrar a proposta feita aqui, com mais abertura para a aceitação das variações linguísticas da língua falada no Brasil, especificamente, na região Norte, pelo caminho da tradução intralingual com o propósito de que a comunicação se estabeleça adequadamente entre quem conta e quem lê as histórias contadas no livro *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (2012).

Por se tratar da busca de compreensão entre os falantes da região Norte, Belém, Pará e Sul, mais precisamente Florianópolis, Santa Catarina e, considerando a distância geográfica entre essas duas regiões, essa viagem será feita de avião.

Como todo início de viagem por esse meio de transporte, favor colocar seu celular no modo avião, deixar a poltrona na posição vertical, travar sua mesa, apertar o cinto de segurança. E boa viagem.

## 2 ESTABELECENDO CONTATO COM A TORRE PARA PEDIR PERMISSÃO PARA VOO

A infância da palavra já vem com o primitivismo das origens. (BARROS, 2013, p. 426).

Aqui apresento de onde se origina a ideia desta tese. Tudo começa com o livro chamado *Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos* (2012). Passando pelo nome do livro, um verbo me chama atenção: “**a.pa.nhar**: *vtd* 1. Retirar (algo) do lugar que lhe é próprio, ou de onde está.” (FERREIRA, 2010, p. 52). Assim Ferreira (2010) inicia o segundo verbete decifrado na segunda coluna da página 52, do seu *Mini dicionário da língua portuguesa* (2010), mas antes de chegar à esta informação, o verbo **apanhar** não me instigava até aparecer no título do referido livro publicado pela editora Tempo, uma editora que existia em Belém/Pará, até aproximadamente 2016.

O fato é que antes de ler o livro, uma história contida nele chegou até mim, por meio de uma contadora de histórias de Belém. Naquele momento, uma inquietação começara a povoar a minha cabeça quando ouvi, de dentro da narrativa, uma lexia que não aparece mais com frequência nos diálogos da geração desse século XXI. “Ancinhar”, esse é o verbo contido na história e que me fez atravessar essa aventura tradutória e percorrer os caminhos da Lexicografia, assumindo aquele livro como objeto de estudo desta pesquisa. Foi assim que o verbo **apanhar**, contido no título do livro, expandiu o seu significado para mim. Com mais abertura para compreender a variação linguística adotada nessa região do Brasil, que embora nem todos saibam, é também parte da Amazônia. **Apanhar** passou a ser: colher, recolher, segurar, capturar, alcançar, buscar, captar, coletar histórias. E muito mais pode ser dito enquanto significado de um livro que se apresenta com o nome: *Apanhadores de histórias: Contadores de Sonhos* (2012).

O título induz uma conexão mais forte ainda com o seu lugar de origem. Ele gera aproximação com o verbo colher, tão próprio de um lugar que até então, posso dizer, tem uma vasta floresta: a Amazônia brasileira.

Quem escolheu o título para este livro eu não sei, mas posso garantir que foi uma das melhores escolhas desta publicação, porque enlaçou as formas das narrativas com o objeto físico: livro e tornou possível o encontro dos cheiros, paisagens, cor e sons atribuídos pelas vozes dos que contam as histórias dessa parte do Brasil chamado Região Norte.

**Apanhar** pode ser também pegar um meio de transporte para chegar do Norte ao Sul, ou do Sul ao Norte, como se queira. Cruzar o céu e desembarcar no desconhecido, ou

conhecido pela metade, porque a direção seguida é também parte de um mesmo Brasil e, em alguns casos, chega a ser estrangeiro. Eis aqui só a ponta do fio desta história que está começando agora.

Para alcançar o ponto de chegada deste estudo, um enfoque inicial se mostra pertinente, considerando que esta pesquisa tem o compromisso de decifrar alguns códigos peculiares da fala de uma região do Brasil, com vista no entrecruzamento das diferenças culturais e identitárias e assim, reconhecer os lugares ou não-lugares dos envolvidos na comunicação.

Antes de atravessar o Brasil e alcançar o Norte da Amazônia brasileira, recomponho o significado que Augé (1994), um etnólogo e antropólogo francês, propõe para “lugar” e “não-lugar” com o intuito de reconhecer de qual desses ambientes esta pesquisa vai se ocupar.

Primeiro convido o leitor a perceber o lugar, na visão antropológica:

[...] O lugar antropológico tem escala variável. A casa *kabile*, com seu lado sombra e seu lado luz, sua parte masculina e sua parte feminina, a choupana mina ou ewe com seu legba do interior, que protege quem dorme de suas próprias pulsões, e o legba do portal, que o protege das agressões externas; as organizações dualistas, que muitas vezes são traduzidas no solo por uma fronteira bastante material e bastante visível, e que comandam direta ou indiretamente a aliança, as trocas, a religião; as aldeias ebrîe ou atiê, cuja tripartição faz sentido, porque foram investidos de sentido, e porque cada novo percurso, cada reiteração trivial, conforta-os e confirma sua necessidade. (AUGÉ, 1994, p. 51).

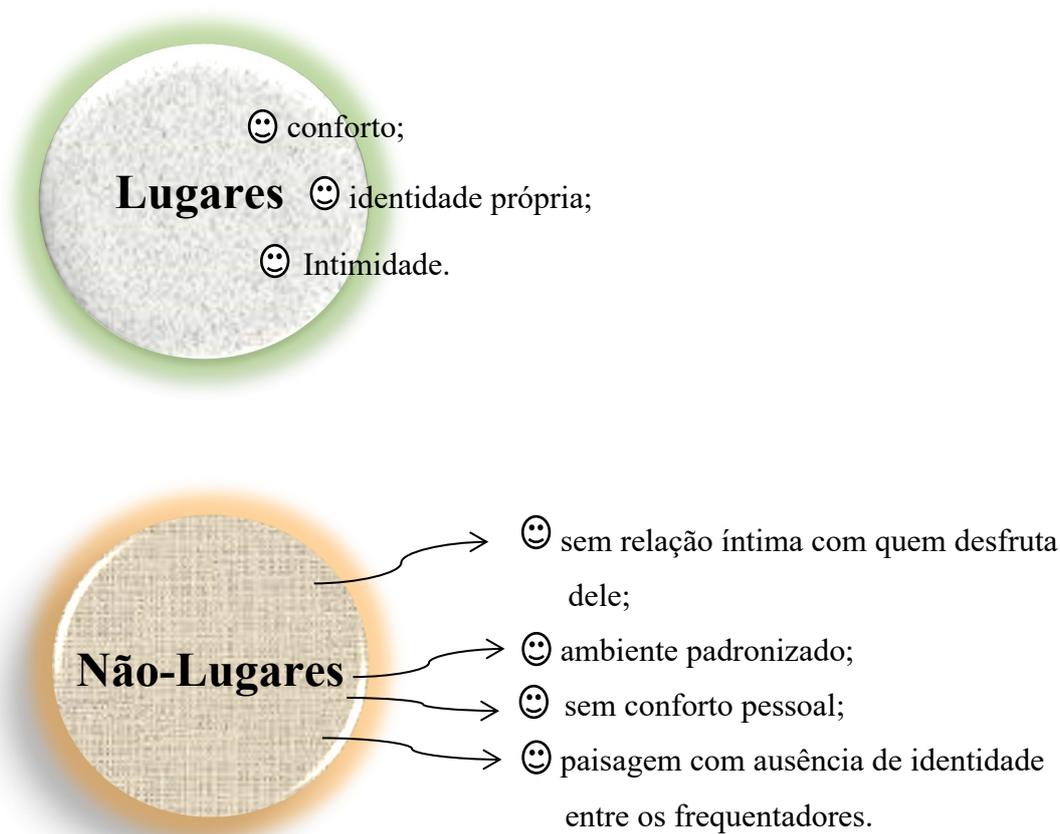
Neste sentido, o lugar se assemelha a concepção dada ao útero. Nele, o feto irá se alojar num ambiente que favoreça o seu desenvolvimento, protegendo-o das contaminações de agentes estranhos, as bactérias. Os estudos da ciência apontam que no quinto mês de gravidez, o bebê é capaz de distinguir a voz materna, principalmente se ela cria o hábito de cantar e ler histórias para acalmá-lo. Ao nascer, a voz da mãe se encarrega de conectá-lo ao seu lugar de origem e conforto, fortalecendo a sua identidade, por isso, faço essa comparação.

Mais adiante, o autor reforça: “O habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história.” (AUGÉ, 1994, p. 53). Depois disso, o autor reforça a diferença que há entre os lugares e os não-lugares, quando estabelece a noção de não-lugares:

Os não-lugares, contudo, são a medida da época; medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias e os domicílios móveis considerados “meios de transporte” (aviões, trens, ônibus), os aeroportos, as estações e as estações aeroespaciais, as grandes cadeias de hotéis, os parques de lazer, e as grandes superfícies da distribuição, a meada complexa, enfim, redes a cabo ou sem fio, que mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão

estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo. (AUGÉ, 1994, p. 74-75).

Para clarear mais a abordagem, proponho acompanhar o esquema que fiz com as conclusões da teoria de Augé (1994):



Do exposto, tiro algumas conclusões: os não-lugares se apresentam como repositórios das coisas solúveis, das imagens fabricadas pela velocidade do tempo, pelos objetos que, tão logo, se transformarão em dejetos e que ali foram deixados pelos exploradores do lugar, os passageiros da supermodernidade. Enquanto o lugar está voltado para o habitat, o não-lugar cabe no efêmero, no provisório, no que se rende ao esquecimento. O lugar está mais voltado para a qualidade, que para a quantidade. Ele não é acumulativo de paisagens, mas a paisagem em si mesma. Adverte ainda Augé (1994):

Enquanto a identidade de uns e outros é que constituía o “lugar antropológico”, por meio das convivências da linguagem, dos sinais da paisagem, das regras não formuladas do bem-viver, é o não-lugar que cria a identidade partilhada dos passageiros, da clientela ou dos motoristas ‘domingueiros’. (AUGÉ, 1994, p. 93).

O esquema apresentado, força a percepção da posição que os ocupantes dos lugares e “não-lugares” estão, pois quando aparecem dentro ou fora, acompanhados dos seus traços característicos, eles acusam a natureza que pertencem, dentro (lugares), fora (não-lugares), numa demonstração do que é ser parte de um todo e o que é ser um todo, feito sem partes, sabendo que quem aparece com ele, está apenas de passagem.

A compreensão se estabelece quando Augé (1994) cita os seguintes exemplos de “não-lugares”: hotéis, hospitais, aeroportos, rodoviárias, meios de transportes, enfim. Para o exemplo de “lugar” ele traz a casa. Quando penso na casa que moro, enquanto proprietária, eu me permito torná-la confortável, acolhedora e mais, eu trago para ela os traços da minha identidade. Furo as paredes para pendurar os quadros que se comunicam comigo, pinto a casa com as cores que também dialogam comigo, compro móveis tornando o ambiente tanto acolhedor, quanto um lugar capaz de dizer quem sou. Desta forma, ao apresentar algumas fotografias da minha casa, é possível que mesmo quem não me conheça, chegue a dizer como eu sou, me descrevendo através de algumas palavras.

Fiz a experiência usando quatro fotografias do meu apartamento. Lancei a provocação pelas redes sociais apenas para confirmar o bom exemplo de “lugar” usado pelo antropólogo. Para alcançar o resultado, postei as fotografias no Facebook, grupos do WhatsApp e Instagram acompanhados do seguinte texto: Ao ver as fotografias é possível dizer quem habita nessa casa? Como é possível identificar a pessoa que habita esta casa? Caso queira responder, escreva um comentário com uma única palavra capaz de definir a moradora desta casa.

Esperei durante uma tarde a chegada das respostas. Algumas delas vieram com mais de uma palavra, embora não tenha sido esse o solicitado. No entanto, por se tratar de respostas significativas ao exemplo que o antropólogo usou, resolvi registrá-las nesta pesquisa, porque elas se responsabilizam em dar uma análise mais específica da resposta esperada. O resultado da experiência se aproximou bastante das concepções de Augé (1994), validando os aspectos que ele determina para o “lugar” no sentido antropológico:

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. É porque toda antropologia é antropologia da antropologia dos outros, além disso, que o lugar, o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. (AUGÉ, 1994, p. 51).

A ideia de fazer a experiência nas redes sociais se tornou bastante válida, porque naqueles espaços circulam pessoas que não têm contato íntimo comigo e, desta forma, não me conhecem pessoalmente e nem a casa que eu moro. Assim, as fotografias se encarregaram de trazer as respostas com mais fidelidade, mais precisão, sobre a veracidade do exemplo usado na teoria de Augé (1994).

Abaixo seguem as fotografias usadas na experiência e as respostas dadas durante a provocação favorecendo a melhor compreensão do que aqui está sendo discutido:

Figura 1 - Lugar ou não-lugar I



Figura 2 - Lugar ou não-lugar II



Figura 3 - Lugar ou não-lugar III



Figura 4 - Lugar ou não-lugar IV



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

## Respostas obtidas:

1. Suspeito que quem o habita seja alguém que ame as palavras e transpire poesia.

3. Não sei quem mora, mas achei os ambientes lindos! A julgar pela gaiola com a porta aberta, ousou sintetizar com uma palavra, então: liberdade.

5. Independente.

6. Poeta.

8. Livre.

10. Liberdade e beleza.

11. A casa reflete pessoas coloridas e livres (a gaiola do passarinho tá sempre aberta). Os quadros na parede retratam apreço pela literatura. As cores refletem pessoas de alma feliz e que enxergam a vida de forma feliz.

14. Um ser colorido, artístico.

16. Uma poeta.

2. Poética (aparece duas vezes como resposta no grupo de WhatsApp).

4. É possível identificar sim, pois deixamos transparecer nossa identidade/personalidade pelas escolhas, arrumação/disposição, cores etc. Em uma única palavra: autenticidade.

7. Colorida.

9. Casa de Giselle Ribeiro... Cada detalhe é pura poesia... Gaiola de porta aberta, liberdade para voar. Querido Manoelzinho sempre presente em forma de poesia. Livro na cama, companheiro sem igual.

12. Poesia;

13. Amazônica.

15. Uma artista.

17. Encantaria.

Das 17 respostas dadas à provocação, é possível perceber que elas se entrecruzam e desta forma, confirmam a aposta feita por Augé (1994) ao indicar “Casa” como exemplo de lugar. Por fim, da investigação dos “lugares”, fica também a certeza dos “não-lugares” no resultado dos que transitam por eles:

É com uma imagem de si mesmo que ele se acha confrontado em definitivo, mas uma estranhíssima imagem, na verdade. O único rosto que se esboça, a única voz que toma corpo, no diálogo silencioso que ele prossegue com a paisagem-texto que se dirige a ele como aos outros, são os seus – rosto e voz de uma solidão ainda mais desconcertante porque evoca milhões de outras. O passageiro dos não-lugares só reencontra sua identidade no controle da alfândega, no pedágio ou na caixa registradora. Esperando, obedece ao mesmo código que os outros, registra as mesmas mensagens, responde às mesmas solicitações. O espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude. (AUGÉ, 1994, p. 95).

O que há, agora, é um desejo de falar em nome das vozes que eu ouço pronunciando seus léxicos, desenhando, através da língua, os seus lugares. Preciso ser justa com o dialeto que o Norte do Brasil fala, através da língua aprendida pelos avós e pelos avós dos avós num compasso de pertencimento entre quem fala e onde fala.

Estou bem certa de que o destino traçado aqui é o “lugar”, não só como Brasil, mas enquanto língua, aqui entendida como Pátria, lugar que me permite discursar sendo eu mesma, com as marcas culturais e identitárias que cabem em mim, sem julgamento de certo ou errado, pois entre os que nela se comunicam, há compreensão, acolhimento, identidade própria e intimidade, como pede o “lugar” visto à luz da teoria de Augé (1994).

Desprovido de julgamentos de valor, o lugar de que falo nesta pesquisa chama o saber lexical da região Norte do Brasil para compor a cena. Não para enquadrá-lo nos rigores do saber gramatical, mas para reconhecê-lo como parte, também importante, da língua geral, afinal, cada lugar tem no seu campo de comunicação: “o saber lexical, que é função do desenvolvimento sociocultural, da amplitude e profundidade dos conhecimentos de cada um.” (LUFT, 1997, p. 63).

Numa metáfora, posso dizer que o saber lexical da Amazônia, região Norte do Brasil representa a roupa que o lugar veste. Porém, ao mesmo tempo em que ela apresenta na sua estampa as lexias da Língua Portuguesa Geral e os empréstimos de ideias e comportamentos ao olhar do estrangeiro (brasileiros oriundos de outras regiões), ela não apaga os traços próprios da sua cultura. É aí que reside a variação linguística e o estranhamento dos dialetos sempre que as regiões se comunicam.

## 2.1 SOBREVOANDO O BRASIL SEM NUVENS

O abandono do lugar me abraçou de com força.  
 E atingiu meu olhar para toda a vida.  
 Tudo que conheci depois veio carregado de abandono.  
 Não havia no lugar nenhum caminho de fugir.  
 A gente se inventava de caminhos com as novas  
 palavras.  
 A gente era como um pedaço de formiga no chão.  
 Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo.  
 (BARROS, 2013, p. 430).

Figura 5 - Brasil sem nuvens



Fonte: Colagem da pesquisadora.<sup>2</sup>

Escolhi para este capítulo, fazer uma abordagem que percorresse o antes, o durante e o depois da era de domínio e mudança no compasso da imagem de um Brasil colonizado.

As quatro paredes da escola guardam até os dias atuais a voz de algum professor ou professora que recorda que o Brasil foi descoberto em abril de 1500 por Pedro Álvares Cabral, um europeu português. Sem querer manter o apagamento de outras partes também importantes, de momentos anteriores a esse acontecimento histórico e querer dar conta do que circulava durante as idas e vindas dos europeus, me ponho a ouvir as histórias que não

<sup>2</sup> A imagem usada para a colagem foi extraída do site: [http://www.anttur.org.br/secoes/pagina/155/Nossas\\_Associadas](http://www.anttur.org.br/secoes/pagina/155/Nossas_Associadas).

circulam facilmente nos meios acadêmicos e que trazem à tona o outro lado da moeda chamado Brasil, afinal:

O pensador contemporâneo Eli Wiesel tem uma bela frase sobre a origem do homem: “Deus criou o homem, porque gostava de contar (e de ouvir) histórias. O que são os romances e contos, as telenovelas e os filmes, os desenhos animados e as peças de teatro, se não narrativas? Também o passado só adquire forma com uma narrativa, em um entrelaçar de dados e argumentos no passado, tanto maior será a importância do relato, quase como se fosse uma viagem imaginária e contada pelos estudiosos. (FUNARI; NOELLI, 2002, p. 25).

Convido o leitor a sentar-se para ouvir as histórias encobertas pelos colonizadores e descobertas pelos antropólogos, arqueólogos e historiadores. O que se escondeu antes, durante e depois do último ano do século XV da era de Cristo? do aclamado ano de 1.500? Nele a história escrita e liberada para circular, conta que o Brasil foi descoberto ali, naquele tempo. Descoberto? Talvez no sentido de ter sido encontrado, saqueado ou desmedidamente explorado. E se assim o é, talvez melhor fosse dizer que nesse tempo houve o *achamento* de um Brasil que já existia. É assim que ironicamente Ribeiro (2015, p. 44) referencia esse momento da nossa história. Sim, houve um *achamento* e depois disso, houve também as investidas em transformar em não-lugar o que antes se mostrava como lugar. A proposta era mascarar os interesses próprios com a catequese indígena:

Estava entendido, que, para “imprimir” ao serviço em projeto feição republicana, fora de privilégios de castas, sem preocupação de proselitismo religioso; adstrito apenas a proteger o indígena, defende-lo, ampará-lo, sem constrangê-lo a aceitar nossos hábitos, nossa religião, teríamos que nos apoiar em bases teóricas sólidas, que nos permitissem organizar um serviço ao abrigo dos sofismos materialistas, o que só a teoria científica da civilização fetichica podia nos fornecer. (BRAZIL, 1937, p. 29-30).

Bem entendido, a ordem era fazer os indígenas aceitarem os hábitos externos e apagarem a própria identidade, cultura e educação.

Ainda no livro *Incolas Selvicolas* (1937) que na verdade é a publicação do relatório encaminhado ao Ministério das Relações Exteriores pelo Coronel Brazil, é possível reconhecer a grande área do *achamento* como lugar, no período anterior a colonização. No compasso em que vai sendo relatado, é feito o desenho do lugar, muitas vezes tentando diminuir a figura original do homem da época, sempre tratado pelos brancos como “selvagem”: “O Índio, em uma palavra é um homem no seu primeiro estágio de evolução”. (BRAZIL, 1937, p. 26). Embora a intenção fosse desprezar e apagar totalmente os hábitos dos

indígenas, o modo de vida deles fazia alusão à teoria do antropólogo Augé (1994), segundo o relatório do Coronel Brazil (1937):

A propriedade individual é rigorosamente observada pelo Índio – E cada proprietário assinala o que lhe pertence, e, de tal modo o faz, e é reconhecido por todos, que um qualquer índio da tribo encontrando perdida na floresta uma flexa, por exemplo, pode francamente dizer a quem pertence pelas marcas que o traz. (BRAZIL, 1937, p. 26).

No relatório, cada vez mais, os traços peculiares dos povos indígenas, habitantes daquele lugar chamado Brasil é mostrado:

Adaptam elles em suas relações sociais uma modalidade de comunismo. Qualquer indivíduo ao chegar a maloca de outros é recebido como do grupo e de tudo participa, tem casa e comida. Nas festas, especies de bailes a que chamam **cachiris**, todos contribuem com alimentos e bebidas. São muito atenciosos uns para com os outros e muitos cortezes. (BRAZIL, 1937, p. 55-56).

Com a leitura do relatório publicado pelo Coronel Brazil (1937), é possível conhecer as estratégias de dominação e imposição que os indígenas foram submetidos durante o trabalho da Comissão Brasileira Demarcadora dos Limites do Setor de Oeste. Nele são narradas as formas de domínio total, até mesmo as tramas para confundir e apagar os povos indígenas que ali já habitavam, com sórdidas justificativas para fazerem valer, a todo custo, o cruzamento entre indígenas e “civilizados”:

O dynamismo é uma realidade. E porque o **homo sapiens** em todas as suas modalidades deverá fazer exceção? Parte integrante dessa cosmogonia não poderá estacionar. As transformações dar-se-hão apesar de tudo e sobretudo. A tendencia para uma homogeneização das variedades humanas é facto que pode ser banalmente verificado e tem sido constatado pelos anthropologistas. É lei natural, forte, vencedora. (BRAZIL, 1937, p. 10).

Não é porque penso na preservação das identidades, e culturas e educação que esses povos assumiriam o ônus de não avançarem ou não evoluírem. Não é esta a questão. A raiz do problema não é só o que fazer, mas como isso se dará:

O evolucionismo, aplicado à Pré-História, sempre foi acionado para explicar tanto a diferença quando a mudança, partindo da ideia de que as sociedades iam de estágio mais simples aos mais complexos mudando de tecnologias e de hábitos alimentares e sociais por intermédio da adoção de bens e idéias difundidos de região em região. A *difusão* seria o meio pelo qual uma sociedade mudava, *evoluiu* de um estágio a outro, por meio da aquisição ou da cópia de certos artefatos, alimentos, comportamentos sociais e políticos. A História, nessa perspectiva, é

automaticamente encarada como a passagem de sociedades mais simples para mais complexas. (FUNARI; NOELLI, 2002, p. 49-50).

É nesse sentido que vejo o lugar chamado Brasil ser modificado, adquirindo traços de não-lugar. Para compreender o percurso dessa travessia, sugiro a leitura do relatório completo tratado nesta pesquisa.

A forma descrita pelos colonizadores dos povos de outrora, a recusa da sua cultura e até mesmo a forma física dos indígenas, não implica na crença do que foi escrito nos livros didáticos que circulam nas escolas, nem tampouco, deveria ser capaz de reduzir o valor que aqueles povos indígenas têm, até os tempos de hoje. A balança em desequilíbrio aplicada pelos brancos quando aqui chegaram é rejeitada na abordagem que Funari e Noelli fazem no livro *Pré-história do Brasil* (2002):

O uso antigo da cerâmica na floresta tropical e as pinturas rupestres elaboradas não indicam, portanto, um estágio superior e posterior de desenvolvimento humano – já que milhares de anos depois outros grupos não usavam esses recursos. Nem sua presença em um sítio indica que não houvesse outros tipos contemporâneos de ocupação na Amazônia. Assim, é possível acreditarmos que havia, num mesmo meio ambiente, espalhados pelos territórios da floresta tropical, ceramistas e não-ceramistas, pintores rupestres e povos desinteressados em pintar. Nem sempre o mais antigo, é menos elaborado, nem sempre o mesmo ambiente tropical produz as mesmas preocupações culturais e redonda nos mesmos tipos de adaptação. (FUNARI; NOELLI, 2002, p. 54).

O cartão de embarque desta pesquisa apresenta, num tom crítico, o lugar de investigação desta viagem. Nele, o Brasil se revela na busca de uma fotografia mais fiel. Não aquele país habitual das cartilhas, dos livros didáticos, dos discursos estreitos, amarrados com os interesses dos colonizadores, mas o Brasil quase desconhecido da sua população maior, com o entrechoque do que a maioria chama de descoberta de um lugar que apesar de já existir naquela época, se rende ao escravismo e servidão instaurados pelos invasores portugueses, espanhóis, franceses, holandeses..., por europeus escondidos pela nuvem da amizade e colaboração.

As notícias de um Brasil visto à luz dos colonizadores não cabem nesta pesquisa, aqui o proposto é a aproximação do olhar de estudiosos do assunto, para tornar mais verdadeira a história deste país, que apesar de não ter registro escrito antes dos invasores, teve o registro de existência humana e indígena revelados pelas suas crenças e cultura pré-coloniais.

É neste tom que convido-os a embarcar rumo ao Brasil sem nuvens, através de uma abordagem crítica do lugar de origem deste estudo, conduzindo o leitor à reflexão e reconhecimento das lexias e seus significados no contexto em que elas estão inseridas.

Para o pretendido neste capítulo, o enfoque dado se sustentará na abordagem lúcida de Ribeiro (2015) quando anuncia a história por detrás da nuvem no seu livro *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Em nome do apagamento do Brasil original pelos invasores europeus, fica proibido dizer “a descoberta do Brasil se deu em 1500”. Apresento a voz que desconstrói a história difundida por longos anos no espaço escolar:

Ainda mais explicativo do seu desempenho é o fato de que, antes da chegada dos europeus, os Guaikuru já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a suprir-lhes de alimentos e de servos. Testemunhos datados dos primeiros anos do século XVI nos falam deles como povos sagazes que dominavam os Guaná, impondo-lhes relações que ele compara com o senhorio dos tártaros sobre seus vassalos. (RIBEIRO, 2015, p. 30).

A visão oferecida pelo autor não livra da crueldade nem o colonizador, nem o colonizado e entrega as epidermes, ou seja, na história da humanidade os atores manipulam o poder, cada um a seu favor, onde não há espaço só para mocinhos ou só para bandidos: todos têm a sua parcela de bem e de mal. Para tanto, os dois lados se apropriam de recursos que consideram arma de dominação, os indígenas pela bravura e força acabavam sendo alvo fácil dos invasores e lutavam entre si distanciando-se uns dos outros. Os europeus, por sua vez, mais fortes, não em músculos ou bravura, mas no raciocínio, na lógica do que pretendiam vencer e explorar com suas armas de fogo e doenças trazidas por eles e transmitidas à população que ali já existia, avançam tornando o indígena alvo fácil de manipulação. Assim os indígenas eram manipulados e conduzidos às formas de desestruturação de suas próprias tribos, sem chance de união entre si:

Apesar da unidade linguística e cultural que permite classifica-los numa só macroetnia, oposta globalmente aos outros povos designados pelos portugueses como tapuias (ou inimigos), os índios do tronco tupi não puderam jamais unificar-se numa organização política que lhes permitisse atuar conjuntamente. Sua própria condição evolutiva de povos de nível tribal fazia com que cada unidade étnica, ao crescer, se dividisse em novas entidades autônomas que, afastando-se uma das outras, iam se tornando reciprocamente mais diferenciadas e hostis. (RIBEIRO, 2015, p. 27).

Vieram também os franceses, os espanhóis, que juntamente com os portugueses formavam exércitos indígenas para lutar, sem saber, pelo destino da colonização. O jogo de guerra dos europeus era tão lógico e planejado que os seus alvos se autodestruíam em seus banquetes antropofágicos contra seus irmãos de terra, vencidos na guerra que disputavam sítios, lavoura, caça e pesca.

Outra estratégia certa de colonização que os “brancos” usaram contra o povo brasileiro foi a religião, catequisando a obediência a um Deus que eles apresentaram como vingativo e capaz de ordenar maldades cruéis contra os povos indígenas que ousassem à resistência. Eles reconheciam na religião uma arma potente de domesticação daqueles que chamavam de bárbaros, selvagens e incivilizados. Dessa forma, a igreja católica se encarregou de manter a ordem catequizando o povo que ali já existia, usando um ritual maldoso de repressão àqueles que não se rendiam aos seus comandos. Os colonizadores de mãos dadas com o Vaticano preenchem os espaços da cabeça dos indígenas com as novas regras escritas na bula *Romanus Pontifex*<sup>3</sup>, em 1454 e posteriormente com a bula *Inter Coetera*<sup>4</sup>. Na primeira está escrito:

Não sem grande alegria chegou ao nosso conhecimento que nosso dileto filho infante d. Henrique, incendiado no ardor da fé e zelo e salvação das almas, se esforça por fazer conhecer e venerar em todo o orbe o nome gloriosíssimo de Deus, reduzindo a sua fé não só os sarracenos, inimigos dela, como também quaisquer outros infiéis. Guinéus e negros tomados pela força, outros legitimamente adquiridos foram trazidos ao reino, o que esperamos progrida até a conversão do povo ou ao menos de muitos mais. Por isso, nós, tudo pensando com devida ponderação, concedemos ao dito rei Afonso a plena e livre faculdade, entre outras, de invadir, conquistar, subjugar a quaisquer sarracenos e pagãos, inimigos de Cristo, suas terras e bens, à todos reduzir à servidão e tudo praticar em utilidade própria e dos seus descendentes. Tudo declaramos pertencer por direito in perpetuum aos mesmos d. Afonso e seus sucessores, e ao infante. Se alguém, indivíduo ou coletividade, infringir essas determinações, seja excomungado. (BAIÃO, 1939, p. 37 *apud* RIBEIRO, 2015, p. 32-33).

Nela aparece a constatação da invasão desrespeitosa de um Brasil que ali já existia, antes do *achamento*, e mais, a força que a igreja tem ao se declarar dona de todo território deste país quando concede aos colonizadores plenos poderes e até o uso de violência contra os que apresentarem resistentes ao novo sistema. A persistência da bula *Romanus Pontifex* e da bula *Inter Coetera* ainda vigora no Brasil até os dias atuais, com violência, roubo da terra destinada aos indígenas, apagando seus nomes da história humana. Se no início da exploração, os indígenas acreditavam que os invasores eram generosos, tão logo passaram a acreditar que Maíra, seu Deus, estaria morto por não interferir na nova ordem dos seus destinos e deixarem seus filhos morrerem. É neste frágil momento que os princípios da bula de 1454 e a de 1493 instauradas pelo Vaticano se reforçam, apontando os indígenas como culpados do rumo da sua própria história. A igreja ganha força maior e os apresenta o pecado como parte deles, pela desobediência ao Deus dos missionários e desta forma, receberam o

<sup>3</sup> Escrita em 8 de janeiro de 1454 pelo Papa Nicolau V.

<sup>4</sup> Proposta pelo Vaticano em 4 de maio de 1493.

convite de ir ao inferno, cheios de contaminações e enfermidades trazidas pelos brancos, enquanto eles:

Os navegantes, barbudos, hirsutos, sedentos de meses de navegação oceânica, escalavrados de feridas do escorbuto, olhavam, em espanto, o que parecia ser a inocência e a beleza encarnadas. Os índios, vestidos da nudez emplumada, esplêndidos de vigor e de beleza, tapando as ventas contra a pestilência, viam, e ainda mais pasmos aqueles seres que saiam do mar. (RIBEIRO, 2015, p. 35).

Para além dos nativos, havia a riqueza das terras prometidas para assaltar e saquear, tudo em nome das bulas e falas do papa e do rei. E tudo ali, naquele instante prometera escorrer para outros domínios, no compasso incessante do roubo do poder.

A nuvem com que os colonizadores tapavam os olhos dos indígenas das terras brasileiras quando aqui aportaram, mostrando para si mesmos e para os demais como selvagens, sujos e incivilizados se descompõe na voz de Ribeiro (2015), comprometido com a investigação dos fatos, ele aponta para o cenário que abriga o tempo do hoje: “O povo-massa, sofrido e perplexo, vê a ordem social como um sistema sagrado que privilegia uma minoria contemplada por Deus, à qual tudo é consentido e concebido” (RIBEIRO, 2015, p. 21). A proposta neste capítulo é, retirar essa nuvem do passado que ainda transita nos tetos das escolas e apresentá-la aqui na descrição feita em palavras por Ribeiro (2015) e em fotografia retirada do site Gazeta Santarém.

Na sequência apresento a fotografia no primeiro plano e a descrição em palavras, no segundo plano, como tradução da referida imagem. Assim, deixo transparecer a concepção de tradução que será adotada ao longo deste estudo, propondo um olhar que se desprende, pouco a pouco, da vertente tradicional.

Embora a fotografia seja relativamente atual, ela se mostra bem mais fiel à população que já existiam naquele Brasil de 1500 e em nada corresponde aos desenhos ou ilustrações traçadas pelos europeus em alguns livros didáticos que ainda circulam nas escolas quando tratam do período, salvaguardando o desejo do colonizador, forçando traços europeus nas mulheres nativas e negando, a todo custo, sua origem marcada pelos corpos nus, pinturas indígenas e adereços ornamentando seus corpos.

Figura 6 - Terra do meio



Fonte: Gazeta de Santarém<sup>5</sup>

Para os índios que ali estavam, nus na praia, o mundo era um luxo de se viver, tão rico de aves, de peixe, de raízes, de frutos, de flores, de sementes, que podia dar as alegrias de caçar, de pescar e colher a quanta gente aqui viesse ter. Na sua concepção sábia e singela, a vida era dádiva de deuses bons, que lhes doaram esplêndidos corpos, bons de andar, de correr, de nadar, de dançar, de lutar. Olhos bons de ver todas as cores, suas luzes e suas sombras. Ouvidos capazes da alegria de ouvir estridentes ou melódicas, cantos graves e agudos e toda a sorte de sons que há. Narizes competentíssimos para fungar e cheirar catingas e odores. Bocas magníficas de degustar comidas doces e amargas, salgadas e azedas tirando de cada qual o gozo que podia dar. E, sobretudo, sexos opostos e complementares, feitos para a alegria do amor. (RIBEIRO, 2015, p. 36).

Este é o retrato que em nada atende o percurso que os brancos chamam “civilizatório” correspondendo, mais precisamente, ao adestramento de uma Nação. Adestramento, aqui, está sendo propositalmente usado com o significado de coibição dos indígenas enquanto animais selvagens, porque era assim que os recém-chegados os descreviam, através da doutrina religiosa manipulada, os achadores do Brasil se mantinham treinando os que já ali existiam para tornar possível o seu apagamento. Era a colonização se instalando com sua força secular em um Brasil apesar de rico, tão frágil, tanto que se deixou abater. E se antes a vida para eles se resumia no desfrute do que a própria terra, mares e florestas lhes oferecia, sem pensar em ostentar bens e assim se sentirem poderosos, agora eles haviam sido condenados ao fim cruel das epidemias mortais e das guerras que eles mesmos travavam entre si. Foram instigados pelos senhores, que só atingiam a visão da vida através da lente da obrigação, a vida para eles parece ser uma tarefa fria a ser cumprida com o acúmulo de bens materiais, bem contrário ao pensamento dos indígenas que ali habitam antes da colonização/doutrinação.

<sup>5</sup> A Terra Indígena localiza-se próxima às cidades de Placas e Uruará, ao norte de uma região conhecida como "Terra do Meio". Disponível em: <http://www.gazetadesantarem.com.br/justica-2/dilma-homologa-terra-indigena-cachoeira-seca/>.

Enquanto os indígenas transitavam nus, em pleno exercício do que acreditavam ser natural, os recém-chegados desfilavam com suas botas, calças, chapéus, costurados no tecido, do luxo arrancado a qualquer custo de alguma outra civilização. Para eles, quando vistos sem nuvem alguma encobrendo as suas identidades, a vida era apenas uma mercadoria fácil, muito passível de ser roubada para encher os seus navios e enriquecer as suas terras, distantes da Pátria saqueada. As mulheres indígenas? As mulheres daquela civilização eram sempre vistas como um buraco voluptuoso, feito para encaixar os membros daqueles invasores que se infiltravam nos seus ventres, misturando raças. Em outras horas elas também serviam aquela raça com seus braços e pernas fortes, usadas para o plantio, a colheita, a caça e para a pesca, servindo, sempre servindo àqueles que se achavam a “potência prodigiosa de tudo subverter” (RIBEIRO, 2015, p. 38).

Objetos de uso e abuso sexual, destinadas à reprodução da espécie, os seus ventres serviam para a fecundação da prole mestiça, que mais tarde formaria a população brasileira. As mulheres também são, dentro deste cenário, responsáveis pelo cuidado da alimentação do gênero macho, o procriador. Sabendo que as vitórias dos colonizadores foram possíveis também graças à religião missionária que influenciava o povo indígena a se render e entregar as suas terras aos achadores das riquezas nossas da forma mais cruel, alegando estar civilizando-os, amansando os comedores de carne humana, quando metaforicamente os indígenas eram comidos pelos invasores tão vorazmente quando mastigavam prazerosamente suas crenças, culturas e identidade<sup>6</sup>.

Eis que os indígenas mais brandos foram então misturados com os negros escravos trazidos da África, com os mamelucos e os brancos pobres, criando, assim, uma nova composição dentro de um Brasil domesticado, todos fáceis de serem mantidos cativos, obedientes, sem predisposição para a resistência. Resistir era o verbo apagado na cartilha do colonizado que em nome da formação de uma nova população e tomada das terras brasileiras, distorcia a imagem dos indígenas, tornando-os a partir de então antropofágicos, preguiçosos, de vida farta e inútil, mais ainda, sem qualquer esforço ou vontade para o comércio do que a terra lhes oferecia em abundância. Depois de encaixá-los nesta nova moldura ficava mais fácil fazê-los crer que a existência indígena correspondia ao pecado e eles só entrariam no reino do céu que os europeus afiançavam quando rendidos se tornassem mansos cordeiros. O Deus propagado pelo colonizador tinha os olhos da vingança, do castigo da punição e, como tal, deveria ser temido. Deste modo foi feito, os senhores vindos de outras terras fizeram dos

---

<sup>6</sup> A saber, tudo isso está muito bem dito na carta a el-rei do outeiro do Barriga, de 15 de julho de 1694 e pode ser estudado nas escolas se quisermos formar cidadãos críticos e sabedores de si.

primeiros habitantes do Brasil seus escravos, pois que sabiam como ninguém cuidar da terra, caçar, pescar e tantas outras coisas necessárias à existência humana. Quase todos os religiosos ocuparam o lugar de amansadores de dos povos indígenas e usufruíam de seus serviços.

O fato é que está escrito no mapa do Brasil que este é o maior país da América Latina com uma divisão climática que difere das outras regiões, sendo umas regiões quentes, outras frias. O País apresenta uma diversidade populacional correspondente à imigração proveniente desde o período da colonização. Demarcado pelas suas regiões com seus 26 estados e a capital federal, e para cada estado uma capital, essa dinâmica talvez não represente tanto se considerarmos que no tempo de 1500 este país “Assim se desfez uniformizado, o recém-descoberto Paraíso Perdido” (RIBEIRO, 2015, p. 36). É possível então saber de onde vem o caráter plural das vozes do Brasil:

Todos esses contatos etnolinguísticos verificados no Brasil-colônia favoreceram o caldeamento das diferentes etnias e a constituição de uma sociedade híbrida, multifragmentada, com características diferentes da portuguesa e que desenvolveu um modo peculiar de falar inúmeros vocábulos, que passaram a caracterizar o português do Brasil. (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p. 111).

Que sentido tem sobrevoar os céus de um Brasil sem nuvens? Tem o sentido de fazer um novo plantio, colher a semente do lugar de origem e manter vivo o direito de falar do que é o estado de pertencimento que as histórias, quando contadas, entregam aos leitores. Por isso, foi preciso ouvir Ribeiro (2015) retirar a nuvem e entregar um Brasil sofrido, mas verdadeiro e fazer barulho dentro do leitor sempre que preciso, mostrando as peculiaridades de cada parte existente no planeta terra. Esses traços, em parte, aparecem disfarçados na tradução feita pelos contadores de histórias cabendo aos seus leitores, por sua vez, fazerem a sua tradução depois de saber das verdades disfarçadas.

Até aqui, o voo foi planejado para situar e fazer compreender o lugar escolhido para extrair os resultados desta pesquisa. Por se tratar de um trabalho com o dialeto falado pelos amazônidas e, principalmente, do vocabulário oriundo de histórias contadas na região Norte, este voo torna visível a origem da população que ali nasceu e mantém viva a memória da sua ancestralidade permitindo outras páginas a serem escritas nos livros didáticos fazendo ver que:

Em parte, a idéia de “inferno verde” decorreu do etnocentrismo europeu em relação aos diferentes meios de vida nos ambientes tropicais. Por muito tempo os cientistas guiaram-se pelo senso comum, considerando as economias indígenas como pobres ou atrasadas, em vez de considera-las apenas diferentes da sua economia capitalista e urbana. (FUNARI; NOELLI, 2002, p. 31).

O voo pelo Brasil foi programado, porque era preciso atribuir importância ao período histórico que não foi escrito, e a arte, com sua língua atravessadora, se compromete com as verdades, ainda que metaforizadas. Nela há as características de um povo brasileiro e não pedaços cortados daqueles que os colonizaram e impuseram uma língua nova aos nativos:

Com a chegada do colonizador, a partir de 1532, foi introduzida também em território brasileiro uma língua românica, a língua portuguesa que, desde então, passou a conviver com as demais línguas indígenas aqui existentes (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p. 110).

Como este estudo se assegura nas variações linguísticas, vale ressaltar as pressões e em decorrência disso, as transformações ocorridas na própria língua falada nesse período, o que forçou os indígenas ao apagamento das suas vozes que demarcavam o lugar que habitavam:

Aryon Rodrigues, um grande especialista em línguas indígenas, apoiado em documentos históricos, propôs uma estimativa sobre a quantidade de línguas faladas por povos diferentes no território brasileiro na época das primeiras penetrações dos europeus, com projeções feitas com base na densidade linguística das áreas onde há melhor informação histórica. A projeção alcançada foi da ordem de 1200 línguas no início do século XVI, segundo a comparação com dados referentes à variação linguística em outras regiões da América, da África e da Ásia. Nos séculos seguintes à chegada de Cabral, teria havido uma drástica redução das línguas indígenas no Brasil, principalmente em virtude da morte de muitos milhões de pessoas, na ordem de mais de 80%, uma perda incomensurável de diversidade cultural. Em termos demográficos, isso significa uma triste conta a ser feita, esperando por pesquisas que possam revelar a dimensão do genocídio indígena. (FUNARI; NOELLI, 2002, p. 66).

É nesse passado que a população brasileira se reconhece ou desconhece com seus traços étnicos, culturais e nacionais saqueados. Este capítulo pede um olhar capaz de acolher a raiz do ambiente aqui estudado para que não se perpetue a impressão deixada de um povo multicolorido e escapar do sentido de não ter identidade própria e não só reconhecer as características distintivas do lugar, mas designar a possibilidade de serem vistas e aceitas como tal.

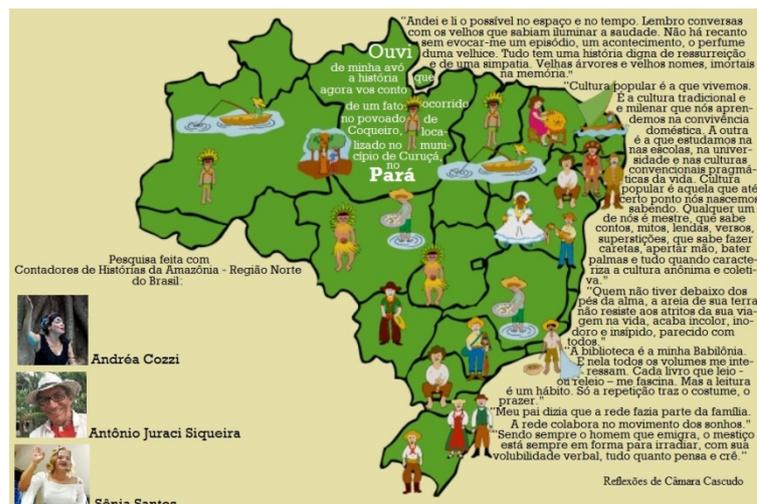
É importante saber que o fato de conectar o leitor com esse passado não representa, de forma alguma, qualquer resistência ao padrão moderno, ao novo ritmo social. Para, além disso, que a essência e não só na aparência seja vista, e desta forma não tratar o povo brasileiro como tábuas rasas. Que o passado e o presente alcancem a convergência, acertando os pontos importantes, ou necessários entre todas as zonas de interesse, não tendendo apenas para um lado ou outro, com o devido cuidado para não se ater ao conservadorismo, assim como não desenfrear o avançado mundo moderno e poder promover o equilíbrio entre esses dois tempos marcados pelo compromisso que as histórias insistem em preservar, pois:

À medida que mergulhamos na Idade Espacial Atômica, as mudanças tecnológicas e as transformações sociais estão na ordem do dia. Ambas são produtos da revolução cultural de maior alcance que a humanidade já experimentou nos cinco milhões de anos de sua existência até o ano 2.000 da era cristã. Vimos que a cultura é um sistema de comportamentos aprendidos. Embora os comportamentos humanos possam tornar-se padronizados como hábitos e costume social, o comportamento é sempre variável, mesmo quando está condicionado por um hábito. Por causa desta propensão para a variabilidade, é impossível fixar um comportamento de maneira absoluta de modo que ele nunca mude. Como o comportamento culturalmente padronizado é aprendido e não inerente ao organismo, é modificável e flexível. Por isso é que as culturas são mutáveis. As razões das mudanças variam de lugar a lugar e de tempo a tempo. Algumas culturas cresceram e se modificaram com grande rapidez, outras permanecem relativamente estáveis durante centenas de milhares de anos. (HOEBEL, 2006, p. 35).

Neste sentido, ao observar os indígenas dos tempos atuais, por exemplo, essa flexibilidade da cultura referida pelo autor se mostra sem grande esforço, ou quando os vimos utilizando os aparelhos da avançada tecnologia, celular, televisão ou quando simplesmente os vimos vestidos em suas tribos dançando, caçando. Ainda que cumpram os seus rituais, que permaneçam com seus genes, seus comportamentos e bens materiais foram modificados para acompanhar a ordem do tempo conduzido pelos ditos “civilizados”.

## 2.2. CONEXÃO NA AMAZÔNIA DEMARCADA PELO MAPA DAS VOZES

Figura 7 - Mapa das vozes



Fonte: Colagem da pesquisadora (2018).<sup>7</sup>

Sou livre  
para o silêncio das formas  
e das cores. (BARROS, 2013, p. 388)

<sup>7</sup> A imagem usada para a colagem foi extraída do blog:

<http://resgatandooculturapopularbrasileira.blogspot.com/2010/08/resgatando-cultura-popular-brasileira.html>

Um voo com conexão na Amazônia pode representar para alguns um cartão de febre amarela atualizado na mão, repelente na bagagem, medo de assombração, pavor de indígena que come gente. Aportar no fim do mundo, encontrar jacaré e cobra na rua e/ou a possibilidade de ser surpreendido por um Curupira e se perder no meio da mata.

É possível contar as pontas que tem o mapa do Brasil, aprender os nomes das suas regiões, saber a língua falada, afinal este é um país já mapeado. Só me perco em querer saber o lado que esse país começa ou termina. Essa Nação se desdobra em cores e, muitas vezes, se permite ser mais vibrante, herança indígena, ainda que, depois de algum tempo, ela tenha sido salpicada de outras culturas, outros tons trazidos pelos achadores daquele tempo de 1500. A proposta do capítulo anterior anuncia querer arrancar o véu das repetidas frases de um discurso que muitas vezes nem é do lugar em que se propaga, mas reproduções impensadas do que diz a sua população. Aqui reclamo do início do texto do editor na abertura do livro: *Grandes Expedições à Amazônia Brasileira* (2009), um livro que se dispõe a apresentar a Amazônia e avança anunciando que ela é a última fronteira do país. Avalio o peso que esse início de apresentação pode descarregar para um lugar que todos anunciam ser rico, o lugar da cobiçada floresta tropical. No contraponto do que fora dito pelo editor, o autor retoma o lugar que a Amazônia ocupa no Brasil e o seu reconhecimento:

Que os viajantes da Amazônia sejam capazes de compreender o que é cidadania amazônica, onde se incluem o direito a viver a Amazônia íntegra e o direito de acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade.

Que saibamos visitar a Amazônia verdadeira, aquela que representa o futuro viajante e turista; que se permitam visitar os milhares de comunidades tradicionais como se visita um parente longínquo a quem muito se quer. (MEIRELLES FILHO, 2009, p. 19).

Em nome desse desejo que é novo para quem lê e escreve sobre a história da Amazônia, talvez eu não siga a direção esperada pelos leitores convencidos aos mapas tradicionais, cartografias e registros desenhados pelos historiadores, com suas informações exatas capazes de demarcar a terra, distribuir rótulos à sua população, posicionar e nomeá-la em um mundo reinventado por eles. Talvez os mapas apareçam em algum momento, talvez o lugar apareça aqui, com o devido respeito aos mapas que as vozes dos indígenas sabiam tão bem desenhar num tempo outro, bem antes da escrita se estabelecer e mudar o curso do mundo. É preciso retomar o desenho original, alerta Pizarro (2012):

A Amazônia é, assim, uma construção discursiva. Somente através dessa construção é possível chegar à sua imagem. Esta região do imaginário é a história dos discursos que a foram erigindo, em diferentes momentos históricos, dos quais recebemos apenas uma visão parcial, a do dominador. Como espaço físico e cultural, a

Amazônia possui elementos que atuavam como dispositivos simbólicos no invasor, instigando nele conexões semióticas do imaginário, permitindo que comparasse com o que via um universo mítico, que respondia a suas carências, expectativas, necessidades físicas e espirituais. O resultado disso foi a elaboração de textos com elementos em comum, cujas relações representam as formas dos imaginários da sociedade europeia em determinadas condições de existência. (PIZARRO, 2012, p. 33).

Eu acredito nas histórias contadas como tradução, porque sei que na língua falada pode habitar a origem. Ela anuncia de onde veio e quem está ali se pronunciando. O contador de histórias se religa com o passado e força a sua entrada no tempo presente, possibilitando o não apagamento das gerações anteriores a dele. Esse é um dos grandes desafios de quem conta as histórias que ouviu ou leu. Antes de sabê-las como histórias literárias, importante sobremaneira é sabê-las parte de uma realidade que foi reinventada, reorganizada para atravessar a fronteira do tempo e se manter no pensamento vivo da humanidade contribuindo assim, com o que foi escrito pelos historiadores. Afinal:

Além das novidades empíricas e teóricas mencionadas, a História do Brasil, pré-colonial está diante de um grande desafio, que é estabelecer a continuidade entre as populações indígenas conhecidas a partir da chegada de Cabral e as evidências arqueológicas de seus ascendentes. Já existem algumas relações estabelecidas, em particular onde há fontes escritas desde o século XVI, mas ainda há muito para fazer, pois como manifestou John Monteiro, estudioso da história indígena no Brasil. “Sabemos pouco sobre a história desses povos e, pior, o imaginário brasileiro continua povoado de graves distorções e preconceitos a respeito dessas populações”. (FUNARI; NOELLI, 2002, p, 102).

Na perspectiva de um mapa desenhado por palavras, nesta pesquisa recorro aos relatos já escritos sobre o lugar e ainda que se diga que tudo não passou de um engano trazido por uma lenda, que a Amazônia não é o lugar coberto de ouro, o propagado El Dorado, é sabido, há entrelinhas na história escrita que sempre se faz lembrar. Quando os viajantes aqui chegaram, encontraram não as presumíveis riquezas, o pó do ouro cobiçado que revestia todo o corpo do cacique, como na antiga lenda colombiana, mas a expansão dos domínios de um povo e da sua terra, que é possível até chamar outro tipo de ouro, uma riqueza quase infindável oferecida pela natureza e que os indígenas tomavam conta tão bem, cuidando, sempre cuidando do que colhiam, devolvendo em nova plantação para a garantia do futuro da sua espécie. Até que vieram os europeus com sede de domínio do mar doce.

Das disputas entre eles, dizem os historiadores, Portugal percebeu que o Norte do Brasil parecia ainda desprotegido e bastava manter a guarda, fortalecer o domínio, expulsar os outros pretendentes e renomear tudo. Belém era, no ano de 1615, o lugar estratégico para fundar uma fortificação. Desta forma Francisco Caldeira de Castelo Branco foi chamado a

enfrentar e expulsar os concorrentes que ali estivessem e assumisse a conquista do espaço em nome de Portugal. Depois disso, vem Castelo Branco com seus 150 homens, dez peças de artilharia e três caravelas e no peito a estrela brilhante da ambição, desejoso de tornar possível o prometido: ocupar o espaço e renomeá-lo: Nossa Senhora de Belém. No percurso, tornaram o lugar um centro articulador da conquista e colonização da Amazônia, até então portuguesa durante 187 anos, passando só depois de 200 anos a ser reconhecida como parte do Brasil.

Este capítulo se dispõe, antes de qualquer coisa, a escutar a voz de Kopenawa, no livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015):

Os brancos, por outro lado, não param de desenhar suas palavras. Essa também coisa que lhe foi ensinada por *Omama!* Deve ser porque suas mentes são mesmo muito esquecidas! Seus ancestrais devem ter criado esses desenhos para poder seguir seus pensamentos. Talvez tenham pensado, outrora: “Vamos desenhar o que dizemos, e assim talvez nossas palavras não fujam mais para longe de nós”. É verdade. Suas palavras não parecem se firmar por muito tempo em suas mentes. Se escutarem muitas delas sem marcar seu traçado, elas logo desaparecem de seu pensamento. (KOPENAWA, 2015, p. 457).

Este livro impulsionou as ideias que a pesquisa vem traçando, conferindo as mudanças vividas pela tradição da literatura oral. Da leitura dos relatos do xamã yanomami foi como se uma moeda de ouro fosse jogada nos rios de águas turvas, tão igual àqueles rios da região Norte do Brasil sempre cheios de histórias de Boto, Uiara, mãe d’água, cobra grande... A experiência da leitura despertou a vontade de expandir as noções que a tradução assumiu no passado e encontrar nas noções atualizadas as histórias contadas do fundo daqueles rios e desenhar não mais os mapas frequentes nos livros de geografia, mas um mapa que verdadeiramente descreva os amazônidas da forma como eles são, reconhecendo-os no mapa das suas vozes.

Figura 8 - Histórias retiradas das águas turvas



Fonte: Colagem da pesquisadora (2018)<sup>8</sup>

Em nome desse chamado, a pesquisa que aqui se anuncia se compromete cada vez mais com um novo olhar para uma parte da imensa Amazônia brasileira, especificamente Belém, na região Norte, e aproxima o leitor do mapa da voz desenhada por Cozzi:

Belém, capital do Estado do Pará, atualmente com sua população de quase dois milhões de habitantes (IBGE), está localizada a 01° 27'20" de latitude Sul e 48°30'15" de longitude W-Gr, situa-se no delta do rio Amazonas, na junção entre os rios Pará e Guamá. A localização geográfica de Belém abriga em sua dimensão, aproximadamente, 43 ilhas, apenas 34,36% compreende a área continental, as outras 65,64%<sup>10</sup> fazem parte da área insular, os rios margeiam a cidade que vive sob o signo das águas. Diariamente, um significativo número de habitantes das ilhas faz a travessia rumo à cidade para abastecê-la com os produtos que se entrecruzam entre as duas realidades. Um complexo contorno cartográfico quase sempre despercebido pelos habitantes da Belém urbana. (COZZI, 2015, p. 41).

Entre um vasto discurso dos estudiosos ao longo da história científica, a Amazônia nunca se esgota em possibilidades de demarcação geográfica, nas descobertas das linhas que contornam seus rios, terras e florestas. Em nome dessa infindável aparição de sentidos, escolhi a proposta feita por Moraes n'O meu Dicionário de Coisas da Amazônia, para ajudar a compor o retrato escrito do lugar das histórias aqui estudadas e depois transcorrer pelos outros tantos olhares sobre a região:

<sup>8</sup> A colagem foi desenhada com recortes de imagens retiradas da internet. A canoa vinda do blog: <http://naldoaraujo.blogspot.com/2010/04/>.

Uiara: <http://revistaarea.com.br/projeto-destemida-iara-vence-premio-oxford-de-design/>. Peixes usados na imagem. Lado direito da imagem: <http://pesca-maringa.blogspot.com/2013/>. Lado esquerdo: <https://www.cpt.com.br/cursos-criacaodepeixes/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil-barbado-pinirampus-pinirampu>

A Amazônia é o trecho do Planeta mais percorrido pelos sábios. Para ali rumam finas inteligências de investigadores, pomposas expedições de naturalistas. O ambiente doce e ameno, de encantamento e de magia, atrai o homem de ciência. Parece boiar na luz meridiana um fluido imperceptível, vibração vaporosa de fascínio, aroma pagão de serralho e de templo. Misturado às ondas de perfume da pataqueira e da baunilha, do jasmim e do cumaru, do pau-rosa e da priprioça, sente-se que erra também certo eflúvio, caridosa onda magnética sutil que, agitando e animando o filho da Planície, amolece e derreia o pesquisador alheio ao sol cru desta plaga. (MORAES, 2014, p. 5).

Moraes (2014) aparece aqui como autor de dicionário, porém antes de percorrer o léxico da região prometida, faz uma introdução reveladora de um espaço geográfico explorado e violentado nos seus significados. Importante a sua preocupação em destacar o seu olhar antes de nomear, ressignificar as vozes que aqui serão registradas ao longo desta discussão.

Quando fala dos sábios que atravessam a Amazônia (MORAES, 2014, p. 6), o autor diz também dos desvios que esses sábios fizeram com os traços peculiares da floresta brasileira com suas matas, terras, rios e mitos. Ele denuncia a desconstrução da cor local e dá um xeque-mate no jogo distorcido da imagem que o explorador propõe. O que, talvez diferencia o olhar de Moraes do olhar dos que ele chama de sábios é o fato de o autor ser mais um amazônida, nascido, crescido e findado em Belém do Pará e no decorrer da sua existência ter sido comandante de pequenos navios nos rios do seu lugar de origem. E, por esta razão, ter conhecido e compreendido os segredos da fauna, da flora e da geografia do lugar que tanto amou. Por isso, repertoriou e publicou o dialeto falado no seu lugar de origem registrando a sua indignação com os desvios de aceitação da cor local daqueles que ele chama ironicamente “sábios”:

E se, de fato, não há interferência de fluidos nem de essências, de magos nem de deuses; se os aromas e as iaras não abalam nem seduzem esses homens de pituitárias invulneráveis à manjerona, planta de Belzebu, e de corações blindados a Rudá, deusa do amor, então o fenômeno que lhes enreda a vasta sabedoria e lhes daltoniza a doce menina dos olhos anda enquadrando, por certo, nalgum agente positivo: ritmo evolutivo do Planeta, por exemplo, nas dobras telúricas do vale, no girar, no enxugar, no resfriar do globo, ou, quem sabe? Apenas uma grandeza da planura, se não for, talvez, na própria constituição física da Amazônia. (MORAES, 2014, p. 7).

O olhar de Moraes alcança detalhes de uma Amazônia que outros estudiosos deixam escapar. Numa descrição poetizada e coerente com o espaço que descreve, ele vai narrando o cotidiano dos habitantes, dando importância às coisas simples, como suas embarcações, por exemplo. E demarca a existência feita de água e terra na região. A canoa, por exemplo, para o amazônida é meio de sobrevivência, transporte do que será servido na mesa, é descrita por ele e a sua descrição toma forma de algo que serve também para situar o leitor no ambiente em

que as histórias contadas se manifestam e fazer entender porque quase tudo na Amazônia converge para o desenlace do imaginário:

Qualquer passada, na Amazônia, vale por uma remada. A canoa é vista como um cavalo. Vista só, não, tida, designada, usada. Chamam-na mesmo de montaria aquática, faz lembrar o hipocampo dos oceanos e o Pégaso alado dos poetas. Veículo do labirinto potâmico, essa embarcação, de todos os tamanhos e de todos os feitios, elegante, feia, veloz, ronceira, não equivale somente à gôndola veneziana, que conduz a serenata e o amor; ao bucentauro, de cuja amurada os doges, jogando n'água o anel esponsalício, se casavam com o Adriático; mas ao corcel no deserto, ao ginete nos areais em jogo, ao tordilho nos pampas. Galopa espumando sob o acicate dos pilotos e jacumaúbas. Pequenina, tocada pelas asas de um par de remos, parece uma libélula; distendida em igarapé, ao impulso de vinte pás, parece uma centopeia. (MORAES, 2014, p. 7-8).

A descrição de Moraes (2014, p.7-8) acentua o pontilhado encontrado no espaço geográfico da Amazônia, marcando as coisas que os exploradores se negaram a aceitar e descrever. Cabe a ele fazer valer o imaginário plural que a região tem e assim, ele faz a canoa ganhar novos contornos, um cavalo, ora alado, ora aquático, por exemplo. E com a força da forma descrita, ele convence o leitor das imagens tantas por ele pretendida. É possível ouvir o bater das asas da Canoa-Pégaso, quando transportado à montaria aquática ou Canoa-Hipocampo com seu corpo de cavalo e cauda de peixe, o marulho que faz em seu percurso pelas águas barrento, puxando a carruagem de Netuno rio abaixo, rio acima. E mais ainda, ora gôndola veneziana, ora corcel no deserto, ora libélula, ora centopeia. E tudo vira graça, encanto sendo feito pelas palavras, ou canto de sedução vindo da voz de Moraes, tão igual a Uiara ele enlaça seus leitores pela força do imaginário que tem chegando a se fazer quem o lê, ser pescados para bem dentro dos seus rios, e matas, e terras.

Mas isso ainda diz pouco. Então joga a minha rede de pescar e retiro dela outros olhares para essa região líquida e sólida, ao mesmo tempo. A busca aqui é por uma aproximação do espaço geograficamente determinado para a arte de contar histórias. Um espaço que apesar do avançado tempo tecnológico ainda mantém viva não só uma forma de contar, mas as formas de ontem e de hoje, de um tempo passado e presente, o contador tradicional e o contador contemporâneo, habitantes de uma capital dividida entre terra e água. Por isso é salutar encostar os ouvidos para a escuta das discussões, do diálogo, das descobertas, das apostas feitas no campo da literatura oral desenvolvida no Norte do Brasil. A atenção aqui é dada às histórias contadas e também às pesquisas feitas no campo da tradição oral, da arte da palavra contada e recontada e o que chega com o advento da escrita e também aos Estudos da Tradução, especialmente ao Estudo da Tradução Intralingual.

Traço então um ir e vir. Ora no espaço geográfico, ora na população e seus costumes, suas tradições, identidade e cultura, ora pelas vozes que aqui contam suas histórias. Nessa perspectiva, esclarece Pizarro:

A Amazônia é, assim, uma construção discursiva. Somente através dessa construção é possível chegar à sua imagem. Esta região do imaginário é a história dos discursos que a foram erigido, em diferentes momentos históricos, dos quais recebemos apenas uma versão parcial, a do dominador. Como espaço físico e cultural, a Amazônia possuía elementos que atuavam como dispositivos simbólicos no invasor, instigando nele conexões semióticas do imaginário, permitindo que comparasse com o que via um universo mítico, que respondia a suas carências, expectativas, necessidades físicas e espirituais. O resultado disso foi a elaboração de textos com elementos em comum, cujas relações representam as formas dos imaginários da sociedade europeia em determinadas condições de existência. (PIZARRO, 2012, p. 33).

A autora, na medida em que percebe ou compreende o alcance das intenções dos invasores, conecta o leitor com a necessidade de ouvir a voz dos nativos, de saber, através dos seus discursos, quem de fato eles são, tanto pelas suas vozes, quanto pelos seus gestos e relação favorável com a natureza. E o mapa desenhado por palavras vai se construindo aqui, e nele, Pizarro (2012) também apresenta o contorno medido pelo tempo atual e devolve a importância significativa aos nativos:

A imagem que foi construída da região passou a ser registrada nos documentos, nos relatórios que produziam os europeus conforme iam adentrando nela. Neste lapso, não conhecemos o discurso dos nativos, pois possivelmente apenas a arqueologia poderá nos legar alguma informação sobre esses grupos. A partir do final do século 19, começamos a escutar outras vozes, agora locais, que conferem pluralidade à imagem. Finalmente, do século 20 até os dias atuais, os discursos se multiplicam e adquirem uma tonalidade variada. (PIZARRO, 2012, p. 34).

Se me aproximo mais da região líquida do Norte do Brasil, por exemplo, vejo um lugar em que os rios que interferem nos hábitos, costumes, cultura dos que nela nasceram ou vieram, com fluxo da maré favorecendo a cultura local até os tempos atuais, com seu mercado Ver-o-Peso, com vista para as embarcações que ali descarregam peixes, açai e outras iguarias trazidas pelos pescadores ribeirinhos. A Amazônia se mostra um porto cultural pulsante, nela seus rios correm, enchendo-a de vida e cor tão peculiar.

Se as escolas ensinam que a Amazônia ou Belém aqui agora retratada era um lugar sem registro escrito, sem governo e por isso não poderia configurar como parte de qualquer País e por essa razão também precisaria ser explorada, eis aqui um lugar já mapeado na sua forma peculiar, em um tempo outro, do antes de 1500, tempo anterior aos colonizadores:

Os indígenas tinham sua forma de mapeamento para determinar os ciclos de plantio e colheita, de pesca, de caça, segundo os períodos do ano. Traçavam cartas celestes que os ajudavam na realização de atividades do seu cotidiano. Interessante notar os desenhos feitos no céu de elementos do dia a dia, como: a anta, a ema, o beija-flor, o jabuti, a canoa. Cada desenho indica um tempo certo para cada atividade realizada na comunidade. (COZZI, 2015, p. 30).

A informação aqui apresentada reconecta o que vem sendo pretendido neste estudo: entender que as formas de expressão e os costumes daquele povo não podem ser apagados ou concebidos sem qualquer importância e mantidos dentro da elaboração do plano do colonizador. Antes mesmo, o indígena já se sabia parte do lugar que habitava, dialogava com ele, havia compreensão entre eles e tudo tinha o seu nome, o seu valor, até que vieram os inventores do que já existia e assim por diante.

### 2.3 CONFERÊNCIA DE EMBARQUE: SÃO TRÊS PASSAGEIROS TRADUTORES DAS VOZES ANCESTRAIS

Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós (BARROS, 2013, p. 378-379).

Figura 9 - Tradutores das vozes ancestrais



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Esta pesquisa se destina a abarcar algumas histórias contadas na Amazônia e extrair delas formas de tradução. Eu escolhi, para esta pesquisa, as histórias contadas e publicadas por três contadores locais no livro *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (volume 2). O livro foi publicado pela editora Tempo no ano de 2012. A iniciativa das organizadoras desta coletânea busca favorecer a formação do leitor desde as séries iniciais, possibilitando a

conexão dos nativos com a tradição da região e acionando os estágios de ouvir-contar-ler-escrever.

Para tanto, as organizadoras convidaram oito contadores de histórias, deram a cada um deles o direito de escrever uma história que tivesse chegado até eles através dos seus antepassados. Junto a eles, trouxeram para a publicação do livro, um ilustrador, também da região, favorecendo a aproximação fiel com a cor local.

É importante destacar quem são os contadores de histórias escolhidos para esta pesquisa e só então chegar ao dialeto que eles falam quando contam histórias dando forma de tradução. Andréa Cozzi, Antônio Juraci Siqueira e Sônia Santos, são três contadores de histórias que fazem parte de um grupo chamado Cirandeiros da Palavra.

O grupo nasceu no Sistema Estadual de Bibliotecas Escolares quando os três trabalhavam com assessoramento e acompanhamento das bibliotecas escolares, em ações de leitura na rede estadual. Na busca constante pela formação do leitor começaram a descobrir a possibilidade de formar um grupo e, ao invés de serem três, se descobriram um. Os três podem ser representados pelo triângulo quando juntos, parecem ter os três lados com a mesma medida e posso até arriscar dizer que cumprem a sina numa sintonia fina sempre que contam histórias. Os três, diferentes dos contadores tradicionais, propõem a escuta de histórias que ouviram dos seus antepassados, mas também as histórias que conheceram através de livros lidos.

O universo das histórias contadas pelos Cirandeiros da Palavra por vezes traz uma história alegre, cheia de cor e liberdade, e em outras vezes as suas vozes libertam algum lado sombrio que habita os esconderijos dos humanos. Eles narram o belo e o disforme, o bem e o mal que ficam ali guardados dentro de toda humanidade. É assim com o sutil enlace das nossas individualidades que esses contadores de histórias propõem ver o que Jung enuncia:

A luz e a sombra, o belo e o feio, o bom e o mau, a profundidade e a tolice. O estudo do simbolismo individual e do coletivo é tarefa gigantesca e que ainda não foi vencida. Mas ao menos já existe um trabalho inicial. Os primeiros resultados são encorajadores e parecem oferecer resposta às muitas perguntas — até então sem nenhuma réplica — que se faz à humanidade de hoje. (JUNG, 2008, p. 131).

Um pouco mais adiante, no mesmo livro, o psicólogo reconhece a força que os mitos e as imagens simbólicas apresentam para estabelecer o equilíbrio humano. No discurso de Jung a importância da existência dos contadores de histórias se mantém forte e, por assim dizer, nela aparecem Os Cirandeiros da Palavra:

Todas essas pesquisas contribuíram imensamente para corrigir a atitude unilateral de pessoas que afirmam que tais símbolos pertencem a povos antigos ou a tribos contemporâneas “atrasadas” e, portanto alheias às complexidades da vida moderna. (JUNG, 2008, p. 136).

Quando eles contam histórias, trazem uma esfera diferente porque sutilmente satirizam as sombras dos humanos e convidam quem os ouve a rir do que é também seu. Nesse sentido, posso dizer que eles fazem a tradução dos pontos obscuros e escondidos da humanidade. Numa descrição sucinta Andréa, Antônio e Sônia tem o hálito de tudo o que já leram pelo ouvido ou pelas páginas de algum livro e seguem contando suas histórias por onde são chamados.

É, portanto, importante fazer o mapa desenhado, fio por fio, de cada um dos Cirandeiros da Palavra para chegar até as variações linguísticas que eles trazem quando contam histórias e depois fazer a tradução intralingual dessas variações através da elaboração do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia.

O grupo é composto por duas mulheres e um homem. Ele geralmente conta essas histórias vestido de branco, com roupa, chapéu e sapato brancos. Quando chamado atende por um nome peculiar, ele, o Filho do Boto (Antônio Juraci Siqueira). Quanto as mulheres, uma tem o corpo revertido de histórias costuradas e bordadas e se permite ser apresentada como a Filha da Linha, dos Retalhos e do Bordado (Andréa Cozzi). A outra aparece com a pele úmida, algumas raízes de plantas aquáticas coladas ao corpo e os lábios entoando um melodioso canto recebido como convite para acompanhá-la até as profundezas daqueles rios amazônicos. Na maioria das vezes, ela consegue a proeza e sempre volta para outras investidas. O nome dela é sempre revelado quando perguntam: A filha da mãe d’água (Sônia Santos). Os três são nascidos no Norte e por lá transitam, na Amazônia brasileira até os dias de hoje.

Antônio Juraci Siqueira nasceu em Cajary, município de Afuá, no estado do Pará, em 28 de outubro de 1948. Além de contador de histórias, é poeta, autor de livros infantojuvenis, professor de filosofia na rede pública estadual e um dos escritores mais premiados da região. Emprasta seu nome para várias bibliotecas escolares da cidade de Belém. Incansável, sempre que pode, atende os chamados para bate-papos e contação de histórias na capital e em seus municípios. No livro *Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos* ele se descreve com tamanha poeticidade que torna outras descrições corriqueiras, previsível e fadada ao esquecimento. Ele bem sabe quem é, de onde veio e o que faz:

Nasci em 1948 no município de Afuá, às margens do Cajary, rio marajoara que nasce em meu peito e desemboca na foz do verbo. Rio por onde meus sonhos sobem em piracema para a desova e a procriação. De suas margens um canoeiro partiu em busca da eternidade, deixando-me de herança o nome e o prazer de velejar entre as estrelas. De dona Esmeralda, muiraquitã que me pôs no mundo, guardo a humildade e a coragem de enfrentar a vida sem maldizer os espinhos nem endeusar as rosas. Em 1965 troquei o rio Cajary pelo Amazonas, indo residir em Macapá, em cujo solo equatorial plantei árvores, gerei filhos, aprendi o ofício de açougueiro, profissão que exerci até 1997, e escrevi as primeiras linhas dos livros que viriam depois. (SIQUEIRA, 2012, p. 79).

Andréa Cozzi em sua dissertação de mestrado estudou as poéticas orais e mitopoética amazônica. Sabe narrar história com o alcance fino e certo da voz da ancestralidade sem qualquer necessidade de recursos materiais, usando e priorizando a tríade fundamental: memória, corpo e voz. Tem cuidado da terra e plantio da esperança nas fronteiras da literatura oral na região Norte por acreditar no que estuda e conta. No dia 18 de abril de 2011, fundou o MOCHAM: Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia, uma rede capaz de conectar os contadores da área e favorecer a troca de saberes entre eles. Desde então tece o “Nem te Conto: Encontro de Contadores de Histórias da Amazônia”, trazendo convidados de outras regiões do Brasil para fortalecer a teia de saberes. Promove anualmente o Festival Pororoca de Histórias que acontece sempre no mês de março, em comemoração ao dia dos Contadores de Histórias. Tem artigo sobre poéticas orais na Amazônia publicado na revista francesa *La Grande Oreille* n° 65. É mestra em Educação pela Universidade Estadual do Pará, na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Quando conta histórias parece traduzir a voz da sua avó para a contemporaneidade, reconhecendo o direito de toda humanidade. Cozzi é movida pelas histórias que ouviu da “vó Mirica” que habita um canto sagrado da sua afetiva memória. Quando fala de si, afirma:

Sou antes de tudo ouvidora de histórias, cresci entre as narrativas de minha avó materna, que entre um ponto no tecido e outro na palavra, abria o portal para o tempo do encantamento, da voz que embalava minhas fantasias. O prazer era tanto que aceitei continuar a linhagem e assim tornei-me contadora de histórias, cumprindo o desígnio ancestral de tecer o fio condutor da trama da existência humana. E assim, encontrei-me emaranhada na educação. Sou membro da Rede Internacional de Contadores de Histórias — Cuentacuentos. Membro do Movimento dos Contadores de Histórias da Amazônia (MOCHAM), do Grupo Cirandeiros da Palavra. Participo do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão. Sociedade, Estado e Educação: ênfase nos governos municipais e Educação do Campo (GEPSEED), VINCULADO A Universidade Federal do Pará e do Município de Belém. (COZZI, 2015, p. 82).

Sônia Santos é o terceiro lado do triângulo, professora da rede estadual de ensino, Mestra em Letras e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará. Ela continua pesquisando o diálogo entre cinema e literatura, essa foi a linha de pesquisa seguida por ela

tanto no mestrado, quanto no doutorado. Nas atividades do grupo, no ano de 2009, Sônia era na época Coordenadora do Sistema Estadual de Bibliotecas Escolares. Deste modo, jogou sua rede para pescar Antônio Juraci que era membro da equipe e posteriormente solicitou a vinda da Andréa também para juntos trabalharem formando uma equipe multidisciplinar, ampliando a visão das bibliotecas escolares e das funções das bibliotecárias que desde então, não mais seriam compreendidas como aquelas que sabiam quase somente preencher as fichas catalográficas. Sônia, naquele ano de 2009, enquanto coordenadora, deu o impulso para compor esse triângulo com seus lados de igual valor na Arte de Contar Histórias. Quando solicitada, se descreve assim:

Sou paraense, nasci em Vigia, onde cresci até meus 20 anos quando vim para Belém. Sou professora, mestra em Letras/Estudantís Literários pela Universidade Federal do Pará — UFPA. Quando criança, por volta dos oitos anos de idade, fui convidada a contar histórias da Tia Corina na missa das crianças, aos domingos, na igreja de minha cidade. Conto histórias atualmente, ao lado do Antônio Juraci Siqueira e Andréa Cozzi, no grupo “Cirandeiros da Palavra” como a filha da mãe d’água. Desde a adolescência sou militante da palavra e amante da Arte, da Literatura e da Poesia sob o embalo cadenciado das vigilenses. (SANTOS, 2012, p. 87)

O grupo Cirandeiros da Palavra foi se consolidando entre as conversas dos três e os chamados pelas escolas ou instituições para se apresentarem em abertura de eventos ou no início de alguma programação. Assim tem sido nos dias de contar histórias formam ciranda, cantam cantigas tradicionais e até contemporâneas e dançam para chamar as histórias silenciando a plateia e preparando os ouvidos. Desde então a cidade começou a ouvir as histórias contadas pelo grupo Cirandeiros da Palavra alcançando escolas, creches, praças, teatro, cruzando rios e terras para alcançar os ouvidos traduzindo as vozes dos avós de tantos avós que ali habitam.

Esta apresentação reconhece a importância que tem a presença desses contadores de histórias na região, muitas vezes fazendo crer no corpo, na voz e na memória como tradução intersemiótica<sup>9</sup>, mas também intralingual<sup>10</sup>, pelo tom local contido em uma língua e suas variações que pedem para chegar até outros mundos, porque é de toda arte romper os muros e as distâncias através das linguagens que transcendem as possibilidades. Tudo isso facilita a compreensão de George Steiner (2005) quando diz:

---

<sup>9</sup> Tradução ou transposição de um sistema de signos para outro das várias linguagens semióticas (pintura, literatura, teatro, fotografia, cinema, televisão).

<sup>10</sup> Tradução de outros signos da mesma língua.

Depois de Babel postula que a tradução está formal e pragmaticamente implícita em cada ato de comunicação, na emissão e na recepção de cada um e de todos os modos de significar, sejam elas compreendidas no mais amplo sentido semiótico ou em trocas mais especificamente verbais. Compreender é decifrar. Alcançar a significação é traduzir. (STEINER, 2005, s/p).

Alguns não de desprezar as proposições aqui lançadas; esses escolheram estar à margem da discussão e ainda não se permitiram a ampliação do olhar na direção da abertura que a própria língua e a linguagem são capazes de alcançar sempre que entram no campo da tradução. A provocação aqui feita vem da dificuldade de encontrar publicações referentes a tradução intralingual. Para tirar a nuvem que encobre essa percepção, presa ao passado, e sobrevoar o presente com alguma segurança, é preciso deixar ouvir os sinais de mudança que aparecem nos livros de Steiner com seu *Depois de Babel* (2005) e Plaza, com o livro *Tradução intersemiótica* (2003) como reconhecimento do valor que tem as pesquisas feitas e atravessadas pela aventura e experimentação do novo. É o que mostra Steiner com a sua teoria escrita em *Depois de Babel* (2005), capaz de provocar os tradicionais estudos da tradução a ser repensado e, quiçá, modificado. É ali, naquela paisagem que eu vejo a Arte de Contar Histórias acontecer e entregar dados para as traduções que proponho.

Voltando ao livro *Depois de Babel* (2005), recolhi alguns pontos de discussão do autor que servem para o melhor entendimento do pretendido desde o início desta pesquisa.

Babel: Confusão das línguas. O nome do livro já se dispõe a revolver as abordagens até então feitas sobre a tradução e de lá, tornar possível novas apostas. Numa visita ao significado de Babel, no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2004) está escrito: **babel**. [Do top. Babel.] S.f. Fig. **1.** Confusão de vozes ou de línguas. **2.** Desordem, confusão, tumulto, babilônia. **3.** Algazarra, balbúrdia, vozeria, vozeria, vozerio, vozeada (FERREIRA, 2004, p. 246).

Chamo a atenção aqui para a frase fundamental que é, por assim dizer, catalizadora para o entendimento da teoria de Steiner: “confusão de vozes ou de línguas”, porque é aí que encontro a força que tem a teoria escrita por ele e que mantém a coerência do seu pensamento, enquanto crítico dos estudos da tradução, ele acredita que o ato tradutório está para a língua, mas se reconhece também em tantas outras formas de linguagem para alcançar a comunicação entre os povos. Esta pesquisa se aproxima das vozes que contam na Amazônica desfazendo a confusão existente na comunicação entre as regiões distintas de um mesmo Brasil.

Steiner (2005) argumenta: “Assim, um ser humano realiza um ato de tradução no sentido completo da palavra, quando recebe uma mensagem verbal de qualquer outro ser humano”. (STEINER, 2005, p. 71).

Enquanto crítico da tradução, ele toca na comunicação que vem atravessando os tempos, reconhecida pelos séculos e séculos através dos antepassados de cada povo, pois as histórias cruzam os tempos, porque as gerações anteriores as transportaram até as gerações atuais como reconhecimento da força que tem as palavras quando ditas, contadas e recontadas.

Na tentativa de dissipar as dúvidas e não romper totalmente com o passado, o autor recupera o que disse em sua abordagem, fazendo a costura das noções que acredita. Assim ele mantém a costura resistente do passado, retoma a afirmação que usou como “ato de comunicação e recepção” e reconcilia a visão tradicional com a visão contemporânea do ato tradutório.

No final do prefácio da segunda edição do mesmo livro Steiner (2005) desponta reiterando o que acredita:

Esta edição, não menos que a primeira, aspira alcançar os filósofos da linguagem, os historiadores das ideias, os especialistas em poética, nas artes e na música, os linguistas e, obviamente, os tradutores. Mas ela busca incitar o interesse e o prazer do leitor comum, de todos os que amam a linguagem, que experienciam a linguagem como formadora de sua humanidade. Acima de tudo, ela se dirige aos poetas, na esperança de uma resposta. Quer dizer, a qualquer um que dá vida à linguagem e que sabe que o ocorrido em Babel foi tanto um desastre quanto (e essa é a etimologia da palavra *desastre*) uma chuva de estrelas sobre o ser humano. (STEINER, 2005, p. 19).

A rede de afirmações lançadas por ele reintegra o objetivo aqui traçado e amplia o conhecimento e a aceitação da tradução de uma mesma língua, dita tradução intralingual. Desta forma as variações linguísticas hão de se conectar e reconhecer os seus significados com a criação do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia. E tudo vai, paisagem por paisagem, sendo revelado como tradução das vozes ancestrais, ligando o passado com o presente. Agora, porque os estudos se entrecruzam, lembro Plaza com o livro *Tradução intersemiótica* (2003). Para ele:

Tradução é, portanto, o intervalo que nos fornece uma imagem do passado como ícone, como mônada. A tradução, ao recortar o passado para extrair dele o original, é influenciada por esse passado ao mesmo tempo em que ela também como presente influencia esse passado. (PLAZA, 2005, p. 6).

Aqui as histórias contadas ganham lugar enquanto objeto de estudo desta pesquisa pedindo para serem traduzidas as suas lexias enquanto parte das variações linguísticas e desta forma fazer o leitor adentrar o imaginário da região Norte. Quando contadas de geração em

geração, as histórias entregam aos falantes do tempo presente, as formas de dizer do tempo passado e cumprem o papel de mantê-las vivas e influenciando o tempo que atravessa. Outra vez Plaza (2005) chama a atenção:

A arte não se produz no vazio. Nenhum artista é independente de predecessores e modelos. Na realidade, a história, mais do que simples sucessão de estados reais, é parte integrante da realidade humana. A ocupação com o passado é também um ocupar-se com o presente. O passado não é apenas lembrança, mas sobrevivência como realidade inscrita no presente. As realizações artísticas dos antepassados traçam os caminhos da arte de hoje e seus descaminhos. (PLAZA, 2005, p. 2).

A concepção do autor vai sendo configurada com este trabalho nos seguintes pontos: as narrativas coletadas na Amazônia brasileira retratam, em alguns momentos, as variações linguísticas da fala dos seus antepassados e desta forma aparecem os idioletos, e, por conseguinte a necessidade da tradução intralingual como solução para os problemas ou da necessidade precisa e concreta da comunicação.

Todo este apanhado de ideias faz o contorno no pretendido e corresponde ao que fora anunciado no título deste tópico. Ele faz cumprir a descrição dos passageiros selecionados para embarque nesta pesquisa, marcando as histórias que eles contam e traduzem pelas suas formas peculiares de dizer, para depois alcançar a tradução pretendida neste estudo e ampliar a competência lexical do leitor das histórias escolhidas no seu lugar de chegada e onde mais for possível seguir conjugando o verbo traduzir, afinal ao longo do estudo do ato tradutório foram detectadas tantas formas para alcançar os significados mais justos. Relembrando Foucault (2005):

Na sua primeira forma, quando foi dada aos homens por Deus, a linguagem era um sinal das coisas absolutamente certo e transparente, pois que se lhes assemelhava. Os nomes eram colocados sobre o que eles designavam, assim como a força está escrita no corpo do leão, a realeza no olhar da águia, a influência dos planetas marcada na frente dos homens: pela forma da similitude. Esta transparência foi destruída em Babel para castigo dos homens. As línguas separaram-se umas das outras e tornaram-se incompatíveis só na medida em que se desvaneceu essa semelhança com as coisas que fora a primeira razão de ser da linguagem. (FOUCAULT, 2005, p. 91).

A língua portuguesa é elástica, ela dá às lexias uma estampa própria, de acordo com o lugar de partida. Por isso, foi preciso alcançar a tradução do Dialeto Paraura através das histórias contadas por três narradores locais e, quiçá, apagar a incompreensão voltando a pensar origem do mundo.

### 3 CHECK IN: A TRADUÇÃO DAS HISTÓRIAS, AS HISTÓRIAS DA TRADUÇÃO

Na língua dos pássaros uma expressão tinge  
a seguinte.  
Se é vermelha tinge a outra de vermelha.  
Se é alva tinge a outra dos lírios da manhã.  
É língua muito transitiva a dos pássaros.  
Não carece de conjunção nem de abotoaduras.  
Se comunica por encantamentos.  
E por não ser contaminada de contradições  
A linguagem dos pássaros  
Só produz gorjeios. (BARROS, 2013, p. 345).

O percurso deste capítulo pede para ouvir os segredos deixados por Jakobson em sua obra intitulada *Aspectos linguísticos da tradução* (2007), pela razão consistente do que aqui está sendo tratado e por, no seu tempo, ter anunciado as formas mais abrangentes de traduzir. Naquelas páginas, o autor propõe três tipos de tradução: 1. a tradução intralingual ou reformulação, 2. a tradução interlingual e 3. a tradução intersemiótica. Essas três formas de tradução reapareceram posteriormente nos poucos estudos feitos sobre o caso e aqui serão tomadas como ponto de ligação com o que acredito.

Antes de entrar na discussão é importante observar o enfoque dado à cultura no início das questões que Jakobson vai tecendo ao longo do seu texto. Como rota a ser seguida, o autor toma emprestado as ideias de Russell quando diz que: “ninguém poderá compreender a palavra “queijo” se não tiver um conhecimento não-linguístico do queijo.”<sup>11</sup> (JAKOBSON, 2007, p. 63). Desde o primeiro momento, Jakobson pretende alargar as possibilidades de aceitação tanto das formas de tradução, quanto das palavras e seus significados:

Para o linguista como para o usuário comum das palavras, o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo ‘no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo’<sup>12</sup>, como insistentemente afirmou Peirce...’ (JAKOBSON, 2007, p. 64).

Este estudo abre espaço para um Brasil como um grande mosaico de vozes que se anunciam dando margem para aberturas no código lexical do português por ele falado e para a tradução dessas vozes, permitindo uma conexão com as demais línguas humanas e, a partir delas, o reconhecimento de si e do outro nas peculiaridades que esses “entre-lugares” têm a dizer.

<sup>11</sup> Bertrand Russell, “Logical Positivism”, *Revue Internationale de Philosophie*, IV (1950), 18; cf. p. 3.

<sup>12</sup> Cf. John Dewey, “Peirce’s Theory of Linguistic Signs, Thought, and Meaning”, *The Journal of Philosophy*, XLIII (1946), 91.

Para Jakobson (2007, p. 64), a tradução intralingual está inteiramente voltada para os signos verbais e não verbais da mesma língua. Dito isto, retomo o pretendido neste tópico do capítulo e o que nele vislumbro: a necessidade da tradução intralingual na comunicação humana. Algumas razões capazes de tornar este capítulo necessário dizem respeito à descoberta de que não basta, nos casos aqui propostos, encobrir as palavras com os seus sinônimos demarcados pelos dicionários, nem sempre voltados para a Lexicografia, como ciência, também nem sempre basta traduzir um signo por outro, porque isso não gerará a transparência ou o entendimento do que as lexias anunciam no lugar em que foram pronunciadas. Contudo, em alguns casos, encontrar os seus sinônimos e equivalentes pode ser a medida para a compreensão da língua de partida para a língua de chegada, porém essa não é regra geral, pois as lexias em uso lançam seus significados ao grau da extensão e da profundidade e, por isso, em certos casos, só podem ser compreendidas por meio de empréstimos, neologismos ou circunlóquios.

Para entender os diferentes dialetos de um Brasil é preciso chegar mais perto da informação conceitual da língua original para então alcançar os traços distintivos que cada lexia tem na região em que é falada e esse deve ser um longo trabalho a ser realizado pelos lexicógrafos. Aqui cito Bagno (2014) na tentativa de clarear o entendimento:

[...] **língua é contexto.** Se a língua está dentro de nós e se a língua é o ambiente social em que circulamos, não pode haver separação entre a linguagem e seu uso, entre quem fala e onde fala. No momento em que duas ou mais pessoas iniciam alguma troca verbal por meio da língua, todos os componentes individuais (psicológicos, cognitivos, biográficos etc.) e sociais (históricos, políticos, culturais, ecológicos, étnicos, religiosos etc.) são ativados para compor uma intrincada rede em que tais componentes se fundem e se confundem. (BAGNO, 2014, p. 16).

Para ilustrar a área da tradução aqui defendida, apresento uma leitura modificada e simbólica da bandeira do Pará, acrescentando a cor verde para fazer fundo na imagem da estrela. Relembrando a posição do Estado do Pará, escolhi preencher a estrela com o verde demarcando o lugar de cobiça dos outros países, pois que o lugar da pesquisa feita corresponde a Amazônia brasileira. Na bandeira do Pará há uma estrela de cinco pontas, a partir dela, localizo os pontos que possibilitam as variações linguísticas que enfatizam a necessidade da tradução intralingual. No entorno da estrela, identifico e nomeio cada ponto capaz de modificar da língua de um povo. Localizo a região Norte no centro da estrela, depois de forma circular, apresento os pontos capazes de causar estranhamento na comunicação, ocasionando as variações da língua. Na imagem estão: Região Norte (no centro da estrela), memória, histórias, cultura, identidade e variação linguística aparecem de forma circular,

porém não obrigatoriamente em sequência fixa, podendo em alguns momentos haver troca de lugar no círculo, completando o fluxo da comunicação.

Figura 10 - Pontos de variações linguísticas



Fonte: A autora (2020).

Vista do alto, a estrela de cinco pontas mostra um lugar de movimento contínuo nas ocorrências de variações linguísticas da língua portuguesa falada no Brasil. O Norte, com sua peculiar linguagem, aparece ao centro, ele marca a existência de fragmentos de outra Babel, a confusão das línguas e pede para ser visitado pelos falantes das outras regiões do Brasil. Nas suas imediações a herança sociocultural da comunidade se desloca circular e continuamente: memórias, histórias, cultura, identidades e variações linguísticas pintam a cor da voz local. Há uma possível explicação do que digo em Fuzer (2014):

O texto carrega aspectos do contexto em que foi produzido, dentro do qual seria, provavelmente, considerado apropriado. Texto e contexto estão inter-relacionados, de modo que o texto reflete influências do contexto em que é produzido, na medida

em que as variáveis do contexto de situação atuem sobre a sua configuração linguística. (FUZER, 2014, p. 27).

É sabido que a estrela de cinco pontas (ou pentagrama) alcança um grau elevado de significados, por esta razão, ela aparece para ilustrar as descobertas desta pesquisa. A polissemia que ela traz aponta para a tradução intralingual e as possibilidades de estudo do dialeto falado no Norte.

Bagno (2014) faz compreender o que aqui está sendo dito quando informa que: “a língua é um *multissistema* porque se subdivide em quatro sistemas independentes: o discurso, a gramática, o léxico e a semântica” (2014, p. 24). Essa definição dá a visão da função expansiva que a língua tem quando se instaura no momento das nossas estratégias conversacionais e mais, ela amplia a necessidade de compreensão entre seus falantes.

O estudo da língua, quando faz uso de textos literários, dá às lexias um novo tecido, um tecido elástico que é capaz de se alargar possibilitando a entrada de significados que são revelados aos leitores quando assumem o lugar de intérpretes dos escritos ali contidos.

Interpretar, entre outros, é a tarefa do tradutor e do lexicógrafo quando expostos às lexias de um livro ou de um discurso oral. Tradutor e lexicógrafo se põem a investigar a proliferação do que as palavras escolhidas para investigação têm a comunicar através dos instrumentos que constroem: dicionários, vocabulários, glossários e traduções para o ir-e-vir da língua que não cessa de querer se mostrar outra.

Faço um percurso pelas pontas da estrela para melhor compreender as funções que elas exercem na língua em movimento. Ricœur (2000, p. 25), filósofo francês, situa a memória lado a lado com a imaginação. E como tal, a memória, não poderia deixar de representar uma das pontas da estrela, já que estou investigando o dialeto falado na região Norte presente na literatura oral daquele lugar. Quando o objeto de estudo é um documento literário da oralidade, a imaginação é convocada pela memória e se faz presente dando nova vestimenta à realidade. Dentro desse panorama as variações da língua presentes nas narrativas estudadas se encontram grudadas nas lexias em questão.

Quando o corpo e a voz do contador de histórias amazônica alcança a memória é como se a barreira que existia entre o tempo e o lugar desaparecesse e desencadeasse a plenitude da cena para quem está ouvindo ou lendo alguma dessas histórias. Porém pequenas lacunas aparecem abertas pelas lexias regionais sempre que essas histórias saem do seu local de origem para fazer uma visita em outras regiões do Brasil.

O obstáculo criado pela língua faz parte de uma categoria que Bosi (2003) chama memória coletiva. O coletivo, aqui compreendido como o lugar de origem das histórias ou

região dos narradores que com suas variações linguísticas acabam por cobrir com o véu da impossibilidade de compreensão dos sulistas, do jeito que tais lexias são para os nortistas. Mas é preciso adentrar naquele dialeto e chegar mais perto do seu imaginário e da sua realidade, mesmo que ali tenha sido metaforizada. Nas noções de Bosi (2003) é possível compreender essas variações capazes de dar a marca de quem fala:

Como arrancar do oceano das ideias um “fato puro” memorizado? Quando puxarmos a rede veremos o quanto ela vem carregada de representações ideológicas. Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana. Colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, é uma recomposição constante de dados. (BOSI, 2003, p. 19-20.)

O indígena amazônida Daniel Munduruku acrescenta à ideia de Bosi sobre as noções de memória quando formam uma conexão com o tempo passado e o tempo presente e assim, os dois teorizam essa conexão com a tradição:

Assim, a literatura – escrita, falada, dançada, cantada – passa a ser um referencial para a Memória, que pretende informar a sociedade brasileira sobre sua diversidade cultural e linguística. Ela tem sido utilizada de forma bem consistente a fim de cumprir a missão imposta pela Memória. Vale lembrar que a literatura indígena – em virtude da modalidade explicada anteriormente – nasceu com o primeiro sopro vital e criador. Foi crescendo Palavra e se transformando em escrita mais recentemente. (MUNDURUKU, 2017, p. 122).

Os traços específicos das variações da língua portuguesa falada nas regiões do Brasil vão sendo mantidos ao longo dos tempos pelas diferentes tradições e dependem das cinco pontas dessa estrela. Assim, uma ponta vai desencadeando a outra, o resultado dessa conexão é a formação do léxico regional. Nesse ponto Vilela (1995) diz:

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativo, a condição da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da condição de um saber partilhado. (VILELA, 1995, 13)

É desse saber partilhado que vive e revive a memória saltando através das histórias. Nas histórias a palavra é reconhecida como o *abre-te, sésamo*, pois ela faz a travessia para o imaginário, tornando-o vivo e rico. As narrativas propõem a tradução da paisagem local e desfazem a crença na existência de uma língua portuguesa única falada por todas as regiões de um mesmo país, quando cria vínculo com o passado e lança a voz da ancestralidade local

para o tempo presente, ela reafirma que cada povo tem traços peculiares no uso da língua, que são medidos pela identidade de cada lugar. Reafirma Porto (2010):

Quantas vozes podem emergir das nossas próprias narrativas? Um oceano de vozes, um oceano de significações. O oceano traz nas profundezas de suas águas, a voz interior, as vozes dos interiores, das grutas internas, dos grotões, da narrativa feita de “emoção” palavra que, etimologicamente, significa “movimento, comoção, ato de mover. A narrativa é movimento e é filha da emoção (PORTO, 2010, p. 56).

Por ora, lembro que as pontas dessa estrela, vez ou outra, hão de se tocar, porque são complementares umas das outras e hão também trocar de lugares, não obedecendo ordem de tempo e espaço. Quando uma cala é porque cede a vez à outra e, assim, todas as pontas seguem num fluxo harmonioso e vital, entrecruzam-se, reconhecendo-se e respeitando-se, e podem muitas vezes, estar no mesmo espaço e tempo. Isso ocorre quando a língua se conecta com a memória, se deixa mostrar pela história, atravessa a cultura, reconhece a identidade, e assim simultaneamente.

Seguindo o movimento circular, ali aparece a cultura. A língua, quando oralizada ou quando escrita leva consigo as marcas que ainda resistem ao tempo e que foram mantidas pela força da cultura de seu povo. Na língua habitam as variações linguísticas e cabe ao lexicógrafo acolhê-las com todas as suas possibilidades de significados. Faz parte da vida desse profissional, a incansável busca pelos significados e a responsabilidade de fazê-los atravessar as paredes do espaço em que vive. Cabe a ele se aproximar da língua com um largo campo de busca de informações, de pesquisa árdua e fazê-la significar para os outros falantes. O lexicógrafo deve estar disposto a fazer a língua atravessar as fronteiras geográficas e romper distâncias, possibilitando ao leitor a aproximação, comparado com aquele que faz a matemática, quando adiciona os novos saberes no uso da língua que fala cada leitor: “É essa adição de conhecimentos e sentimentos armazenados nas palavras que um falante nativo transporta (ou deve transportar) no seu saber linguístico.” (VILELA, 1995, 77).

A cultura aqui é chamada para dialogar e apresentar pontos que dificultam ou impossibilitam a compreensão, daquele que traz histórias de outras regiões. Portanto, é da falta de compreensão de algumas lexias contidas nas narrações da Amazônia que eu apostei quando escolhi o caminho da tradução intralingual e com ela a elaboração de um glossário do falar amazônida, e procurar fazer com que os povos nascidos no mesmo país se reconheçam como filhos da mesma mãe, que aqui chamamos Pátria e Língua.

Os traços de cultura marcados nas histórias hão de também contribuir para o entendimento e aceitação do ato tradutório feito durante as narrações, pois que elas situam o

ouvinte, ou leitor na direção da sua própria significação. Nesse sentido lembro Steiner novamente quando diz: “Compreender é decifrar. Alcançar a significação é traduzir.” (2005, p. 14). As histórias traduzem a cor do local, os esconderijos do povo, seus subterrâneos, os escombros do seu passado.

É preciso estar entre as fronteiras da língua e da cultura para alcançar os significados. E é ponto que Bhabha toca no seu livro *O local da cultura* (2013):

No intervalo da cultura, no ponto de sua articulação da identidade ou da perceptibilidade, vem a questão da significação. Esta não é apenas uma questão de linguagem, é a questão da representação da diferença pela cultura – modos, palavras, rituais, hábitos, tempo – inscrita sem um sujeito transcendente que sabe, fora de uma memória social mimética, através do cerne – ô-bum – do não senso. P que será da identidade cultural, da habilidade de pôr a palavra certa no lugar certo no momento certo, quando ela atravessa o não senso colonial? (BHABHA, 2013, p. 206).

Quando proponho um glossário para nativos da mesma Pátria justifico minha intenção pela conveniência de falar da existência de uma Babilônia, ou Babel espalhada pelo Brasil. É *da confusão das línguas*, que nascem as reformas no estudo da tradução. Nesse compasso, Durão e Seide (2016) esclarecem ponto a ponto esse acontecimento:

A atividade tradutória é praticada desde a Antiguidade. Ao longo dos séculos, diferentes tradutores especificaram papéis distintos para a tradução. Para uns, a tradução deveria servir para difundir a sabedoria ou enriquecer o vocabulário e a cultura de uma língua por meio de empréstimos de outra língua / cultura original da tradução; outros defenderam que a forma deveria primar sobre o sentido; outros, ao contrário, consideraram que o sentido deveria prevalecer sobre a forma. (DURÃO; SEIDE, 2016, p. 18).

Com o livro *De um cenário a outro; os bastidores de um laboratório de tradução* (2016), Durão e Seide fazem um apanhado da história da tradução e iluminam o rumo tomado nesta pesquisa, não apenas situando o leitor nos rumos tomados na constituição do ato tradutório, como apontando as razões para que a tradução intralingual seja reconhecida e praticada:

No século XVI, entre outros teóricos da tradução, Doler (1509-1546) sugeriu cinco princípios que deveriam ser considerados pelos tradutores: (i) o ponto de partida de qualquer tradução deveria ser sempre o entendimento do sentido e do significado do texto original, embora o tradutor tivesse liberdade para esclarecer os pontos obscuros do texto; (ii) o tradutor deveria ter pleno domínio das duas línguas envolvidas na tradução; (iii) o tradutor deveria evitar produzir traduções palavra por palavra, pois, afinal, as línguas não são arremedos umas das outras; (iv) o tradutor deveria optar pelo discurso de uso corrente; (v) o tradutor deveria escolher as

palavras que empregaria em suas traduções, ordenando-as com correção e precisão. (DURÃO; SEIDE, 2016, p. 18)

Os mencionados estudiosos continuam desenhando a evolução dos estudos da tradução desde o século XV até os dias atuais, sempre mantendo o fio que liga a tradução intralingual na rota traçada:

Um dos conceitos mais discutidos dentro desse novo campo de saber é a equivalência. Inicialmente, a discussão em torno da equivalência tradutória foi tomada como um recurso que levaria aos leitores dos textos traduzidos a tentar produzir os mesmos efeitos evocados nos leitores dos textos de partida (NIDA, 1964), para o qual o tradutor teria de preservar os aspectos formais do texto original (equivalência formal, CATFORD, 1980) e os aspectos textuais (equivalência textual, CATFORD, 1980), ou ainda, conservar a estrangeiridade do texto estrangeiro (BERMAN, 2007 [2002], p. 27). Posteriormente, o espectro de reflexão dos pesquisadores que foram se vinculado como estudiosos da tradução (a língua base e a língua meta), questões essas que envolviam aspectos culturais, históricos, sociais, políticos, ideológicos, religiosos, ecológicos, etc. e que levaram ao entendimento de que tanto os textos base quanto os textos meta têm de adaptar-se ao perfil e às necessidades de seus destinatários. (DURÃO; SEIDE, 2016, p. 20).

Desta forma, a tradução intralingual das narrativas pede para partir das necessidades dos destinatários do texto traduzido, porque sabe da importância que tem fazer a travessia dos saberes contidos nos textos meta para as outras regiões do Brasil, sem fazer o apagamento da dimensão coletiva, possibilitando ver nas diferentes realidades a gama enorme da linguagem plural que, por isso, o Brasil aqui pode ser compreendido como Babel.

O nome Babel apareceu em dois estudos bastante significativos para a tradução, são eles *Torres de Babel*, de Derrida (1987) e *Depois de Babel*, de Steiner (2005). Nesses dois estudos o tema da tradução aparece bastante polêmico:

Babel: antes de tudo um nome próprio, seja. Mas quando dizemos Babel, hoje, sabemos o que nomeamos? Sabemos quem nomeamos? Consideremos a sobrevida de um texto legado, a narrativa ou o mito da torre de Babel: ele não forma uma *figura* em meio a outras. Falando ao menos da inadequação de uma língua a outra, de um lugar da enciclopédia a outro, da linguagem a ela mesma e ao sentido, ele também fala da necessidade da figuração do mito, dos tropos, das circunlocuções [des tours], da tradução inadequada para cumprir aquilo que a multiplicidade nos interdiz. Nesse sentido, ele seria o mito da origem do mito, a metáfora da metáfora, a narrativa da narrativa, a tradução da tradução. Ele não seria a única estrutura a se aprofundar assim, mas o faria à sua maneira (ela mesma por pouco intraduzível, como um nome próprio) e seria necessário salvar seu idioma. (DERRIDA, 1987, p. 11).

Derrida, enquanto crítico instiga as razões de traduzir e devolve às lexias o estado plural. As lexias locais, enquanto partes das histórias contadas, traduzem a voz dos ancestrais

e da sua cultura, desta forma, elas abandonam a singularidade e são inauguradas com valor polissêmico.

A Torre de Babel não configura apenas a multiplicidade irreduzível das línguas, ela exhibe um não-acabamento, a impossibilidade de completar, de totalizar, de saturar, de acabar qualquer coisa que seria da ordem da edificação, da construção arquitetural, do sistema e da arquitetônica. O que a multiplicidade de idiomas vai limitar não é apenas uma tradução “verdadeira”, uma *entr'expression* [entr'expression] transparente e adequada, mas também uma ordem estrutural, uma coerência do constructum (DERRIDA. 1987, p. 12).

É neste enfoque que a tradução intralingual e a criação de um vocabulário das narrativas publicadas no livro *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (2012) se instauram, afinal:

Meter-se na vida particular das palavras, seu passado, suas origens, nas famílias de palavras, compete a gramáticos, filólogos, linguistas. São assuntos de Gramática Descritiva, Gramática Histórica, Etimologia, Lexicologia e Lexicografia – para só citar algumas áreas do estudo técnico da língua. (LUFT, 1997, p. 25).

Quando propus este estudo foi pensando em arrancar o véu da impossibilidade de fazer as outras regiões do Brasil atravessarem as matas, as terras e os rios e chegarem ao imaginário amazônico através das variações linguísticas pronunciadas pelos seus narradores.

Poucos se dão conta da necessidade da tradução intralingual e é parco o número de livros publicados sobre essa temática. É preciso estar desarmado para receber a voz do outro, quando ele fala e alcançar o estado não só de compreensão, mas receber com o devido respeito as variações da língua de partida no lugar da língua de chegada e buscar no ato tradutório das lexias incomuns contidas na sua voz e assim, estar pronto para entrar no imaginário que se revela através dos dialetos falados aqui e acolá. A estrela circula até o encontro da outra ponta que chamamos Identidade, no plano do entendimento descrito por Hall (1998):

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 1998, p. 39).

Depois de percorrermos as primeiras pontas da estrela, é possível dizer que até então a conversa tem sido uma espécie de *bricolage*, um trabalho feito com o aproveitamento aqui e ali do pouco que se tem produzido sobre o ato tradutório intralingual proposto neste trabalho.

Sobre a identidade, a quinta ponta da estrela, Hall (1998, p.11) apresenta três concepções: a iluminista, a sociológica e a pós-moderna. Na primeira, o sujeito se vê inteiro, completo e sem chance de mudar a sua identidade; na segunda, o sujeito aceita a chegada de outros e se mistura com eles, podendo haver uma “interação entre o eu e a sociedade”; na terceira, o sujeito não só recebe para si identidades outras, como desloca a sua para dar vez às novas. O autor aposta na descontinuidade do sujeito, acreditando que o sujeito é como um espelho quebrado e virado para o lado oposto ao seu e, por estar quebrado, refletirá vários rostos, que não o seu: “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” (1998, p. 13). Avançando algumas páginas:

É agora lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de *individualismo*, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualidade era tanto “vívida” quanto “conceptualizada” de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. O Status, a classificação e a posição de uma pessoa na “grande cadeia do ser” – predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano. O nascimento do “indivíduo soberano”, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado. (HALL, 1998, p. 25).

De lá pra cá, há o sujeito sociológico que privilegia as experiências somando-as com as suas, porque nela os símbolos e a cultura têm importância e somam positivamente para a formação da sua identidade. Esse entendimento parece convergir com a proposta da criação do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia, quando pede para o outro observar o espaço em que o dialeto está inserido para fazer nascer dele os seus significados e propõe a boa recepção no contato com outras regiões.

### 3.1 EMBARQUE IMEDIATO NA TRADUÇÃO INTRALINGUAL PELAS LEXIAS REGIONAIS

Significar  
 Reduz novos sonhos  
 Para as palavras.  
 (BARROS, 2013, p. 443).

Este capítulo compreende a base lexicográfica da pesquisa. Nele apresento o percurso para a criação do que vinha anunciando ao longo dos primeiros capítulos: O Glossário das Vozes que Contam na Amazônia. Antes de dar início ao glossário, pretendo dar, a saber, um pouco sobre a trajetória da ciência lexicografia:

Ao longo de praticamente todo o século XX, a Lexicografia foi considerada como um subcampo dos estudos da linguagem que tem caráter eminentemente prático, e, como consequência desta visão, a Lexicografia têm sido vista por alguns, como âmbito do saber que não tem rigor científico (DURÃO, 2015, p.193).

Durão (2015) aponta a trajetória desse campo de estudo que apesar das contribuições que tem trazido desenvolvendo para a compreensão das línguas humanas, vinha se arrastando até meados do século XX pela falta de reconhecimento como campo científico do saber, afirma Durão. No livro *Vendo o dicionário com outros olhos* (DURÃO, 2010) essa questão também vem à tona, como forma de manifestação contrária ao olhar excludente que a Lexicografia vinha sofrendo, além de chamar atenção para o esforço e árduo trabalho de pesquisa que tem o lexicógrafo na elaboração de um dicionário:

A concepção de lexicografia como campo científico é recente. Como se sabe, inicialmente a lexicografia foi vista como arte ou técnica, respaldando o ponto de vista daqueles que a entendiam (ou entendem ainda hoje) como trabalho artesanal, à qual implica(va) o entendimento de que o elaborar dicionários não passa de “reproduzir” outras obras lexicográficas já existentes. (DURÃO, 2010, p. 39).

Ao longo do século XX e, sobretudo, no presente século, a paisagem que vinha se perpetuando, começa a assumir um novo perfil e o que era para ser uma técnica aplicada na feitura de repertórios lexicográficos passou a ser reconhecido como parte dos estudos da linguagem, assumindo o status de ciência, razão pela qual algumas poucas academias vem desenvolvendo pesquisas e legitimando o esforço dos lexicógrafos que atuam por esse viés científico:

O entendimento da necessidade de sustentar os processos de elaboração de dicionários em planejamentos prévios vem sendo assumido por um número elevado de lexicógrafos da atualidade que com sua postura contrapõem radicalmente o entendimento que o senso comum arrastou em torno dos dicionários, vendo-os simplesmente como lista de palavras (DURÃO, 2015, p. 194).

Apesar da evolução dos estudos lexicográficos, devo dizer que no início desta pesquisa hesitei entre optar pela designação “vocabulário” e “glossário”, porque as definições

que alguns estudiosos propõem para esses tipos de repertórios, muitas vezes mais confundem que esclarecem.

A provocação feita aqui, de início seguia o caminho da ciência lexicográfica, tendo em vista que desde então o que era fruto da técnica ou da arte passou a ser agora resultado de pesquisa científica. Não se trata de brincadeira ou passa tempo feito para acumular unidades lexicais ou lexias e brincar com os seus significados, mas de responder questões fundamentais pertinentes a esta “nova” ciência: O que iremos fazer? Como iremos fazer? Por que ou para quem iremos fazer?

O início deste percurso pede uma aproximação com o significado de dois campos da Lexicografia: o *glossário* e o *vocabulário*, porque em alguns estudos, eles são mostrados quase como sinônimos, correndo o risco de confundir, os que se aventuram em pesquisar um ou outro.

O que os estudos lexicográficos propõem como definição para *glossário* e *vocabulário* se assemelha muito, pois na elaboração do conceito quanto a função dada aos dois são aparentemente a mesma. O que vai torná-los diferente é um dado sutil que pode, muitas vezes, não ser percebido e, desta forma, é possível que um *glossário* seja equivocadamente chamado de *vocabulário* e vice versa.

Há de se registrar que as definições de um e de outros presentes no quadro aqui proposta são provocações para saber se elas atendem à necessidade do entendimento dos usuários e ou só favorecem o uso inadequado tanto de um, quanto do outro.

No quadro, apresento duas colunas, uma com a definição de *glossário* e a outra com a definição de *vocabulário*, com o propósito de fazer com que o leitor verifique os traços peculiares de cada um e, se for o caso, identifique o trabalho de investigação feito com algumas lexias e seus contextos, cada vez que se deparar com um trabalho feito pela ciência lexicográfica. Para a análise, no primeiro quadro, confrontei as definições feitas por Martínez de Sousa (2009, p. 22) na tentativa de solucionar o problema avaliando não só a função de cada um, mas podendo anotar qual o objeto de estudo destinados tanto ao *glossário*, quanto ao *vocabulário*:

Quadro 1 - Definição de vocabulário e glossário I

VOCABULÁRIO	GLOSSÁRIO
“... conjunto de palavras de um idioma, ou um conjunto de palavras regionais, de uma profissão	“... um repertório de palavras com a finalidade de explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um

ou ofício, de um campo semântico, de um escritor, etcetera.” <sup>13</sup> (2009, p. 22, tradução minha).	autor, um texto dialetal, etcetera, ou ainda um repertório não exaustivo de palavras, geralmente técnicas de um determinado jargão, como a ecologia, a biologia, a bibliologia, etcetera.” <sup>14</sup> (2009, p. 22, tradução minha).
---	---

Fonte: A autora (2018).

Martínez de Sousa (2009, p.22) não parece esclarecer a questão, pois ao tentar definir e diferenciar um termo do outro define: *conjunto de palavras* e no outro *repertório de palavras*. Recorrendo ao Dicionário Aurélio, observo que **conjunto** é “sm. 2. Reunião das partes de um todo” (2010, p. 190), enquanto que **repertório**, no mesmo dicionário, aparece como primeiro significado: “sm. 1. Coleção, conjunto.” (FERREIRA, 2010, p. 658)

Decididamente, Martínez de Sousa (2009, p. 22) mais consolida as semelhanças do que esclarece as diferenças entre os termos. Mais ainda, nos dois casos, há a presença do escritor/autor. A impressão que as duas definições deixam é de igualdade, embora os termos tenham acepções diferentes. Vem daí a hesitação na escolha no início desta pesquisa.

Se a primeira etapa que um instrumento lexicográfico exige é que ele seja compreendido como tal, é preciso investigar um pouco mais o caso. O que define cada categoria lexical são as propriedades do *corpus* estudado com as suas especificações. Para alcançar a solução do problema, apresento novas tentativas de esclarecimento:

Quadro 2 - Definição de vocabulário e glossário II

VOCABULÁRIO	GLOSSÁRIO
“conjunto das palavras especializadas em qualquer campo de conhecimento ou atividade; nomenclatura; terminologia”. (WELKER, 2004, p. 24)	“as unidades que o lexicógrafo seleciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um <i>corpus</i> exteriormente delimitado, que funciona como discurso num dado tempo e lugar”. (Crispim 1990, p. 61, <i>apud</i> Barbosa 1995, p. 20). (WELKER, 2004, p. 25).

Fonte: A autora (2018).

Walker (2004) apresenta outras definições, porém, outra vez as definições não tornam claras as duas noções, embora em cada uma delas apareçam elementos novos: o *vocabulário* aparece ligado às palavras especializadas, enquanto que o *glossário* se mostra voltado para o

<sup>13</sup> “un conjunto de palabras de un idioma, o bien un conjunto de palabras regionales, de una profesión u oficio, de un campo semántico, de un escritor, etcétera”. (MARTINEZ SOUZA, 2009, p. 22).

<sup>14</sup> “un repertorio de voces cuyo fin es explicar un texto medieval o clásico, la obra de un autor, un texto dialectal, etcétera, o bien un repertorio no exhaustivo de palabras, generalmente técnicas, de una jerga determinada, como la ecología, la biología, la bibliología, etcétera. (MARTINEZ SOUZA, 2009, p. 22).

discurso num dado tempo e lugar. Depois de visitar os conceitos da Metalexicografia, a proposta é apresentar noções contidas nos dicionários de Linguística (1995):

Quadro 3 - Definição de vocabulário e glossário III

VOCABULÁRIO	GLOSSÁRIO
O termo <i>vocabulário</i> fica plenamente motivado nos estudos sobre corpus especializados: vocabulário de aviação, vocabulário político. (DUBOIS, 1995, p. 614).	<i>Glossário</i> é um dicionário que dá sob a forma de simples traduções do sentido de palavras raras ou mal conhecidas. (DUBOIS 1995, p. 309).

Fonte: A autora (2018).

Os dois quadros determinam que o *vocabulário* entra para a categoria de *corpus especializados*, correspondendo com a mesma concepção de Welker (2004) e por sua vez, o *glossário* remete para *traduções das palavras raras ou mal conhecidas*<sup>15</sup>.

É nesse ponto que a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa começa a se fortalecer, enquanto instrumento lexicográfico. É das lexias mal conhecidas, advindas da especificidade da cultura do povo que este estudo se permite ser estruturado.

O plano é elaborar um Glossário das Vozes que Contam na Amazônia, como um instrumento necessário, enquanto resultado do estudo que aproxima a literatura oral da Amazônia brasileira com a Lexicografia e criar, a partir de uma base científica, os verbetes marcados pela ancestralidade amazônica, traduzido por contadores de histórias contemporâneos daquele lugar.

Para traduzir essas vozes e criar esse glossário é preciso escutar os conselhos deixados por Schleiermacher no livro *Sobre os diferentes Métodos de Tradução* (2010):

Observa que palavras, que construções se mostram ali talvez em seu primeiro brilho de novidade; vê como se deslocam na língua através das exigências próprias deste espírito e da força que o caracteriza, e esta observação determina em grande medida a impressão que recebe. O tradutor deve, pois, transmitir também isto a seus leitores; do contrário, perderiam eles uma parte, seguidamente importante, do que lhes está destinado (SCHLEIERMACHER, 2010 p.65).

Nesse sentido, cabe designar o resultado final desta investigação como *glossário*, pois com ele há a aproximação das lexias com o propósito de fazer chegar até os leitores os seus significados. Se no início houve hesitação entre esses dois termos, agora o que há é a certeza

<sup>15</sup> Escalécemos que tivemos de retirar trechos das definições, porque o dicionário consultado aproxima as definições e deixa margem para que as duas as duas formas sejam novamente confundidas ou se tornem sinônimas.

de que o que pretendo é elaborar um glossário, consolidado pelo esforço em alcançar os seus objetivos.

Com a devida atenção aos princípios metalexográficos e com a riqueza da língua tecida nas histórias, foram selecionadas algumas lexias para elaborar o piloto do glossário.

Os destinatários escolhidos para esta pesquisa são habitantes da cidade de Florianópolis/SC, possíveis usuários do livro *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (2012, volume 2).

Antes da elaboração do glossário era preciso investigar se havia, de fato, peculiaridades no que julguei ser variante linguística própria da região Norte e se as lexias que possivelmente se mostravam estranhas às outras regiões, dificultavam o acesso ao imaginário construído pelas histórias contadas no livro, enquanto objeto de estudo desta tese.

Para tanto, alguns alunos do curso de Letras/Espanhol foram convidados a ouvirem a história *A visagem zombeteira* (2012, p. 61), publicada no referido livro. Ao ouvirem a história, os alunos deveriam anotar as lexias desconhecidas por eles para que fosse feita a triagem e composição das lexias e seus significados no Glossário das Vozes que Contam na Amazônia.

Abaixo o resultado da análise, para chegar à comprovação da suspeita e favorecer a hipótese da pesquisa e elaboração do glossário:

Figura 11 - Investigação da Língua Paraura I

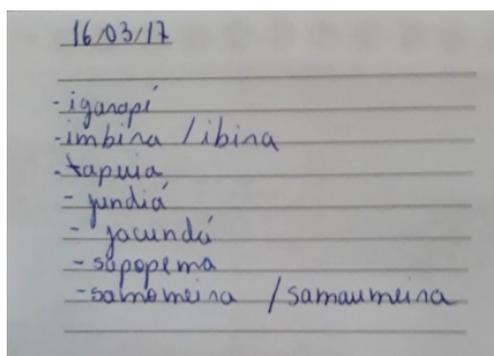
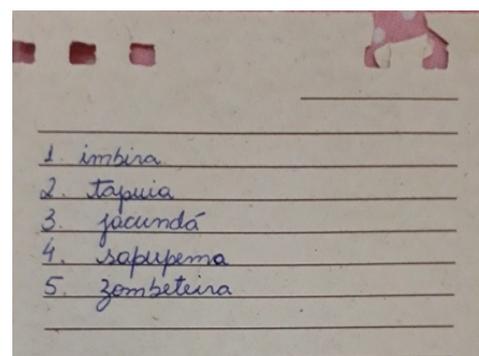


Figura 12 - Investigação da Língua Paraura II



Fonte: A autora (2020).

Figura 13 - Investigação da Língua Parauara III

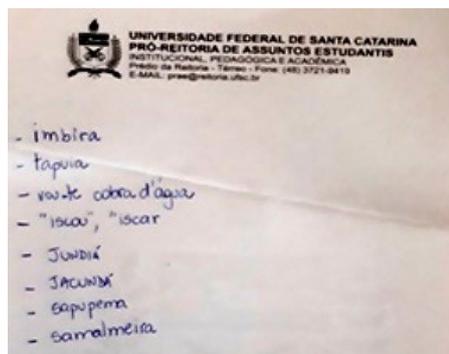
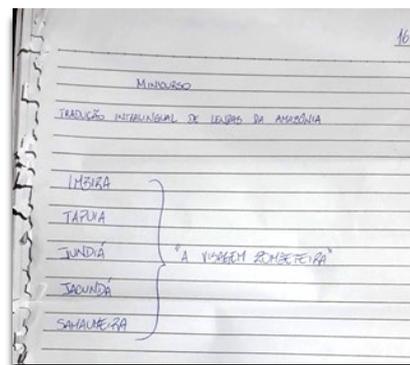


Figura 14 - Investigação da Língua Parauara IV



Fonte: A autora (2020).

Algumas lexias aparecem em todas as anotações dos alunos. Chamo a atenção para três delas a saber, “imbira”, “tapuia”, “sapopema”. O notável da seleção dos ouvintes diz respeito a origem das palavras escolhidas, a maior parte das lexias vem como herança da língua indígena.

O passo seguinte era saber se seria correto dizer que esta variação da língua é, de fato, da Amazônia ou se ela teria se perdido da origem com a chegada dos invasores e a grande confusão das línguas. Novamente as escolhas dos ouvintes dão a resposta procurada. Se na primeira escuta, eles elencaram as lexias de origem da língua indígena, possivelmente seria correto chamá-la de variação do dialeto Parauara, falado pelo povo amazônida.

Quanto mais uma história é contada, muito mais ela revela. Depois de outras investidas, fui percebendo que outras lexias também chamavam a atenção dos ouvintes e nem todas faziam parte da língua indígena. Foi assim que o glossário se manteve como parte desta pesquisa, enquanto tradução intralingual, afinal:

[...] faz-se mister estabelecer a distinção entre vocabulário comum de caráter geral e de cunho regional. O primeiro entendido aqui como vocabulário atualizado em praticamente todo o território onde a língua é usada como instrumento de comunicação e interação, por falantes de diferentes classes sociais e de atividades profissionais diversificadas, enfim, o vocabulário regional remete à questão dos regionalismos, ou seja, a unidade lexical, cujo uso é restrito a determinadas regiões, muitas delas relacionadas a atividades específicas do meio rural. [...] recortes lexicais que evidenciam “marcas” culturais e, conseqüentemente, momentos históricos que caracterizam uma subcomunidade linguística. (ISQUERDO, 2007, p. 198).

Para atender aos objetivos desta pesquisa foi preciso tornar importantes as variações linguísticas provenientes do eixo horizontal (regionalismos). O procedimento metodológico do trabalho é destinado a analisar as lexias escolhidas, coletadas em seis histórias contadas

pelo grupo Cirandeiros da Palavra, para fazê-las valer com seus significados numa análise interna (no corpo do texto) e no local de nascimento das falas, a Amazônia, no Norte do Brasil.

O glossário é composto por (21) vinte e uma lexias em uso no dialeto da região Norte do Brasil, todas selecionadas das histórias contadas pelo grupo Cirandeiros da Palavra, publicadas no livro *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (2012). Do vol. I as lexias foram selecionadas das seguintes histórias: *A mulher fofoqueira* (2012, p. 13-21); *A visagem zombeteira* (2012, p. 63-65); *Uma história de Matinta* (2012, p. 67-73). Do vol. II: *O igarapé encantado* (2012, p. 14-25); *Assombração do Curupira*, (2012, p. 67-71) e *Uma história da Boiúna* (2012, p. 73-79).

Algumas lexias identificadas pelos ouvintes de Florianópolis foram abandonadas na elaboração do glossário. A decisão de abandoná-las se justifica pelo fato de o livro já apresentar o significado delas em nota de rodapé. Se o glossário foi feito para acompanhar a leitura dessas histórias no livro, a inclusão delas não se fez necessária. Entre elas mantive apenas “ancinhar” porque apesar de aparecer na nota de rodapé, foi ela que impulsionou este estudo.

Esclareço também que os significados propostos no Glossário das Vozes que Contam na Amazônia, por terem sido retirados de um acervo da literatura oral, são propostas abertas, que transitam no imaginário poético do povo do Norte do Brasil, sem pretensão alguma de serem verdades absolutas ou impostas aos falantes da língua portuguesa de um Brasil maior que a região Norte.

Feita a exposição, estou certa de que as descobertas em pesquisa e a elaboração do glossário comprovam a importância que a Lexicografia tem enquanto campo científico preocupado com a aproximação e com o entendimento das línguas, tornando-as cada vez mais vivas. Acrescento às minhas descobertas, a visão ampla que Luft (1997) lança sobre a língua e por assim dizer, Pátria:

A LÍNGUA É NOSSA! – assim deveria clamar a consciência dos alunos e falantes em geral. “A língua é um bem pessoal, na medida em que é um bem coletivo” (Slama-Cazacu, 1979: XX) e é um bem coletivo na medida em que é um bem pessoal. Não é privada de gramáticos ou linguistas, professores, doutores ou escritores. Cada falante tem direito de proclamar: – A LÍNGUA É MINHA! (LUFT, 1997, p. 66).

Depois disso, aprendi a reconhecer o valor do idioma que cada um de fala e foi como se uma máscara de oxigênio caísse e eu começasse a respirar melhor.

#### 4. AS TURBULÊNCIAS NA TRAVESSIA PELAS LEXIAS LOCAIS

Que a palavra parede não seja símbolo  
de obstáculo à liberdade. (BARROS, 2013, p. 239).

As razões que impulsionaram este estudo foram exploradas nos capítulos anteriores, porém as reconstituo como marcação da importância que o léxico tem no cenário das histórias porque, neste caso específico, quero chamar a atenção para as peculiaridades da língua e do imaginário do povo amazônida.

Antes de chegar às peculiaridades das variações da fala do Norte do Brasil, marcadas pela sua ancestralidade, modos de vida, bem como pelas interferências provenientes dos viajantes que por lá se estabeleceram e pela abertura da própria língua ao recebê-los, este estudo aponta agora para a expansão do olhar sobre a língua geral do Brasil e sua inclinação para mudanças de significados nos léxicos empregados em cada região.

Se considero que a língua portuguesa falada no Brasil, com a riqueza das suas formas, propõe a ampliação de sentidos, estou reafirmando a importância da tradução intralingual entre os falantes distribuídos nas cinco regiões brasileira. É da natureza humana a necessidade do diálogo, da comunicação fluídica, nela os lados comunicantes quando interagem, o fazem procurando alcançar a compreensão:

[...] os cinco sentidos do homem ajudam-no a tomar conhecimento de tudo o que acontece à sua volta, seja um ruído, uma lâmpada acesa, um odor. Qualquer coisa pode atuar sobre ele como um estímulo capaz de provocar uma associação significativa. Ou seja, o homem e o meio vivem em contínua interação: o mundo à sua volta é sempre uma situação a que ele pode atribuir significado. (AZEVEDO, 2008, p. 39).

A tese aqui proposta faz valer a importância da interdependência da comunicação humana, valoriza a profusão da língua que comunica numa mesma Pátria, permitindo o desbravamento dos seus mistérios e retirando o véu dos significados locais. Neste sentido, volto ao que Azevedo (2008) salientou: “Munidos das palavras que tomam o lugar das coisas, entidades e noções-, as pessoas transformaram o conjunto de suas experiências e saberes em conteúdos comunicáveis, passíveis de troca.” (AZEVEDO, 2008, p. 42).

Na soma do que propõe esta tese, estão em jogo as lexias quando pronunciadas nos seus ambientes e as reverberações que elas dispõem quando ditas ou quando escritas, pois: “Palavras são sinais cuja função é dar corpo a significados; no corpo de uma palavra, o significado circula da minha boca (que pronuncia) para o seu ouvido (que escuta), da minha mão (que escreve) para o seu olho (que a lê).” (AZEVEDO, 2008, p. 43).

Eis o compasso proposto desde o início deste trabalho que vem se mantendo ao longo das descobertas feitas pelos estudos linguísticos para embarcar nas variações da língua falada na região Norte e reconhecer a função social e coletiva daquele dialeto.

No traçado deste capítulo surge a necessidade de pensar também nos empréstimos linguísticos, de forma distinta do que, a priori, se dizia e desta forma conduzir o raciocínio sobre o lugar que o termo *empréstimo linguístico* pode tomar na abordagem aqui definida. Os linguistas, em sua grande maioria, determinam o fenômeno do empréstimo linguístico enquanto ocorrência como vocábulos estrangeiros, em uma etapa que só permitia compreender a tradução como ação que envolvia a passagem entre duas línguas distintas, uma dita nacional e outra estrangeira, digo de outro país. Se nesta pesquisa procuro não medir esforços para fazer acreditar na tradução intralingual, também torno possível pensar e acreditar no bom uso das lexias e seus significados cada vez que elas atravessam outras regiões de um mesmo Brasil, possibilitando assim a ampliação do entendimento dos empréstimos linguísticos, me referindo aqui à doação vocabular de uma região à outra, de uma mesma Pátria, passando a aceitar a ocorrência dos mesmos, não mais apenas no emprego de lexias estrangeiras, oriundas das línguas faladas em outros países, mas aquelas também consideradas estrangeiras, porque são estranhas aos seus ouvintes ou leitores durante a comunicação interpessoal. Para melhor compreensão:

A comunicação interpessoal é entendida como uma relação dialógica em que ambos os interlocutores adaptam continuamente o diálogo às necessidades do outro. Assim, a interação caracteriza-se por situar-se em um contexto em cujo âmbito se estabelece um campo de ação comum, no qual os sujeitos envolvidos (locutor/enunciador – interlocutor/leitor) podem entrar em contato. ELIAS, 2011, p. 14).

Estabeleço, portanto, com a aplicação da tradução intralingual aqui pretendida, e a criação do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia, as lexias selecionadas permitirão aos leitores o seguinte esquema: conhecimento – reflexão – uso, ocasionalmente, desta forma, ocorrerão os empréstimos linguísticos, potencializando a língua portuguesa do Brasil, também pretendida por Marcuschi:

A visão monolítica da língua leva a postular um dialeto de fala padrão calcado na escrita, sem maior atenção para as relações de “influência mútuas” entre fala e escrita. Certamente, não se trata de ensinar a falar. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de ‘usos’ da língua [...] Assim, entre muitas outras coisas, a abordagem da fala permite entrar em questões geralmente evitadas no estudo da língua, tais como as ‘variações’ e ‘mudanças’ dos pontos de extrema relevância raramente vistos. (MARCUSCHI, 2005, p. 24).

Para chegar ao glossário é fundamental saber das noções de língua construídas ao longo dos estudos gramaticais e linguísticos e, atracar nos pontos de sustentação do conceito que estou por redefinir, caso seja necessário. Neste momento, proponho ao leitor que escreva o conceito que tem de *língua*; um conceito adotado antes da discussão aqui traçada para poder verificar se houve alguma mudança após as investidas que este capítulo propõe.

Antes de entrar nas zonas de turbulência é preciso verificar se o cinto de segurança está devidamente afivelado. Estar com o cinto de segurança afivelado, neste contexto, vem a ser reconhecer a veracidade em uma teoria e se apoiar nela para levantar as hipóteses pretendidas na pesquisa. Quanto a mim, esclareço que sou adepta da teoria de Wiegand (2007), quando se propõe a apagar a verdade instituída pela Lexicografia geral que se manifesta desfavorável ao entendimento da Lexicografia como ciência. A concepção por mim adotada é de que a Lexicografia é uma ciência capaz de analisar, minunciosamente, as lexias que irão compor o repertório lexicográfico de um vocabulário, glossário ou dicionário para, na medida do possível, alcançar os destinatários pretendidos.

Na composição de um dicionário, o lexicógrafo se ocupa do repertório lexicográfico com o mesmo cuidado que tem os cientistas, assim, ele deve analisá-lo, consciente de que faz parte de um todo, por isso, tão igual ao corpo humano, por exemplo, em que cada órgão tem a sua função, todos os elementos envolvidos serão por ele analisado como se estivesse em um laboratório. Desta forma, sei que a Lexicografia vai percorrer outras ciências como a Linguística Aplicada, a Linguística Geral, a Lexicologia, entre outras ciências. Não por ser compreendida como ramificação de uma delas, mas com o reconhecimento de que delas poderá extrair as respostas para as hipóteses que ele considera cabíveis no estudo e análise para poder determinar os verbetes que irão compor o dicionário, enquanto produto lexicográfico.

Estes esclarecimentos são necessários porque os livros utilizados nos jogos que aqui serão apresentados trazem em si dados capazes de provocar confusões para aqueles que desconhecem a Lexicografia. Dois desses livros parecem remeter, nos seus títulos, à tarefa do lexicógrafo. São eles: *Dicionarinho Papachib: a língua paraense* (2019) e *Dicionário de imprecisões* (2019). É possível perceber que os títulos empurram o leitor para uma grande confusão. Outro livro, parte constituinte dos jogos desenvolvido para esta pesquisa, é *O livro dos ressignificados* (2017). Ele foi escolhido como parte dos jogos, porque afinal, significar ou ressignificar é tarefa dos lexicógrafos quando elaboram os dicionários.

#### 4.1 JOGOS LEXICOGRÁFICOS PARA AS HORAS DE TURBULÊNCIA

O que não sei fazer desconto nas palavras. (BARROS, 2013, p. 241).

Antes de apresentar os jogos que ajudarão a atravessar as nuvens pesadas, chamo atenção para os esclarecimentos sobre a Metalexigrafia pedagógica defendida em Durão (2010):

A metalexigrafia pedagógica é uma sub área da Metalexigrafia geral, a qual pode ser definida como conjunto organizado de princípios que regem a elaboração de dicionários pedagógicos e as pesquisas sobre o conteúdo e o uso de dicionários pedagógicos. Ao contrário da Lexicografia Pedagógica, a Metalexigrafia Pedagógica não restringe seu objeto de estudo aos dicionários pedagógicos, como também não restringe as suas pesquisas ao campo lexicográfico: a metalexigrafia pedagógica considera qualquer tipo de dicionário, desde que esteja voltado para o contexto de aprendizagem e que pretenda proporcionar resultados aplicáveis à elaboração de dicionários pedagógicos. (DURÃO, 2010, p. 42).

Passada a explicação necessária sobre a proposta dos jogos e depois de anotar o conceito prévio de “língua” que o jogador tem em suas mãos, chegou a hora do **Giro dos Saberes**, um jogo de roleta que servirá de reflexão para a definição de língua preexistente, mas é seguro lembrar que toda língua é antes de tudo um universo móvel e, se assim o é, a língua portuguesa falada no Brasil não poderia ser diferente.

Para jogar, o leitor irá encontrar uma roleta na página seguinte. Cada parte da roleta contém uma numeração que inicia e vai do número 1(um) ao número 5(cinco). Para cada número, há um conceito diferente de língua.

Os conceitos contidos na roleta correspondem aos estudos feitos e publicados por estudiosos da área. Na verdade, são conceitos que correspondem a autores que aparecem, vez por outra, dentro da discussão desta pesquisa, como provocação para que o leitor possa ver o Brasil não mais como um país monolíngue e desta forma, possa se assegurar do que pede o jogo **Giro dos Saberes**.

Como todo jogo de roleta, há de ter um giro. No centro deste jogo, há uma seta que deverá ser girada. Onde a seta parar, ela irá indicar o número sorteado para o jogador da vez. Depois disso, ele irá ler o conceito que corresponde ao número que a seta lhe deu.

Do conceito que ele foi sorteado, o jogador extrai os pontos comuns que estão presentes no que ele julgava ser a língua e a noção teórica que o jogo lhe proporcionou saber. Ele deverá reconhecer os pontos similares, selecioná-los e, se for o caso, reformular a ideia que tem de língua.

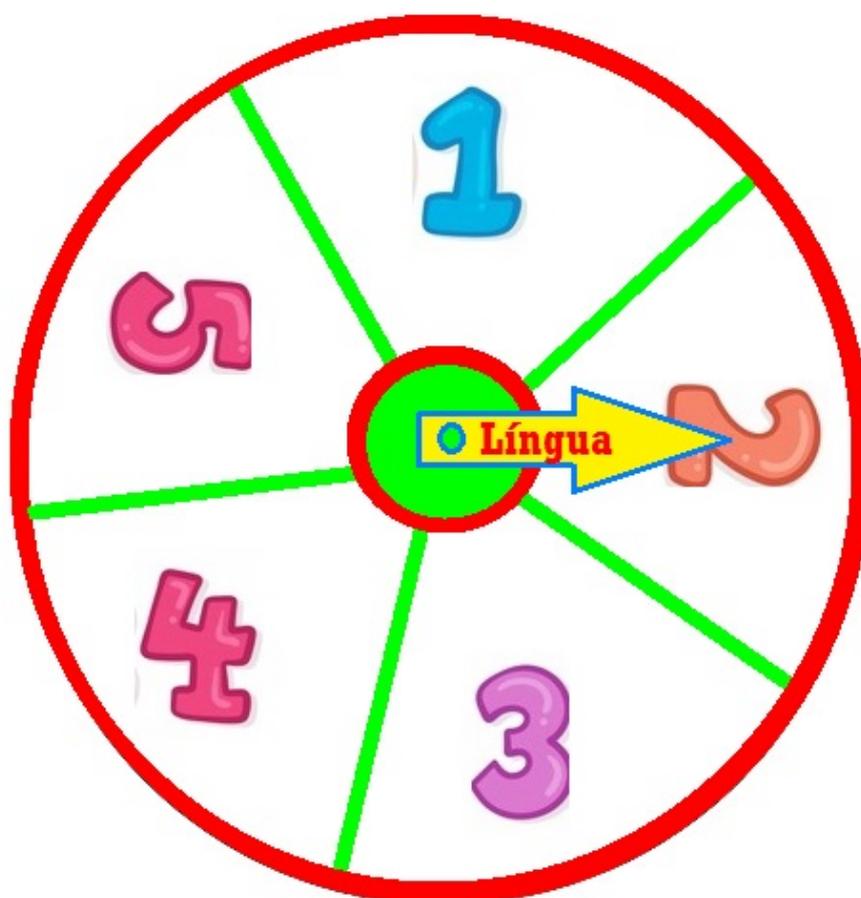
O jogador irá refletir e analisar os dois conceitos: o que ele escreveu como seu e o conceito que o jogo lhe revelou. Em seguida, ele deverá reescrever o seu conceito fazendo as alterações que achar necessário.

Em suma, este é um jogo de reflexão e verificação do conceito de língua e no ponto e contraponto, o jogador cria a capacidade de analisar criticamente as próprias concepções.

Este jogo deverá ser o primeiro a ser executado, porque ele irá marcar gradativamente o compasso das discussões traçadas neste estudo ao longo dos seus capítulos, determinando o que deverá ser consumido e o que deverá ser deixado de fora pelo jogador. O ponto mais relevante desse jogo é não considerar o jogador como tábula rasa, ou seja, valorizar os saberes que ele traz e fortalecer esses saberes que a roleta lhe oferece, por isso é importante que ele faça a anotação solicitada e depois volte a ela reformulando-a.

Abaixo apresento o jogo **Giro dos Saberes**:

Figura 15 - Roleta do jogo Giro dos Saberes



Fonte: A autora (2018).

### Definições de língua correspondente aos números da roleta **Giro dos Saberes**:

1. Cada língua natural é um microcosmo do macrocosmo que é o total da cultura dessa sociedade [...] Assim as línguas naturais não são um decalque, nem uma rotulação da realidade, elas delimitam aspectos de experiências vividas por cada povo, e estas experiências, como as línguas, não coincidem, necessariamente, de uma região para outra. (LOPES, 2007, p. 22).
2. Língua é contexto. Se a língua está dentro de nós e se a língua é o ambiente social em que circulamos, não pode haver separação entre a linguagem e seu uso, entre quem fala e onde fala. No momento em que duas ou mais pessoas iniciam alguma troca verbal por meio da língua, todos os componentes individuais (psicológicos, cognitivos, biográficos etc.) e sociais (históricos, políticos, culturais, ecológicos, étnicos, religiosos etc.) são ativados para compor uma intrincada rede em que tais componentes se fundem e se confundem. (BAGNO, 2014, p. 16).
3. As línguas são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente efetuando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas depende das condições sociológicas, pois como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças. (SILVA NETO, 1970, p. 13).
4. A língua é um bem coletivo, e a interação social, sua principal razão de ser. O que cada pessoa sente, sabe, imagina, quer, sonha é uma experiência individual, subjetiva e única. Por mais que seja um bem coletivo, porém, a língua que falamos não repassa tal experiência, na sua integridade e complexidade, a um interlocutor; ela reprocessa essa experiência reorganizando-a nos termos de um código coletivo de representação e comunicação. (AZEVEDO, 2008, p. 53).
5. Tomo a língua como um sistema de práticas cognitivas abertas, flexíveis, criativas e indeterminadas quanto a informação ou estrutura. De outro ponto de vista, pode-se dizer que a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre qual a atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa. Em suma, a língua é um sistema de práticas com a qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância, mas não construindo tudo como se fosse uma pressão externa pura e simples. (MARCUSCHI, 2008, p. 61).

As definições de língua apresentadas no jogo convidam os jogadores a repensarem o lugar da língua materna e as observações extraídas do conceito que já tinham. Desta forma, pedem que eles refaçam os seus saberes e atitudes diante das práticas de comunicação. Precisamente porque existem variações linguísticas é que a tradução intralingual se faz necessária, embora não muito visitada ou reconhecida pelas academias com seus poucos estudos publicados sobre o assunto. Apesar de constatar a existência do desmerecimento nas publicações acadêmicas sobre a tradução intralingual, a língua portuguesa falada no Brasil não se intimida e avança contra a tirania da lógica, das demarcações do que se julga “certo” e “errado”. O que foi deixado de lado pela gramática normativa, ainda pede para ser descoberto, respeitado e aceito:

Os gregos, fundadores da gramática deixaram agudas observações fonéticas, desenhadas pelos imediatos sucessores, mas sempre andaram apagados às imposições da lógica, descuraram da língua em si e só tiveram olhos para a distinção entre as formas corretas e as incorretas. Ficaram no aspecto normativo, nos seus estudos sobre as flexões e a sintaxe da língua literária. (MACHADO FILHO, 1974, p. 10).

É desse lugar de abandono que a tradução intralingual vem aqui reclamar e requerer a importância que tem para a língua falada, que nem sempre é geral. Da ausência de páginas escritas no formato de estudos comprometidos com a origem da língua falada, escrita e sua evolução que os textos literários reconhecem mantendo-a em registros e as escolas, muitas vezes destroem fazendo mau uso do gênero textual, aqui citado, com o castigo de apenas decorar e aplicar com ênfase nos campos da gramática comprometida com a lógica e seu rigor. Neste sentido, o autor relembra:

Avaliando a contribuição dos alexandrinos, no estudo dos textos homéricos, escreve Menéndez y Palayo: «Eles fixaram a lição que hoje seguimos, e Aristarco feriu de morte o falso sistema de interpretação alegórica e do sentido esotérico, delícias dos filósofos. (História de las Ideas Estéticas en España.I, 92). (MACHADO FILHO, 1974, p. 11).

No desvio do rigor, faço aqui a aposta no estudo das variações da língua falada no Norte do Brasil através de jogos que possibilitem o estudo do uso da variação linguística local, com o cuidado na busca do conhecimento dos seus significados e a possibilidade de utilizar o vocabulário aprendido, quando achar necessário.

Ainda pensando em reformular as ideias, surge aqui mais um jogo, porém, é fundamental que o leitor já tenha executado a tarefa do **Giro dos Saberes** para que as reflexões pretendidas tenham o efeito crítico esperado.

**Giralíngua** é um jogo de roleta. Desta vez, o jogador terá a função de recriar o significado de algumas lexias presentes no falar amazônico, especificamente as que causam estranhamento nos ouvintes da região Sul do Brasil, com moradores da cidade de Florianópolis, que tiveram contato com as histórias contidas no livro: *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (2012).

Este jogo faz pensar as definições antigas de algumas lexias e permite a decisão da flexibilidade dos significados. É uma pretensão, mas é também uma fórmula criada para diluir a crença de que na língua portuguesa habita um vasto campo de complexidade, quase impossível de acesso pela maioria dos falantes; e desta forma arrancar o preconceito que mantém os habitantes das regiões distintas, na retaguarda:

Talvez possamos atribuir parte do preconceito linguístico (que existe em todas as culturas ocidentais) ao rigor da já mencionada crença (de inspiração platônica) na existência de uma língua “essencial” que vive num mundo apenas inteligível, imaterial, fora de alcance dos nossos sentidos. (BAGNO, 2002, p. 70).

A proposta surgiu depois da descoberta de que a Lexicografia, como ciência, estuda minuciosamente o vocabulário de um povo antes de compendiá-lo em um dicionário,

vocabulários ou glossários e da provocação sobre o assunto contida nas publicações recentes de dois livros: *O livro dos ressignificados* (2017) e *Dicionário de imprecisões* (2019). Os dois livros apresentam novas formas de compreensão e uso da língua que falamos com suas lexias flutuantes.

Para compreender o novo jogo, aqui proposto, apresento algumas lexias publicadas em dois livros que instigam e parecem querer reformular o pensamento sobre dicionário quando abrem as portas para a criatividade na construção dos significados que elegeram. Neste sentido é necessário lembrar que nem João Doederlein, autor de *O livro dos significados* (2017), nem Ana Elisa Ribeiro, autora do *Dicionário de imprecisões* (2019) se dão o título de lexicógrafos, nem tampouco de dicionaristas, mas poetas que prezam pelas palavras e seus significados mutantes e como tal se apropriam delas para uso e desfrute desse organismo vivo chamado língua portuguesa brasileira.

Doederlein aparece na orelha do seu livro como um jovem poeta, bem como na contracapa em que ele se reafirma fazendo uso do pseudônimo Akapoeta. Por sua vez, Ana Elisa Ribeiro, autora do *Dicionário de imprecisões*, finaliza a escrita do seu livro com uma biografia em que também se sabe poeta desde 1997 e autora de *Anzol de pescar infernos* (2013), *Xadrez* (2015) e *Álbum* (2018), entre outros. Da publicação de Doederlein (2017), tomei emprestados três exemplos capazes de situar o leitor na proposta do autor. Eis os empréstimos: “ressignificar”, “palavra” e “sotaque”:

**ressignificar (v.)**

é olhar de dentro para fora. é encontrar novidade no que a gente vê todo dia. É saber que as coisas mudam tanto quanto pessoas. é recriar o que um dia foi criado. É a própria regra. É saber lidar com o novo. É perceber que tem um pouco da gente em tudo o que a gente faz. É um exercício de autoconhecimento.

é um ato de extrema liberdade em que a gente pinta o mundo à nossa volta do jeito que a gente vê. (DOEDERLEIN, 2017, p. 112).

**palavra (s.f)**

é arma. é escudo. é pedido de desculpa. é do que são feitas as cartas de amor. é ingrediente principal de uma boa conversa. é um punhado de letra se abraçando, é a melhor amiga do poeta. é a mãe da literatura. usada da forma errada: tortura. Nas mãos do escritor certo: cura.

é, na humilde opinião de Alvo Dumbledore, nossa inesgotável fonte de magia. (DOEDERLEIN, 2017, p. 126).

**sotaque: (s.m.)**

é aquilo que na sua boca vira poesia quando você fala. é dar roupa nova para as palavras velhas.

é quando o seu “erre” mais puxado me invade os ouvidos e faz o coração se encantar. é me deixar bobo falando “porta”, “verde” e “sorte”. é quando eu brinco imitando o seu jeitinho de falar.

é quando a cultura se expressa pela voz. (DOEDERLEIN, 2017, p. 184).

A quantidade de lexias de uma língua é imensurável. Há quem escreva livros em forma de dicionários, ainda que não faça uso de um repertório lexicográfico. Esses investigadores de lexias se permitem a escrita de livros com a possibilidade de significados abertos e dispostos a aceitação de definições criativas, sem o abandono total do que já fora aprendido, mas possibilitando o passeio pelo dizer as coisas de forma mais livre, sem o compromisso da lógica, enquanto verdade absoluta. Esses livros respeitam o lugar de fala e tendem a entregar às palavras certo grau de criatividade.

Esclareço que os dois livros fazem percursos distintos e ao mesmo tempo próximos. Distinto pela disposição e apresentação dos lemas nos livros. *O livro dos ressignificados* (2017) traz algumas páginas ilustradas por Helena Cintra e conta com um elevado número de substantivos, 151, para 14 verbos, 2 adjetivos e 1 prefixo. Totalizando 168 lemas apresentados centralizados e negritados em fontes ampliadas, contendo ao lado a classificação gramatical: (*s.f*), (*s.m, s.f*), (*v.*), (*adj.*) e (*pref.*). Abaixo, em fontes menores, os significados propostos pela imaginação criativa do autor, sem o abandono dos conhecimentos intuitivos que ele adquiriu ao longo das suas experiências.

Uma nova proposta desponta com a publicação do *Dicionário de imprecisões* (2019), dele recuperei três significados novos para lexias já dicionarizadas, são elas: definição, dicionário e frase.

**Definição**

Substantivo feminino

Tentativa, geralmente malfadada, de responder à questão O que é?, sem alcançar uma aproximação razoável ao objeto a ser definido.

Não raro é também tentativa de recortar, cercar, delimitar, excluindo mais do que explicando, mas talvez alcançando alguma operacionalidade.

A depender de uma definição, especialmente se for institucionalizada, e de sua relevância e escala alguém pode ser menos ou mais alfabetizado, gay, homem, mulher, criança, velho, solteiro ou casado e assim qualquer coisa.

Cientistas, políticos e gestores tem por hábito alterar *definições* a fim de melhorar o que chamam de *resultados*, em realidade,

números a serem divulgados aos quatro ventos e que os façam parecer eficazes e competentes.

*Redefinir* resulta de duas ou três reuniões de gabinete, que é mais fácil que efetivamente *resolver*. (RIBEIRO, 2019, p.37)

### Dicionário

Substantivo masculino

---

Há vários séculos, inventaram um livro que servisse para listar os sentidos de tudo a partir de elementos únicos chamados *palavras* ou *vocábulos*, que, no entanto, são abstrações posteriores à invenção da escrita e das invenções dela, principalmente os espaços em branco a separar itens que, de fato, seriam ditos numa corrente ou torrente.

Compõe-se tal livro de *entrada lexicais* que classificam as palavras quanto à sua morfologia, às vezes ao seu contexto de uso ou origem, mas também quanto à sua imprecisão mortal, é comum que alguém consulte um dicionário a fim de aprender, e desaprenda.

Ou que em nada se mova, até sentir-se impaciente e infeliz: *Biltre é birbante, falpórria*, o que dá na mesma, e em nada. O dicionário é um belo livro de exibir em estante de *living*, embora a maior parte das casas dos brasileiros não tenha esse cômodo.

Nas revistas de decoração, estão em profusão, causando dúvida e frustração.

Grande parte das coisas do mundo simplesmente são Desconhecidas e, então, parecem depender de um dicionário para existirem. Mas não existirão só por isso.

Desse modo, o dicionário deve ser lido com imensa fé. (RIBEIRO, 2019, p. 41).

### Frases

Substantivo feminino plural

---

1.as frases que se parecem despedidas e nem sempre são e não são podem ser tímidas despedidas e não ser mas podem escamotear medos e covardias ou simplesmente não ser sinceras o suficiente;

2.as frases que se parecem despedidas de tão desesperadas e enigmáticas podem ser confissões discretas e pequenas rebeldias;

3.as frases como *sempre vou te amar* não se parecem o que são; parecem declarações que atravessarão uma vida sem sua realização. (RIBEIRO, 2019, p. 49).

Para as citações, procurei manter a apresentação que os dois livros tem e assim poder respeitar a proposta dos seus autores.

O *Dicionário de imprecisões* (2019), com uma publicação primorosa, feita em papel Aspen 250g, tem a capa prateada, com as letras **d**, **ci**, **nr** soltas em alto relevo, papel do miolo

AP 90g, com ilustrações internas em papel transparente feita por Wallison Gontijo. As páginas transparentes possibilitam a comunicação entre as imagens e os verbetes. O livro apresenta 44 substantivos, 5 adjetivos e 1 advérbio. Os lemas são apresentados com fontes negritados contendo logo abaixo a sua classificação mais poética, que gramática: *Substantivo feminino de fretas e gretas; Advérbio, susto, tempo em transe. Instante; Substantivo masculino mas de todos os gêneros, singular; Adjetivo ou Substantivo talvez próprio, talvez comum; Substantivo masculino múltiplo, Substantivo masculino singular; Adjetivo, aqui no masculino e no singular; Substantivo masculino monogâmico – ou não; Substantivo feminino, aqui plural, como um cacho de cor forte; Substantivo feminino, aqui plural; Substantivo próprio; Substantivo feminino; Adjetivo; Substantivo masculino; Substantivo feminino; Substantivo feminino aqui no plural; Substantivo, aqui masculino e sujeito a plural; Substantivo feminino plural; Substantivo masculino, aqui plural; Substantivo masculino; Adjetivo masculino sem restrição para homens; Adjetivo; Substantivo feminino; Substantivo feminino aqui singular, sujeito plural; Substantivo masculino aqui singular, sujeito plural; Substantivo masculino dêitico; Substantivo feminino de enunciação masculina; Substantivo feminino, às vezes próprio, às vezes comum; Substantivo masculino, aqui singular; Substantivo feminino, comum a todos, mas mais às mulheres por motivo fútil; Substantivo feminino, claro; Substantivo masculino, aqui plural, embora o uso seja geralmente com artigo no singular; Substantivo feminino singular; Substantivo próprio; Substantivo feminino singular; Substantivo masculino; Substantivo feminino paradoxalmente singular; Substantivo masculino, aqui singular, em realidade, plural; Substantivo comum de dois ou mais gêneros no entanto controverso porque um se considera em sua posse exclusiva; Substantivo feminino singular; Numeral; Substantivo feminino, aqui plural; Substantivo masculino; Substantivo feminino, aqui plural; Substantivo feminino singular, segunda tentativa; Substantivo feminino singular, terceira tentativa; Substantivo feminino plural; Substantivo masculino à beira do impossível no universo das mulheres; Substantivo masculino; Substantivo masculino, aqui plural e forte.*

Essa foi então a lista da classificação poética do repertório que Ribeiro (2019) escolheu para compor o seu *Dicionário de imprecisões*. Decidi elencar todos para que fosse possível notar o grau de poeticidade que a autora nutre na trama do seu livro, mas também para que seja mais fácil compreender os jogos que aqui estão sendo propostos como atividades para fazer pensar a Metalexigrafia pedagógica e o uso dos dicionários pedagógicos.

No *Dicionário de imprecisões* (2019), logo abaixo dos lemas, uma linha separa a sessão dos mesmos e seus significados. Em alguns casos a autora dá mais de um significado ao lema, e como os dicionários de cunho científico, ela enumera cada significado.

Essas duas publicações serviram de base para o próximo jogo. Nele, os jogadores farão uso de um livro chamado *Dicionarinho Papachibé: a língua paraense* (2019), escrito pelo jornalista, nascido na região Norte, Raymundo Mário Sobral.

Depois de ter publicado cinco edições do *Dicionário papachibé: a língua paraense* (1996, 1998, 2005, 2010, 2014), com todas as edições esgotadas, o autor lançou essa nova proposta com o apoio de um jornal local chamado Diário do Pará.

Antes de iniciar o jogo, faço uma análise de alguns problemas encontrados no *Dicionarinho papachibé: a língua paraense* (2019). É necessário fazer essas observações, porque os problemas tendem a confundir mais que esclarecer as dúvidas que, possivelmente, os destinatários possam ter. Acrescento a isso, a importância de fazer um projeto antes de iniciar a pesquisa e elaboração de um livro que se dispõe a ser chamado de dicionário.

Quando um livro afirma, no decorrer das suas páginas, que se trata de um longo estudo feito em uma língua para extrair um repertório e apresentar aos seus destinatários, cabe ao autor cumprir o que se destina e assim, responder aos anseios dos seus leitores.

Começo pelo título e o conteúdo do livro em que há uma digressão. Ainda que na capa do livro o autor identifique o conteúdo como **Língua Paraense**, ora ele se refere à língua falada no Norte de Paraora, ora Papachibé, ora Parauara, ora Paraensês, entre outros nomes, provocando no leitor uma grande confusão. Abaixo segue a lista das formas que ele usa para se referir posteriormente ao que ele chamou de Língua Paraense:

- 55 vezes houve troca entre os nomes: Língua Paraense, Dialeto Paraensês, Idioma Paraensês;
- 45 vezes o autor oscilou entre os nomes: Língua Papachibé, Idioma Papachibé, Dialeto Papachibé e Língua Geral da Nação Papachibé;
- 35 vezes houve hesitação entre os nomes: Língua Parauara ou Língua Paraoara e Dialeto Paraoara;
- 4 vezes a língua local foi chamada de Dialeto Marajoara;
- 9 vezes o autor fez trocas entre os nomes Dialeto Caboclês, Idioma Caboclês e Dialeto Caboclo;
- 5 vezes hesitou entre Idioma Caboquês e Dialeto Caboquês;
- 1 vez chamou a mesma língua de Idioma Paraense;
- 1 vez usou o nome de Língua Mãe Paraense;

- 1 vez Língua Geral do Pará.

Além dessas formas que apontam a confusão entre língua, dialeto e idioma, o livro apresenta outras tantas, que decidi não citar nesta abordagem.

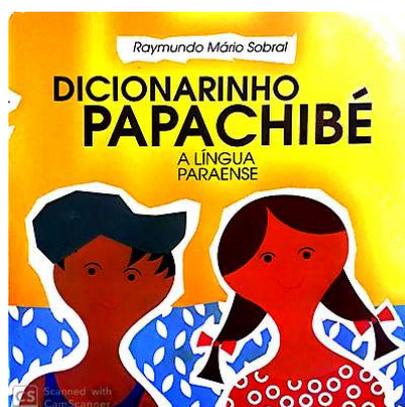
Os nomes Papachibé, Caboquês ou Caboclês apresentam um grau de desrespeito à comunidade e à língua falada pelos nascidos nos municípios do Pará e, conseqüentemente, a valorização dos que nasceram em Belém, enquanto capital, falantes de uma língua mais modificada, escolarizada.

Outros pontos desconcertantes do livro, dizem respeito à editoração:

- o livro não tem Sumário;
- não tem número de páginas;
- não tem ficha catalográfica;
- o número do ISBN aparece na segunda orelha, em um ponto escondido, em uma etiqueta colada nela, dando a impressão de que não faz parte do livro;
- o prefácio, escrito pelo professor João Carlos Pereira, faz a consideração de que o leitor estará diante de um dicionário de expressões ou frases ditas apenas na região Norte do Brasil, embora seja possível encontrar lemas que estão em uso em outras regiões do Brasil. Ainda no prefácio, a Lexicografia, como tantas vezes, foi renegada enquanto ciência que investiga a língua para elaborar os dicionários: “Um dicionarista – a pessoa que escreve dicionário – é um profissional raro. Pouca gente se dedica a este grande trabalho de amor à palavra e à língua. Normalmente, um dicionarista é um filólogo.” (2019);

Há o indicativo de que essa publicação foi pensada para infantes, mas o que realmente é oferecido são apenas algumas ilustrações que anunciam a letra do repertório que será apresentado, mas nem por isso remetem especificamente a infância, é preciso determinar e encontrar o destinatário do projeto;

Figura 16 - Capa do Dicionarinho Papachibé



Fonte: Sobral (2019).

No que se refere à capa, um dado sobressai como ponto curioso, aqui me refiro ao título e subtítulo do livro, nele o autor determina a região da língua falada que ele vai investigar para registrar no seu livro, embora no conteúdo escrito, ele transite por tantas outras formas de nomear a mesma língua. Logo em seguida chamo atenção para a página seguinte:

Figura 17 - Página para significar Medrar

<b>medrar</b> - Usado no sentido de ter medo, gelar, acovardar-se.	<b>meiota</b> - É como no idioma papachibé designa-se a bebida de um modo geral.
<b>membeca</b> - Ficar sem graça, encabular, perder o rebolado.	<b>melado</b> - Aquele que possui muita sorte, dá certo em tudo.
<b>mestre</b> - É usado indistintamente como forma de tratamento, nas mais variadas situações e desde que a pessoa seja mais idosa que o interlocutor.	<b>merecedência</b> - O mesmo que merecimento, recompensa, prêmio.
<b>me admiro de til</b> - Outra expressão com a legítima marca papachibé.	<b>metá-metá</b> - É uma forma paraense de anunciar que alguma coisa é pela metade.
<b>me arranco</b> - O mesmo que tomar o rumo, se deslocar para determinado lugar.	<b>meteu o bicho</b> - O mesmo que assaltar, roubar, render a vítima.
<b>me erra</b> - A expressão vem a ser o mesmo que me deixa em paz, me poupe, por aí.	<b>meter os peitos</b> - Adentrar em algum lugar na marra, forçar a passagem.
<b>meio de banda</b> - Significa estar um tanto aborrecido, invocado, pê da vida.	<b>metição</b> - No dialeto paraense diz-se de quem é muito intrometido, adora dar palpite em tudo.
<b>me olha</b> - No jeito característico de falar do papachibé, os pronomes sempre precedem os verbos e isso é muito raro mudar.	<b>metido a besta</b> - Presunçoso, cheio de vaidades, pedante, orgulhoso.
	<b>Metido a sebo</b> - Na tradução simultânea para os dias de hoje seria o mesmo que arrogante, pretensioso, insolente.

Fonte: Sobral (2019).

Chamo atenção para dois problemas nesta página: O primeiro problema diz respeito ao início da página, nela aparece *Medrar* como parte do repertório feito por SOBRAL (2019). O equívoco foi feito com a presença de um lema e não de uma expressão própria do Dialeto Parauara, como fora prometido na publicação do *Dicionário Papachibé: a língua paraense* (2019). Vejo aí dois problemas em um único lema: não se trata de uma expressão; além disso, **medrar** não corresponde unicamente ao vocabulário do Norte do Brasil. Assim, acontece com os seguintes lemas: *membeca*, *mestre*, *meiota*, *melado*, *merecedência* e *metição*, que escapam de ser expressões.

Para o caso de o lema **medrar**, o autor poderia ser mais fiel ao projeto do livro se tivesse feito uso da expressão comumente dita do Norte: **Tu gela é?** E assim dizer que sujeito medrou, fazendo uso assim de um exemplo de expressão muito dita no Norte e sendo mais fiel a cor local e a proposta do livro.

O mesmo acontece com o lema *Mestre* que, novamente, escapa do objetivo maior deste livro que se dispõe ser um dicionário marcado pela língua portuguesa falada na região Norte do Brasil.

O segundo problema visível ainda nesta página, diz respeito a expressão: *me admiro de ti*, nela o autor apresenta apenas a expressão, sem, de forma alguma, mostrar o seu significado para que as outras regiões tomem conhecimento. Observe a página seguinte:

Figura 18 - Página de Pai d'égua

<b>pá, casca</b> - Agora, já, imediatamente.	<b>palacada</b> - Tipo assim levar uma bordoadada, pancada, cacetada.
<b>pacamão</b> - Forte, de compleição física avantajada, gordo.	<b>palhancalhudo</b> - Gordo, balofo, grandalhão, banhudo.
<b>pacuru</b> - Dinheiro, grana, numerário.	<b>panacarica</b> - Espécie de bolsa que é usada na cintura, tipo assim uma pochete.
<b>padecente</b> - A vítima, o que está penando, o dito-cujo.	<b>panavuê</b> - Na língua paraense tem o mesmo significado de chuva forte, pampeiro, tempestade.
<b>paia</b> - No linguajar paraensês, vem a ser o mesmo que coisa à toa, insignificante, algo que não presta.	<b>paneirada</b> - Um bocado, uma enorme quantidade.
<b>pai-d'égua num é nada</b> - Trata-se de expressão típica da terra que geralmente serve para começar o relato de uma façanha.	<b>panela</b> - É como se costuma chamar no dialeto papachibé para o dente cariado.
<b>pai-d'éguaõ</b> - O mesmo que grandão, exagerado, enorme.	<b>panemice</b> - Na língua papachibé o termo tem o mesmo significado de falta de sorte.
<b>pajería</b> - No dialeto marajoara o termo tem o mesmo significado de pajelança, trabalhos de macumba, umbanda, por aí.	<b>papachibé</b> - É o apelido que designa quem nasce no Pará.
<b>pajureba</b> - Ótimo, excelente, formidável.	<b>papagaiada</b> - O mesmo que presepada, lambança, trapalhada.

Fonte: Sobral (2019).

Aqui novamente há a presença bem menor de expressões, contendo apenas duas: **pai-d'égua num é nada** e **pai-d'éguaõ**. Parece haver um apagamento do projeto inicial, ou talvez, nenhum projeto inicial tivesse sido feito. Ademais, resalto que não há nenhuma marca de classe gramatical ou investigação rebuscada no repertório.

Por fim, chamo a atenção para o significado dado ao lema **papachibé**. Retomo o que a capa do livro acusava como sendo o nome da língua e aqui, no miolo do livro, o significado muda de direção, passando a ser a pessoa nascida no Pará. Porém, quando dito a alguém, é, na maioria das vezes, com sentido pejorativo, desmerecendo a pessoa e classificando-a de pobre coitada.

Enfim, convido a conhecer o novo jogo **O giro do Curupira**. Novamente, a roleta aparece, mas desta vez ela vem com números aleatórios de 1 a 20. Esse jogo pode ser feito com uma turma inteira, na sala de aula. Todos serão convidados a jogar. Eles devem girar a seta, um de cada vez, no número que a seta parar, o jogador da vez deverá abrir o *Dicionário papachibé: a língua paraense* (2019) e seguir contando os lemas até chegar ao número que ele foi sorteado na roleta. Caso ele o livro não contemple a dúvida do jogador, ele poderá consultar *O Meu Dicionário das Coisas da Amazônia* (2014) e diante do conhecimento do significado proposto, tomará nota do lema e passará a vez ao outro, cumprindo sempre o mesmo percurso. Ao final, cada um terá que criar os significados de acordo com o que foi sorteado, sem repetir a forma de descrever traçada pelos livros consultados e tornando o lema mais compreensivo aos outros jogadores.

Os jogadores terão a chance de usar a criatividade, tomando como base os livros *Dicionário de imprecisões* (2019) e *O livro dos ressignificados* (2017) para não perderem do significado original. O objetivo é criar um ambiente de pertencimento entre os jogadores e o novo vocabulário adquirido.

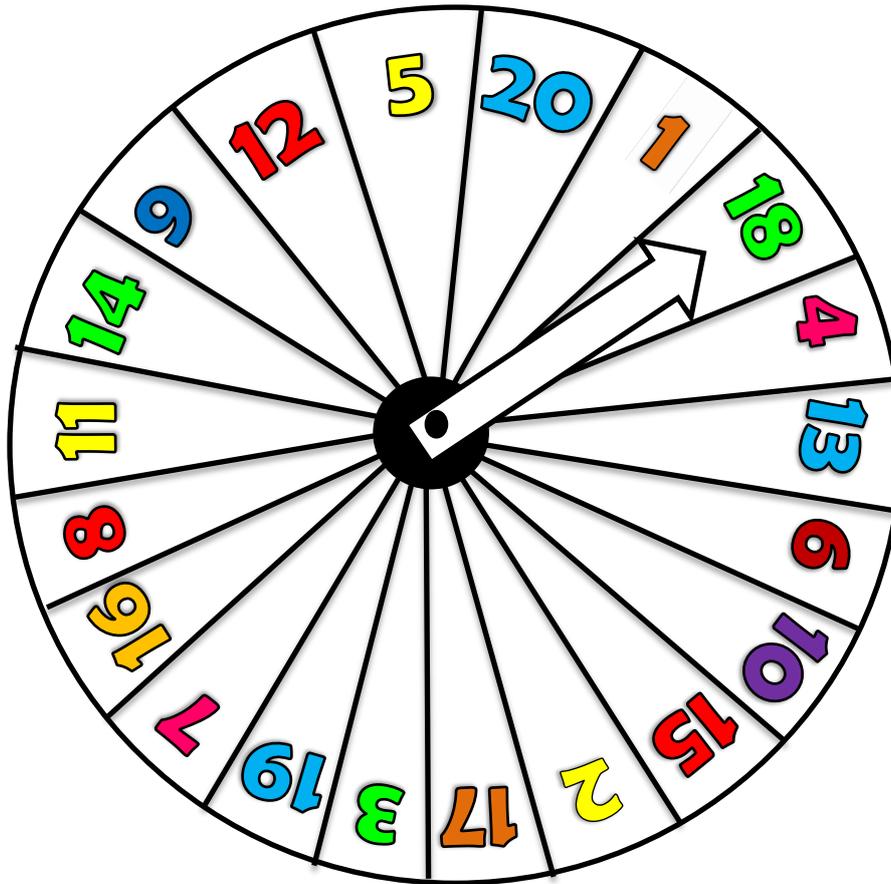
É possível que o jogador já tenha ouvido falar no lema que foi sorteado, caso isso ocorra, ele deverá conferir os saberes adquiridos e abandonar o verbete apontado nos livros de consulta. Em seguida dar uma nova classificação para o repertório usando a criatividade e expandindo a força que as lexias têm no campo de comunicação humana.

Os jogadores deverão acusar a classificação gramatical, se for verbo, substantivo, advérbio ou o gênero, para que os destinatários possam usar as lexias como parte do novo vocabulário em seus textos futuros ou em atos de fala.

O mesmo percurso deverá ser feito durante todo o jogo até que a soma das lexias adquiridas alcance todos os jogadores da turma, formando um número que favoreça a composição de um novo *Dicionário do Dialeto Parauara*, desta vez sendo de autoria dos jogadores. Os significados deverão ser lidos para toda a turma para que os participantes do jogo percebam se o verbete contempla a compreensão ou se precisa de ajustes.

Veja a apresentação da roleta e uma demonstração de como tudo pode acontecer, do início ao final da jogada:

Figura 19 - O giro do Curupira



Fonte: A autora (2020).

Figura 20 - Página sorteada



Fonte: A autora (2020).

Para a melhor compreensão da proposta, apresento um exemplo que serve como modelo nesse jogo. O número sorteado na roleta foi 18. Abri aleatoriamente o *Dicionário Papachibé; a língua paraense* (2019) e tenho “membra” para ressignificar:

### **Membra:**

Substantivo feminino comestível

---

Nome feminino de planta.

Da família das envergonhadeiras.

Tem raízes que se alongam visivelmente pelo solo.

O chá das suas folhas faz corar o rosto.

É aconselhável servir aos políticos em dias de comício.

O resultado do jogo aqui apresentado, de forma alguma, é o esperado: ele tem apenas a intenção de apresentar um exemplo que deverá, na melhor das hipóteses, ser subvertido.

Esta é apenas uma das formas de classificação criativa em que o jogador conhece os significados das lexias envolvidas no jogo e intensifica a aprendizagem quando experimenta reinventá-lo.

Todos os jogadores deverão fazer o mesmo percurso até completarem a escrita do *Dicionário do Dialeto Parauara*, falado no Norte do Brasil.

A descoberta das publicações de *O Livro dos ressignificados* (2017) e do *Dicionário de imprecisões* (2019) surgiu como possibilidade de apostar no estudo da língua em movimento. Tanto em Doederlein (2017), quanto em Ribeiro (2019) há uma fenda que os estudos da literatura chamam de “experimentações literárias”, ela aparece como um convite a escrever de um modo novo, e não reproduzir o que já vem sendo dito. Essas fendas são peças fundamentais para a boa poética e podem servir como mola, empurrando outras formas de pensar a leitura de livros de diferentes gêneros. Aqui proponho a prática do uso de dicionários. Nesse sentido lembro Luft (1997):

Para além do prosaico comunicar diário e trivial, temos a linguagem artística, que entra no terreno do imprevisível. Surpreende pelo inédito e pela criatividade. Ilumina recantos da vida, normalmente obscura, inacessíveis ao gasto linguajar comum. Sabe ser jocosa, sarcástica, diverte. E comove, tocando a sensibilidade, liberando do leitor emoções que de outra forma talvez nunca se manifestassem. (LUFT, 1997, p. 18-19).

Mas para que os dialetos portugueses das regiões do mesmo Brasil sejam reconhecidos, com seus dados de importância e não mais com o juízo de valor equivocados, melhor dizer, sem que seja ativado o uso da desvalorização deles, é preciso que as ciências: Lexicografia, Lexicologia, Linguística Geral e Linguística Aplicada se comuniquem e valorize as estruturas internas do léxico e proponha um olhar para as suas relações e inter-relações, afinal, esclarece Vilela (1994):

A lexicologia não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico, mas sim fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico duma língua. A função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma. (VILELA, 1994, p. 10).

O autor argumenta que Lexicologia não é sinônimo de Lexicografia, porém esclareço que como ciências auxiliares, uma contribui para o bom andamento da outra. Enquanto a Lexicologia permite a resistência das vozes na língua portuguesa, a Lexicografia se encarrega de tornar essas vozes visíveis quando elabora e traz a publicação dos dicionários que reúne diferentes formas de dizer o mundo e, muitas vezes, até reflexões sobre as suas peculiaridades. Portanto, os jogos lexicográficos aqui apresentados foram pensados para fazer valer as variações da língua portuguesa, dita viva em todas as regiões do Brasil. Esses jogos escapam do sentido único do entretenimento que, geralmente, são relacionadas às brincadeiras, mesmo quando determinadas à aprendizagem. Na concepção dos jogos lexicográficos, prevalece o princípio das descobertas de um novo vocabulário para a língua que falamos. Em Durão (2010) está escrito:

O elemento lúdico no processo de ensino estimula a aprendizagem, além de despertar maior interesse pelos conteúdos trabalhados no meio escolar. Esse princípio é válido tanto para crianças como para adultos. Prado Aragonés (1996, p. 39) ratifica que já foi comprovado, científica e pedagogicamente, que elementos lúdicos e criativos, acentuam o processo de aprendizagem, além de exercerem importante papel no desenvolvimento cognitivo e social. Kishimoto (1994, p. 19) defende a ideia de que o jogo educativo tem duas funções lúdicas que propicia diversão, e a função educativa, que enriquece o indivíduo pelo conhecimento adquirido. Entretanto, essas duas facetas devem ser equilibradas, para constituir o objetivo pretendido. (DURÃO, 2010, p. 58).

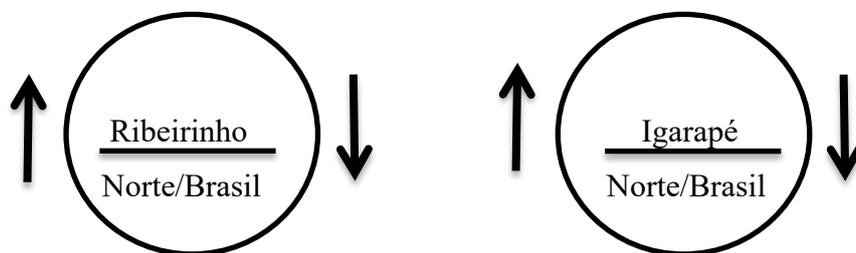
Longe de ser um momento de competição entre as pessoas envolvidas nestes jogos, também descartam as vitórias de uns sobre os outros, eles estão mais para o estímulo do crescimento individual e o percurso para fazer o leitor chegar ao glossário sabendo valorizar as regiões brasileiras, suas culturas e identidades marcadas pelo lugar de fala.

Assim, volto às considerações que os estudiosos vêm trazendo para as velhas formas de pensar a língua, Bagno (2002), por exemplo diz:

Já está mais do que comprovado que, do ponto de vista exclusivamente científico, não existe erro em língua, o que existe é variação e mudança, e a variação e a mudança não são “acidentes” do “percurso”: muito pelo contrário, elas são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas. (BAGNO, 2002, p. 72).

A fala do autor aponta para a consciência de que as variações existem como marca, ponto de orientação no mapa. Elas são capazes de revelar o ponto de origem do deslocamento dos falantes, quando estes transitam pelas regiões do Brasil. Neste sentido, elas se responsabilizam por levar os traços peculiares de cada população, nomeando-a e indicando o seu lugar de partida no mapa, apontando, quando for o caso, para o Norte, Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste ou Sul.

Mas encontrar a região, presente na variação, não anuncia por si só o todo que caracteriza esse povo, o todo que o léxico comunica se instala nos traços culturais e pessoais, que são frutos da identidade recebida pela ancestralidade. Seria, mais ou menos, da seguinte forma:



O léxico é capaz de projetar o lugar de origem do falante e vice-versa, ao usar as suas formas de comunicação. Quando, por exemplo, o falante diz: “Tomar banho naquele igarapé refrescava meus pensamentos”. Neste momento, com o uso peculiar do léxico que é dele, ele direciona o mapa para a sua região e faz o ouvinte reconhecê-lo como estrangeiro. Nesta hora, a voz do falante desenha o seu lugar de pertencimento.

O estudo aqui desenvolvido se aproxima da língua materna, observando o seu próprio funcionamento, neste caso, esta tese se mostra no campo da Metalexigrafia e também da metalíngua, pois:

Os sistemas semióticos, verdadeiros códigos culturais são transcodificáveis: eles se deixam traduzir, com maior ou menor grau de adequação, uns em outros. O sistema

linguístico traduzido chama-se língua-objeto; a língua tradutora de uma língua-objeto chama-se metalíngua. (LOPES, 2007, p. 18).

A partir do momento em que eu discurso e transfiro algumas provocações sobre a forma de falar a língua portuguesa na região Norte do Brasil, tomando como ponto de partida as histórias contadas pelos nativos, eu estou realizando uma transcodificação entre língua-objeto (histórias contadas) e a metalíngua tradutora (tese redigida sobre o assunto). Lopes esclarece bem a questão:

Se alguém realiza um filme baseado num romance, pratica uma operação de transcodificação na qual o romance é a língua-objeto traduzida, e o filme é a metalíngua tradutora. Essa primeira transcodificação pode ser seguida por outras; se eu vi o filme do exemplo acima, posso digamos conta-lo com minhas próprias palavras a um amigo que não tenha visto. Nesse caso, o filme, que era a metalíngua tradutora do romance, passa a ser língua-objeto para a nova metalíngua que é a minha narração do filme. (LOPES, 2007, p. 18).

Posso dizer que na concepção atual de tradução, o campo de compreensão se alargou. Hoje, para além do cruzamento entre línguas estrangeiras, há outras formas de comunicação e é preciso alcançar esse entendimento. É nesse ponto que o estudo metalexigráfico aqui abordado tem se empenhado por fazer valer esse entendimento. A arte vem contribuindo significativamente para isso sempre que pede a tradução do(s) sentido(s), por exemplo, na pintura, no poema, no romance, na fotografia, no filme e em tantas outras formas de dizer esse mundo.

No contraponto das questões de força que a Lexicografia é atacada, pela flexibilidade de entendimento da língua em constante movimento e pela busca dos significados das lexias usadas pelos povos distintos, esta pesquisa vem sendo traçada, numa união de força entre a resistência da Lexicografia como ciência e a Tradução Intralingual.

Da possibilidade de recriação da língua portuguesa, valorizando a cultura dos brasileiros que habitam em diferentes regiões do Brasil, surge mais um jogo: **Roda da Fortuna**. Este novo jogo serve de aprimoramento dos saberes, desta vez, a roleta aparece novamente, porém com um aspecto diferente. Os números foram substituídos pelas lexias extraídas do livro *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (2012).

A proposta é fazer cada jogador visualizar a escrita das lexias de estranhamento nas regiões distintas e ao girar a seta, pronunciar a que foi destinada a cada um. Com o exercício de dois sentidos: visão e audição, intuitivamente, outra vez os jogadores deverão procurar os significados nos livros *Dicionário papachibé: a língua paraense* (2019), bem como *O meu dicionário de coisas da Amazônia* (2014) para lembrar o falar do lugar de origem. O

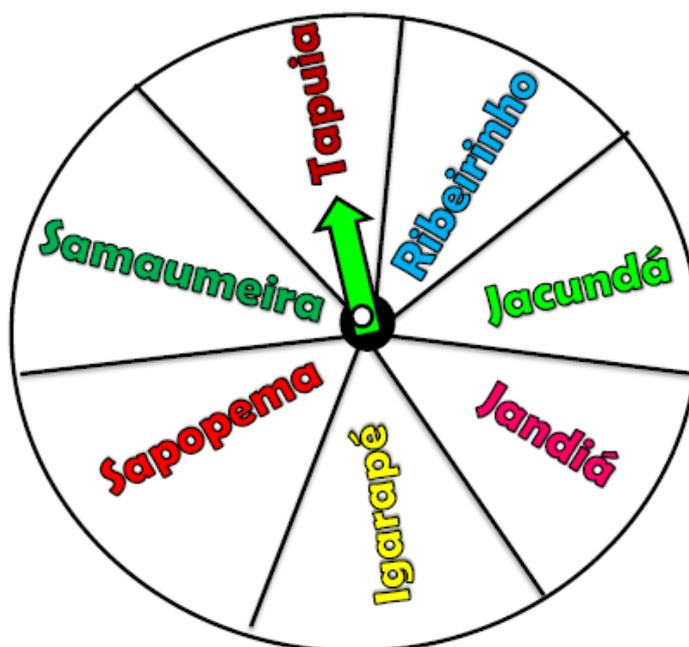
próximo passo será a criação de um texto poético, do gênero poema ou prosa curta, incluindo o vocabulário novo adquirido com os significados que receberam. Depois, com a ajuda do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia, contido nesta pesquisa, os jogadores irão buscar as formas originais para as lexias e saber da aproximação ou distanciamento que o imaginário de cada jogador possibilitou durante a partida.

O jogo finaliza com os participantes procurando correspondentes, dentro das suas regiões, para o novo vocabulário adquirido. A explicação possível para este jogo repousa nas considerações críticas de Jakobson (2003) sobre as tarefas da linguagem, quando o estudioso postula:

Ora como sabemos muito bem, uma das tarefas da linguagem é vencer o espaço, abolir a distância, criar uma continuidade espacial, encontrar e estabelecer uma linguagem comum “através das ondas”. Evidentemente, de vez que a distância entra em jogo, vemos aparecerem diferenças dialetais cada vez mais pronunciadas e numerosas. (JAKOBSON, 2003, p. 24).

Cada vez mais esta pesquisa vem reiterar as aberturas que a língua traz e as possibilidades que cada falante tem de se comunicar e ser compreendido pelo grupo do qual pode estar inserido, para tanto, é necessário que haja um acordo de linguagem a ser utilizado entre as partes que comunicam, caso contrário nascerão barreiras que possivelmente dificultarão a eficácia do diálogo. Eis então o jogo **Roda da fortuna**:

Figura 21 - Jogo Roda da fortuna



Fonte: A autora (2020)

De fato, todos os caminhos aqui percorridos, entre os estudiosos da língua, linguagem e tradução, confluem no pensamento de que: “Assim, para ser eficiente, o ato da fala exige o uso de um código comum por seus participantes”. (JAKOBSON, 2003, p. 37).

A tradução intralingual tem, portanto, grande valia comprovando a sua eficiência na passagem do imaginário de uma região à outra, quando esta faz uso da língua falada ou escrita para se expressar, no caso aqui estudado, as histórias contadas pelo grupo Cirandeiros da Palavra. Vem daí a razão primeira dos jogos apresentados neste estudo, tornando comum às outras regiões o código de fala usado por esses contadores de histórias, enquanto representantes da região brasileira que vivem.

Por alguma razão, pode ser que haja resistência em aceitar os jogos e as brincadeiras como um meio para se chegar à produção de conhecimento. Se esse for o caso, chamo mais alguns estudiosos que reconhecem no brincar a alegria de aprender. Walter Benjamin (2002), por exemplo, desponta na crença deste meio lícito de conhecimento e apresenta bons exemplos e resultados comprovados no livro *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2002). Lá está escrito:

Há um ano (13 de dezembro de 1930) o *Frankfurter Zeitung* [jornal de Frankfurt] familiarizou os seus leitores com a primeira cartilha lúdica de Tom Seidmann-Freud. Foi apresentada naquela ocasião, em seu desenvolvimento histórico, a proposta de desconstruir ludicamente a cartilha; e, ao mesmo tempo, fez-se uma referência àquelas circunstâncias que criaram os pressupostos para essa última solução, a mais radical de todas. Nesse meio-tempo o empreendimento avançou: estão publicadas agora a segunda parte da cartilha de leitura e a primeira parte da cartilha de aritmética. Mais uma vez comprovaram-se brilhantemente os dois princípios metodológicos fundamentais: a intensificação máxima do impulso lúdico mediante a mais íntima ligação entre caligrafia e desenho e a afirmação da autoconfiança infantil mediante o desdobramento da cartilha em enciclopédia. (BENJAMIN, 2002, p. 151).

Para afinar melhor a presença dos jogos neste estudo e desviar de possíveis ataques de reprovação sem conhecimento de causa, esclareço que eles cumprem aqui também a missão de tornar tranquilo o percurso que se quer entre variações da língua de partida e região língua de chegada. Desta forma, os jogos aqui criados reconhecem e favorecem a existência de subgrupos de falantes. No livro que contém as dez palestras dadas por Câmara Júnior no Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1960, Sarah Gudschinky (1979) explica como surgem esses subgrupos:

As línguas afins se desenvolvem de uma língua mater por mudanças. Toda língua apresenta mudanças – na pronúncia, no uso de várias palavras, no sistema gramatical, etc. Se os falantes da língua formassem um grupo homogêneo, todos

adotariam essas mudanças. Mas em todas as línguas existem subgrupos de falantes, que tem mais contato entre si do que com os dos outros subgrupos. (CÂMARA JÚNIOR, 1979, p. 176).

Mais uma vez os falantes da língua portuguesa aparecem em cena delimitando os seus pontos de partida, desenhando a voz a ser pronunciada e compreendida entre os que as recebem. Chamo esse acontecimento de mobilidade da língua, algo que está sempre a demarcar a resistência das variações da língua dos brasileiros que se sabem parte de um organismo vivo. Esclarece mais ainda Gudschinsky (1979):

Cada um dos subgrupos desenvolve uma maneira particular de falar, com mudanças não adotadas pelos demais. Chamamos à fala particular de cada subgrupo um dialeto da língua. Se a comunicação entre os subgrupos diminuir, aumentarão as diferenças até finalmente os habitantes de uma área não mais poderem entender os de outras, e os dialetos se tornarão língua distintas. (CÂMARA JÚNIOR, 1979, p. 176).

Como é possível perceber, as falas distintas em um mesmo país ganham lugar nos estudos linguísticos, passando a ser reconhecidas e, muitas vezes, reforçadas na ressonância dos discursos pessoais. No Norte do Brasil, há um dialeto falado por um subgrupo que recebeu o nome “Papachibé”. O nome dado ao dialeto, ou a uma parte da população que habita a região Norte do Brasil, vai cada vez mais demarcando o lugar de fala daquele povo.

Papachibé ou Papa-chibé ora aparece como nome do dialeto falado pelos nativos do lugar, ora aparece como forma carinhosa capaz de especificar parte da população local, também conhecidos como ribeirinhos, a categoria mais desfavorecida monetariamente. Porém, se investigados, os nativos, oriundos dessa categoria, não de informar que esse nome deriva do alimento capaz de sustentá-los, dando força para enfrentar o trabalho pesado na luta do dia-a-dia.

Na verdade, muitas vezes quando assim são chamados, com apelo ou tom de desrespeitosa diminuição, pretende-se marcar a classe sem condição monetária para aquisição dos ingredientes adequados para uma alimentação mais variada e se mantém com o chibé: iguaria feita com farinha de mandioca, água e sal. A forma com que é nomeada essa parte da população de Belém não sugere o gesto de carinho, mas de exclusão social ou tentativa de apagamento da sua origem.

Há, e isto é certo, outras formas que dão nome ao dialeto falado na região Norte. Sobre isso, encontrei, em vários sites da internet, os nomes: Amazofonia, Parauara e até mesmo Dialeto nortista. Mas, apesar da profusão de nomes referentes ao falar nortista, o mais frequente nos dias atuais, tem sido ouvi-los se dizerem falantes da língua Papachibé, tendo

sido reforçada com a publicação do livro escrito por Raymundo Mário Sobral, com o apoio da SECULT.

Que esta pesquisa faça reafirmar a importância do falar distinto desenhado nos mapas humanos, reconhecendo os subgrupos e suas identidades.

Antes de entrar no glossário, mais um jogo passa agora a ser planejado como tentativa do não esquecimento do vocabulário dos povos amazônidas, da região Norte do Brasil. Este jogo retoma as lexias já vistas, as que antes causavam estranhamento, para fazer a verificação do aprendido e assim, chegar até o glossário.

Do mesmo modo que o tradicional jogo, este é o **Jogo das lexias com Significados Cruzados**. Nele há várias linhas formadas por quadrados em branco, alguns na vertical, outros na horizontal. Os jogadores precisam preencher os quadrados em branco, acompanhando as pistas que o próprio jogo oferece para cada lexia a ser escrita no entrecruzamento, possibilitando ao jogador, avaliar o repertório já adquirido no percurso deste objeto de estudo.

Se bem observados, os jogos aqui propostos seguem em sentido gradativo na construção do conhecimento em teorias e práticas das lexias que nomeiam as coisas desse mundo, não só das variações linguísticas do Norte do Brasil, lançando a possibilidades de expandir os horizontes da aprendizagem da língua portuguesa e reconhecer as múltiplas raízes que ela tem. Por essas questões, vale lembrar que muitos estudiosos têm apostado no brincar ou no jogo como método capaz de despertar o conhecimento humano. Lembro aqui os estudos de Kishimoto (2002, p. 18) quando considera o jogo em três aspectos: 1. o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social; 2. um sistema de regras e 3. um objeto. O primeiro aspecto determinado pelo autor toca exatamente a abordagem que prevalece neste estudo. O autor esclarece:

No primeiro caso, o sentido do jogo depende da linguagem de cada contexto social. Há um funcionamento pragmático da linguagem, de onde resulta um conjunto de fatos ou atitudes que dão significados aos vocábulos a partir de analogias. As línguas funcionam como fontes disponíveis de expressão, elas exigem o respeito a certas regras de construção que nada têm a ver com a ordem do mundo. A designação não tem por objetivo compreender a realidade, mas de a manipular simbolicamente pelos desejos da vida cotidiana. Nossa noção de jogo não nos remete à língua particular de uma ciência mas a um uso cotidiano. Assim, o essencial de nosso léxico obedece não à lógica de uma designação científica dos fenômenos, mas ao uso cotidiano e social da linguagem, pressupondo interpretações e projeções sociais. (KISHIMOTO, 2002, p. 18-19).

Enquanto isso, Jean Chateau (1987) inaugura o seu livro *O jogo e a criança*, (1987) com a seguinte afirmativa na introdução: “O homem só é completo quando brinca”, escrevia Schiller, e a frase tem sido constantemente comentada. “Arte, ciência e mesmo religião são frequentemente jogos sérios.” (CHATEAU, 1987, p. 13). Mais adiante, o mesmo autor reforça o lugar do jogo para a humanidade, diz ele:

O jogo representa então para a criança, o papel que o trabalho representa para o adulto. Como o adulto se sente forte por suas obras, a criança sente-se crescer com suas proezas lúdicas. Um homem feito procura provar a si mesmo, e aos outros, seu próprio valor por um resultado real: obra artística, lucro de comerciante, construção de casa, filhos bem criados; aposentado que perdeu o trabalho pelo qual afirmava seu lugar na sociedade humana, seu valor social, procura um substituto desse trabalho no cuidado de seu jardim. A criança, coloca à margem dos trabalhos reais e sociais, acha um substituto no jogo. Daí a importância primordial do jogo de nossas crianças. Uma criança que não quer brincar/jogar, é uma criança cuja personalidade não se afirma, que se contenta com ser pequena e fraca, um ser sem determinação, sem futuro. (CHATEAU, 1987, p. 29).

Em síntese, penso que a contribuição dos estudos atuais sobre o brincar/os jogos, desconstrói a visão equivocada que antes era propagada quando essas atividades eram vistas como pertinentes apenas para o lazer sem fins de aprendizagem ou até mesmo quando só se pensava no brincar como meio de aprendizagem voltada para a infância. No contexto dos estudos atuais é possível notar a boa evolução humana quando experimentada por meio dos jogos.

Esclareço que os jogos aqui elaborados foram subtraídos da memória anterior, provenientes da infância que agora reaparecem com a força criativa do brincar e do aprender, neste caso o enfoque é sempre dado às lexias locais da fala da região Norte. Antes dos jogos pensados para esta tese eu já havia criado outros, sempre vindos da minha memória de infância e todos voltados para o incentivo do bom uso do livro.

Foi assim que nasceram os jogos: **Amarelinha dos medos**, jogo que acompanha a leitura do livro *A princesa sem dons para tamanha felicidade* (2019); **Jogo da velha leitura**, feito para praticar a leitura de livros de poesia, escolhido pelo gosto da leitura em voz alta; **A trilha da história**, um jogo de tabuleiro feito em um grande tapete em que os peões são os próprios leitores; **EstiLíngua de poeta**, para ler com alegria o livro de poemas *Asa de passarinho* (PORTO, 2014); **Pula e acorda**, para treinar o fôlego da leitura de poemas em voz alta; **Sabastião, o garrafeiro**, jogo que acompanha a leitura do livro *Um barco em meu nome* (2012). Esse foi feito para despertar o respeito ao nome e a identidade de cada participante. Ele deverá ser aplicado no primeiro dia de aula, tempo de começar a conhecer a classe e a classe também se conhecer com amorosidade.

Todos os jogos são criados para despertar o gosto pela leitura, por isso, ou eles vêm acompanhados de um livro, ou são acompanhados por uma história contada, valorizando a leitura pelo ouvido e a tradição da arte milenar de Contar Histórias. Nenhum desses jogos favorece a competição ou derrubada de outro jogador:

A palavra “competição” é carregada de conotações negativas, e os professores têm uma justa preocupação com o tipo de competição que provoca rivalidades e sentimentos de fracasso e rejeição, Embora também compartilhem dessa preocupação, não acreditamos que os possíveis efeitos negativos, que resultam de competição tratadas de maneira inadequada, devam nos privar de perceber os efeitos positivos que esses jogos podem ter. (KAMII, 1991, p. 269).

Proponho agora o **Jogo das Lexias com Significados Cruzados**. Novamente houve a preocupação em dar um nome ao jogo capaz de fazer lembrar o jogo original e determinar que esta não seja uma novidade, mas a adaptação de um jogo que já existiu e minha memória se encarrega reativá-lo. Essa volta ao passado e a conexão com as reminiscências de infância no desejo de recriá-las pode fazer muito sentido com o que Gregório Filho diz no seu livro *Lembranças amorosas* (2000):

Meu avô costumava dizer que tudo no mundo é espiral. Mostrava-nos fotografias e desenhos dos planetas sempre com uma luz espiral em torno. Assim os planetas distribuem suas luminosidades para todos os cantos do mundo, sublinhava meu avô. Assim também são os homens. Irradiam suas energias de forma espiral. Projetando-nos, dessa forma, podemos nos comunicar com o entorno, interagindo, agindo e reagindo. Projetando-nos e recebendo os comunicados, os sinais, as mensagens, as imagens, os cheiros; em resposta a essa distribuição de presenças. (GREGÓRIO FILHO, 2000, p. 56).

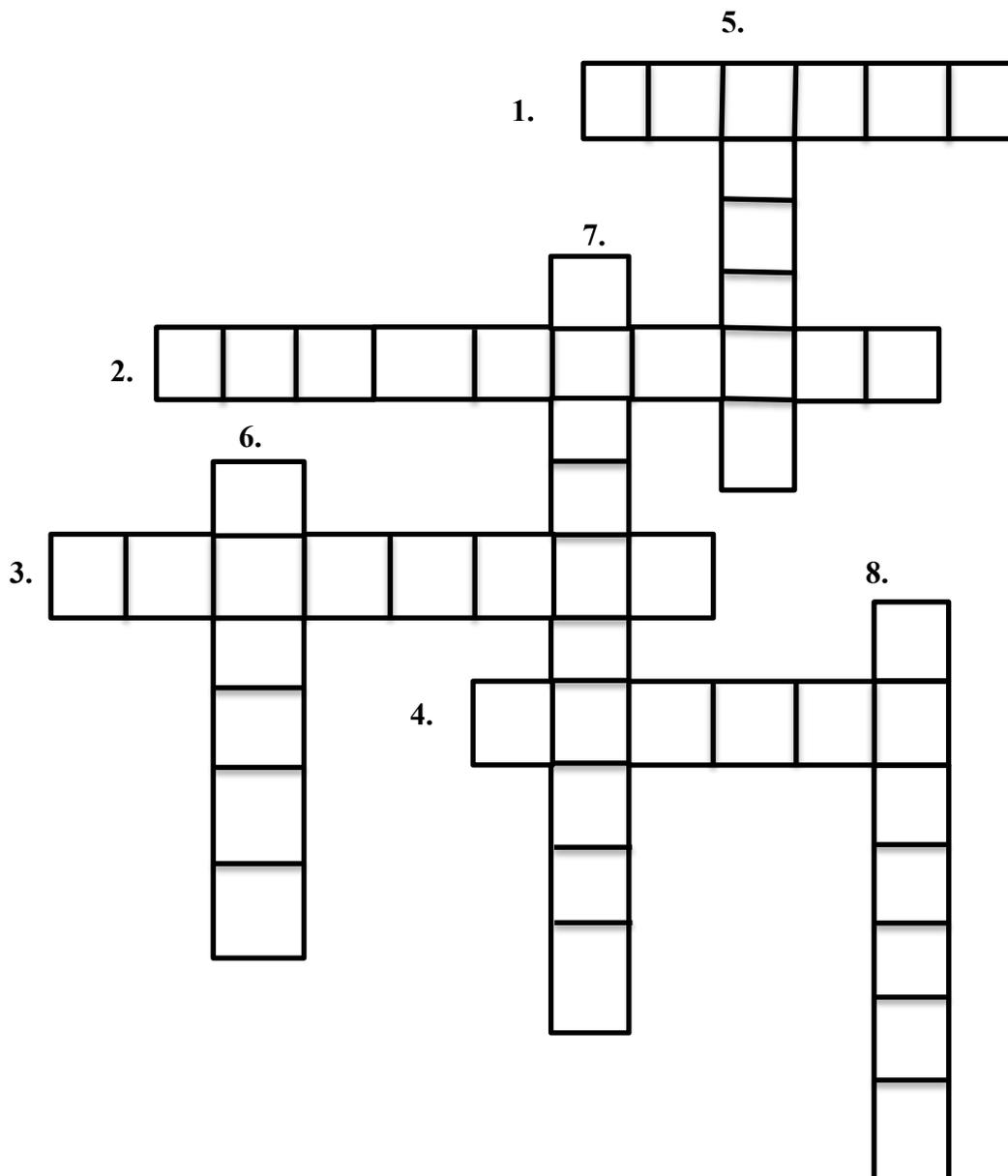
Receber esses chamados vindos dos jogos e brincadeiras de rua ou de experiências de outrora e recompor o vivido como atividade pedagógica voltada para a leitura ou o uso de dicionários em sala de aula, acrescentou a esta pesquisa um novo compromisso, sem esquecer o prometido inicialmente. Muito embora, talvez, pareça ter tomado outra direção, este estudo se assemelha ao espiral proclamado por Gregório Filho (2000) quando se volta para a memória de infância e quando retoma o pretendido desde o início desta tese.

O **Jogo das Lexias com Significados Cruzados** faz a verificação do conhecimento adquirido de algumas lexias identificadas como variações linguísticas da região Norte encontradas nas histórias contadas pelo grupo Cirandeiros da Palavra na publicação do livro aqui investigado. O jogador identificará as lexias através das pistas que os seus significados indicam e assim ele irá preencher os quadrados em branco até completar o jogo.

Inspirado no antigo jogo de Palavras Cruzadas datado do séc. IV a.C, apesar do tempo que ele carrega, é possível encontrá-lo em várias versões nos dias atuais, presentes em jornais, revistas e até mesmo em livros didáticos. E agora ganha essa versão específica para o que proponho:

### Jogo das Lexias com Significados Cruzados

Figura 22 - Jogo das Lexias Cruzadas<sup>16</sup>



<sup>16</sup> Respostas do jogo - HORIZONTAL: 1. Imbira. 2. Ribeirinho. 3. Sapopema. 4. Tapuia. VERTICAL: 5. Boiuna. 6. Igarapé. 7. Samaumeira. 8. Jacundá.

## HORIZONTAL:

1. Substantivo feminino. Casca ou cipó retirados de árvores típicas da Amazônia que servem para amarrar;
2. Substantivo masculino/Adjetivo. Moradores das margens do rio, vivem do que a natureza lhes dá;
3. Substantivo feminino. Raiz que se desenvolve junto ao tronco da maior árvore da Amazônia. Emite som quando tocadas por objetos, servindo para a comunicação entre os indígenas;
4. Substantivo de dois gêneros. Tratamento destinado às mulheres e à criança indígena, tanto menina, quanto menino.

## VERTICAL:

1. Substantivo feminino. Cobra gigante adormecida embaixo da Basílica de Nazaré, na cidade de Belém do Pará, Norte do Brasil;
2. Substantivo masculino. Lugar onde há a aglomeração de água translúcida que serve para o banho, lavar louça e roupa e para o divertimento;
3. Substantivo feminino. Árvore reconhecida como rainha das matas, árvore da vida, uma das maiores árvores da região amazônica;
4. Substantivo masculino. Peixe de água doce, com escama, corpo alongado e boca grande.

Considerando o pensamento da atualidade sobre a contribuição do lúdico para a aprendizagem, este capítulo propõe o gosto pelo aprender, despertando a criatividade que a língua portuguesa tem. Embora o sistema muitas vezes a reprima, procurando mantê-la no ensino tradicional, ditando o que é “certo” ou “errado” através da gramática normativa veiculada pelos livros didáticos que o mercado oferece e os consumidores, na maioria, aceitam sem questionar e desta forma asseguram o preconceito linguístico que Bagno (2013, p. 23) diz ser *invisível*. Esclarece o autor:

No âmbito do Estado brasileiro, por exemplo, vemos com grande satisfação o surgimento de instituições oficiais de combate ao racismo (Como Secretaria Especial de Política de Promoção de Igualdade Racial, criada em 2003), ao sexismo (como a Secretaria Especial de Política para Mulheres, criada em 2002) entre outras iniciativas semelhantes voltadas para a inclusão social de segmentos historicamente marginalizados e oprimidos. (BAGNO, 2013, p. 24).

Bagno prepara o pensamento do leitor para receber o raciocínio crítico sobre as ações que regem o uso da língua tanto falada, quanto escrita e o descaso com as peculiaridades na comunicação de cada povo, que se sabe capaz de alimentar o multilinguismo existente e resistente, apesar de tudo.

Ainda empenhada em fazer valer a aprendizagem em estado de alegria e encantamento e também procurando compreender a língua como um organismo vivo, por isso podendo ser aprendida com jogos e brincadeiras, lembro aqui um trecho da introdução do livro *O jogo e a criança* (Chateau, 1987, p.13), quando o autor pergunta “Por que a criança brinca?” Ali, numa das páginas do livro, ele mesmo desponta com a resposta:

Perguntar por que a criança brinca, é perguntar por que é criança. "A infância serve para brincar e para imitar", diz ainda Clarapède. Não se pode imaginar a infância sem seus risos e brincadeiras. Suponhamos que, de repente, nossas crianças parem de brincar, que os pátios de nossas escolas fiquem silenciosos, que não sejamos mais distraídos pelos gritos ou choros que vêm do jardim ou do pátio, que não tivéssemos mais perto de nós este mundo infantil que faz a nossa alegria e o nosso tormento, mas um mundo triste de pigmeus desajeitados e silenciosos, sem inteligência e sem alma. Pigmeus que poderiam crescer, mas que conservariam por toda a sua existência a mentalidade de pigmeus, de seres primitivos. Pois é pelo jogo, pelo brinquedo, que crescem a alma e a inteligência. É pela tranquilidade, pelo silêncio – pelos quais os pais às vezes se alegram erroneamente – que se anunciam frequentemente no bebê as graves deficiências mentais. Uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar. (CHATEAU, 1987, p. 14).

Para melhor compreender a dimensão que hoje vem tomando o brincar e o jogar, eu precisei revisitar os meus espaços interiores, onde guardei o riso nas horas de descoberta, os espantos ao perder uma partida e a felicidade de poder, em outro momento, vencer. Somando essas experiências vividas, cheguei ao resultado da aprendizagem adquirida sem a imposição, por isso, posso dizer da importância que este capítulo traz para esta pesquisadora, no sentido de ajustar melhor as variações que o dialeto falado no Norte do Brasil, propõe às outras regiões quando chegam até elas através das histórias contadas nas publicações do livro aqui investigados, objeto de estudo desta tese.

Quanto mais leio sobre os brinquedos e os jogos, mais minha consciência recai sobre o papel que eles desempenham na história da aprendizagem e evolução humana. Brougère (2010, p. 21), diz que: “o brinquedo vai propor à criança uma imagem que exalta o adulto, cujos traços e atividades o transformam num personagem que merece interesse”. Em seguida, o autor aponta os riscos que assumo quando dou um brinquedo a uma criança, procurando manter os valores criados pela sociedade. Por exemplo, quando dou um carro ao menino e uma boneca à menina, eu limito o lugar, a ocupação que cada um merece ter no mundo. Neste

caso, volto ao autor: “A imagem torna-se a própria expressão da função do brinquedo, portadora dos valores simbólicos que lhes conferem uma significação social.” (BROUGÈRE, 2010, p. 22).

As teorias do brincar aparecem aqui com o propósito de assegurar a importância deste capítulo, sabendo que ele traz a criação de jogos ou brincadeiras voltadas tanto para o uso de dicionários, relembrando o compromisso com a Lexicografia, como outras publicações que se aproximam do estudo das lexias investigadas e seus significados.

A ideia surgiu de uma prática já desenvolvida anteriormente com a criação que eu chamei de **Brinquedos Poéticos**. Nesse primeiro momento, eu me lancei até as minhas reminiscências, ou seja, os fragmentos da memória das brincadeiras de infância. De lá veio a ideia de recriar esses jogos dando a eles o suporte do livro e da leitura, ampliando a associação do lúdico com a aprendizagem. Depois disso, não parei de recriar jogos e brinquedos que possam contribuir para a aprendizagem e venho pondo em prática para saber se funcionam como fora idealizado no projeto de criação.

Eis alguns deles postos em prática, como exemplo do que venho dizendo. O jogo **Trilha da História**, um jogo que equivale a um tabuleiro, com os peões e o uso de um dado. Este jogo se assemelha aos seguintes jogos: Damas, Gamão, Ludo. A diferença do tradicional para a recriação, está na presença de um livro com uma história narrada. Ele deverá ser lido antes de começar a fazer os peões percorrerem a trilha e executarem as tarefas que o jogo pedir:

Figura 23 - Trilha da história



Fonte: A autora (2020).

Outro exemplo é a reinvenção do jogo de amarelinha. Neste caso, tomei emprestado o mesmo desenho do jogo tradicional, porém novamente o livro aparece dando uma nova função ao jogo:

Figura 24 - Amarelinha dos medos



Fonte: A autora (2020).

O nome do jogo passou a ser **Amarelinha dos medos**, considerando que ele propõe a leitura do livro: *A princesa sem dons para tamanha felicidade* (RIBEIRO, 2019). Este livro conta a história de uma princesa que tinha uma coleção de medos, que aos outros poderiam parecer improváveis, mas para a princesa, personagem do livro, os medos, por menores que pareçam, são grandes desafios: medo de viajar sozinha, medo do mar e medo de comer peixe com espinha. O jogo traz na sua primeira casa a pergunta: “Qual seu medo mais medonho?” Ao jogar a pedra e saltar para a primeira casa, o jogador deverá responder a pergunta, ao respondê-la, ele receberá uma coroa escrito o medo que ele tem e avançará saltando na amarelinha até chegar ao lugar que seria o céu Lá está o livro, ele terá que pegar o livro e ler a história em um pé só, mantendo o equilíbrio para seguir pela vida, apesar do medo que tem. Cada casa que o jogador avança, ele vai tomando consciência do medo que tem e avançando de casa em casa o jogo lhe proporciona vencer o maior medo que ele tem.

Tão igual ao tradicional, **Amarelinha dos medos**, é um jogo que consiste em pular em um diagrama desenhado, neste caso, em um tapete de tecido. O jogo tem duas pedras que conduzirá os jogadores a avançar nas casas, sem “queimar”, ou seja, sem pisar sobre o traçado ou deixar a pedra cair sobre as linhas do traçado. Caso isso aconteça, o jogador passará a vez ao outro.

O nome desse jogo difere de uma região a outra do Brasil, marcando novamente a variação da língua que falamos. Desta forma, o mesmo jogo se apresenta com os seguintes nomes: Amarelinha, Sapata, Pula Macaco, Macaca, Jogo de Pedrinha e quem sabe até outros nomes que eu não tenha descoberto até este momento da pesquisa.

Na recriação que fiz, escolhi o nome de **Amarelinha dos medos**, embora na região Norte ele receba o nome de Macaca, porque cada jogador participa pulando de casa em casa, assim como a macaca pula de galho em galho. O nome foi escolhido para ampliar o alcance do jogo e brincar com a proposta do livro, quando penso em medo, lembro-me da expressão “amarelou de medo”.

Figura 25 - Tapete da Amarelinha dos medos



Figura 26 - As duas pedras do jogo



Fonte: A autora (2020).

Ainda como parte da memória de infância surgiu o **Jogo da velha leitura**. Esse jogo é composto por um tabuleiro e cinco botões de cores diferentes para cada jogador. Dois jogadores são convidados a entrar na brincadeira. O jogo permanece igual ao tradicional, modificado pela presença de um livro, quem perder terá que abrir o livro e ler o poema numa escolha aleatória. Eis o **Jogo da velha leitura**:

Figura 27 - Jogo da velha leitura



Fonte: A autora (2020).

Depois do breve percurso da minha história de recriação das brincadeiras e jogos de infância, apresento o último jogo da série lexicográfica, idealizado com a finalidade de valorizar, ou melhor, para incentivar o uso mais frequente de dicionários pelas crianças e adultos, e desta forma, estimular o conhecimento das várias formas do falar brasileiro.

Devo dizer que quando nomeei as atividades ora **jogo**, ora **brincadeira**, foi por reconhecer que entre elas existam diferenças sutis, mas importantes e, as duas atividades se mostram aqui não como sinônimas, mas como parte constituinte da memória que, nesses momentos, foram revisitadas. Para esclarecer um pouco mais, chamo a atenção para o estudo feito por Kishimoto (2011, p. 20): “Diferindo do jogo, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização”.

Das tantas descobertas feitas durante esta pesquisa, foi possível criar uma cronologia da aprendizagem com a investida de cada jogo para o bom uso da língua que o Pará fala. Assim nasceu o jogo **Saia de dentro da Boiuna**

**Saia de dentro da Boiuna** é uma recriação do jogo **Saia de dentro da cobra**. Uma das grandes descobertas desta pesquisa, encontrada no livro *Quer jogar?* (2010). Esta é uma variação do jogo de trilha, originário do **Jogo de ganso**:

Na época em que foi inventado, era um jogo carregado de simbolismo. A começar pela figura do ganso, tão importante na Grécia antiga, onde era considerado um animal sagrado e símbolo da fertilidade. Na Europa medieval, a ave era tão presente

no cotidiano quanto um bicho de estimação, além de eficiente “cão de guarda”. (KLISYS, 2010, p. 134).

A importância simbólica desse jogo faz com que ele se mantenha até os tempos atuais com suas variações. Porém, o **Jogo do Ganso** assegurava a sua importância, porque servia à sociedade como forma de desenvolver o pensamento, a reflexão sobre a existência humana:

Originalmente, o tabuleiro tinha um cunho forte de representação do percurso da vida, suas virtudes e vícios, com figuras de acentuada significação simbólica. Cada uma das casas, a ponte, o poço, o labirinto, tinha um sentido muito presente para a população. (KLISYS, 2010, p. 134).

Vem daí a ideia de recriação do jogo dando à cobra o nome da Boiuna, pelo simbolismo que tem nas histórias contadas na região Norte e desta forma, manter o elo que liga o jogo atual com o seu princípio e não deixar a memória ser apagada, afinal diz Fernandes (2004, p. 111): “Eu sou o que fui ontem e o que sou hoje. Mas é tempo de partir, encontrar partes e seguir”. Desta forma, o objetivo é não deixar cair no esquecimento a origem de cada ponto desta pesquisa, para além da Lexicografia, ela atravessa outro viés: a literatura oral e por assim dizer, a permanência da memória através dos seus mitopoéticos, como a Boiuna, por exemplo. Neste sentido, cito novamente Fernandes (2004):

[...] precisamos encontrar o “entre-lugar”, e digo, encontrar a “entremeagem” de nosso discurso, no jogo fluente que parta da universalidade colonizadora e etnocêntrica para a verdade da universalidade diferencial. O ponto de partida e de chegada, nessa questão, é encontrar o “ponto do doce”, lugar em que se agudizam nossas dificuldades epistemológicas em caracterizar a literatura produzida na e para a Amazônia como sendo portadora ou de uma expressão mais local ou de uma expressão mais universal. (FERNANDES, 2004, p. 112)

É possível perceber que, cada vez mais este estudo atravessa um circuito que vai do ponto de partida ao ponto de chegada e quando a fórmula desse percurso mistura o dialeto local com a literatura produzida na Amazônia, é porque uma contribui para que a identidade da outra seja transportada, através da voz, ressoando os traços da sua identidade. Afinal, esclarece ainda Fernandes (2004):

A auto-designação de uma identidade freqüentemente ocorre quando nos sentimos ameaçados em nosso *modus vivendi* pelo estrangeiro ou quando precisamos auferir benesses políticas, marcando nosso território frente ao Outro. (FERNANDES, 2004, p. 114).

O jogo **Saia de dentro da Boiuna**, pressupõe o lugar de fala e, por conseguinte, a identidade do falante, demarca o espaço geográfico de quem fala, quando instiga a busca do

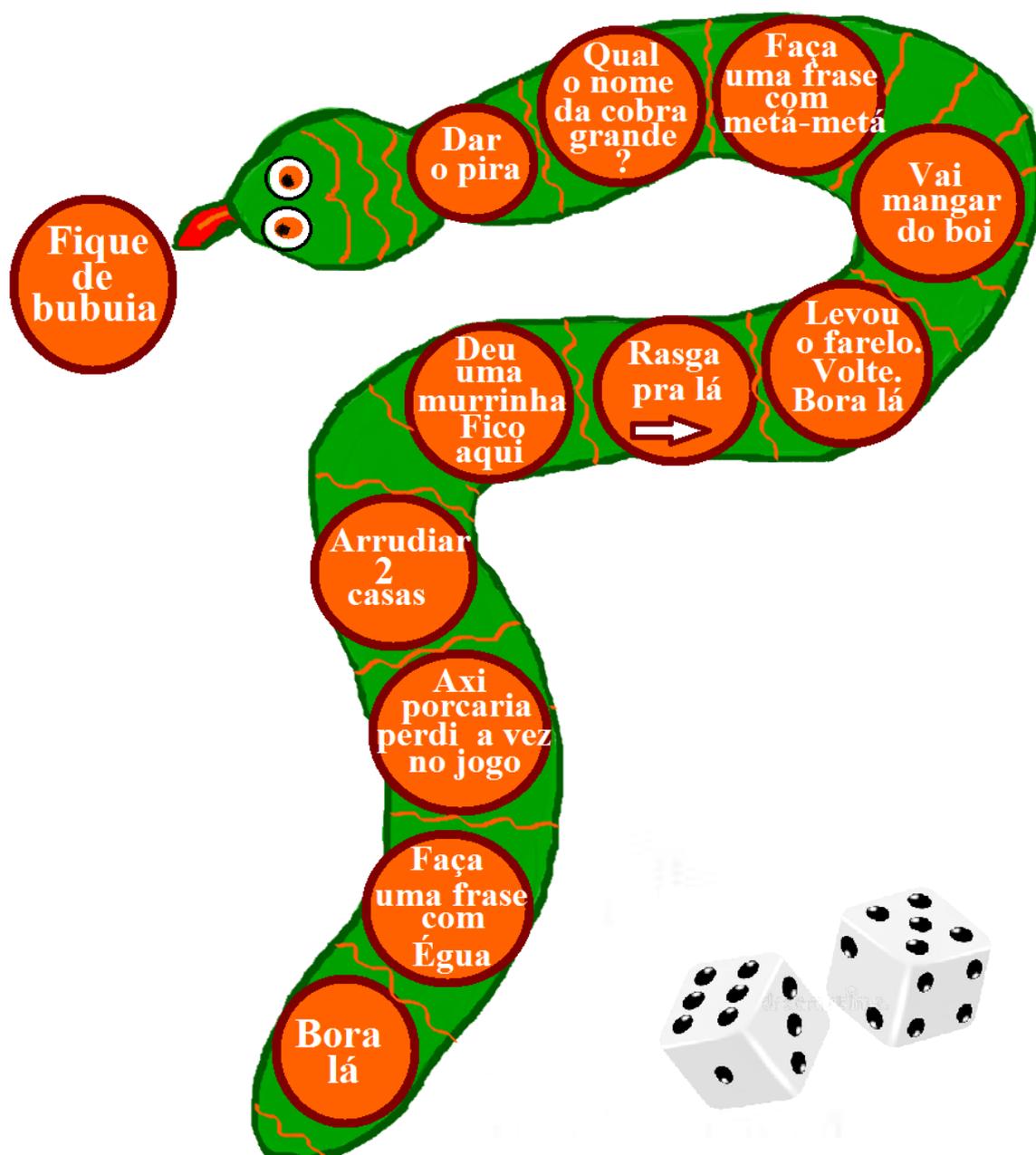
desconhecimento e posteriormente o conhecimento dos jogadores, provenientes de outra região do Brasil.

É um jogo composto por dois dados e um tabuleiro com o desenho de uma cobra, aqui chamada de Boiuna. No contorno do corpo da Boiuna há casas, algumas delas são provocações para testar o conhecimento dos jogadores sobre as variações linguísticas da Amazônia. A largada acontece na casa “Bora lá”. Para cada provocação, caso seja confirmado o desconhecimento da expressão ou lexia, o jogador poderá consultar o *Dicionário Papachibé: a língua paraense*, 2019 e assim cumprir a etapa e dar continuidade no jogo até sair de fato de dentro da Boiuna, isso acontecerá quando ele chegar à casa “Fique de bubuia”.

Veja agora o jogo **Saia de dentro da Boiuna**. A ideia primeira era de um jogo feito para servir de incentivo de consulta do *Dicionário papachibé: a língua paraense* (2019). Porém, quando experimentado, notei que era necessária a busca de outro livro que tornasse o jogo mais dinâmico na corrida pelo bom significado. Foi assim que entrou para o jogo *O meu dicionário de coisas da Amazônia* (2014) para que os jogadores descubram se os verbetes que eles apresentam são capazes de gerar a compreensão dos lemas. Caso não correspondam ao previsto, os jogadores trocarão ideias sobre o verbete para tornar mais próximo da compreensão do repertório.

Figura 28 - Jogo Saia de dentro da Boiuna I

# Jogo Saia de dentro da Boiuna



Fonte: A autora (2020).

Da primeira versão desse jogo até os dias atuais, o mesmo sofreu adaptações. A sua primeira versão foi testada em Valladolid, cidade da Espanha, onde se realizou o XII Encuentro Internacional del Grupo de Investigación Diccionarios Contrastivos, na Facultad de Filosofía y Letras, quando o jogo foi, ao mesmo tempo, apresentado e testado.

Depois de aplicado, o jogo **Saia de dentro da Boiuna**, o tabuleiro foi reelaborado e ganhou peões correspondendo aos mitopoéticos da Amazônia: Uiara, Boto e Curupira. Esse é o resultado atualizado dos jogos criados durante a pesquisa:

Figura 29 - Jogo saia de dentro da Boiuna II



Fonte: A autora (2020).

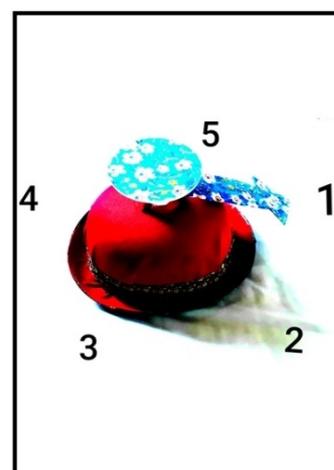
O jogo completo traz um tabuleiro feito em tecido. No centro do tabuleiro há uma Boiuna com as casas a serem percorridas e três peões que serão guiados pelos jogadores e um dado.

Dois novos jogos: **Corrida do Saco** e **Roda da Fortuna**

Figura 30 - Corrida do saco



Figura 31 - Tapete da Roda da fortuna



Fonte: A autora (2020).

O jogo **Corrida do saco** foi criado para repertoriar o Glossário Poético. O saco feito de tecido e contem todas as lexias selecionadas das histórias contadas pelo grupo Cirandeiros da Palavra. Os jogadores são convidados a sentar formando um círculo. Um jogador é escolhido para correr por trás dos outros e encostando o saco na cabeça dos jogadores sentados ele cantarola: Anabu, bu, bu, quem sai é tu, pelo rabo do tatu. Ele circula cantarolando por três vezes, na terceira vez, quando ele disser “tatu”, o jogador que foi tocado deverá abrir o saco e retirar uma fita de tecido com uma das lexias. Caberá a ele criar aquele verbete indicado no jogo para o Glossário Poético. Assim ele sai do círculo e será o próximo a cantarolar dando continuidade ao jogo. O jogo se assemelha com a brincadeira Corre cutia. Nele três fragmentos da minha memória de infância foram acionados: “Corrida do saco”, “Anabu bu bu” e Corre cutia.

O jogo **Roda da Fortuna** foi refeito em um tapete de tecido contendo parte do repertório do Glossário das vozes que contam na Amazônia e um chapéu com uma seta no topo dele. Um jogador é convidado a sentar no centro e girar a seta sobre o chapéu. A direção que a seta parar, indicará qual a lexia que o jogador foi sorteado. E assim por diante.

A entrada dos jogos nesta pesquisa veio como um acerto de contas com o livro mais abandonado nas bibliotecas. Se pararmos para pensar sobre o lugar que o dicionário costuma ocupar nas salas de aula e até mesmo nas bibliotecas particulares, possivelmente se pode ter uma pequena lista do tempo de uso desse objeto. Ocorre que o dicionário costuma ser entendido como: “livro grosso, pesado, incômodo para transportar por causa de suas formas avantajadas, caiu no esquecimento e, segundo o depoimento de leigos, não é mais utilizado pela maior parte das pessoas”. (DURÃO, 2010, p. 45).

Uma das inquietações que me visita nos últimos tempos é a forma cada vez mais reduzida com que o dicionário vem sendo usado. O consulente, na maioria dos casos, só é provocado a usá-lo no curto tempo em que uma lexia desconhecida se manifesta e atrapalha o desenvolvimento de alguma tarefa que ele executa, em textos que lê, ou em algum diálogo no qual ele está inserido ou presencia.

Ao longo da formação de leitor, ele é conduzido a ter resistência ao bom uso do dicionário, enquanto objeto capaz de proporcionar transferência ou troca de vocabulário para a sua coleção de argumentos de fala ou de escrita.

Aqui cabe dizer que é possível fazer uso do dicionário não mais com o rótulo pejorativo de “pai dos burros”, mas reconhecê-lo da seguinte forma: “[...] representante do acervo cultural de uma sociedade, como um definidor de cada autor, como concepção de linguagem privilegiada ou como instrumento didático-pedagógico”. (DURÃO, 2010, p. 47). E

dar dignidade a ele, provocando outras formas de aceitação do mesmo e propondo o seu uso de maneira lúdica para que haja afeto entre leitor e livro. E as lexias contidas nele se reconheçam enquanto parte da língua, esse organismo vivo, que tantos estudiosos se debruçam em pesquisar.

Todos os jogos aqui elaborados escapam do sentido único do *entretenimento* que geralmente são condicionados no pensamento dos adultos. Na concepção dos Jogos Lexicográficos prevalece o princípio das descobertas de um rico e potente vocabulário diferenciado dentro da língua portuguesa, aquela que chamam língua geral. Estes jogos também não estão voltados somente para a competição entre as pessoas envolvidas neles. Não prevalece a vitória de uns e derrota de outros, mas o estímulo ao enriquecimento individual da língua que falamos e o reconhecimento do percurso que os jogadores fazem para alcançar o Glossário das Vozes que Contam na Amazônia, reconhecendo-a como região brasileira com falantes de uma língua portuguesa tão importante com suas peculiaridades culturais e indenitárias:

A enunciação da palavra ganha em si mesma valor de ato simbólico: graças a voz ela é exibição e dom, agressão, conquista e esperança de consumação do outro, inferioridade manifesta, livre da necessidade de invadir fisicamente o objeto de seu desejo: o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências. (ZUMTHOR, 2010, p. 13).

Revisitar Zumthor (2010) ressignifica o percurso deste trabalho, haja vista que esse suíço, crítico literário, historiador da literatura e linguista sabe, como ninguém, compor a paisagem feita durante as contribuições que a literatura tem pra emprestar à linguística e vice versa. No mais ele reproduz essa imagética contribuição nas teorias que deixou:

Cada sílaba é sopro, rimado pelo batimento do sangue; e a energia deste sopro, com o otimismo da matéria, converte a questão em anúncio, a memória em profecia, dissimula as marcas do que se perdeu e que afeta irremediavelmente a linguagem e o tempo. Por isso a voz é palavra sem palavras, depurada, fio vocal que fragilmente nos liga ao Único. É o que os primeiros teólogos da linguagem, no século XVI, chamam de verbo... a “voz fenomenológica” de Husserl, aquém do “corpo da voz”; a voz que é consciência; que será habitada pelas palavras, mas que verdadeiramente não fala nem pensa; que simplesmente trabalha “por nada dizer”, petrificando fonemas, e para quem o discurso pronunciado tem lugar quando lhe toca a razão de ser. (ZUMTHOR, 2010, p. 12).

Porque, este capítulo já cumpriu a sua razão de ser e já soprou cada sílaba que julgava ter utilidade e quiçá ser aproveitado por outros que atravessaram com seus olhares estas páginas, Zumthor (2010) me faz pensar que estou emaranhada em um novelo de memória,

que a mim parece gigante, mas para tantos outros, já se perdeu e só saberão do que lhes falo se pelo discurso aqui mediado, for tocado... Pausa até o virar da próxima página e continuar a viagem.

## 5 POUSO AUTORIZADO NO GLOSSÁRIO DAS VOZES QUE CONTAM NA AMAZÔNIA

Eu só faço travessura com palavras.  
Não sei nem me pular quanto mais obstáculos.  
(BARROS, 2013. p. 426)

Esta viagem para chegar ao Glossário das Vozes que Contam na Amazônia não tem o seu tempo de voo previsto no ritmo dos relógios reais. O tempo aqui é medido pelo grau de interesse que o estudo proporciona a cada leitor. Antes da aterrissagem, um pouco mais sobre Belém.

Antes, Belém/Pará era uma cidade de clima tropical, com pluviosidade bastante favorecida ao longo do ano, porém devido ao desmatamento constante na região, sem as benesses do replantio e com o excesso de construções de prédios, verdadeiros arranha-céus, forçando a cidade a entrar no ranking das grandes capitais, o clima vem sofrendo graves distorções. Na Belém de outrora, a população marcava seus compromissos antes ou depois da chuva, isso quer dizer, a hora indefinida e medida pela natureza.

As visitas para o café da tarde, as idas ao cinema, os namoros nos bancos das praças, os piqueniques, as caminhadas no parque, as reuniões de negócios ou os assaltos a banco, tudo era medido pelo “relógio” da chuva. Pelo menos era assim que as outras regiões ouviam falar deste lugar.

Com a chegada da tecnologia de ponta, com seus tratores sofisticados, máquinas comandadas pelo homem que trituram árvores em minutos, o relógio climático da região enlouqueceu. Hoje durante quase o ano inteiro, há uma zona muito quente que reserva as chuvas apenas para o final e para o início do ano, período que os nortistas chamam de inverno, tempo em que a temperatura torna-se mais moderada, por conta das fortes chuvas.

No mais, algumas ruas são asfaltadas, as casas gradeadas e algumas crianças ainda podem ser vistas correndo, empinando pipa, embora isso tenha ficado reservado à classe periférica. No centro, quando uma criança atravessa a rua, no sinal fechado, é muito provável vê-la limpando o para-brisa dos automóveis ou vendendo algum objeto, ou ainda pedindo dinheiro comandado por algum adulto atrás do muro da sua existência. Belém: só mais um lugar comum; só mais uma grande capital do Brasil.

Vieira (2010), um poeta amazônida, desenhou a Belém atual no poema Memorial ao fim da infância:

desde pequeno sofro esse desfalque,  
uma rua esticada no terminal rodoviário

ao fim do mundo – porta de casa, o baque  
de menino sem cidade, sobranceiro, refratário

hoje, favelas nos baixios, construtoras e seus  
escravos por mãos famintas, um osso  
emendado em outro pronto a se soltar, meus

estames desprotegidos, ruas sem cor ou corola.  
no meu bairro, emboscada, revólver sem bala?  
arma de brinquedo? Ou o menino, no ataque,  
sentiu pena do outro agarrado a *bike* ? (VIEIRA, 2010, p. 19)

Antes do pouso, organizo minha bagagem mental, recapitulando cinco pontos de descobertas necessárias para levar ao desembarcar deste estudo. O primeiro ponto diz respeito ao nome e a essência do ser, relembra Biderman (1998):

Em muitas religiões e culturas acredita-se que foi a linguagem que ordenou o caos primitivo transformando-o num cosmos significativo. Cada cultura foi ordenando, a seu modo, o caos primevo através de seus mitos. A palavra assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos. Por ser mágica, cabalística, sagrada, a palavra tende a constituir uma realidade dotada de poder. Os mitos falam dos segredos e das essências escondidas na palavra instituidora do universo. (BIRDERMAN, 1998, p. 81).

Hoje, reservo um lugar à ciência da Lexicografia, quando penso no estudo dos nomes das coisas desse mundo com o reconhecimento do tempo, esforço, análise e resultado da análise a que o lexicógrafo se submete ao definir cada repertório gerando os verbetes do dicionário, vocabulário ou glossário que irá oferecer ao seu destinatário. Não me permito mais duvidar das descobertas que desencadearam o meu pensar e acreditar na subárea dos Estudos Linguísticos como ciência.

O segundo ponto dá sustentação ao entendimento do objeto de estudo da ciência Lexicografia e reconhece as conclusões que esta pesquisa foi gerando no âmbito do estudo do léxico e da necessidade e utilidade da elaboração do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia. Isto posto, apresento um dos conceitos do léxico capaz de dar confiabilidade aos resultados obtidos com as hipóteses aqui levantadas:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico numa comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes numa comunidade. (VILELA, 1994, p. 6).

Assim, durante cada capítulo os pontos aqui retomados foram se aproximando das histórias contadas pelo grupo Cirandeiros da Palavra com o reconhecimento das variações

diatópicas, quando estas demarcam a região dos falantes com seus traços culturais, enquanto representantes da comunidade em que vivem.

O terceiro ponto diz respeito ao dicionário, no sentido de estabelecer a ordem do pensamento entre ele e os dois próximos pontos: vocabulário e glossário e não deixar o leitor ou leitora com dúvida sobre o significado de cada um.

Para a exploração dos significados e determinação da função que eles ocupam, vou usar um esquema, mas antes, escolhi uma, entre tantas formas de pensar o dicionário, para que eu possa novamente reconhecer as similitudes que dificultam a compreensão e sair do grande impasse provocado por essas similitudes: “Os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. (BIDERMAN, 2001, p. 131). Esta definição pode parecer convincente, em um primeiro momento, porém ela, como outras, novamente estabelece uma conexão com os significados de vocabulário e glossário.

Mais adiante, a mesma autora lança algumas informações capazes de esclarecer a questão. O dicionário tem como parâmetro um total bastante elevado de verbetes repertoriados. Diz Biderman (2001, p. 172) que “os dicionários de língua comportam, em geral, no mínimo vinte mil palavras ou entradas. Este número pode subir a quarenta, sessenta, ou até mais de oitenta mil entradas em função do programa de dicionário.” Esclareço que neste estudo estou tratando de dicionários elaborados por lexicógrafos, enquanto pesquisadores criteriosos na escolha e análise dos repertórios que irão oferecer aos seus destinatários.

Volto a um ponto que, a meu ver, representa uma lacuna nesta pesquisa. Estou me referindo ao esclarecimento das diferenças entre vocabulário e glossário, quando no terceiro capítulo desta tese esta provocação apareceu. O que fora concluído se resume na dificuldade de entendimento do que vem a ser um e outro, ou de quais são as suas especificações e contribuições que solucionaram esses problemas para os seus destinatários.

Retomo, então, o acerto de contas com o *Vocabulário*, quarto ponto que merece ser revisitado. Para Vilela (1994, p. 13): o vocabulário é uma subdivisão do léxico, como por exemplo de um autor, o léxico de um texto, o léxico de uma escola, de uma área do saber, etc.” Mas isso ainda diz pouco, ou apenas repete o que já fora dito naquele terceiro capítulo aqui citado. Em seguida o mesmo autor avança com algo que parece ser novo:

Há ainda uma outra perspectiva, a de “coleção de unidades”, em que o **vocabulário** se opõe a **dicionário** e **glossário**: o dicionário é a escolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a escolha de um sector determinado duma língua e o

glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época. (VILELA, 1994, p. 13-14).

Alguns dados novos se mostram agora, são eles: o dicionário está direcionado para as unidades lexicais gerais de uma língua, o vocabulário para parte específica desta língua e o glossário a um determinado alvo, mais específico, representado pelo autor, escola ou época. Por exemplo, esta pesquisa deixou de propor um vocabulário quando se dispôs a estudar o repertório de três contadores de histórias que tem publicação em livros. Caso a opção aqui fosse a fala dos amazônidas, de forma geral, aqui teríamos um vocabulário sendo apresentado como parte final do estudo.

Por fim, o nosso quinto ponto se manifestou na discussão antes evidenciada acima e, embora os Estudos da Lexicografia tenham avançado, ainda há muitas vacilações, por exemplo, entre Dubois (1995, p. 309): “*Glossário* é um dicionário que dá sob a forma de simples traduções o sentido de palavras raras ou mal conhecidas” e, Câmara Junior (1986, p.128): “GLOSSÁRIO – é um dicionário especial (v.) em que se arrolam “vocábulos de menos vulgar inteligência por serem antigos, estrangeiros, técnicos, etc”. Noto que de lá pra cá, a fenda por onde passa a vacilação em gerar a oposição entre “glossário” e “vocabulário” se mantém viva, embora todos sintam a necessidade de arrancar o véu. Por enquanto, o segredo parece residir na individualidade e interindividualidade do saber linguístico. Esclarece Carvalho (1973, p. 243-244):

[...] o saber linguístico de cada um desses indivíduos é original e único, outro e também *diferente* dos saberes dos restantes; mas é também parcialmente idêntico a todos eles. Sendo de caso para caso variável em grau esta parcial identidade, ela deverá em qualquer deles abranger a extensão suficiente dos dados objetivos colectivamente conhecidos para garantir a mútua compreensão entre esses sujeitos falantes, sem o que não poderiam chegar a constituir uma comunidade linguística. (CARVALHO, 1973, p. 244).

O que quero dizer é que o glossário se compromete a acender os significados dos lemas presentes na fala dos sujeitos, das peculiaridades da língua que eles falam, ou seja, na interindividualidade do seu saber linguístico, enquanto o vocabulário se volta para a individualidade do saber linguístico de uma região, não como língua geral, porque desta quem se compromete em decifrar os seus segredos é o dicionário, mas como dialeto falado e compreendido entre a população de um local específico.

Quanto ao Glossário das Vozes que Contam na Amazônia, ele é o roteiro final da nossa viagem e está sendo introduzido no alcance maior da proposta inicial. Para além do repertório léxico, introduzi nele algumas lexias com seus ressignificados, resultado das

experimentações feitas com os jogos lexicográficos criados para este estudo de tese e das descobertas dos livros *Dicionário de imprecisões* (2019) e *O livro dos ressignificados* (2019).

O repertório do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia reúne unidades lexicais selecionadas das histórias contadas pelo grupo Cirandeiros da Palavra, no livro *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos*, volume 2. (2012). As histórias escolhidas do volume I são: *A mulher fofoqueira* (Andréa Cozzi), *A visagem zombeteira* (Antônio Juraci Siqueira) e *Uma história da Matinta* (Sônia Santos). Do volume II o repertório corresponde as seguintes histórias: *O igarapé encantado* (Andréa Cozzi), *Assombração do Curupira* (Antônio Juraci Siqueira) e *Uma história da Boiuna* (Sônia Santos).

A ideia aqui não é ser separatista no que diz respeito às línguas faladas numa mesma Pátria, mas tornar possível a aceitação das diferentes variedades linguísticas exercitadas em um mesmo espaço nacional, afinal:

[...] a individualidade absoluta é impensável: a hereditariedade, a herança, a filiação, a semelhança, a influência são categorias por meio das quais se pode apreender uma alteridade complementar e, mais ainda, constitutiva de toda individualidade. Toda literatura consagrada à noção de pessoa, à interpretação da doença e a feitiçaria atesta o fato de que uma das questões maiores colocadas pela etnologia o é, também, por aqueles que ela estuda: ela tem por objeto o que poderíamos chamar de alteridade íntima, nos sistemas que a etnologia estuda, situam a necessidade dessa alteridade no próprio cerne da individualidade, proibindo, ao mesmo tempo, dissociar a questão da identidade coletiva daquela da identidade individual. (AUGÉ, 1994, p. 23).

Penso nas histórias contadas enquanto herança da ancestralidade amazônica e entre elas, a mistura dos que pela Amazônia passaram e sopraram seus contos tornam possível muitas vezes, a inalcançável descoberta da origem de muitas histórias. Agora, faço algumas considerações referentes ao contar de cada contador, parte integrante deste estudo.

Sônia Santos repete treze vezes o nome da personagem Matinta Perera como se chamasse a história para tomar o seu lugar na contemporaneidade e, mais ainda, no cenário urbano da grande metrópole que é Belém. Quando ela conta a história da Boiuna, o nome da cobra grande aparece intercalado nove vezes e marca novamente o papel que a contadora desempenha para a arte milenar de contar histórias, no sentido de fazer as histórias resistirem ao avançado mundo tecnológico, à aceleração da vida urbana e ao possível apagamento da cultura local.

Andréa Cozzi pronunciou treze vezes no volume I e cinco vezes no volume II, a lexia *igarapé*. Somando um total de 18 vezes, esta lexia anuncia e reforça a existência de um Dialeto Parauara falado no estado do Pará, difícil decifrar a variante do português que o Norte

do Brasil fala. Ao longo da pesquisa, identifiquei vários nomes dados a ele dificultando o resultado esperado de uma complexa matemática.

Optei por Dialeto Parauara, porque este é o nome que mais se enlaça ao lugar. Paraura tem a origem tupi *para'wara* e significa o que veio das águas. Quanto à repetição da lexia *igarapé*, Cozzi determina o espaço, lugar de origem da história que ela conta, um lugar feito de terras e águas. Quando pronuncia *igarapé*, a história se faz compreendida no lugar que está sendo contada, trazendo a quem escuta ou lê, um cenário mágico onde tudo acontece.

O contador Antônio Juraci Siqueira se mostra mais inundado por lexias incomuns, as ditas peculiares do dialeto local e não apresenta repetições insistentes, mas quebra o muro e deixa escapar o seu vasto vocabulário amazônico. Das histórias que ele conta, no volume I saem: cacuris, matapis, puças, sararás, igarapé, jacundá, sapopema, samaumeira, embira, ribeirinho, tapuia, Curupira, jandiá e jacundá. Do volume II: rallo, ilharga, bilé, tapiri, mangar e bulir.

Por ter um vocabulário inusitado, algumas lexias que ele usa apresentam seus significados nas notas de rodapé nos dois volumes. Siqueira nasceu no município de Afuá, no Pará, só se deslocando para a capital quando adulto e mesmo sendo homem feito, é o contador que mais se aproxima da fala original, uma fala que atravessou com ele os rios por onde passou, indo atracar em Belém. Ali, até os dias de hoje, ele conta histórias e faz as vozes dos seus ancestrais reaparecem naquela metrópole da Amazônia.

Quando enveredei pela Lexicografia, não desconfiava que ela fosse ter tamanha utilidade nas práticas metodológicas em que eu acredito. No decorrer desse estudo, percebi que cada leitura parecia um link que me conectava com as possíveis as formas de ensinar e aprender a fazer bom uso do vocabulário tanto da língua geral, quanto da língua local:

Um dos maiores desafios de um professor é levar o aluno a ampliar seu vocabulário não só para que ele leia melhor, como se expressar melhor. A competência lexical pode sim ser ampliada fortemente. Um domínio maior de vocabulário é condição de bom desempenho, inclusive, num futuro profissional. Exercícios de leitura são sempre necessários e contam com a ajuda do dicionário. (KRIEGER, 2012, p. 72).

A descoberta das histórias como ato tradutório, a literatura oral como veículo transportando os traços marcantes de um povo, a tradução intralingual e a aproximação da ciência da Lexicografia com sua incansável busca de traduzir as diferentes formas de dizer de uma língua, formaram o alicerce para que o projeto do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia chegasse ao resultado final.

Foi como se o meu olhar se alargasse alcançando outras formas de pensar o ato tradutório, que não mais cabia no estreito pensamento de duas línguas de países diferentes se encontrando. A partir desse trânsito de ideias novas, as hipóteses aqui desenhadas e testadas se sustentam no pensamento de Schuler Zea (2016):

[...] a tradução é uma questão aberta que cada vez mostra maiores alcances, ao ponto que ao invés de chegar a definir a tradução é provável que seja ela a que termine por definir-nos. Não ignoro, por outra parte, que também entre os tradutores circulam diversas concepções sobre a sua tarefa. Por isso, gostaria de limitar-me aqui à seguinte proposição: a iniciação, ou o início dela, tem a ver com a tradução na medida em que esta seja concebida como uma forma de transformação e de acesso. Ou seja, a iniciação é relevante para a tradução, ou pode sê-lo, enquanto elaboração das exigências, meios e efeitos de acesso e de transformação. Pois, de fato, como pode um tradutor literário tratar um texto qualquer se antes não consegue de alguma maneira acender a ele, se antes não consegue abrir uma passagem que lhe permita detectar ou captar as marcas da sua singularidade? (SCHULER ZEA, 2016, p. 201).

Quando assumi a tradução intralingual como impulso de investigação nesta pesquisa, o enfoque se mantinha na singularidade que a língua portuguesa constrói na comunicação das diferentes regiões do Brasil, neste caso especificamente no Norte do Brasil. Apesar da pouca publicação sobre o assunto, se tornou importante não recuar e reconhecer essa abertura que os Estudos da Tradução vêm construindo apoiado pelo Estudo Antropológico:

No mais, curiosamente, a antropologia tem recorrido também à metáfora da tradução no momento de imaginar-se o trabalho do xamã, do ex-iniciado. A figura do xamã como tradutor é de fato uma das mais recorrentes, mesmo que talvez nunca tenha sido de todo especificada. De tal modo que pensar a tradução ao xamanismo a fim de que nesse ir e vir, nessas mútuas visitas metafóricas, talvez seja possível um ver e um deixar-se ver conjuntamente. (SCHULER ZEA, 2016, p. 201).

Esses dois polos citados pela autora “um ver e um deixar-se ver” é marca viva do que vem sendo traçado nesta pesquisa, quando ela pede para a região Sul o reconhecimento do que é dito na região Norte, através das suas variações linguísticas abrindo o portal de um imaginário amazônico presente nas narrativas dos seus contadores.

A flexibilidade no novo conceito de tradução possibilitou a circulação das abordagens lexicográfica e literária para alcançar os resultados obtidos nas análises feitas durante a criação do glossário, nesse sentido, a antropologia contribuiu abrindo o horizonte desta tese. No conteúdo desta abordagem, a autora cita no seu texto, uma proposta proveniente de um dossiê escrito por Carlos Severi e Wiliam Hanks (2014). Sobre isto, acrescenta ela:

Esta é uma proposta que amplia consideravelmente o conceito de tradução através de uma série de movimentos que se afastam rapidamente da ideia corrente da tradução como simples meio ou canal pelo qual conhecemos ou transmitimos um

conhecimento. Um primeiro movimento nessa expansão é o reconhecimento do dinamismo da tradução dentro das fronteiras de uma mesma língua, ou seja, que ela não é mais uma atividade restringida à troca com um exterior linguístico. Para além - ou aquém - disso, a tradução também opera significativamente dentro do mundo familiar e circundante. (SCHULER ZEA, 2016, p. 206).

O resultado desse novo olhar para a tradução já fez parte da discussão neste estudo quando tocamos na teoria do Plaza (2003), Jakobson (2007) e ganha força nos Estudos Antropológicos e vice-versa. Quando Schuler Zea (2016, p. 207) anuncia que nem sempre a tarefa do tradutor é replicar o original, podendo ser também o momento de descontinuidade dele favorecendo muito mais o ato tradutório. Lembro aqui a tradução do livro de poemas eróticos *Les Chansons de Bilitis* do belga Pierre Louÿs (1894), traduzido numa aventura libertária pela portuguesa Llansol (2010) com o nome *O Sexo de Ler de Bilitis*. Desde o título a tradutora alcança a visão antropológica e no prefácio do livro reforça:

O drama da leitura é o leitor querer ler como ver e, quando a visão falha, imaginar a cena. O escritor sabe-o. Eis o que dá frases, esse desejo. Constrói um boneco e veste-o. Sempre e só com frases. Acontece, por vezes, que o escritor é o único a ter tido a imagem. Então, o drama transfere-se para o escritor. As frases não lhe servem de nada. São apenas sons de uma língua estranha. Se respeitar a imagem, uma imagem-sem- cena, a frase poderá renascer impelida pela cor. O leitor aprenderá a compreender essa língua estranha, a ler como ler. (LLANSOL, 2010, p. 9).

É como romper com a fidelidade do primeiro texto. Em alguns casos tão necessários esse rompimento, pois ele desencadeia as outras formas do dizer para alcançar o mundo de imagem que o texto quer produzir na cabeça do leitor. Essa liberdade desejada pode ser encontrada no resultado de alguns jogos lexicográficos desenvolvidos nesta pesquisa e no Glossário dos Significados Poéticos do Norte do Brasil, uma proposta que se firmou durante as descobertas de novas publicações com pretensão criativa na elaboração dos significados, além das teorias com tendência ao novo olhar para as concepções do ato tradutório. Este segundo glossário pensado para a tese traz a elaboração de verbetes programados para despertar a criatividade dos jogadores sem a perda total dos significados adquiridos pelos dicionários consultados, descentralizando dos pressupostos perversos enraizados nas antigas concepções de tradução, que não admitem outro olhar para a cena.

A ciência da Lexicografia contribui para os achados tradutórios, possibilita a abertura do entendimento do léxico de um povoado, bem como de uma Nação. No ato tradutório o tradutor pode construir seus muros usando diversos dicionários, comparando significados, mas para além dessa estratégia, em alguns casos, ele precisa conhecer o lugar de fala para não correr o risco de fortalecer a caricatura de um dialeto, por exemplo: “**papachibé** – é o apelido

que designa quem nasce no Pará” (2019). A tradução caricatural, que me refiro, pode ser encontrada em Ilari (2006) e vem a ser o uso distorcido e muitas vezes desrespeitoso das variações linguísticas, enquanto objeto retratado por quem se dispõe a traduzir a fala regional de um povo.

Antes da aterrissagem Glossário das Vozes que Contam na Amazônia, quero dar destaque à organização com a qual ele foi elaborado para, então, torná-lo um documento de consulta e, quiçá, um instrumento de enriquecimento e emprego do vocabulário entre a região de partida (Norte do Brasil) e região de chegada (Sul do Brasil).

Além do repertório lexicográfico, este glossário apresenta o resultado dos jogos criados e experimentados durante esta pesquisa com a finalidade de ressignificar as lexias de forma mais poética, numa aproximação ao trabalho desenvolvido por Doederlein (2017) e Ribeiro (2019) nos livros citados ao longo dos capítulos anteriores, isso tudo, sem abandonar o significado original.

Antes de entrar no glossário, propriamente dito, gostaria de lembrar que é preciso levar tudo que aqui fora discutido e a disposição para receber a forma de falar que a região Norte do Brasil tem, atentando para as possibilidades de uso, de acordo com o contexto a ser empregado e a classe gramatical de cada parte do repertório lexicográfico contido nele.

Para um bom desempenho pedagógico, no uso de jogos com dicionários, vocabulários ou glossários, há de ser considerado um tempo suficiente para envolver os alunos e, assim, alcançar bons resultados. Quando executados com empenho e confiança no trabalho, é bem possível que os alunos se envolvam ao ponto de sugerir/encontrar respostas satisfatórias:

No entanto, para que a palavra nova incorpore-se ao vocabulário do aluno, e se possível, passe a fazer parte de seu léxico ativo, ou seja, aquele que ele usa, não basta mandar consultar o dicionário. É bom criar situações que permitam vivenciar, “mexer” com palavras. (KRIEGER, 2012, p. 72).

No *Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios* (2012), a autora não apenas reconhece o lugar que os dicionários devem ocupar em sala de aula, mas também propõe formas de assumir esse novo pensamento e empregá-lo, desmistificando as formas unívocas de uso e a entrega de novas fórmulas metodológicas aos professores. Ela esclarece:

Os regionalismos são estudados à luz de conceitos de variação linguística. Em linhas gerais, a variação é compreendida como o uso de palavras diferentes de uma mesma língua para dizer a mesma coisa. É considerado um fenômeno natural das línguas, valendo ser mostrado aos alunos para que entendam os sentidos dos falares regionais. (KRIEGER, 2012, p. 38).

E, assim, chego ao resultado do projeto inicial anunciado tantas vezes nesta tese. Bem-vindo ao Glossário das vozes que contam na Amazônia.

Figura 33 - Glossário das Vozes que Contam na Amazônia



Fonte: A autora (2020).

**Glossário das Vozes que Contam na Amazônia**  
Para acompanhar leitores do livro *Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos*  
(2020)

Este glossário foi idealizado sob a crença de que o léxico é o todo incontável da língua e como tal é flexível podendo se ampliar, expandir numa dinâmica de significados possível de ser alterado, modificado dependendo do lugar e da função que exerce numa determinada cultura, durante o ato de comunicação. O resultado desta modificação do léxico ou do seu significado é chamado de variação linguística, ela deve ser recebida com respeito pelos outros falantes das regiões distintas do Brasil, porque também é parte constituinte e natural de uma mesma língua, a que chamamos Língua Portuguesa. Portanto, reitero a informação de que este glossário cumpre a função de fazer chegar até outras regiões, parte do Dialeto Parauara, não o seu todo, mas os que foram levantados nas seis histórias retiradas do livro *Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos* (2012), criando um repertório lexicográfico e preservando a memória lexical de parte da Amazônia brasileira, além de permitir a sua utilização pelos destinatários e colaborar para o enriquecimento do seu vocabulário.

Ocorre que se os falantes de uma mesma língua encontram barreiras para adentrar no imaginário das outras regiões pelas leis que regem o léxico local, entre esses falantes não haverá entendimento é aí que entra o esforço dos lexicógrafos e o resultado final dos seus trabalhos: dicionários, vocabulários ou glossários, possibilitando o encontro amigável de uma mesma língua.

Então é só aproveitar essa viagem e fazer crescer o seu vocabulário dando nomes novos às coisas desse mundo.

Do resultado deste estudo foi possível determinar a macroestrutura do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia. Assim o perfil dos destinatários foi traçado de acordo com o levantamento das hipóteses e o resultado adquirido das experimentações feitas em Florianópolis, com uma turma de estudantes de Letras da UFSC. O projeto determina a importância do uso deste glossário para:

- ouvidores de histórias e leitores do livro *Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos*, 2vol;
- habitantes de regiões distintas do Norte do Brasil;
- falantes da língua portuguesa brasileira (LG);
- ouvidores de histórias ou leitores com necessidade de tradução intralingual das lexias incomuns, próprias do Dialeto Parauara (DP);
- leitores dispostos a conhecer o contraste no eixo Português/LG e Português/DP;

A microestrutura procura obedecer ao padrão de estruturação do código lexicográfico constituído por lema, informação gramatical e informação semântica ou definição. Os verbetes do referido glossário foram assim organizados:

1. índice com chamada de letras iniciais na fonte “BatangChe”, tamanho 48, abaixo os lemas com fonte “Times New Roman”, tamanho 12;
2. 21 verbetes do Dialeto Parauara (DP), fonte Times New Roman, tamanho 12;
3. verbetes justificados, em espaço simples
4. lemas aparecem da forma que estão nas histórias. Se for verbo e estiver conjugado, assim ele aparecerá no glossário, marcando a fala do povo amazônida;
5. lema com letras iniciais maiúsculas seguidas de letras minúsculas em **negrito**;
6. indicação da classe gramatical após o lema;
7. classe gramatical em *itálico*;
8. exemplos de uso no Dialeto Parauara (DP) retirados das histórias, objeto de estudo nesta tese, em *itálico* e marcação em **negrito** quando o lema do verbete em questão aparecer no exemplo;
9. as referências aparecem entre “aspas”;
10. definição.

#### **Abreviaturas utilizadas:**

*adj.*: adjetivo;

*s.f.*: substantivo feminino;

*s.m.*: substantivo masculino;

*s.m.p.*: substantivo masculino e plural;

*s.m.f.*: substantivo masculino e feminino;

*v.t.d.*: verbo transitivo direto;

*v.t.i.*: verbo transitivo indireto;

## Glossário das vozes que contam na Amazônia

**Repertório Lexicográfico**

Ilustração: Airaneide Carla Oliveira Lima

**A****Ancinhar****B****Bilé  
Boiuna  
Bulir****C****Curupira****E****Encantada****F****Furos****I****Igarapé  
Ilharga****J****Jacundá  
Jiboindo  
Jirau****M****Matinta Perera  
Mangar****R****Ralho  
Ramal  
Ribeirinho****S****Samaumeira  
Sapopema****T****Tapuia****V****Vitória-Régia**

# A

---



**Ancinhar.** *v.t.d.* **1.** Limpar a área retirando as folhas secas caídas das árvores e outros dejetos com ancinho *s.m.*: instrumento utilizado na agricultura. Tem um cabo longo de madeira preso em uma peça de ferro, com dentes, parecendo um pente. Serve para recolher os dejetos. **2.** Preparar a horta, misturando a terra para o plantio. *Três tarefas foram dadas à Maria: **ancinhar** o quintal, retirar as folhas secas da frondosa roseira, próxima da janela da casa, e limpar o igarapé nos fundo do terreno.* (COZZI, 2012, p. 19, vol. II).

# B

---



**Bilé.** *adj.* **1.** Pessoa que perdeu o senso lógico, a razão, que enlouqueceu. **2.** Pessoa sem qualquer coerência nas horas de decisão. *Já chegou com febre, dor de cabeça, e completamente **bilé** do juízo.* (SIQUEIRA, 2012, p. 71, vol. II).



**Boiuna.** *s.f.* **1.** Cobra grande e escura, tão grande que é capaz de virar uma embarcação, engolindo-a junto com a tripulação. **2.** É a mãe d'água para os amazônidas. Vive nos lagos, igarapés e rios. Durante a noite seus olhos mais parecem dois faróis boiando, lá ela fica esperando para dar o bote. Mas tem também a que vive embaixo da basílica, santuário de Nossa Senhora de Nazaré. Sua cabeça está sob o altar-mor da Basílica de Nazaré e o final da cauda debaixo da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, compreendendo aproximadamente 5 km o tamanho dela. Lá ela dorme, o dia que acordar, Belém será tomada pelas águas da Baía do Guajará. *Era ela, a **boiuna**, poderosa e agressiva. Passava por baixo da canoa quase afundando-a, deppis girava ao seu redor, fazendo um grande redemoinho, saltava por cima e ao lado, abria a boca enorme como se fosse engolir todo mundo...* (SANTOS, 2012, p.76, vol. II).



**Bulir.** *v.t.d.* **1.** Ficar zombando de alguém ou alguma coisa considerada importante para alguns, tratar com desdém ou hostilizar esse alguém ou coisa. **2.** Não dar importância e respeito com quem ou o que se está tratando. *Com o tempo, a cabocla voltou ao normal, mas nunca mais quis saber de mangar de coisa séria, de **bulir** com aquilo que está quieto pois, como diz o ditado, mato tem olho, parede tem ouvido.* (SIQUEIRA, 2012, p. 71, vol. II).

# C



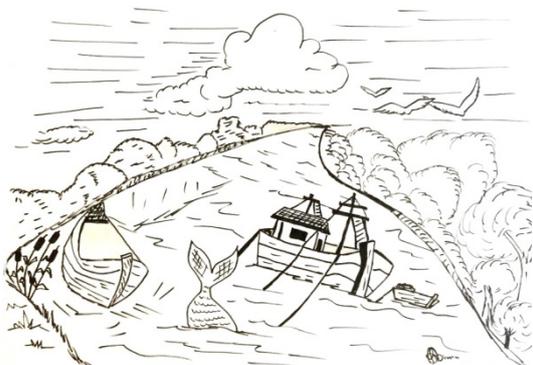
**Curupira.** *s.m.* **1.** É o protetor da floresta, para os amazônidas ele mede quatro palmos, tem dentes azuis ou verdes, é orelhudo, com pés voltados para trás deixando rastros invertidos, com o propósito de enganar os caçadores, fazendo-os perder o rumo certo. **2.** Mito que transita do norte ao sul, tornando difícil saber sua origem. Os indígenas deixam oferendas a ele para que possam transitar tranquilamente pela floresta. *Pois é, agora estava ali naquela aflição diante de tal criatura que se já não bastasse o seu aspecto medonho, ainda tinha os pés voltados para trás.* (SIQUEIRA, 2012, p.71, Vol. II).

# E



**Encantada(o).** *s.f.* **1.** É um ser animado por força mágica ou sobrenatural, de nível espiritual elevado, superior que habita o plano mágico. **2.** É aquele ou aquela com poderes para proteger pessoas que agem para o bem e castigar pessoas que agem para o mal. *O que a moça não sabia era que a velhinha na verdade era uma encantada com poderes mágicos e por hora apresentava-se na forma de uma idosa.* (COZZI, 2012, p. 12, vol. II).

# F



**Furos.** *s.m.p.* **1.** São caminhos feitos para diminuir o espaço dos largos rios amazônicos, facilitando as idas e vindas das pequenas embarcações. **2.** São ruas para os ribeirinhos, se uma rua é feita de terra com casas nas suas laterais, nos **furos** o rio ocupa o lugar da terra e as árvores ocupam o lugar das casas. *E não é que por volta das cinco horas da tarde eles encontraram a bicha! Estava dormindo, com a barriga enorme, num dos furos daquela região. O pai não perdeu tempo. Em silêncio, desceu da canoa com seu facão e o afincou em sua cabeça e no rabo da criatura.* (SANTOS, 2012, p. 79, vol. II)

# I



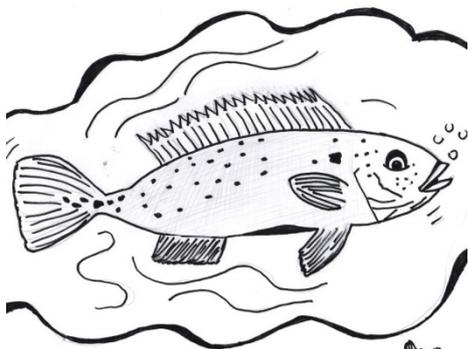
**Igarapé.** *s.m.* **1.** São caminhos de águas transparentes, em alguns pontos são rasos, em outros são fundos. Pela pouca largura e profundidade, por ele correm, apenas, pequenas embarcações. Nele as crianças brincam, enquanto tomam banho e as mulheres lavam roupas. *Após o falecimento do pai, elas se viram sozinhas para realizar todas as tarefas, tais como cuidar da casa e da roça, fazer a farinha, limpar o quintal, lavar as roupas no igarapé, pescar e buscar água no poço, que ficava a alguns quilômetros de distância.* (COZZI, 2012, p. 18, vol. II).



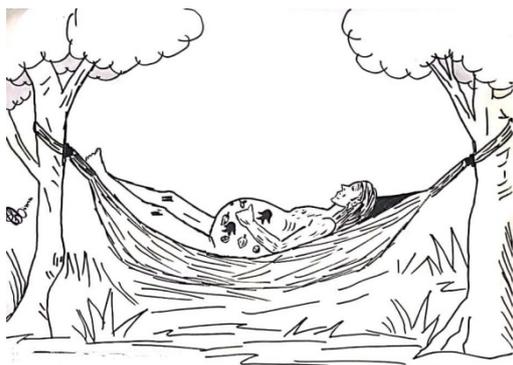
**Ilharga.** *s.f.* **1.** Parte lateral de alguém ou de algo. **2.** É chamada a parte que procuramos nos apoiar ou esconder nos momentos de perigos. *Durante o ofício da mãe, a molecada aproveitava para os mergulhos e brincadeiras dentro e fora da água pelas **ilhargas** da genitora.* (FAVACHO, 2012, p.39, vol. II).

## J

---



**Jacundá.** *s.m.* **1.** Peixe dos rios de água doce da Amazônia. Possui nadadeira em todo o dorso e pintas escuras na cabeça e também no dorso. **2.** Na região Sul é chamado de peixe-sabão, boca de velha, badejo e Joaninha, embora com suas pintas mais pareça um parente distante da onça, nadando nos rios da Amazônia. *Mas não tardou para o primeiro jandiá ser fígado pela mulher que o retirou do anzol sem muito entusiasmo. Em seguida, uma traíra, um **jacundá**, outro jandiá e assim por diante.* (SIQUEIRA, 2012, p 65, Vol. I).



**Jiboando.** *v.t.d* 1. É ficar em repouso por algum tempo depois de fazer uma refeição pesada. O verbo foi emprestado do *s.f.* Jiboia, uma cobra que não é venenosa, mas possui uma força grande capaz de quebrar os ossos da presa e engoli-la inteira, vem daí o verbo jiboiar. – *Meu camarada, se quiser pegar a fera eu sei como fazer. Dizem que as cobras nunca mastigam suas presas. Elas as engolem e depois passam um tempo **jiboando** para fazer a digestão e não conseguem ir muito longe.* (SANTOS, 2012, p. 79, vol. II).



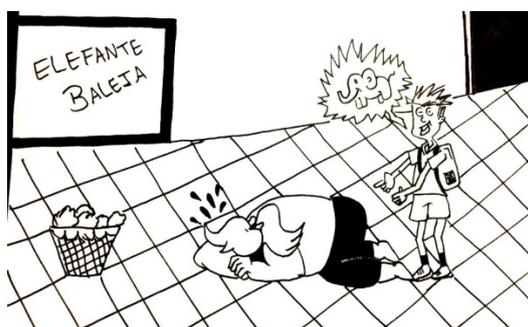
**Jirau.** *s.m.* Tábuas de madeira unidas lateralmente, formando uma mesa instalada na janela da cozinha, pelo lado de fora. É usada como pia, para lavar a louça e preparar os alimentos. No igarapé serve para lavar roupa e também louça. *Ao fitar seus olhos no **jirau**, observou um banquete com as mais gostosas iguarias que se possa imaginar.* (COZZI, 2012, p. 21, vol. II)

## M



**Matinta Perera.** *s.f.* 1. Mitopoético da região Norte do Brasil. 2. É um pássaro preto durante noite, com assobio agudo, escolhe uma casa e sobrevoa sobre ela até ouvir alguém dizer para voltar na manhã do dia seguinte para receber café e

tabaco. De dia vira uma mulher, cabelos longos, toda vestida de preto, ela vai buscar o prometido. 3. É a mensageira das notícias ruins, por isso é comparada com o rasga-mortalha, pássaro agourento. Quando está findando o seu legado de matinta, ela o oferece perguntando quem quer. A pessoa que responder será a sua substituta. 4. “a matinta é uma aparição noturna, que marca presença por meio de um assobio desassossegador ou desafiador” (FARES, p. 23). *E foi assim desde então, a Matinta passava rente ao seu corpo e assoviava logo em seguida, arrepiando-o.* (SANTOS, 2012, p. 71, vol. I).



**Mangar.** *v.t.i.* Ver Bulir.

## R



**Ralho.** *s.m.* 1. Do verbo ralar, chamar atenção por alguma coisa feita e considerada errada. 2. Dar bronca, brigar verbalmente. *O ralho entrava por um ouvido e saía pelo outro.* (SIQUEIRA, 2012, p. 69, vol. II)

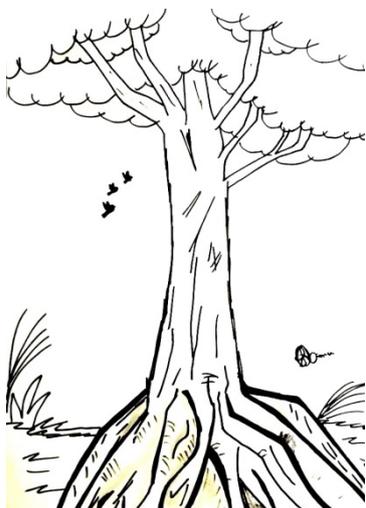


**Ramal.** *s.m.* **1.** É uma ramificação de uma estrada que dá acesso a lugares distantes e difíceis de chegar, muitos não são pavimentados, com chão de terra batida, no período de chuvas se tornam mais difíceis de trafegar. *Mais precisamente na comunidade em que nasci, Santa Maria do Guarimã, que fica em um ramal a seis quilômetros da PA 140 – estrada que liga Belém à Vigia.* (SANTOS, 2012, p. 69, vol. I).



**Ribeirinho(a).** *s.m.* **1.** População que habita a parte insular de Belém, ou seja, os moradores das 42 ilhas da capital do Pará são chamados de **ribeirinhos**. Muitos vivem do que cultivam na natureza: açaí, cacau, pesca. *E tanto insistiu que o ribeirinho fındou abrindo a boca.* (SIQUEIRA, 2012, p. 64, v. I).

## S



**Samaumeira.** *s.f.* **1.** Nome de uma das maiores e mais resistentes árvores da Amazônia. **2.** É a árvore da vida para os nativos do Norte do Brasil. Tem grandes ramificações na parte de sustentação do seu tronco. Essas ramificações são chamadas de sapopemas. Os indígenas usam as sapopemas para se comunicarem. Eles batem nesses troncos emitindo sons compreensíveis entre eles assim, eles se comunicam com os que estão distantes. **3.** É a rainha gigante da floresta amazônica podendo medir até 60 metros. **4.** É a mãe da floresta e distribui energia para quem se aproxima dela. [...] quando tirava o quinto jacundá do anzol escutou alguém falar, em alto e bom tom, por detrás da sapopema de uma gigantesca **samaumeira**. (2012, p. 63, vol. I).



**Sapopema.** *s.f.* ver **Samaumeira**.

## T



**Tapuia.** *s.f.m.* **1.** É uma forma de tratamento que os indígenas usam quando se dirigem ou se referem a uma criança ou jovens da tribo, podendo ser tanto menina, quanto menino. *Pelo rabo do olho a tapuia ainda viu o homenzinho pulando no terreiro e gritando.* (SIQUEIRA, 2012, p. 71, vol. II).

## V



**Vitória-régia.** *s.f.* **1.** Planta aquática e flutuante, típica da região amazônica, tem a forma de um círculo verde por dentro e bordas rosa por fora. Tem um corte que atravessa até o seu centro, por onde entra a água. Dela nasce uma flor que difere sua cor: branca pela manhã e rosa durante a tarde. É vista em águas rasas: lagoas e igarapés. É nela que dormem as Uiaras. *A moça mergulhou nas águas límpidas do igarapé, nadou em direção a uma vitória-régia. Lá repousava o mais belo colar, com esmeraldas, diamantes, rubis, pérolas, todas incrustadas no mais puro ouro.* (COZZI, 2012, p. 21, vol. II).

## 5.1. NOVO CARDÁPIO DE BORDO: GLOSSÁRIO DOS SIGNIFICADOS POÉTICOS DO NORTE DO BRASIL

As coisas que não tem nome são mais pronunciadas por crianças. (BARROS, 2013, p. 276).

Este novo projeto de glossário dentro da pesquisa é o resultado da troca de saberes científicos entre as teorias dos Estudos da Tradução e da Lexicografia. Neste caso, especificamente a Lexicografia Pedagógica, porque tem o caráter não só de estudar dicionários, mas ter a devida preocupação com o uso deles em sala de aula, de forma a tornar esta ferramenta, um meio capaz de favorecer tanto o educando, quanto o educador, sabendo que a metodologia aqui pretendida atravessa as fronteiras do prazer de aprender a língua materna e até mesmo recriar os significados das suas lexias. Durão (2010) esclarece:

A interação com o dicionário também pode beneficiar o educando. A intermediação do professor é necessária, dir-se-ia que é, até, imprescindível num primeiro momento. Em um segundo momento, o aprendiz precisa interagir com os colegas, através do jogo nos quais o dicionário esteja envolvido, bem como com textos do cotidiano escolar, com diversos gêneros textuais. Dessa forma, há a possibilidade de o aprendiz desenvolver seu interesse pela lexicografia, a qual pode assumir um papel importantíssimo em sua aquisição lexical. (DURÃO, 2010, p. 59).

No decorrer deste estudo, o conteúdo do novo projeto de glossário foi, aos poucos, ganhando força. Cada vez que eu citava a pesquisa e a necessidade de intérpretes para a mesma língua, algumas pessoas trocavam comigo os significados do léxico da Língua Portuguesa que eu apresentava como argumento. Por exemplo, quando estive em Marabá que apesar de ser também região Norte, no Sudeste do Pará, a lexia “ancinhar” se apresenta como “ciscador”, foi o que me disse uma moradora da cidade.

Procurei outras variações para “ancinho” em diferentes regiões do Brasil, para isso, contei novamente com o suporte da tecnologia. Postei no Facebook a imagem do “ancinho”, substantivo que dá origem ao verbo “ancinhar” citado nesta pesquisa. Solicitei aos navegantes que me dissessem o nome desse instrumento utilizado na agricultura e indicassem as regiões que habitam. No resultado final da busca, alguns especificaram o lugar indicando a cidade e o Estado, essa era a forma que daria maior precisão à conclusão, porém outros apenas determinaram a região. Chegando ao seguinte resultado:

► **Ancinho:** alguns municípios e capital do Pará, Rio de Janeiro, Salvador, Florianópolis, Rio Grande do Sul (Jaguarão);

► **Gadanhó:** Rio Grande do Sul (fronteira com Alegrete) e Maranhão;

► **Ciscador:** Região Nordeste do Piauí, Paraíba, Marabá (Sudeste do Pará) e Rio Branco (Acre);

► **Rastelo:** São Paulo (Capital), Sudeste de Minas Gerais, Curitiba (Paraná), Londrina (Paraná), Novas Laranjeiras (Paraná) Cascavel (Paraná) e Florianópolis.

Três resultados pertinentes: a pesquisa contou com a colaboração de um português que respondeu “Ancinho” em Portugal. A resposta dele contribuiu para concluir que as regiões que usam esse nome para se referir à ferramenta de jardinagem, apontam um empréstimo linguístico, neste caso, talvez fosse melhor dizer imposição linguística da Língua Portuguesa falada em Portugal, sobre a Língua Portuguesa do Brasil. Outro dado relevante veio das respostas vindas de moradores do Pará, quase todos acusaram a influência de Portugal, apenas uma pessoa, do Norte, Sudeste do Pará, em Marabá acusa o uso de “ciscador”. Neste caso, é possível que a língua tenha recebido o empréstimo linguístico dos nordestinos procedentes do Piauí que migraram para aquela cidade, pois história de Marabá aponta um grande número de imigrantes vindos do Piauí e Maranhão. Destaco aqui a resposta de uma pessoa oriunda do Piauí que apontou “ciscador” em uso na região.

Entre as respostas obtidas um terceiro caso me chamou atenção, justamente a cidade que eu estabeleci para obter os resultados das hipóteses levantadas inicialmente nesta pesquisa. Estou falando de Florianópolis. Para aquele lugar apareceu a resposta “ancinhar”, achei estranho justamente porque lá eu havia aplicado o teste de vocabulário. Depois de alguns minutos, outra moradora se manifestou afirmando que na cidade de Florianópolis (Santa Catarina), eles o chamam de “rastelo”. Voltei até a postagem para verificar o problema, descobri que a pessoa que informou “ancinhar” como nome usado pelos florianopolitanos, também é gaúcha, mas de outra cidade, enquanto a outra informante é nativa daquele lugar. Depois de ver a resposta da nativa, a santa-mariense corrigiu afirmando que aprendera o nome de “ancinho” em Santa Maria (Rio Grande do Sul). Problema resolvido até então.

A descoberta das variações linguísticas da região Norte foi se instalando na abordagem lexicográfica dentro desta pesquisa até chegar ao Glossário das Vozes que Contam na Amazônia. Porém algumas publicações recentes de livros já citados, com propostas a desvendar os significados dos nomes das coisas no mundo, com certo grau de influência poética, destravaram a ideia da criação do que resolvi chamar Glossário dos Significados Poéticos do Norte do Brasil, fruto do resultado de experimentações que fiz em oficinas para comprovar ou desarticular as hipóteses elaboradas até então.

Depois da descoberta de publicações que se insinuam desejosos de serem dicionários, mas que se reconhecem não sendo, eu decidi que também queria brincar com isso. Digo

brincar com os significados poeticamente, como fizeram os jovens escritores Doederlein (2017) e Ribeiro (2019). Por já ter feito alguns jogos para incentivar a leitura de livros poéticos, eu dediquei um tempo desta pesquisa para criar jogos que poderão ser aplicados com dicionários do falar da região Norte do Brasil, bem como outros dicionários, podendo sofrer adaptações, afinal:

Dizer que o dicionário é de grande valia ao aprendizado da língua materna não deixa de ser um lugar comum. Todo o professor que escolheu a missão de tornar o aluno mais competente no conhecimento e na prática da sua língua própria, propondo desafios em diferentes formas de comunicação, sabe da importância de utilizar dicionário em suas aulas, em seus projetos de ensino. Fácil de entender: trata-se de um livro que tem a tradição de reunir as palavras de um idioma, de definir seus significados, identificando os sentidos comuns e também os específicos, resultantes dos usos que os falantes fazem de seu léxico. O dicionário ensina também qual a grafia correta de uma palavra, qual a classe gramatical, qual a sua origem, entre outras informações pertinentes à tradição lexicográfica. (KRIEGER, 2012, p. 9).

Por essas razões eu apliquei os jogos, criados durante este estudo, em atividades com dois grupos distintos. O primeiro grupo estava participando de um evento em Valladolid, Espanha, formado por brasileiros de regiões distintas do Brasil. Durante a aplicação dos jogos, os participantes consultaram o *Dicionário papachibé: a língua paraense* (2019) e se contentaram com a consulta.

O segundo grupo foi composto por amazônidas, em uma oficina ministrada em Belém/Pará. O público inscrito era formado por mulheres professoras dispostas a acrescentarem um jeito novo nas suas práticas pedagógicas. Durante a oficina, as jogadoras tomaram conhecimento dos significados apresentados na publicação do *Dicionário papachibé: a língua paraense* (2019) e, não satisfeitas, recorreram à publicação de *O meu dicionário de coisas da Amazônia* (2014), mas, por se tratarem de jogadoras da região e conhecedoras do vocabulário, elas se manifestaram dizendo que as duas publicações consultadas não davam conta do entendimento das lexias locais. Elas então, afirmaram que o vocabulário usado nos verbetes na publicação de Moraes (2014) para esclarecer os significados, apresentou grau da linguagem mais sofisticado, dificultando até mesmo para elas que já tem o conhecimento da língua. Em seguida, elas foram convidadas a criar suas próprias definições, de maneira mais libertária e, se possível, poética, dando abertura para a criatividade e para os conhecimentos próprios, enquanto nativas do lugar de fala, não podendo deixar de favorecer a compreensão dos nativos das outras regiões do Brasil.

A experiência garantiu a possibilidade de usar os jogos nas escolas e de fazer valer a permanência de livros que tem uma trajetória tão antiga, que apesar da evolução tecnológica,

ainda se mantém vivos com o empenho dos lexicógrafos, atendendo o compasso da respiração dos seus destinatários. Para tanto, foi preciso rever as estratégias e até mesmo apresentar novas propostas de métodos para o uso do livro chamado dicionário. Na escala de perspectiva de mudança através dos tempos, recorro novamente a Krieger (2012):

Diferente de outros tempos, hoje a relação dicionário-escola alterou-se. Deixou de ser linear, para avançar em profundidade em muitos aspectos qualitativos. Essa mudança nasce, em países de larga tradição lexicográfica, movida pela convicção de que o dicionário é efetivamente um instrumento didático de grande valor para a escola em seus ensinamentos sobre a língua materna. Por isso, tal como um material didático, igualmente, o dicionário destinado à escola deixa de ter um formato único, passando a ser estruturado de modo a atender necessidades de consulta de destinatários distintos. Necessita, portanto ser adequado e compatível com as condições de consulta de seus distintos usuários. Com isso, seu potencial informativo pode ser compreendido e aproveitado nas distintas fases e etapas específicas de ensino. (KRIEGER, 2012, p.10).

Os jogos criados para este fim aparecem como parte dos resultados das descobertas da tese exemplificando as possibilidades do dicionário como instrumento didático-pedagógico e liberando a sua saída das bibliotecas públicas, escolares, particulares e até mesmo das livrarias, fazendo-o chegar até as salas de aula, criando um ambiente de experimentações com o vocabulário da Língua Portuguesa falada por diferentes regiões do Brasil.

Neste sentido, a ciência da Lexicografia que tanto tem contribuído para a preservação da Língua Portuguesa ganha também, e por direito, um espaço no processo ensino-aprendizagem:

Outro passo importante foi pensar que a escola precisa estar melhor aparelhada para aproveitar o potencial informativo do dicionário. De fato, os cursos de formação de professores nos seus diferentes níveis não costumam contemplar em seus currículos a disciplina de Lexicografia, que toma o dicionário como objeto de estudo. Essa disciplina tem desenvolvido um ramo específico, conhecido como Lexicografia Didática ou Pedagógica, voltado às relações dicionário-ensino em múltiplos aspectos. (KRIEGER, 2012, p. 11).

Essa pode ser uma das grandes descobertas da atualidade: até mesmo a língua materna precisa de dicionários, glossários ou vocabulários e de estratégias para o bom uso dos mesmos, quero dizer, de meios capazes de mobilizar os alunos no interesse pelo gênero, é aí que entra a Lexicografia Pedagógica. A ausência da Lexicografia, enquanto ciência capaz de gerar bons resultados no processo ensino-aprendizagem se dá, em larga escala, pelo descompromisso dos professores em reconhecer nos dicionários mais um rico instrumento de aprendizagem, que não é apenas saber o significado das palavras contidas neles, mas informações culturais, classe gramatical, origem das lexias fazendo-as atravessarem o tempo e o espaço além de possibilitar o desenvolvimento da criatividade e questionamentos

concernentes aos nomes das coisas no mundo. Krieger (2011) toca exatamente neste ponto quando diz:

Em consequência, a riqueza das informações linguísticas e culturais da obra lexicográfica fica inexplorada. Mesmo a busca dos significados das palavras – o ato fundador da essência dos dicionários – é uma prática pouco comum no ensino da língua materna, contrariamente ao que se passa com a aprendizagem das línguas estrangeiras. Tornar o uso do dicionário produtivo e orientado para o ensino é, pois, a grande motivação da lexicografia pedagógica, cujo objeto delinea-se, obrigatoriamente, à luz da relação dicionário e ensino de línguas. Em decorrência, a lexicografia pedagógica é um objeto de estudos com várias interfaces e que abarca, inclusive, a problemática da falta de formação dos professores para o conhecimento e o aproveitamento pedagógico desse instrumento essencial para o ensino de línguas. (KRIEGER, 2011, p. 104).

No compasso que a Lexicografia Pedagógica vem sendo discutida, por volta do século XX, ela poderia até ser considerada nova, porém a história não é bem essa. Se a ciência da Lexicografia, como já foi dito aqui, é bem antiga, ela vem sendo experimentada ao longo da sua descoberta. É o que afirma Alves (2011):

O caráter pedagógico caracteriza as obras lexicográficas desde os primeiros embriões de dicionários. Landau (1984) menciona que muitos dos dicionários bilíngues latim-inglês do século XVI, e anteriores, tinham a finalidade de auxiliar estudantes. A lexicografia monolíngue inglesa, segundo o autor, desenvolveu-se a partir dessas obras, pois alguns dos primeiros dicionários monolíngues desses idiomas foram elaborados por professores para o ensino do inglês a jovens estudantes e a outras pessoas. Nesse sentido, afirma, dicionários escolares são tão antigos quanto a lexicografia, de modo que o caráter pedagógico dos dicionários foi anterior aos objetivos posteriormente atribuídos a esse tipo de obra. (ALVES, 2011, p. 105).

Se por um lado a Lexicografia atravessou grandes turbulências até que fosse reconhecida como ciência, por outro lado, seus eixos também são atingidos ao longo do percurso da história da língua e linguagem humana.

O que transita no pensamento de quem estuda as variações linguísticas é a descoberta de que a Lexicografia, enquanto ciência se encarrega de escrever a memória da evolução das línguas, acordando significados que nelas residem de acordo com a cultura e as intenções de uso dos falantes envolvidos na comunicação.

Quando a sociedade se manifesta linguisticamente, por vezes faz uso de lexias neológicas, dito de outra forma, escapando da linearidade, lá está o léxico como parte de um todo, tendo seus significados reconstruídos para atender as necessidades desse todo, neste momento ele desencadeia o fenômeno linguístico chamado *neologismo*, encarregado da criação ou adoção de novas lexias e de tornar visíveis outros significados das lexias já existentes, embora nem sempre dicionarizadas.

Quando um estudo se volta para a ocorrência das variações de uma língua, ele reconhece o objeto de investigação como órgão vivo e segue acompanhando o pulso, a frequência dos diferentes batimentos que ele desencadeia, alcançando muitas vezes o *corpus* de exclusão:

As primeiras bases de neologismo, criados para descrever de maneira sistemática as inovações lexicais em uma língua, tinha finalidade de contribuir para a atualização de dicionários e, por essa razão, o critério predominantemente para a consideração do caráter neológico de uma unidade lexical baseia-se em sua não inserção em um conjunto de dicionários, denominado *corpus* de exclusão. (ALVES; NUNES, 2011, p. 67).

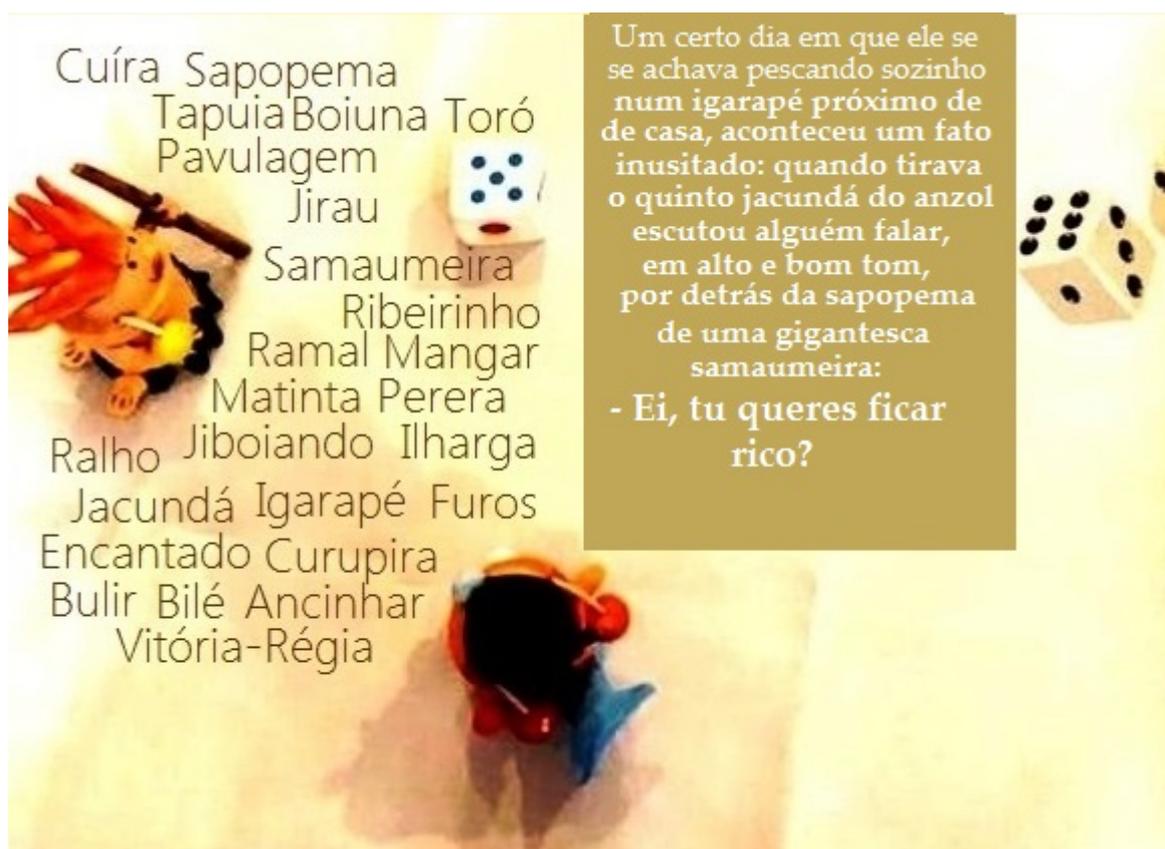
É dessa não inserção nos dicionários, ou das lexias abandonadas, mas nem por isso desimportantes, ou até mesmo das lexias que os dicionários não deram conta de significar, respondendo às necessidades dos seus consulentes, apesar de incluí-las nos seus repertórios, que esse trabalho vem se firmando. Algumas experiências desenvolvidas ao longo deste estudo comprovaram a necessidade da criação do glossário anunciado desde o início da pesquisa pelas duas razões citadas: ausência no repertório ou explicação incompatível com o alcance do entendimento do significado atribuído e a referência local que deveria, enquanto relação linguística simbólica, remeter ao real na busca de alcançar o seu objetivo.

As experiências feitas com as hipóteses durante a investigação serviram, consideravelmente, para assegurar o lugar que a tradução intralingual tem no avanço dos Estudos Linguísticos e Estudos Lexicográficos com a criação de dicionários, vocabulários e glossários permitindo a atualização dos mesmos e ou publicação de novos sempre que necessário, com resultados das análises das relações de uma lexia “estranha” quando pronunciada num lugar diferente da origem dela, procurando decifrar no contexto local o seu significado. É com base neste princípio que o Glossário das Vozes que Contam na Amazônia foi criado e posteriormente, numa proposta mais criativa, embora também comprometida com as vozes região da Amazônia em questão que o Glossário dos Significados Poético do Norte do Brasil se estabelece.

## GLOSSÁRIO DOS SIGNIFICADOS POÉTICOS DO NORTE DO BRASIL

Meu irmão veio correndo mostrar um brinquedo que inventara com palavras. Era assim: *Besouros não trepam no abstrato.* (BARROS, 2013, p. 307).

Figura 34 - Glossário dos Significados Poéticos da Região Norte



Fonte: A autora (2020).

### Macroestrutura:

Os destinatários deste glossário fazem parte de dois momentos e lugares distintos e, pelos objetivos traçados, tanto os destinatários de fora da região amazônica, quanto os da Amazônia, tiveram as experiências de contato com os mesmos dicionários, previstos nos jogos criados para as oficinas em que fizeram parte. No primeiro caso, o público na cidade de Valladolid, na Espanha, brasileiros inscritos na oficina, foi conduzido a descobrir se o vocabulário dos jogos era familiar, depois de respondida esta etapa, o público teve acesso ao *Dicionário papachibé: a língua paraense* (2019) e *O Meu Dicionário de Coisas da Amazônia* (2014). Quando necessário, foram acrescentadas outras informações aos significados contidos nos livros de consulta. Não muito diferente, o público inscrito na segunda oficina, em Belém/Pará, por se tratar de nativos da Amazônia, eles foram instigados a pensar se o eixo semântico contido nos dois livros dava conta de esclarecer as lexias do Dialeto Parauara. Assim, especificamente, os destinatários deste glossário correspondem a esses dois públicos participantes das oficinas, bem como professores de Língua Portuguesa e estudantes brasileiros interessados em conhecer e usar o dialeto Parauara de forma criativa:

- público inscrito no minicurso: “Jogo de palavras e seus significados” (Espanha/Valladolid);
- público inscrito na oficina. “Dicionário; esse brinquedo de caçar palavras e significados”. (Belém/Pará/Amazônia/Brasil)
- falantes da Língua Geral (LG)
- falantes do Dialeto Parauara (DP);
- professores da rede pública do Norte e outras regiões do Brasil com necessidade de tradução intralingual das lexias incomuns, próprias do Dialeto Parauara/DP;
- público dispostos a ressignificar as lexias Português/DP;

### Microestrutura:

1. verbete do Dialeto Parauara;
2. verbetes justificados;
3. lemas **negritados** na cor verde, com letras iniciais maiúsculas, fonte **ALGERIAN**, tamanho 48; seguidas de dois pontos (:)
4. após o lema, a indicação da classe gramatical;
5. classificação gramatical entre parênteses, em (*itálico*), logo após dos dois pontos.
6. Definição Poética;
7. Inicial dos nomes dos autores entre parênteses ( ) e ano da criação.

### Abreviaturas utilizadas:

- s.f.*: substantivo feminino;  
*s.m.*: substantivo masculino;  
*v.t.d.*: verbo transitivo direto.

GLOSSÁRIO DOS SIGNIFICADOS POÉTICOS DO NORTE DO BRASIL  
**Repertório Lexicográfico**  
Ilustração: Silvana Marcia Schilive

**A**

**Ancinhar**

**C**

**Curupira**

**I**

**Igarapé (1)**

**Igarapé (2)**

**Igarapé (3)**

**J**

**Jacundá**

**R**

**Ribeirinho**



**Ancinhar:** *v.t.d*

Quando limpamos os pensamentos diante da vista do mar;  
separamos o sonho do que nos sufoca no dia a dia,  
para em frente seguirmos outra melodia.

(P. de C. J, 2019)



Personagem amazônico  
Tem os pés voltados para trás  
É o terror das crianças  
E de muitos animais  
Vive na floresta  
O imaginário se refaz.

(P.C.de.G, 2019)



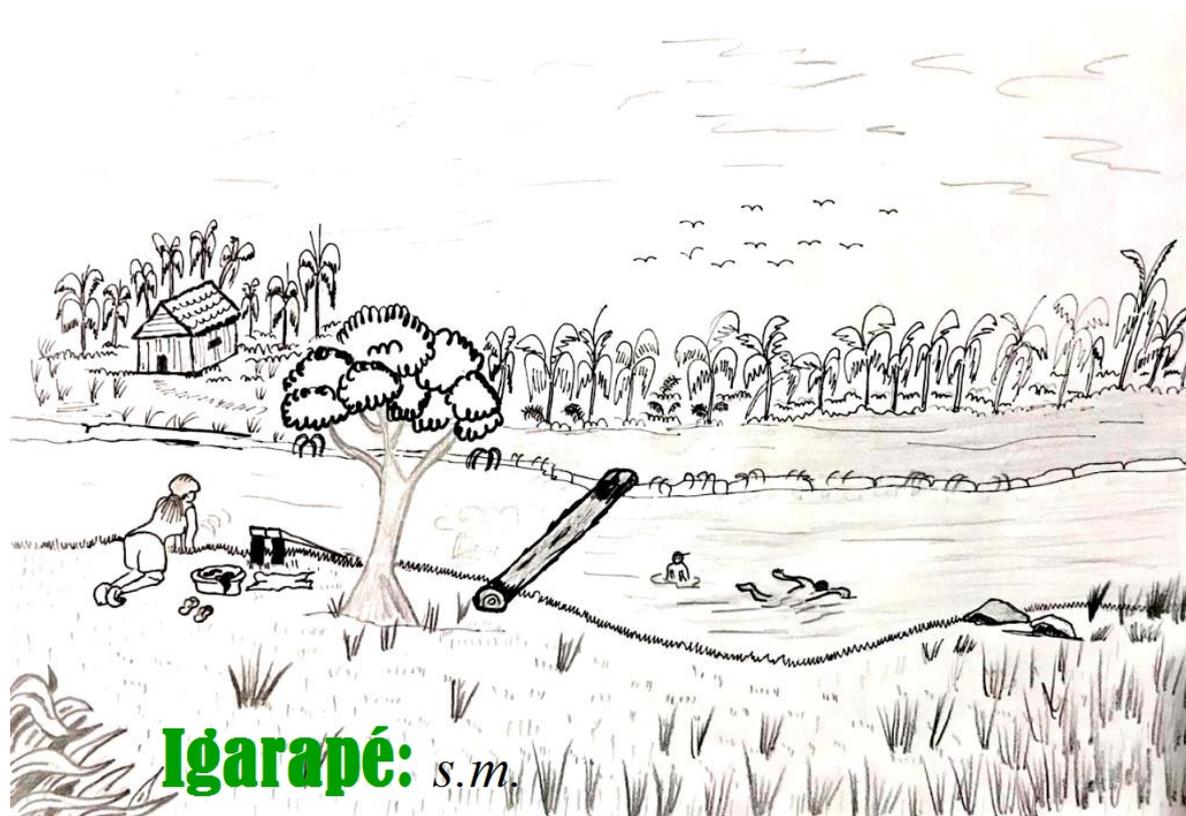
Substantivo curioso. Caminho fecundo que nos leva para onde ele quer. NOTA: nós é que construímos estradas ao lado dele para copiar sua alma; mas a estrada é sempre dura e o **igarapé** é sempre suave.

(O.G.A, 2019)



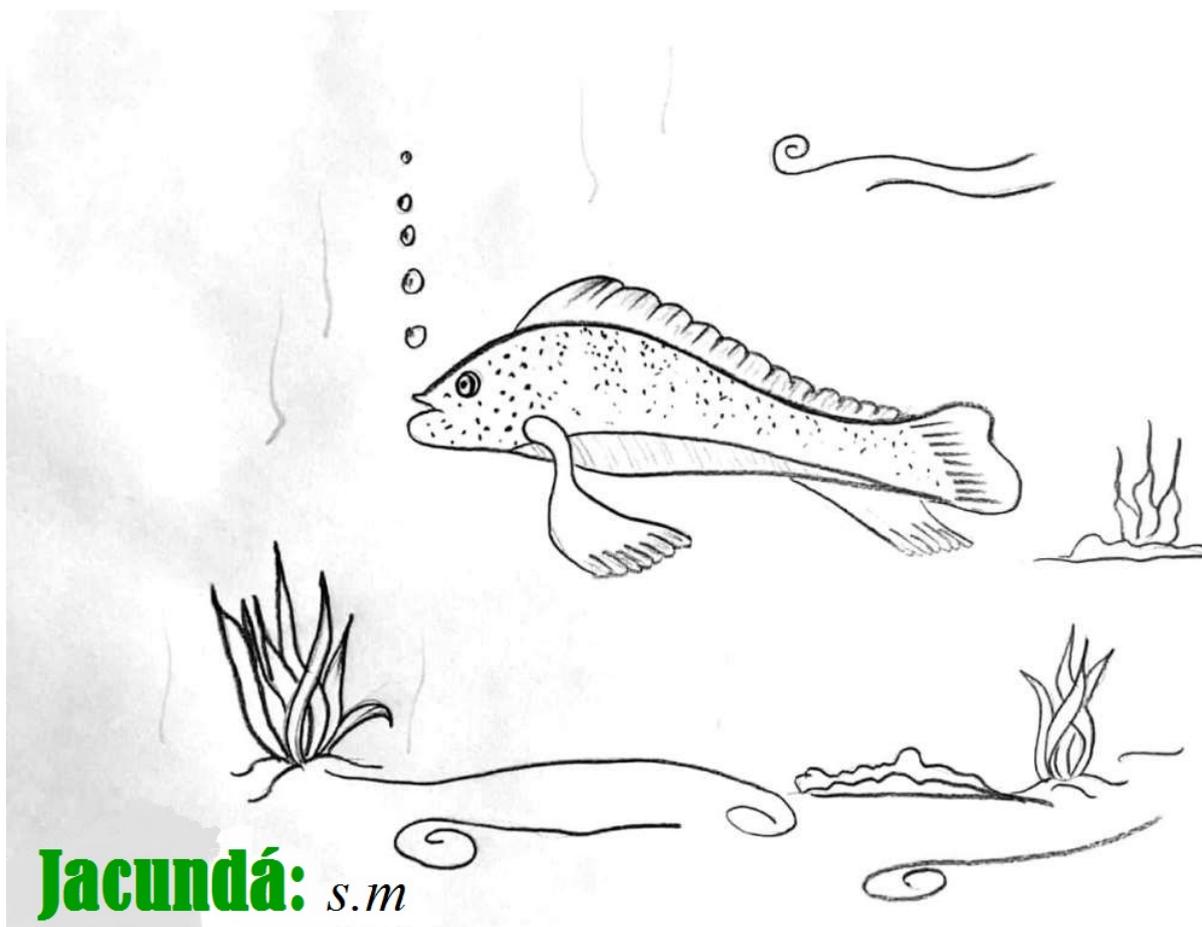
Chamam de água gelada dentro da mata;  
Atrai meninos e meninas; gente de toda cor.  
Refresca, acalma e diverte.  
Dizem que a partir das 18h não é bom mais para se banhar  
Mas deixa de besteira e vai lá te encantar.

(P. de C. J, 2019).



Curso de rio que banha espaços impensáveis,  
às vezes, ruas inteiras em que se pode  
brincar, banhar e pescar.

(A.B.A.B.D, 2019)



Peixe que gosta de se exhibir com sua longa nadadeira nas costas, enquanto despista os curiosos com seu olho onde ninguém espera – seria ele uma joaninha? Também conhecido como boca-de-velha, peixe-sabão, nhacundá e guenza, muito frágil, delicado e sensível à tudo que não é da natureza, gosta de brincar nas correntes águas doces e frias do rio.

(G.T.M.R.O, 2019).



## Jirau: *s.m*

Feito com tábuas de madeira,  
mãos passam e tocam  
pessoas simples,  
de vidas simples.  
Ora nas águas de chuva,  
ora nas águas do rio  
é utilizado para lavar e colocar  
utensílios de cozinha.  
Ali,  
lavam-se vidas,  
lavam-se lágrimas,  
lavam-se histórias.

(P.C.de.G, 2019).



Todo ser encantadoramente humilde, de singeleza peculiar, e de sabedoria empírica milenar, herdada dos ancestrais nativos; por amor e respeito à natureza, demonstra predileção por uma vida modesta, tem o prestígio das estrelas como teto e como morada os encantos inebriantes da vida às margens do rio no Norte da Amazônia brasileira, podendo apreciar cotidianamente o despertar e o pôr do sol e tem como deleite o cantar de pássaros, as cores e os aromas diversos das plantas adjacentes e o sabor singular de peixes e frutas que a natureza lhe retribui, por ser seu devotado guardião, aprovionando, inclusive, a cidade.

(C. C. F, 2019).

## 5.2 A CAIXA PRETA DA ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO DAS VOZES QUE CONTAM NA AMAZÔNIA

Tenho o privilégio de não saber quase tudo.  
E isso explica  
O resto  
(BARROS, 2013, p. 429).

Eis o ponto de verificação no percurso do estudo realizado até chegar a tradução intralingual e gerar o Glossário das Vozes que Contam na Amazônia.

*A visagem zombeteira* foi a história escolhida para verificação das hipóteses. Escrita por Antônio Juraci Siqueira no livro *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (2012, v.1), essa narração serviu para a análise e elaboração do piloto do glossário, quando apresentada em Florianópolis com estudantes de Letras da UFSC.

A escolha desta narrativa se justifica por ser uma das histórias analisadas, a que parecia apresentar maior número de lexias incomuns nas outras regiões do Brasil. Ao fazer a aposta nesta história tomei como base a minha experiência de leitora, que apesar de ser amazônica, moradora desde a infância na capital, também desconhecia grande parte do vocabulário veiculado por Siqueira (2012). Entre as lexias “estranhas” a mim destaco: cacuris, matapis, puças, sararás, jacundá, sapopema, embira, tapuia e jandiá. Para uma amazônica, a lista parece ser grande, mas ela se justifica pelo distanciamento entre o lugar de origem do contador de histórias analisado e o lugar de origem da leitora, nascida próxima de Belém, vindo morar desde a infância na Capital. Depois de testada em Santa Catarina, a hipótese foi constatada.

A explicação para a ausência desse vocabulário, em uma moradora e também nascida no Norte, reside nos intervalos da memória de outrora. Da infância, antes da mudança para Belém, minha memória recuperou apenas cenas de uma senhora, vizinha da casa que eu morava. Ela costumeiramente, nas badaladas do relógio marcando as dezoito horas, sentava em uma cadeira de balanço na porta da sua casa, enquanto a crãçada ia chegando e sentando em volta dela. Lembro que ela tinha um cachorro que sempre se acomodava ao lado dela, mas não me lembro das histórias, nem tampouco do seu vocabulário que ela empregava sempre que narrava. Eis o meu blecaute daquele tempo de conhecer histórias no pé do ouvido.

Voltando à história escolhida, para detectar a necessidade da tradução intralingual foi necessário fazer leituras repetidas da narrativa, para só então fazer uma micropesquisa com

alguns leitores da cidade de Florianópolis/SC sobre o vocabulário apresentado por um contador de histórias amazônica. Foi ali que a pesquisa começou a fazer sentido maior.

Depois de ler as narrativas escolhidas repetidas vezes para compor a tese e comprovar que as lexias também se mostravam estranhas às pessoas de outras regiões do Brasil, o glossário foi se tornando peça fundamental para este estudo em torno às variações linguísticas:

Quando dois dialectos se tornam mutuamente ininteligíveis, ou seja, quando os falantes de um dialecto já não conseguem compreender os falantes do outro, esses “dialectos” tornam-se línguas diferentes (FRONKIM, 1993, p. 265).

Do encontro dos povos das regiões brasileiras, os falantes caem num grande vazio diante das variações linguísticas. Muitas vezes riem do sotaque que o “estrangeiro” tem ou fazem gracejos frente ao novo vocabulário. Para sair desse vazio, precisam de um intérprete, um tradutor. Fronkim (1993) apresenta a visão geral deste fenômeno quando fala de dialetos regionais e de sotaques:

[...] o *sotaque* diz respeito às características linguísticas que dão informação sobre o dialeto do falante — que revelam se o falante é oriundo de uma certa região do país ou pertence a um grupo sócio-linguístico específico ou mesmo se cresceu noutro país. (FRONKIM, 1993, p. 269).

São as características linguísticas que geram o estranhamento entre os povos falantes de uma mesma língua. Esse estranhamento, por sua vez, se encarrega de gerar as pesquisas da Lexicografia e outras ciências afins.

Quanto ao percurso seguido na pesquisa e elaboração do glossário, a princípio foram consultados três dicionários da língua portuguesa: 1. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2004); 2. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2009) e 3. *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (BORBA, 2005). O resultado obtido por meio dessas consultas favoreceu consideravelmente as hipóteses da pesquisa.

O passo seguinte foi consultar dicionários específicos e fundamentais para a análise: *Dicionário do folclore brasileiro* (CASCUDO, 2001) e *Meu dicionário de coisas da Amazônia* (MORAES, 2014) para saber se esses respondiam às necessidades dos consulentes. Esta pesquisa não foi feita apenas para marcar a presença das lexias nos três dicionários, mas também para averiguar se os significados que esses dicionários apresentam são compatíveis com o contexto empregado nas histórias contadas na região Norte, com o imaginário amazônico. Só depois da pesquisa, foi possível considerá-las parte integrante do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia.

Elaborei um quadro com os resultados encontrados na pesquisa de campo léxico de uma das histórias escolhidas. Cada lexia, selecionada como estranha pelos ouvintes da história, aparece em um quadro feito para o levantamento das hipóteses. Utilizei um símbolo (€) da matemática com fonte na cor preta para indicar quando a lexia pertence no repertório de cada dicionário analisado e (€) com fonte na cor vermelha quando não pertence, ou não encontrado.

Quadro 1: Esse foi o resultado da análise das lexias de uso comum ou incomum nas regiões brasileiras. No início, o total foi de 14 (catorze) lexias apontadas pelos ouvintes, depois da análise o número reduziu para a metade 07 (sete) lexias. Além da mudança no número, os dicionários também foram modificados para atender a precisão da análise:

Pertence Não pertence

€	€
---	---

Quadro 4 - Busca das lexias regionais I

Lexias (Norte)	Dicionário Aurélio	Dicionário Houaiss da língua portuguesa	Dicionário UNESP do português contemporâneo
1. cacuris	€	€	€
2. curupira	€	€	€
3. embira	€	€	€
4. embrenharam	€	€	€
5. igarapé	€	€	€
6. jacundá	€	€	€
7. jandiá	€	€	€
8. matapis	€	€	€
9. puças	€	€	€
10. ribeirinho	€	€	€
11. sararás	€	€	€
12. sapopema	€	€	€
13. samaumeira	€	€	€
14. tapuia	€	€	€

Fonte: A autora (2020).

O quadro aponta um dado curioso: no terceiro dicionário consultado, há menor número de lexias encontradas em seu repertório. O espanto se refere ao fato de o dicionário trazer no seu nome a indicação de atualização, quando anuncia ser um dicionário “contemporâneo”. Da busca pelas 14 (catorze) lexias presentes na história contada, o *Novo*

*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2004) e o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2009) se mostraram atualizados, apresentando as 14 (catorze) lexias investigadas nos seus repertórios, diferentemente do *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (BORBA, 2005) que ficou devendo 4 (quatro), entre as lexias procuradas.

Apresento agora, o quadro da nova análise das variações linguísticas do Norte do Brasil. Por se tratar de um quadro a outro, aqui já aparece um número menor de lexias. Elas fazem parte dos objetivos pretendidos pelo repertório do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia:

Pertence    Não pertence

∈	∉
---	---

Quadro 5 - Busca das lexias regionais II

Lexias (Norte)	Dicionário do folclore brasileiro	O meu dicionário de coisas da Amazônia
1. igarapé	∉	∈
2. jacundá	∈	∉
3. sapopema	∉	∈*
4. samaumeira	∉	∈*
5. ribeirinho	∉	∉
6. tapuia	∈	∉
7. curupira	∈	∈

Fonte: A autora (2020).

O primeiro dicionário apresenta uma lacuna maior no repertório investigado por se tratar de um dos mais recomendados para o estudo da cultura popular e do folclore, o resultado surpreende, apresentando apenas 3 (três) das entre 7 (sete) lexias procuradas.

Enquanto o segundo dicionário, apesar de ser uma publicação mais consiva, contando com apenas 280 páginas, enquanto o primeiro é mais volumoso e tem 930 páginas, nesta pesquisa, o menor venceu o maior.

Ainda que *O meu dicionário de coisas da Amazônia* (2014) não seja muito visitado nas pesquisas acadêmicas, ele respondeu melhor à pesquisa feita, apresentando 4 (quatro) lexias, sendo 2 (duas) marcadas por asterístico indicando que elas aparecem no dicionário de Moraes (2014), embora apresente diferença na escrita: \*Samaumeira (Sumaumeira) e \*Sapopema (Sapupema) e a ausência de duas lexias fundamentais para um dicionário que se proõe apresentar as coisas da Amazônia.

O resultado da busca feita no segundo dicionário vem do fato de o autor ser um nativo da região Norte do Brasil e, como tal conhece as possíveis faces do seu idioma e o desejo que toda língua tem de se manter viva no seu próprio habitat natural, bem como em qualquer lugar que transite, sendo reconhecida como parte constituinte da Língua Portuguesa.

A análise aqui demonstrada tem o objetivo de reconhecer as lexias sendo ou não da região Norte do Brasil e saber se por essa razão são desconhecidas das outras regiões desencadeando a estranheza entre os ouvintes ou leitores.

O resultado da análise do Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009), por exemplo, deixa pistas da origem de algumas lemas, porém nem sempre o verbete se completa marcando informações necessárias para o entendimento dos seus destinatários. É o caso de “sapopema”, nele há a informação do lugar de saída do lema, mas para os nativos da Amazônia, o conteúdo semântico que deveria tornar o significado compreensivo, fornece informações importantes apenas para a área da botânica e outras ciências afins.

Figura 35 - Sapopema

**sapopema** s.f. (1865) **1** MORF.BOT cada uma das raízes que formam divisões tabulares em torno da base do tronco de certas árvores; **catana** **2** ANGIOS árvore (*Aspidosperma excelsum*) da fam. das apocináceas, nativa das Guianas e Amazônia, de flores em glomérulos; **bucutá, peroba-rosa** [A base do caule emite numerosos prolongamentos tabulares, formando grandes cavidades; a madeira é de qualidade.] **3** ANGIOS árvore (*Sloanea alnifolia*) da

Fonte: Houaiss (2009).

Outro exemplo do Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009):

Figura 36 - Cacuri

**cacuri** s.m. (1899) PSC AMAZ **1** m.q. **MATAPIM** **2** tapagem de duas bocas, us. para aprisionar peixes que sobem ou que descem o igarapé **3** tapagem em forma circular e com uma abertura estreita, us. para capturar peixes ◉ ETIM tupi \**kakuri* 'id.' ◉ SIN/VAR ver sinonímia de *armadilha*

Fonte: Houaiss (2009).

“Cacuri” faz parte das lexias selecionadas na história contada por Siqueira (2012), porém não entrou no repertório do glossário, porque o seu significado constava na nota de rodapé do livro, objeto de estudo deste trabalho. No caso deste verbete, o dicionário foi mais assertivo quando identifica o lugar da fala, bem como apresenta uma informação semântica por meio de uma definição mais compreensível do lema, cumprindo assim um dos seus objetivos.

Ao longo deste estudo fui percebendo a responsabilidade que tem o lexicógrafo em definir o mundo e as coisas que o circundam além, de ter o princípio ético em não tomar para si uma definição já existente em outros estudos: dicionários, vocabulários ou glossários. O que me parece muito justo, afinal a Lexicografia foi reconhecida exatamente pelo empenho e anos de pesquisa que podem gerar um bom resultado de publicação.

Das descobertas ficaram compreendidas algumas estratégias para a elaboração do Glossário das Vozes que Contam na Amazônia: i) fazer a leitura dos dois volumes do livro escolhido para esse estudo, ii) selecionar as histórias que, por ventura, se mostraram possíveis para a discussão, iii) encontrar as variações linguísticas e apresentá-las em outra região para a verificação da hipótese, iv) pesquisar dicionários distintos para a confirmação, ou não confirmação da sua área de ocorrência e adequação referente a dados semântico-lexicais com os saberes locais. E por fim, fazer quem entrou nesta aventura tradutória e lexicográfica e aqui está de olhos acesos nesta página, reconhecer os ganhos que podem assumir tanto quem conta como quem escuta ou lê uma história, afinal, enfatiza Cascudo (1984):

O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões, julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Encontramos nos contos vestígios de *usus* estranhos, de hábitos desaparecidos que julgávamos tratar-se de pura invenção do narrador. Os contos aludem ao cabelo solto das donzelas, às crianças enjeitadas que o achador envolvia na capa, ao rei triste que só vestia branco, à coabitação prévia antes da cerimônia nupcial. Foram *usus*, regras da vida diária, legalizadas em sua ancianidade histórica. (CASCUDO, 1984, p. 236).

Um bom texto poético prepara a língua para ser revelada, quando faz as suas investidas, sempre que se põe a escutar atentamente o lugar de partida para então, fazer a entrega no lugar de chegada. Assim ele marca as duas fronteiras com as suas respectivas variações linguísticas, entre outros recursos tão próprios da linguagem artística humana. A arte literária, tanto na oralidade, quanto na escrita, é a tradução de tudo o que a paisagem comporta: lugares, coisas, bichos e gente. Essa mesma arte representa as vozes de muitos que ela carrega. O mesmo ocorre com os contadores de histórias quando levam as narrativas de

lugar em lugar passando a ser a própria história e, por conseguinte, eles se transportam para um lugar que não é deles, mas de outros que atravessaram a sua existência. A literatura oral ou escrita desloca a língua do ponto onde parecia ter ficado e traduz o passado para o presente, enquanto espera o futuro chegar para se instalar também nele. Por acreditar no que digo, espero que esse pensamento abra a cortina das ideias mais sublimes sempre que o outro me falar.

## 6 CONCLUSÃO OU DESEMBARQUE

De primeiro as coisas só davam aspecto  
 Não davam ideias.  
 A língua era incorporante. (BARROS, 2013, p. 294).

Um debate sobre tradução na atualidade não deveria se render ao tempo de onde partiu e circundar unicamente nele, nesse tempo que versava sobre o ato tradutório feito entre duas línguas: uma nacional e outra estrangeira. No entanto, ele deveria saber das reformas nos conceitos e experiências tradutórias, navegar por territórios com a permissão de se perder desviando de alguns caminhos, muitas vezes necessário, para se encontrar em outros caminhos que possam resultar em descobertas também importantes.

O êxito desta pesquisa será medido pelo grau de interesse em continuar navegando, quando digo navegando entenda que estou provocando desconforto, inquietação, buscando outras formas capazes de conjugar o verbo traduzir, atravessando os tempos com a capacidade de, na medida do impossível, estar à altura da ação do verbo traduzir.

É possível prever o que pode ter em mente uma pessoa quando solicitada a conceituar a tradução. Caso ela não tenha tido interesse em avançar nos estudos acadêmicos sobre o assunto, ou até mesmo se aventurar, por conta própria, em leituras que poderiam lhe dar uma boa resposta, possivelmente ela terá uma corrente nos pés e irá responder, categoricamente, que se trata da passagem de uma língua à outra, sendo que uma deverá ser estrangeira. Contudo, essa limitação de pensamento se rompe na atualidade quando pede um olhar mais descentralizado dos conceitos tradicionais. Com referência a este debate e já apontando um desconforto ao que ainda pode estar sendo mantido ou aceito como ato tradutório, cito Marín-Dòmene (2015)

O que é traduzir? A pergunta, no contexto da história da tradução ocidental, tem uma resposta complexa e contraditória. A concepção tradicional da tradução supõe que traduzir tal como indica a etimologia da palavra – é transportar de maneira ideal o sentido – e, portanto, a suposta verdade – de um texto escrito em uma língua a outro escrito em uma outra. Essa ideia generalizada de tradução obriga a ver as línguas como simples acidentes históricos e a perceber os conceitos de sentido e verdade como absolutos extralinguísticos. Poder-se-ia dizer, portanto, que, na definição tradicional de tradução, se esconde um intento metafísico de negar o que o mito de Babel explica: que a condenação do sujeito a se fazer entender pelo outro não reside na diversidade das línguas, mas em sua diferença radical. (MARÍN-DÒMINE 2015, p. 24).

A autora avança instigando cada vez mais seus leitores a pensarem de outro modo rompendo com esse passado. Quando discursa sobre o sentido da tradução, chama para a roda Barthes, porque vê no crítico literário e filósofo francês uma aproximação dos Estudos da

Literatura com os Estudos da Tradução, a partir do momento em que os dois estudos sobem os degraus da interpretação contrapondo a crítica convencional.

Assegurando o tom da discussão, a autora faz um passeio pelas transformações que os Estudos da Tradução vivem, apontando na linha do tempo, as turbulências do ano de 1980 com a “teoria dos polissistemas” entre outras teorias de oposição atravessadas no período de 1979 a 1990 até chegar aos dias atuais:

A busca do sentido único se sustenta a partir de pressupostos ideológicos que admitem sem questionamento a hierarquia textual e a hierarquia institucional que, ao mesmo tempo, se outorga o poder de validar uma interpretação determinada que se converte em canônica. Querer impor uma visão da tradução baseada na hegemonia do sentido único, representa, também, ter de admitir uma leitura unívoca que se contrapõe radicalmente à visão pluralista dos textos com que a crítica textual contemporânea trabalha. (MARÍN-DOMINE, 2015, p. 161).

O que entra em jogo agora são as formas possíveis de tradução e saber que o lexicógrafo trabalha lapidando minuciosamente cada pequena pedra dos significados de uma língua para que num estágio futuro o resultado desta lapidação possa ser usado por tantos outros tradutores, quando chamados para tirar o véu que há nas comunicações humanas.

Antes desta pesquisa eu estava na estatística dos que tem o entendimento razoável do ato tradutório, quando usava um dicionário, assim como tantos, eu o fazia num gesto automático. Sempre que tinha alguma dúvida de vocabulário em uma conversa ou em um texto escrito, pegava o dicionário para aquela lexia específica: dicionário de sinônimos, dicionário de símbolos, dicionário de semiótica, dicionário dos sonhos, dependia do que estava em jogo no contexto. Depois de encontrar o significado procurado, fechava o dicionário e seguia no ritmo automático, sem o menor interesse em refletir sobre o que aprendera, quem possibilitou a aprendizagem, como fez para alcançar o conhecimento ou se tinha alguma outra forma de usar aquele objeto de pesquisa que embora não parecesse, na época, já era bastante interessante.

Durante o tempo das descobertas da tese, traduzir perdeu o caráter de via de mão única, ampliando consideravelmente as fronteiras do seu sentido e da função que pode ter o objeto físico “dicionário”. Aquela ação mecânica de consulta foi substituída por um plano maior de possibilidades:

No caso da aprendizagem da língua, tanto materna quanto estrangeira, há vários instrumentos que podem ser disponibilizados para o aluno, desde artefatos sonoros a documentos impressos em papel. Assim como o viajante precisa de meios de transporte, geralmente vários, para chegar a seu destino, incluindo muitas vezes avião, ônibus, taxi, escadas e as próprias pernas, o aluno também tem essa necessidade de diversos instrumentos que façam a mediação entre o seu desejo de conhecimento linguístico e a apreciação final desse conhecimento. Partindo,

portanto, desse desejo inicial ou, pelo menos, de uma intenção de aprender, chega ao resultado final, a aprendizagem alcançada, através do uso de recursos didáticos, entre os quais, inclui-se, obviamente, o dicionário. (LEFFA, 2011, p. 122).

Porque eu compreendo a aprendizagem como um terreno pronto para receber sementes díspares e possíveis de germinar lado a lado, o meu olhar para a tradução se pluralizou e com ela o uso do dicionário em sala de aula, possibilitando o acesso à aprendizagem da língua materna, neste caso. E foi assim que eu cheguei até esse objeto de estudo renegado chamado Tradução Intralingual, percorrendo os caminhos da ciência da Lexicografia outra peça fundamental para a tradução, mas que tantas vezes também sofre o desagrado dos que ainda se mantêm puristas, irredutivelmente fiéis ao princípio de tudo.

Sobre essa aprendizagem da qual lhes falo e fazendo referência ao que foi visto durante os capítulos da tese que agora finda, com seus jogos e novas formas para fomentar o bom uso de dicionários nas salas de aula ou outros espaços, eu escolhi uma citação de Assmann (1998):

Precisamos reintroduzir na escola o princípio de que toda a morfogênese do conhecimento tem algo a ver com a experiência do prazer. Quando esta dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo meramente instrucional. Informar e instruir acerca de saberes já acumulados pela humanidade é um aspecto importante da escola, que deve ser, neste aspecto, uma central de serviços qualificados. Mas a experiência de aprendizagem implica, além da instrução informativa, a reinvenção e construção personalizada do conhecimento. E nisso o prazer representa uma dimensão-chave. Reencantar a educação, significa colocar a ênfase numa visão de ação educativa como ensinamento e produção de experiências de aprendizagem. (ASSMANN, 1998, p. 29).

Quando propus atividades que despertam o prazer de consultar dicionários através dos jogos e com eles chegar a outras propostas de tradução, para além dos dicionários consultados, eu sabia que me arriscaria numa possível negação, afinal isto é uma tese e como tal, precisa ser assertiva, mas eu precisava apostar no que acreditava. Enquanto tramava os capítulos que norteavam o prazer de aprender pelo dicionário, fui rememorando o perfil da minha orientadora nesta pesquisa, as suas publicações, orientações e aulas na disciplina ministrada durante o doutoramento. Desse tempo aprendi que escrever uma tese é como arrastar um cavalo de madeira oco por dentro até o centro das teorias, selecionar as que são de uso plausível para resolver os conflitos das hipóteses levantadas e, então, preencher o cavalo antes oco com o resultado das análises e a solução encontrada para o problema.

O que eu quero dizer é que no meio da pesquisa me senti como Odisseu, travando lutas intermináveis com as descobertas que fiz, por isso, alguns poucos quatro anos não

parecem suficientes para preencher o dito cavalo de madeira, montar nele e chegar às últimas páginas escritas, chamando-as de conclusão.

O pensamento humano é inconclusivo. Comparado a uma mola, ele não se permite estar condensado, estanque e, como Odisseu, o herói jamais vencido, tudo o que li ao longo desses quatro anos, me convida a outras Odisseias, enquanto Homero, o bardo cego, aponta a direção de Ítaca, o caminho de volta e como deve ser a volta de todo herói:

Logo que todo o trabalho concluíram e a ceia apresentaram,  
servem-se, sem que ninguém de sua parte privado ficasse.  
Tendo assim, pois, a vontade da sede e da fome saciado,  
foram dormir e gozar as delícias do sono agradável. (HOMERO, 2015, 278).

Embora a voz de Homero me sirva de acalanto, eu sei que estou voltando para contar os grandes feitos, as descobertas tantas que fiz no decorrer desta pesquisa, mas também sei que ela só terá sentido se for experimentada. Não tem nenhum sentido engavetar o que fora aqui escrito.

Nesta pesquisa, o Dialeto Parauara tomou o seu lugar dentro do cavalo de madeira e sustentou, a todo custo, a força que tem. Suas lexias, quando pronunciadas pelos contadores de histórias amazônidas, anunciam os segredos das vozes que representam, aquelas vozes tão antigas, porém remoçadas quando se mantêm em uso no seu lugar de origem, ou quando mudam de paisagem.

Foi a escuta de uma dessas narrativas contidas no livro *Apanhadores de histórias: contadores de sonhos* (2012) que fez uma das lexias desse dialeto se movimentar e me empurrar para essa viagem. Foi o chamado do verbo “ancinhar”: posso garantir, foi esse verbo que me trouxe até aqui.

Até aquele momento eu não me via tão de perto, quase nada sabia de mim. Também não sabia se algumas lexias que eu falava eram ou não compreendidas em outras regiões do Brasil, nem tampouco tramava ser tão igual a Odisseu, em grandes lutas num poema épico, dividida entre a Língua Geral e o Dialeto Parauara. Foi quando uma história preparou a tocaia e me apanhou. Aquela história me “ancinou”, retirou de mim as folhas secas e esperou a árvore tombar para fazer o grande cavalo de madeira com o qual eu atravessaria as guerras e os conflitos das teorias até retornar à Ítaca, longe da metáfora, o meu retorno a Belém.

Neste momento, devo retirar algumas informações que fizeram parte do interior do cavalo de madeira no percurso deste estudo e fazê-las valer como parte do estudo realizado. Muito ouvi dizer que uma tese, necessariamente, precisa ser objetiva, mas enquanto amazônida, com um vasto campo imaginário pertencente a ele a ser estudado, não parecia

fácil raspar a casca de quem sou para dar seguimento a um estudo que devesse parecer com os modelos de tese. Era preciso sentir algum convencimento maior. Este veio quando descobri a Lexicografia, essa ciência que se abre também para o estudo das variações linguísticas respeitando-as enquanto traços da cultural e identidade de cada povo, pois “toda unidade tem potencialmente um ou mais significados disponíveis para o falante. Todo significado ocupa um lugar definido no sistema de que faz parte, sendo, também, delimitado por aqueles que fazem parte do mesmo conjunto” (BORBA, 2003, p. 19).

Descobrir a Lexicografia na Literatura Oral e a Literatura Oral na Lexicografia tendo uma orientadora lexicógrafa e pesquisadora desta ciência tornou possível o desafio, o chamado para as guerras, os conflitos entre a Lexicografia, Lexicologia, Terminologia, Filologia e outros campos da Linguística. Foi, também, o que me fez parar para melhor ouvir a Amazônia com sua fala peculiar, viva e pulsante na voz dos contadores de histórias de lá.

Esta pesquisa é, portanto, um roteiro para conhecer algumas variações linguísticas presentes no Dialeto Parauara, a voz que ecoa no Norte do Brasil, enquanto uma das partes da Amazônia brasileira, percorrida aqui através de seis narrativas publicadas no livro *Apanhadores de Histórias: contadores de Sonhos* (2012).

Muito valerá a pena se, no percurso deste trabalho, tiver levado ao alcance do leitor um dialeto aparentemente novo, deslocando-o do espaço amazônico e favorecendo o conhecimento mais amplo das ocorrências de suas variações, na tentativa de escapar dos riscos anunciados por Borba (2003), quando se refere a recepção do discurso novo para o leitor (ou ouvinte): “Ele aceita as frases, ou rejeita-as, parcial ou totalmente, por achá-las estranhas, contraditórias ou anômalas seguindo um modelo.” (BORBA, 2003, p.18). Desta forma, convém acreditar na diversidade da língua portuguesa e brasileira pelas marcas culturais das suas regiões, por isso é necessário entender a importância que tem de captar, apreender, entender, respeitar e, talvez, até mesmo poder usar o vasto vocabulário desse Brasil que é tão plural.

Depois deste trabalho, é possível apostar nas narrativas como ato tradutório representando a composição da nossa subjetividade, ou identidade entendendo que o dialeto com o qual as narrativas se comunicam colabora para esse ser e estar no mundo.

O percurso percorrido aqui faz parte do resultado da pesquisa no campo teórico, com pretensão de alcance prático e pedagógico do bom uso do dicionário auxiliado pela Lexicografia e pelos jogos criados para o desenlace deste estudo.

Enfim, escrever uma tese é ser Odisseu e Penélope ao mesmo tempo. Entrar em batalhas com as teorias, perder umas, ganhar outras. Tecer e retercer pensamentos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria; NUNES, José Horta. Quais os critérios que deveriam orientar os lexicógrafos na inserção de neologismos em dicionários gerais? *In: XATARA, Claudia; BEVILAQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (org). Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos. Parábolas Editorial, São Paulo, 2011. p. p. 67-72.*
- ALVEZ, Ieda Maria. Neologia e dicionários escolares. *In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (orgs). Dicionários escolares: políticas, formas & usos. Parábola Editorial, São Paulo, 2011.*
- ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.*
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.*
- AZEVEDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.*
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso. Por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.*
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 55. ed. São Paulo. Edições Loyola, 2013.*
- BAGNO, Marcos. *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.*
- BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS (org.). *Língua materna: letramento, variação e ensino. Parábola Editorial, São Paulo, 2002.*
- BARROS, Manoel de. *Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2013.*
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Editora 34, 2002.*
- LEFFA, Vilson José. O dicionário deveria ser sistematicamente utilizado em aulas de língua materna ou estrangeira como instrumento pedagógico? *In: XATARA, Claudia; BEVILAQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (org). Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 123-132.*
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.*
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, 1998.*
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. *In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.) As ciências do*

*léxico*: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001. p. 13-22.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAZIL, Themistocles Paes de Souza. *Incolas Selvícolas*. Rio de Janeiro: Leuzinger S. A., 1937.

BRINJY, Hoda, Interculturalité et traductin des expressions figées. *Monde Árabe*, n. 9, p. 23-40 2016. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Mondearabe9/brinjury.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 3. ed. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1979.

CÂMARA JÚNIOR, J. Matoso. *Dicionário de linguística e gramática referente à Língua Portuguesa*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARVALHO, José G. Herculano de. *Teoria da linguagem: natureza do fenômeno linguístico e a análise das línguas*. v. 1. Coimbra: Atlântida Editora, 1973.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 9. ed. Editora Global, São Paulo 2001.

CASCUDO, Luiz da Camara. *Literatura oral no Brasil*. 3. São Paulo: Editora Itatiaia, 1984.

CHATEAU, Jean. *O jogo e a criança*. Tradução Guido de Almeida. São Paulo: Sumus, 1987.

COZZI, Andréa. *Tessituras poéticas: educação, memória em saberes e narrativas da ilha grande/Belém-PA*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará, 2015.

COZZI, Andréa; SANTOS, Sônia (org.). *Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos*. Ilustração de Maciste Costa. 2. ed. Belém: Tempo Editora, 2012.

DEODERLEIN, João. *O livro dos ressignificados*. São Paulo: Paralela, 2017.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barrtto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DILMA homologa a demarcação da Terra Indígena Cachoeira Seca na Transamazônica. *Gazeta Santarém On-line*, Santarém, 2016. Disponível em: <http://gazetadesantarem.com.br/dilma-homologa-terra-indigena-cachoeira-seca/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1995.

DURAND, Gilbert; *A imaginação simbólica*. Tradução Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Princípios metalexigráficos adotados em um dicionário de falsos amigos português-espanhol. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 3, p. 167-206, jul/dez, 2015.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Projeto Metalexigráfico do Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol (DiFAPE). *Cadernos de Tradução*, v. 35, v. 1, p. 192-209, 2015.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Programa de informações microestruturais do dicionário de falsos amigos Português-Espanhol (DiFAPE). *Revista Trama*, v. 12, n. 24, p. 3-24, 2016.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. *Vendo o dicionário com outros olhos*. Londrina: UEL, 2010.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri, SEIDE, Márcia Sipavícius. Conduzindo ao cenário alguns pontos de vista em torno da tradução, leitura e da escrita. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri, SEIDE, Márcia Sipavícius (org.). *De um cenário a outro: os bastidores de um laboratório de tradução*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2016.

ELIAS, Vanda Maria (org.) *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo, Contexto, 2011.

FARES, Josebel Akel. *Um memorial das Matintas*. Belém: Fundação Cultural do Pará, 2015.

FAVACHO, Dia. Iaci a encantada. In: COZZI, Andréa; SANTOS, Sônia (org.). *Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos*. Ilustração de Maciste Costa. Belém: Tempo Editora, 2012. p. p. 39-41.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, Literatura da Amazônia ou Literatura Amazônica?. *Revista de Pós-Graduação em Letras*, UFPB. v. 6, n. 2/1, João Pessoa, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Antônio Ramos Rosa. São Paulo: Edições 70, 2005.

FRONKIM, V; RODMA, R. *Introdução à linguagem*. Tradução Isabel Casanova. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.

FUNARI, Pedro Paulo; NOELLI, Francisco Silva. *Pré-história do Brasil*. Contexto: São Paulo, 2002.

FUZER, C; CABRAL, S.R.S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GREGÓRIO FILHO, Francisco. *Lembranças amorosas*. São Paulo: Global, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HOEBEL, E, Anderson. *Antropologia cultural e social*. Tradução Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 2006.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva, Rio de Janeiro, 2009.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, v. 3. Campo Grande: UFMS, 2007.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2007.

JUNG, Carl. G. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 2. ed. spe. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KAMII, Constance. *Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget*. Tradução: Marina Célia Dias Carrasqueira. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KIRINUS, Gloria. *Um barco em meu nome*. Paulus. São Paulo, 2012.

KISHIMOTO, Tisuko Mochida. O jogo e educação infantil. In: KISHIMOTO, Tisuko Mochida (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KLISYS, Adriana. *Quer jogar?* São Paulo: São Paulo: Edições SESC, 2010.

KRIEGER, Maria da Graça. *Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

KOPENAWE, Albert, Bruze. Davi. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*: tradução Beatriz Perrone. Companhia da Letras São Paulo, 2013.

KRIEGER, Maria da Graça. Questões de lexicografia pedagógica. In: XATARA, Claudia; BEVILAQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (org). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 104-.

LLANSOL, Maria Gabriela in *O sexo de ler de Bilitis*: canções em prosa rítmica. Tradução Maria Gabriela Llansol, Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2010.

LOPES, Edward. *Fundamentos de linguística contemporânea*. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

LOUÏS, PIERRE. *As canções de Bilitis*. Tradução: Tejo Damasceno Ferreira. Edição bilíngue. Porto Alegre: Editora Paraula, 1994.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade: por uma nova concepção de língua materna*. 5. ed. Editora Ática, São Paulo, 1997.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Linguística e humanismo*. São Paulo: Vozes, 1974.

MARCUSHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo, 2008.

MARÍN-DÒMINE, Marta. *Traduzir o desejo: psicanálise e linguagem*. Tradução Emiliano de Britto Rossi. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MARTINEZ DE SOUZA, José. *Manual básico de Lexicografia*. Gijon, Trea, 2009.

MEIRELES FILHO, João. *Grandes expedições à Amazônia brasileira*. São Paulo: Matalivros, 2009.

MORAES, Raymundo. *O meu dicionário de coisas da Amazônia*. 3. ed. Belém: Cultural Brasil, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. *Munduruku 2: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores*. Lorena: UKA Editorial, 2017.

PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMH, 2012.

PLAZA, Julio, *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2003.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Brasileirismo e regionalismo. *Alfa*, São Paulo, n. 42 (n. esp.), p. 109-120, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.

PORTO, Líria. *Asa de passarinho*. Belo Horizonte: Lê, 2014.

PORTO, Patrícia. *Narrativas memorialísticas: por uma arte docente na escolarização da literatura*. Curitiba: Editora CRV, 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Dicionário de imprecisões*. Impressões de Minas. Belo Horizonte, 2019.

RIBEIRO, Giselle. *A princesa sem dons para tamanha felicidade*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2019.

RIBEIRO, Giselle. Biografia incandescente In: JARDIM, Rubens, PICCOLO (org.). *Mediocridade: antologia poética*. São Paulo: Laranja Original, 2019, p. 88-91.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Tradução e prefácio Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. Sobre os diferentes Métodos de Tradução. Tradução de Celso R. Braidá. In: HEIDERMAN, Werner (org.): *Clássicos da Teoria da Tradução*. 2. ed. v. 1. Florianópolis: UFSC, 2010.

SCHULER ZEA, Evelyn Martina. Tradução como iniciação. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 192-212, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n3p192>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença: 1997.

SOBRAL, Raymundo Mario. *Dicionário papachibé: a língua paraense*. Belém: Editora Cultural Brasil, 2019.

STEINER, George. *Depois de Babel: Questões de linguagem e tradução*. Tradução Carlos Alberto Faraco. Editora UFMG. Curitiba, 2005.

VIEIRA, Paulo. *Retruque*. Belém, 2010.

VILELA, Mário. *Ensino de Língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Editora, 1994.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma frequente introdução a Lexicografia*. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

WIEGAND, Herbert Ernest. *On the Structure and Contents of a General Theory of Lexicography*. Reino Unido: Editora, 1984.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução da poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

## ANEXOS

### ANEXO A – Apanhadores de Histórias: Contadores de sonhos





Nunca havia a natureza das coisas  
 como parecia: vale do estro de uma  
 guerra...

15

Longe, muito longe, vivia um lenhador e sua esposa. O homem trabalhava sem parar atrás de boas árvores para cortar. Tempos difíceis aqueles. Para conseguir a lenha para suprir as necessidades da casa e para vender no mercado do povoado, ele precisava ir cada vez mais distante mata adentro.

Certa manhã, o lenhador saiu de casa decidido a fazer uma longa caminhada ao encontro das madeiras. Andou muito até ficar cansado. Como já havia percorrido uma grande distância, resolveu parar para escolher as árvores e iniciar seu trabalho; avistou um arbusto e pensou em começar por ele.

Ao dar a primeira machadada, ouviu um barulho de madeira oca, estranhou tanto que resolveu abrir o arbusto para ver o que estaria no seu meio. O achado surpreendeu o lenhador. Imaginem só, um baú entre os arbustos! Ao abr-lo, a surpresa foi maior: moedas, ouro, prata, pedras preciosas; as peças do baú reluziam a ponto de ofuscar sua visão.

O homem festejou o achado com piruetas e cambalhotas; o tesouro mudaria sua vida! Logo em seguida à euforia, lembrou-se das ordens do coronel Constâncio Emeireles de Albuquerque, um homem muito rico, dono de todas as terras daquele povoado. Tudo que fosse encontrado em suas terras lhe pertenceria. Sendo assim, se

o coronel soubesse do baú, o lenhador teria de entregá-lo àquele tirano, que acumulava uma fortuna tão grande que sua imaginação nem alcançava.

Um plano precisaria ser traçado, pois além do coronel, o lenhador tinha outro problema: sua mulher, que tinha a fama de faladeira, fofoqueira, cagoeta, ou como queiram dizer. O que aconteceria se ela desse com a língua nos dentes e a história do baú chegasse ao ouvido do coronel?

Com o plano na cabeça, ele pegou algumas moedas de ouro, colocou em seu bolso, escondeu o baú novamente entre o arbusto e seguiu rumo ao mercado do povoado para comprar três coisas: um coelho, pacotes de macarrão e alguns peixes.

Após as compras, retornou ao local em que se encontrava o baú e pôs em prática seu plano.

Colocou o coelho no igarapé, às proximidades do arbusto, amarrou-o num fio, uma ponta no animal e outra nos galhos de uma árvore.

O próximo passo: abrir os pacotes de macarrão e espalhá-los na grama.

Por último, pendurar os peixes numa árvore como se fossem frutas.

E assim, seguiu caminho com o baú rumo à sua casa.

Ao seu encontro veio a mulher, logo querendo saber o que era aquele grande volume. O lenhador contou que havia encontrado um baú repleto de ouro e pedras preciosas.

– Estamos ricos! Vou comprar uma casa, um barco, vestidos e sapatos novos, muita comida... – ia continuando a mulher sua lista de compras quando foi interrompida pelo marido.

– Mulher, preste muita atenção, se contares a alguém sobre o baú, nós o perderemos! Você bem sabe das ordens do coronel Constâncio; ele logo virá buscar o tesouro dizendo que, se foi achado em suas terras, é seu!

– O que queres dizer com isso, meu amado esposo? Que sou fofoqueira? Ora,

assim fico ofendida! – disse a mulher com lágrimas nos olhos.

– Não fique ofendida, apenas estou lhe alertando para não contar a ninguém... Vou esconder o baú embaixo da nossa cama, arrancarei duas ou três tábuas do assoalho e lá colocarei o baú e ainda cobrirei as tábuas com um tapete. Agora, vamos dar um passeio num igarapé que encontrei quando fui buscar lenha. Leve um cesto grande, iremos precisar para trazer o coelho que iremos pescar e os peixes que iremos colher na árvore que dá peixes. Saiba que apenas uma vez a cada cem anos a árvore dá seus frutos, e...

O homem ia continuando, mas foi interrompido com as gargalhadas da esposa, que jocosamente afirmou:

– Marido, você sempre foi ajuizado e agora fala essas besteiras; acho que está louco!

– E ainda tem mais! Por coincidência hoje é o dia que cai a chuva de macarrão! Irei provar o que digo e veremos quem é louco! – retrucou o marido.

Os dois seguiram viagem ao encontro das maravilhas contadas. Ao chegarem ao local, observaram o chão coberto por macarrões.

– Marido, não posso crer no que meus olhos veem! Choveu mesmo macarrões!

– Não disse, mulher? Você ainda me chamou de louco. Vamos! Junte-os do chão e coloque-os na cesta!

Não demorou para os dois avistarem a árvore de peixes. Maravilhada com os frutos nunca vistos antes, a mulher pôs-se na colheita.

Agora era o momento de pescar coelho no igarapé. O lenhador, que havia levado a vara de pescar, sem a mulher perceber, amarrou a outra ponta da linha que estava o coelho no anzol, e puxou pescando o coelho das águas do igarapé.

Felizes os dois voltaram para casa; a mulher tratou de fazer o jantar com as maravilhas encontradas na floresta: uma deliciosa macarronada, coelho ao forno e





peixe frito.

Após o jantar, os dois foram deitar-se. Rapidamente, a mulher adormeceu, feliz com a promessa da vida nova que a esperava.

O lenhador esperou a esposa cair no sono profundo, retirou o baú do esconderijo, levou-o para o fundo do quintal, cavou um buraco colocando o baú e cobrindo com areia e grama.

Ao cantar do galo, a mulher já estava pronta para sair e avisou ao marido que iria até o mercado comprar algumas coisas. O homem, que conhecia a fama de sua esposa, alertou:

– Mantenha sua boca calada sobre o tesouro, por favor, não conte a ninguém, se não você sabe o que acontecerá...

– Marido, você está novamente me ofendendo; sabes que minha boca é um túmulo! Fique despreocupado! – respondeu a mulher e saiu rumo ao mercado do povoado. Logo encontrou com o leiteiro. Após a saudação, ela sentiu um desejo incontrolável de contar sobre o baú; tentou se calar mas não conseguiu e acabou contando o segredo a ele, depois à costureira, ao açougueiro, ao padeiro, a quase todos que cruzavam sua frente. Apenas um pedido fazia:

– Por favor, não contem a ninguém, meu marido pediu segredo.

Feliz da vida a cantar, ela chegou a sua casa. O marido, receoso, perguntou se tinha revelado o segredo a alguém. Apenas um sinal negativo com a cabeça e partiu para seus afazeres.

Não demorou muito para ouvirem fortes batidas na porta.

O marido, atrás da porta, perguntou:

– É da parte de quem?

– Do coronel Constâncio Emeireles de Albuquerque! Abra imediatamente, senão eu e meus homens colocaremos porta abaixo!



– Mulher, o que fizeste? Você contou o nosso segredo? – perguntou o marido ao som das batidas cada vez mais fortes.

– Apenas contei a duas ou três pessoas de confiança; eles prometeram guardar segredo.

– Guardaram o segredo igualmente a você! As consequências da fofoca serão somente suas! – falou o lenhador levando as mãos à maçaneta para abrir a porta.

Sem mais conversa, o coronel foi logo exigindo a devolução do baú com o tesouro.

– Você, lenhador, como todos no povoado, sabe muito bem que tudo pertence a mim, incluindo o que acharem nas minhas terras! – esbravejou o coronel mandando seus homens revistarem cada canto da casa.

O lenhador procurou defender-se dizendo que não tinha nenhum baú.

– Não venha com desculpas! As pessoas do povoado ouviram da boca de sua própria mulher! – interrompeu o coronel.

– Senhor coronel, devo dizer-lhe que minha esposa é louca, não bate bem da cabeça, não acredite nas coisas que ela diz.

Ao ouvir as palavras do marido, enfurecida a mulher apareceu na sala e, dirigindo-se ao coronel, diz:

– Senhor coronel, não sou louca e vou provar; venha até nosso quarto e lá mostrarei o baú escondido embaixo da cama por meu marido.

O coronel e o lenhador seguiram-na até o quarto; a mulher pediu para o tapete ser afastado e verem o buraco no assoalho onde repousava o baú.

O buraco estava lá, mas vazio, sem baú algum.

O lenhador tranquilamente voltou-se para o coronel:

– Eu disse ao senhor que ela vive a inventar histórias. Não temos tesouro

nenhum, sou um humilde lenhador que percorre longas distâncias a fim de conseguir boas árvores para nosso sustento.

Voltando-se para a mulher, indagou:

– De onde você tirou essa história?

– Ora, meu marido, não permitirei que as pessoas pensem que sou louca!

Diga a verdade, você encontrou o baú no dia em que choveu macarrão na floresta! No mesmo dia que colhemos peixes maduros na árvore e logo em seguida pescamos um coelho no igarapé!

– Árvore que dá peixes? Chuva de macarrão? Pescaria de coelho em igarapé? Agora se cale, mulher! Chega de inventar histórias, você acha que sou bobo? Realmente, lenhador, sua mulher é louca, louquinha de dar dó! Peço desculpas ao senhor. Sem demora sairei de sua casa, mas faço um pedido: cuide de sua mulher, ela é um perigo! – falou o coronel saindo com seus homens pela porta da sala.

O lenhador soltou um suspiro de alívio, e olhando para a mulher falou:

– Você quase entregou nosso tesouro ao coronel, se não fosse eu desconfiar da sua promessa de guardar segredo, retirar o baú e escondê-lo em outro local, nós continuaríamos pobres, e pior, eu receberia o castigo do senhor Constâncio Emeireles de Albuquerque. Espero que tenha aprendido a lição de guardar sua língua dentro da boca!

A mulher finalmente aprendeu a lição, nunca mais revelou segredos ou fez fofocas.

Os dois pegaram seu tesouro e foram para bem longe do domínio do coronel. Nunca mais naquele povoado ouviu-se notícia do lenhador e sua esposa. Mas eu ouvi dizer que eles viveram felizes para sempre, aproveitando o tesouro numa praia de água salgada lá pras bandas de... Ah, o nome eu não posso revelar, o lenhador pediu segredo para mim, e eu não posso contar!



**A visagem zombeteira**  
por Antonio Juraci Siqueira



Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais



Nas cabeceiras de um grande rio entre os tantos que retalham a ilha do Marajó, morava um casal de caboclos que levava a vida na base da maré mansa, do come e dorme. Ele, caboclo forte, mas não muito chegado ao trabalho, e ela, uma morena bem dotada de corpo e de cara, mas ambiciosa que dava gosto. Viviam do que a natureza generosa lhes oferecia: o açaí, o camarão e o peixe que apanhavam sem muito esforço com a ajuda de *cacuris*<sup>1</sup>, *matapis*<sup>2</sup>, *puças*<sup>3</sup> e anzóis iscados com camarões ou *sararás*<sup>4</sup>.

Um certo dia em que ele se achava pescando sozinho num *igarapé* próximo de casa, aconteceu um fato inusitado: quando tirava o quinto *jacundá* do anzol escutou alguém falar, em alto e bom tom, por detrás da *sapopema* de uma gigantesca *samaumeira*:

– Ei, tu queres ficar rico?

O caboclo, que em matéria de coragem não era lá essas coisas, ficou na moita, bico calado, tremendo dos pés à cabeça. Sabe lá que diabo de arrumação era aquela. Só podia ser coisa do outro mundo, algum tipo de assombração, já que por perto não havia viva alma. Porém, a voz misteriosa não se deu por satisfeita e voltou a perguntar sem qualquer margem de equívoco:

– Ei, tu queres ficar rico?

Diante de troço tão esquisito, o homem mais que depressa enfiou os peixes na *embira*<sup>5</sup> e bateu pernas no rumo de casa, onde chegou com o coração a sair pela

1. Espécie de cerca feita de talas tecidas entre si e armada em formato de coração às margens dos rios ou nos leitos do *igarapés* para apanhar peixes. 2. Espécie de cilindro feito de talas de *arumã* ou de *jupati*, com aberturas cônicas nas extremidades para apanhar camarão; *camaroeiro*. 3. Pequena rede cônica com aro de arame ou de madeira usada para apanhar pequenos peixes e camarões.

4. Pequeno crustáceo decápode encontrado em água doce ou salubre. 5. Qualquer fibra extraída da casca de certas árvores, usadas para amarrar, para tecer cordas, etc.



boca, fato que a mulher percebeu de cara. Pálido feito uma vela, ele falou em dor de cabeça, tonteira, mal-estar e coisa e tal, desculpas que não convenceram a esperta cabocla que continuou, querendo-porque-querendo, saber a verdadeira história. E tanto insistiu que o ribeirinho findou abrindo a boca. A par dos fatos, a ambiciosa tapuia indagou do amedrontado companheiro:

– E o que foi que tu respondeste, homem de Deus?

O caboclo, que não esperava dela tal cobrança, sentenciou:

– Nada! Era só o que me faltava ficar conversando com alma penada, Curupira ou sei lá o quê. Vôte, cobra-d'água! Te esconjuro!

E a mulher, tiririca da vida:

– Tu és é um abestado! Com certeza o que a voz queria era te dar dinheiro enterrado. Tu já não te lembras da história do homem que ficou podre de rico, botou comércio e construiu até canoa grande com o pote de dinheiro que desenterrou e que foi oferecido dessa maneira? Ah, se fosse comigo!... Não

esperava nem a voz repetir a pergunta ia dizer que queria em cima da bucha.

– Nesse caso – retruca o marido – amanhã tu vais comigo. Se a tal da voz der as caras, tu mesma responderás como bem quiseres.

A cabocla topou. E nem é preciso dizer que à noite não conseguiu pregar os olhos, sonhando acordada com o pote abarrotado de moedas de ouro que imaginava encontrar. Assim que o dia amanheceu, cuidaram de pegar uns camarões para isca, prepararam os caniços e se embrenharam na mata rumo ao local onde a voz misteriosa se fizera ouvir. Com um misto de ânsia e medo, iscaram os anzóis e os lançaram na água barrenta do igarapé. Desta vez, ao contrário de outras tantas, a expectativa ficou por conta da voz e não dos peixes. Mas não tardou para o primeiro jandiá<sup>6</sup> ser fogado pela mulher que o retirou do anzol sem muito entusiasmo. Em seguida, uma traíra, um jacundá, outro jandiá e assim por diante. Quanto à voz, nem notícia, o que deixou a cabocla desconfiada em relação à história contada pelo marido. Ela até já se preparava para encher-lhe a paciência com acusações e xingamentos quando a voz, potente e clara, emprenhou a mata com a pergunta tão esperada e, desta vez, dirigida a ela:

– Ei, tu queres ficar rica?

Ao que a cabocla, tremendo mais que vara verde na correnteza e fazendo das tripas coração, responde, convicta:

– Quero!

E a voz, em tom de zombaria, jogando um balde de água fria no caldeirão de água quente da interesseira tapuia, gracejou:

– Então, vai trabalhar, vagabunda!

<sup>6</sup> Designação genérica dos bagres, peixes de corpos moles, desprovidos de escamas e barbilhões desenvolvidos.





Uma história de Matinta  
por Sônia Santos





Essa história aconteceu lá pelas bandas de Vigia de Nazaré, a noventa e seis quilômetros, aproximadamente, da capital do estado do Pará, Belém. Mais precisamente na comunidade em que nasci, Santa Maria do Guarimã, que fica em um ramal a seis quilômetros da PA 140 – estrada que liga Belém à Vigia.

Nessa comunidade, havia uma **Matinta Perera** que sempre assustava as pessoas daquele lugar. Bastava vir da PA à noite, descer na **boca do ramal** e vir para a comunidade andando os seis quilômetros – pois era difícil transporte naquele tempo – que a **Matinta** aparecia. Pois foi o que aconteceu com meu avô e meu pai.

Meu pai não acreditava em **Matinta**, achava que era coisa de mentiroso querendo dar uma de corajoso para a comunidade. Duvidava até de meu avô, seu pai, que sempre contou que já tinha sido perseguido pela **Matinta** no **ramal**. E sempre dizia que era história do meu avô para deixá-lo com medo.

Um dia, conversando com algumas pessoas da comunidade, que falavam de alguém que teria visto a **Matinta** perto da pedreira – um perímetro do **ramal** marcado por um número grande de pedras e um túnel de árvores que deixava o local mais sombrio –, papai começou a duvidar do caso quando uma das senhoras, que ouvia tudo calada, mas atenta, lhe falou baixinho:

– Tu não tens medo da **Matinta** porque ela ainda não te pegou. Quero ver mesmo se tu não terias medo se ela assoviasse no pé do teu ouvido...

– Não tenho medo, **Matinta** não existe! – retrucou papai.

– Se fosse tu, teria cuidado com o que falas... – resmungou a senhora.

A conversa terminou ali. Todos se despediram e seguiram para suas casas.

Chegou o mês de outubro, papai era muito católico e todos os anos ia para a casa de uns parentes prestigiar o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém. Naquele ano não foi diferente; papai foi bem cedinho e depois da procissão e do delicioso almoço do Círio, retornou para casa. Chegando à entrada do **ramal** por volta de sete horas da noite, aguardou um pouco para ver se havia alguém para seguir com ele, mas ninguém apareceu. Como a lua já começava a subir, papai resolveu ir sozinho. Quando se aproximava do primeiro quilômetro de caminhada ouviu à sua frente:

– Fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiti!

Papai não queria acreditar. O cabelo ficou todo arrepiado, o corpo cresceu e seus pés pareciam estar flutuando. Caminhou mais rápido e a cada curva aquele assovio agudo e estridente se repetia:

– Fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiti!

Começou a rezar o “Creio em Deus Pai...” e parece que aquele pesadelo havia terminado. Caminhou um tempo maior sem mais nada ouvir ou sentir. De repente, chegando próximo à pedreira, as árvores se movimentavam com muita força, como se algo estivesse alargando o túnel formado por suas folhagens, em seguida:

– Fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiti! Fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiti! Fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiti!

Nessa hora, como contava, sentia vontade de sair correndo, mas parece que seu corpo estava mais pesado que antes. Atravessou rapidamente a pedreira a fim de encontrar um perímetro mais claro, pela luminosidade da lua, mas tudo em vão. Ele viu aquele vulto escuro passar pela sua direita e seguiu em direção ao Zé Coelho – um pequeno riacho que cortava o ramal com água transparente e avermelhada – e levantar a água com suas asas:

– Fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiti!

E foi assim desde então, a Matinta passava rente seu corpo e assoviava logo em seguida, arrepiando-o. Os seis quilômetros pareciam trinta e seis...

– Fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiti!

Faltavam poucos metros de casa, papai conseguiu correr, chegou cansado, bateu a porta chamando pela minha mãe. Assim que minha mãe abriu a porta, a Matinta soltou o último assovio daquela noite, ao pé do seu ouvido, acompanhado de uma surra com seus longos e esgadelhados cabelos:

– Fiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiti!

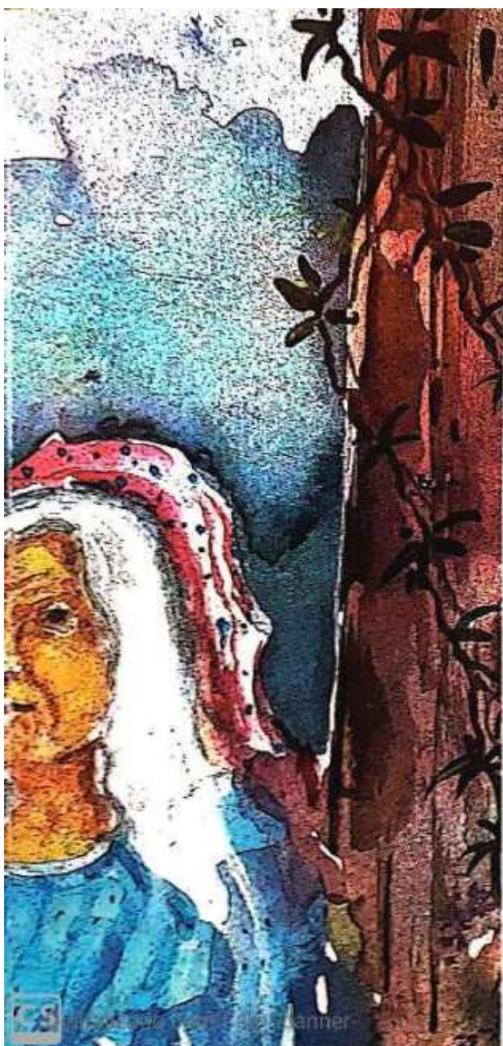
Aquele foi o pior de todos. Papai entrou rapidamente, mas passou alguns











Ouvi de minha avó a história que agora vos conto de um fato ocorrido no povoado de Coqueiro, localizado no município de Curuçã, no Pará.

Há muito tempo, tempo que nem sei precisar, porque a história contada **correu de boca em boca** até chegar a mim.

Nesse pequeno povoado viviam uma viúva e suas duas filhas chamadas Maria e Sebastiana. Após o falecimento do pai, elas se viram sozinhas para realizar todas as tarefas, tais como cuidar da casa e da roça, fazer a farinha, limpar o quintal, lavar as roupas no igarapé, pescar e buscar água no poço, que ficava a alguns quilômetros de distância.

Maria, a filha mais nova, era a doçura em pessoa, educada e prestimosa, sempre disposta a ajudar. A moça era conhecida no povoado por sua alegria, sempre com um sorriso no rosto vivia a cantar, apesar do cotidiano tão atarefado.

Sebastiana, sua irmã, era a preferida da mãe, as duas eram parecidas em tudo, até nas maldades: ambas faziam Maria trabalhar até o pôr-do-sol. Mãe e filha eram tidas pelas pessoas do povoado como orgulhosas, mal-educadas e preguiçosas. Muitos diziam que Maria havia puxado a beleza e o bom coração do pai, ela era a moça mais formosa daquele lugar! E cada vez que Sebastiana e a mãe ouviam tais palavras de alguém, a raiva, o ciúme e a inveja pela pobre moça aumentavam, e assim colocavam-na para trabalhar cada vez mais, como se ela fosse sua criada.

Logo ao amanhecer Maria pegava seu grande pote de barro e seguia pela trilha que passava na casa de farinha, mais adiante no igarapé e por último o poço onde retirava água para beber e cozinhar. A longa trilha era percorrida pela moça de duas a três vezes por dia, dependendo do humor de sua mãe.

Foi num desses dias que Maria encontrou, na beira do poço, uma velhinha sedenta. Ao avistar a menina, a senhora logo solicitou um pouco de água fresca para matar sua sede.

O pedido foi prontamente atendido. Maria deu-lhe água fresca e ofereceu um pouco de pão que havia trazido para comer caso demorasse o retorno à sua casa.

As duas sentaram embaixo de um jameiro e compartilharam a água e o



pão. Ao terminar a velhinha voltou-se para a moça e disse:

– Você é uma moça muito boa, seu coração é tão grande quanto sua bondade! Sou sozinha no mundo – continuou a velhinha a dizer – Não tenho ninguém que me ajude, já sou bastante idosa e não consigo mais trabalhar. Você iria comigo até minha casa para ajudar-me na limpeza?

Maria, sem titubear, levantou-se e seguiu a senhora. O que a moça não sabia era que a velhinha na verdade era uma **encantada** com poderes mágicos e por hora apresentava-se na forma de uma idosa.

Após longa caminhada mata adentro, chegaram finalmente à humilde casa da velhinha.

Três tarefas foram dadas à Maria: **ancinhar**<sup>5</sup> o quintal, retirar as folhas secas da frondosa roseira, próxima da janela da casa, e limpar o **igarapé** nos fundos do terreno.

Maria, acostumada com o trabalho, aceitou com satisfação ajudar a pobre velhinha que, estranhamente, desapareceu após ter dado as ordens. A moça pensou na possibilidade da senhora ter ido para o interior da casa, talvez descansar depois da caminhada e logo se pôs a trabalhar.

Iniciou pela roseira de pétalas tão vermelhas e belas como jamais havia visto por aquelas bandas. Delicadamente retirou cada folha seca, para nenhuma pétala cair antes do tempo. Como encantamento, quanto mais a moça cuidava da roseira mais rosas se abriam exalando um perfume delicioso.

Em seguida, Maria começou a **ancinhar** o quintal, as folhas caídas foram retiradas, arrancou cada matinho com as mãos. Ao terminar, pegou a vassoura e varreu todo o terreno até chegar ao **igarapé** que também estava sujo. Eram tantos galhos

1. Usar o ancinho, que é um instrumento utilizado na agricultura e na jardinagem constituído por um longo cabo de madeira preso a uma travessa dentada, geralmente de metal.

e folhas que mal se via a areia branca no fundo.

A moça mergulhou para limpar cada canto do **igarapé**. Ao final, era possível observar pequenos peixes no fundo límpido das geladas águas.

Neste momento aproxima-se dela a velhinha, que logo agradeceu:

– Maria, você é a pessoa mais prestimosa que conheci, cada tarefa foi realizada com esmero, dedicação, ao longe se ouvia seu canto. Você trabalha com alegria, por isso será recompensada!

– Não, minha bondosa senhora, por favor, não fiz pensando em recompensas! – disse Maria.

– De bom grado quero que aceite meus presentes como forma de agradecimento e para lembrares a importância de tratarmos com respeito e educação os que cruzam nosso caminho! – disse a velhinha acrescentando ainda:

– Agora quero que refaça o caminho dos locais que limpou, começando pela roseira. O que encontrar pode pegar, é seu!

Conforme o orientado, Maria fez.

Ao chegar à roseira, para sua surpresa, encontrava-se pendurado entre os galhos um vestido vermelho, de tonalidade semelhante ao das rosas, o vestido mais lindo que Maria já havia visto. Nem sequer os das princesas dos contos de fadas possuíam tecido mais fino com delicados bordados de fios dourados reluzentes como ouro.

Ouviu-se uma voz saindo do arbusto:

– Moça bondosa dos dentes cor de marfim, a bondade que me fizeste retornar para ti! Pegue sem demora seu vestido encarnado, vista-o e encontrará no fundo das águas seu amor encantado.

Maria, sem entender direito o significado das palavras nem a origem da voz, apenas obedeceu retirando cuidadosamente o vestido vermelho dentre as folhas e



espinhos da roseira. Ao afastar-se um pouco ouviu novamente a voz, agora vinda do **jirau**<sup>2</sup>, chamando a moça para aproximar-se e receber sua recompensa. Ao fitar seus olhos no **jirau**, observou um banquete com as mais gostosas iguarias que se possa imaginar. Novamente a voz disse:

– Moça bondosa dos dentes cor de marfim, a bondade que me fizeste retornar para ti! Pegue sem demora seu banquete saboroso, coma-o até ter acabado e encontrará no fundo das águas seu amor encantado.

Maria, que tinha um enorme coração, ao ver tamanha fartura lembrou-se da mãe e da irmã, pediu permissão à voz para levar a comida para dividir com a família. Após receber a aprovação, organizou os alimentos numa velha toalha e partiu para o **igarapé**, onde novamente ouviu:

– Moça bondosa dos dentes cor de marfim, a bondade que me fizeste retornar para ti! Pegue sem demora seu colar de ouro e pedras preciosas e com o colo adornado encontrará no fundo das águas seu amor encantado.

A moça mergulhou nas águas límpidas do **igarapé**, nadou em direção a uma **vitória-régia**. Lá repousava o mais belo colar, com esmeraldas, diamantes, rubis, pérolas, todas incrustadas no mais puro ouro.

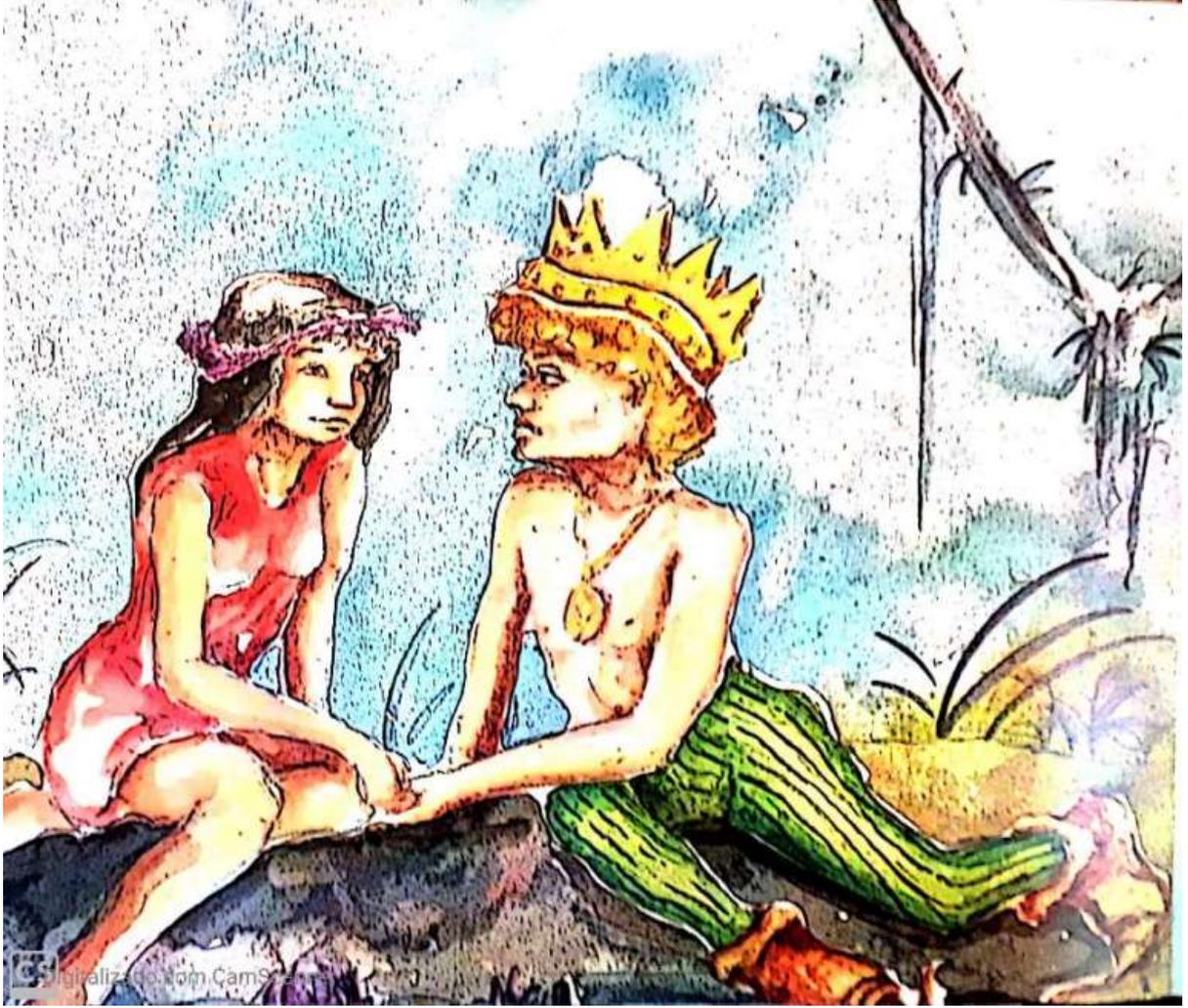
– Por sua bondade e generosidade, além dos presentes ofertados você foi escolhida para ser rainha de um reino distante, onde as pessoas, assim como você, são generosas e solidárias, cuidam umas das outras – disse a voz.

Maria pensou na mãe e na irmã, que já haviam perdido o marido e o pai, e sem ela ficariam ainda mais desamparadas. Como sobreviveriam sem seus cuidados?

Agradeceu o convite, mas explicou que precisava cuidar da família.

2. Espécie de grade de varas, sobre esteios fixados no chão, que serve de cama nas casas pobres e também de grelha para expor ao sol quaisquer objectos.





Em resposta, a voz pronunciou:

– Sei da bondade do seu coração, você não deixaria desamparada sua família. Mas ouça: se mudar de opinião, estarei aqui para levá-la. Sou uma **encantada** desse reino em busca de uma moça para ser desposada pelo príncipe. A ninguém conte das coisas que viu e ouviu, sua lealdade trará frutos.

Despedindo-se, a moça seguiu com seus presentes para casa.

O **lusco-fusco** aproximava-se, os passarinhos começavam a se recolher com seus últimos gorjeios, as formigas invertiam sua marcha para preparar-se para descansar, Maria sabia que a noite anunciava sua chegada.

Ao longe avistou sua mãe e Sebastiana no portão da casa: Maria estava feliz com os presentes que iria compartilhar, especialmente pelo banquete que teriam naquela noite.

Muitas perguntas foram feitas quando as duas viram os presentes recebidos por Maria: lembrando-se da promessa feita, reservou-se a falar que uma velhinha na beira do poço havia lhe presenteado após tê-la ajudado nas tarefas.

– Amanhã, ao raiar do sol, enviarei Sebastiana para receber os presentes; ela sim merece vestir tão fina roupa, adornada com joia de beleza semelhante à sua. - retrucou a mãe.

Ao nascer do dia, a mãe colocou Sebastiana com o pote de barro e o pão no caminho que levaria ao encontro da velhinha. Aos primeiros quilômetros percorridos a moça deu sinais de cansaço, afinal não estava acostumada com o trabalho! Pensou em desistir, mas logo se lembrou dos presentes que porventura receberia da idosa.

Sebastiana seguiu viagem. Chegando ao poço, percebeu a presença da senhora que, ao avistá-la, solicitou um pouco de água fresca. A moça reclamou do peso do balde cheio, das mãos feridas pela corda do poço...

Após beber a água, que agora não parecia tão refrescante quanto a servida por Maria, a senhora fez a proposta para Sebastiana acompanhá-la até sua casa e realizar as três tarefas.

A roseira estava à espera de mãos generosas para retirarem as folhas secas. Sebastiana retirou duas ou três folhas e seguiu para o quintal. Algumas ancinhadas, e pôs-se a reclamar dos calos feitos pela corda do poço.

No **igarapé** não foi diferente: mesmo após a limpeza não se via as areias brancas no fundo.

A moça festejou o término das tarefas e pensou que poderia ser bem recompensada com todos aqueles presentes que havia visto sua irmã trazer para casa!

E, de fato, logo veio a recompensa! O vestido vermelho estava entre as rosas e Sebastiana tentou pegá-lo, mas estranhamente o belo vestido mudava de lugar a cada tentativa de retirada: quanto mais tentava retirá-lo, mais se feria nos espinhos da roseira, seus braços e pernas sangravam, ela então desistiu.

– Vou até o **jirau** buscar o banquete, afinal estou com fome e sede e é quase meio-dia! – falou a moça.

Ao aproximar-se do **jirau**, observou que o mesmo estava tão alto que precisaria escalar para chegar ao banquete. Estava quase conseguindo, mas a madeira havia ficado lisa, escorregadia e Sebastiana caiu. As dores no corpo mal a deixavam andar.

Seguiu para o **igarapé**, pensando como seria fácil apanhar o colar, afinal, era somente nadar e pegá-lo. Enganou-se. O **igarapé** de águas rasas e tranquilas tornou-se profundo e de fortes correntezas. A moça quase se afogou.

Furiosa, Sebastiana amaldiçoou a velhinha e sua irmã e seguiu para casa.

No portão sua mãe a esperava. Ao saber o que havia acontecido com sua filha preferida, foi também tomada pela fúria e expulsou Maria de casa.

Com imensa tristeza e sem saber o que fazer, Maria andou sem rumo, desorientada, até lembrar-se do convite feito pela **encantada** e o quanto seria bom viver entre pessoas boas e amistosas.

Caminhou mata adentro até chegar às margens do **igarapé** de onde avistou uma mulher de cabelos longos, trajando um vestido esverdeado do qual, sob a luz do sol, reluziam pequenas estrelas bordadas, e ao seu lado, um rapaz vestido com o mais fino linho. Em suas cabeças, coroas com as mesmas pedras preciosas encontradas nos colares que usavam.

A mulher dirigiu-se à Maria e falou:

— Sou a rainha de um reino distante, vim à procura da moça de coração puro e bondoso. Ao conhecê-la na beira daquele poço percebi que minha busca havia chegado ao fim. Esse é meu filho, o príncipe, ele veio para buscá-la. Aceite nosso convite, venha conosco e não sofrerás mais nas mãos de sua mãe e irmã.

Maria mal podia crer: a voz era a mesma da pobre velhinha sedenta na beira do poço.

O príncipe aproximou-se de Maria e, gentilmente, tocou suas mãos como um chamamento para viver em sua companhia no reino. Ela, que já havia se apaixonado por ele desde o primeiro instante que o viu às margens do **igarapé**, com um doce sorriso aceitou casar-se com o príncipe e ser coroada de paz, alegria e amor e, assim, viver feliz para sempre no fundo das águas com seu amor encantado.

E dizem que até hoje quem passa às proximidades do **igarapé** encantado ouve o canto de Maria acompanhado de risos de felicidade.

Com imensa tristeza e sem saber o que fazer, Maria andou sem rumo, desorientada, até lembrar-se do convite feito pela **encantada** e o quanto seria bom viver entre pessoas boas e amistosas.

Caminhou mata adentro até chegar às margens do **igarapé** de onde avistou uma mulher de cabelos longos, trajando um vestido esverdeado do qual, sob a luz do sol, reluziam pequenas estrelas bordadas, e ao seu lado, um rapaz vestido com o mais fino linho. Em suas cabeças, coroas com as mesmas pedras preciosas encontradas nos colares que usavam.

A mulher dirigiu-se à Maria e falou:

— Sou a rainha de um reino distante, vim à procura da moça de coração puro e bondoso. Ao conhecê-la na beira daquele poço percebi que minha busca havia chegado ao fim. Esse é meu filho, o príncipe, ele veio para buscá-la. Aceite nosso convite, venha conosco e não sofrerás mais nas mãos de sua mãe e irmã.

Maria mal podia crer: a voz era a mesma da pobre velhinha sedenta na beira do poço.

O príncipe aproximou-se de Maria e, gentilmente, tocou suas mãos como um chamamento para viver em sua companhia no reino. Ela, que já havia se apaixonado por ele desde o primeiro instante que o viu às margens do **igarapé**, com um doce sorriso aceitou casar-se com o príncipe e ser coroada de paz, alegria e amor e, assim, viver feliz para sempre no fundo das águas com seu amor encantado.

E dizem que até hoje quem passa às proximidades do **igarapé** encantado ouve o canto de Maria acompanhado de risos de felicidade.



**Assombração do Curupira**  
Juraci Siqueira



Era uma vez um casal que morava longe, muito longe, nas **cabeceiras** de um rio, e tinham um filho de sete a oito anos. Viviam sozinhos e Deus naquele fim de mundo. O homem passava o dia metido nos seringais e a mulher, quando não ia junto, ficava em casa tratando dos afazeres domésticos. Acontece que a cabocla tinha um péssimo costume de brincar com coisa séria. Toda vez que escutava barulho de tiro de espingarda lá no longe da mata, ia logo gritando:

– Me dá um pedaço!

E não foi uma nem duas vezes que o companheiro a repreendeu, dizendo que ela não devia falar essas coisas sem ao menos saber quem estava caçando. Mas a mulher não tomava tento. O ralho entrava por um ouvido e saía pelo outro. Até que um dia em que se encontrava na companhia apenas do filho, escutou, longe, muito longe, o som de um tiro e, como de costume, gritou:

– Me dá um pedaço!



Algum tempo depois, ouviu barulho de mato pisado atrás da palhoça em que moravam. Ao verificar o que era, levou o maior susto de sua vida: um estranho homenzinho com o corpo coberto de feridas, cabelos longos e embaraçados, barba por fazer, unhas grandes e sujas, dela se aproximou apoiado num galho torto em forma de cajado e trazendo, numa das mãos, uma cabeça de macaco. **Achegou-se** dela e, com voz rouca e baixa, pediu licença para entrar no barraco. Sem ter como negar, a mulher consentiu e, nervosa, ofereceu ao estranho homenzinho um banquinho tosco de madeira no qual ele sentou-se sem cerimônia.

Em seguida, quase num sussurro, pediu a ela que cozinhasse a tal cabeça de macaco. A atarantada mulher tratou de obedecer. Mais que depressa avivou o fogo do velho fogão à lenha, botou água na única panela que possuía, jogou a tal cabeça dentro e voltou à sala para entreter o homenzinho enquanto pensava num jeito de sair daquela situação.

Você aí, por certo, já percebeu a encenca em que a cabocla se meteu por con-

71

ta de mexer com coisa séria. Pois é, agora estava ali naquela aflição diante da tal criatura que se já não bastasse o seu aspecto medonho, ainda tinha os pés voltados para trás. Faltava assunto para puxar conversa e o tempo parece que engatinhava. Pediu para ir à cozinha e aproveitou para dizer ao filho que a esperasse no porto, dentro da montaria com dois remos de prontidão. Destampou a panela e abafou o grito na garganta ao ver que a cabeça de macaco estava mais viva do que nunca, piscando que dava gosto na água fervente.

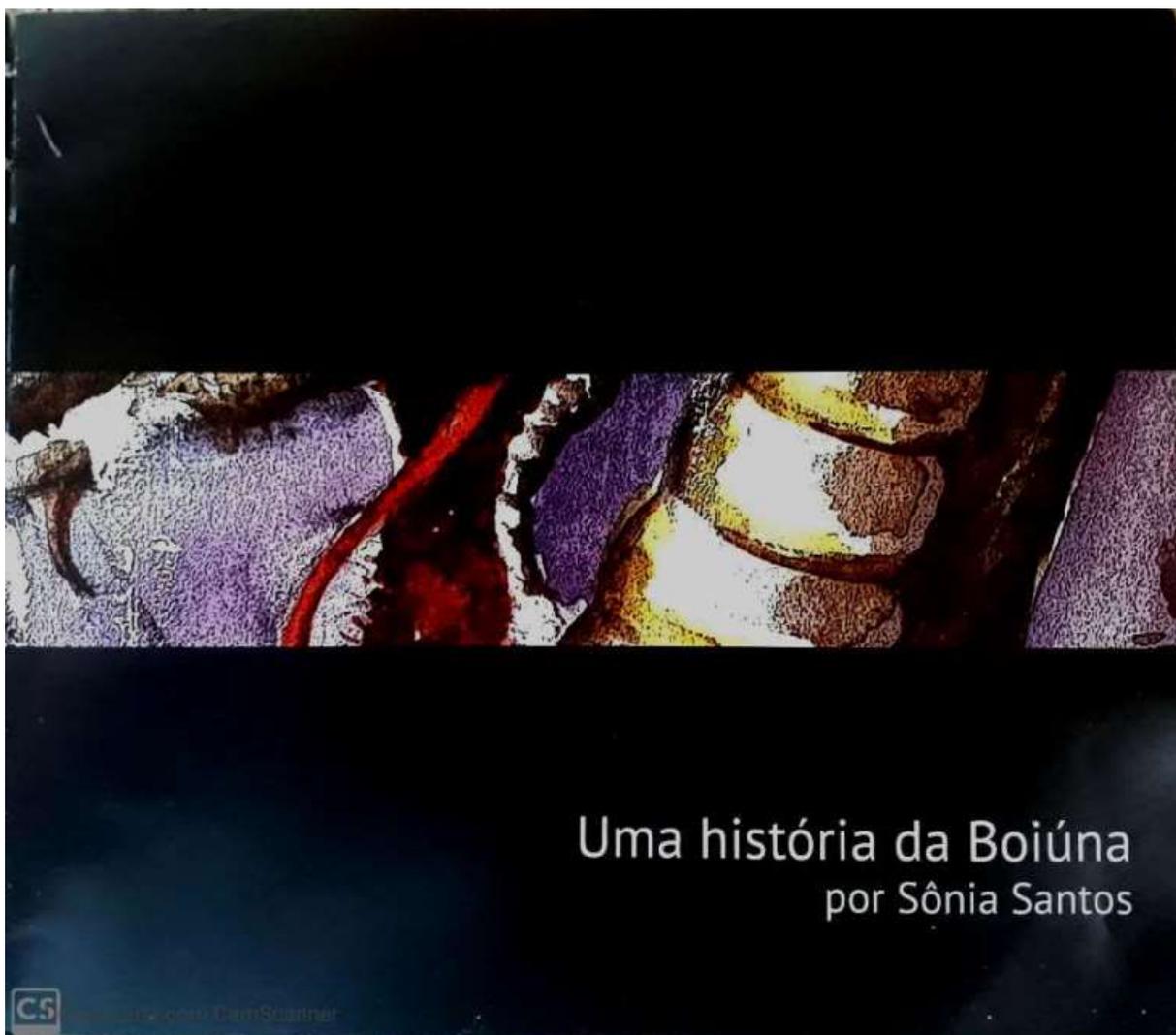
Apavorada, saiu pela porta dos fundos e em três passos alcançou a canoa onde o pirralho já a esperava, choramingando. Botou a canoa rio abaixo e remou para que te quero! E já ia dobrando o estirão quando o homem, percebendo a demora, foi à cozinha e não a encontrou. Saindo à porta ainda a viu dobrando a curva do rio. Entrou na casa, retirou a cabeça de macaco da água fervente e a arremessou contra a mulher, caindo à **ilharga** da canoa, por pouco não a afundando. Pelo rabo do olho a **tapuia** ainda viu o homenzinho pulando no terreiro e gritando:

— É o que te vale! É o que te vale!

Após uma hora de remo, chegava mais morta que viva na casa de um parente que morava rio abaixo. Já chegou com febre, dor de cabeça e completamente **bilé do juízo**. O menino foi quem tratou da história. O marido, ao chegar do trabalho e só encontrar a panela secando no fogo, sem nada dentro, desconfiou que alguma coisa de grave havia acontecido. Embarcou num casco que usava para pescar e desceu o rio à procura da companheira e do filho. Ao encontrá-la e saber do ocorrido, largou a casa onde o fato aconteceu e levantou um **tapiri**<sup>1</sup> próximo de onde moravam os parentes. Com o tempo, a cabocla voltou ao normal mas nunca mais quis saber de **mangar** de coisa séria, de **bulir** com aquilo que está quieto pois, como diz o ditado, mato tem olho, parede tem ouvido.

<sup>1</sup> Palhoça provisória onde se abrigam lavradores, caminhoneiros, etc.. Papiri. Itapiri.







Ele já tinha visto várias vezes a **cobra grande**. Não era à toa, passava mais tempo na água que na terra, pois era pescador. Cada vez que retornava à sua casa, seu filho de oito anos de idade tomava a benção, o abraçava e perguntava:

– Pai, você viu a **cobra grande** de novo? Quando eu poderei ver também?

E lá ia ele contar mais uma história vivenciada nos rios e mares da Amazônia.

Sempre nas histórias a **Boiúna** o respeitava, não o agredia, pois ele sempre a agradava com alguma coisa que havia pescado.

Certo dia, quando o menino completou dez anos, o pai o chamou e disse que agora ele poderia acompanhá-lo na pescaria, pois teria mesmo que aprender aquele legado. E assim aconteceu.

Era um dia nublado quando os dois, nas primeiras horas do dia, saíram para sua odisséia, não no espaço, mas no mar...

O menino estava ansioso e antes mesmo do pai levantar-se já havia arrumando algumas coisas para a viagem: duas sacas de laranja, uma saca de farinha, uma faca, e um pequeno banco, um mocho, no qual ele costumava sentar-se para chupar umas laranjas, sua fruta preferida. O pai juntou à canoa a rede de pesca e um facão, do qual não se desgrudava, pois dizia ser seu amuleto. Tomaram um gole de café, quentinho e forte, que a mãe havia passado há pouco instante e partiram.

Durante a viagem, o pai, depois de muita insistência do filho, contava mais histórias sobre a **cobra grande**, mas alertou que não era seguro ir contando aquelas histórias, pois acabaria acordando a **Boiúna** e a qualquer hora ela poderia aparecer.

Já seguiam dia e meio de viagem quando, de repente, a **maré** começou a mexer

mais que o normal. A canoa, como um balanço na água, subia e descia; a rede de pesca parece ter saltado de dentro d'água, passando por cima da canoa e caindo lá do outro lado; o menino olhava o pai com ar aflito e, ao mesmo tempo, ansioso, pois sabia o que aquilo anunciava. O pai parecia surpreso, pois só ele sabia que aquilo não era comum. De repente, a cobra exhibe seu dorso na superfície da água. Era enorme, e ao mergulhar de volta pôde deixar exposto a ponta de seu rabo que dançava de um lado para o outro, quase virando a canoa. O menino ficou encantado! Seus olhos sorriam, arregalados e brilhantes. Depois desse espetáculo, a cobra sumiu para o fundo d'água.

Parecia que tudo tinha voltado ao normal, a não ser na canoa, onde o silêncio era grande. E quando os dois ensaiavam falar alguma coisa a água começou a ficar novamente agitada, a Boiúna voltava, dessa vez sobre a água e o menino pode ver sua extensão: uns quinze metros de comprimento; a largura maior que a boca do sino da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré; as presas, grandes e fortes, pareciam mais duas lanças; a boca, não dava para mensurar o tamanho máximo que podia ser aberta, a impressão que dava era a de que caberia umas cinco canoas, de médio porte, dispostas uma ao lado da outra... Era ela, a Boiúna, poderosa e agressiva. Passava por baixo da canoa quase afundando-a, depois girava ao seu redor, fazendo um grande redemoinho, saltava por cima e ao lado, abria a boca enorme como se fosse engolir todo mundo...

- Pai, o que está acontecendo? Ela parece brava!
- Meu filho, não sei explicar, é melhor ficar atento.
- Será que ela tá com fome, pai?
- Mas se tá, o que podemos fazer?
- Vamos dar farinha para ela, quem sabe não se aquieta. Sugeriu o menino. Assim o fizeram. Jogaram a saca de farinha ao mar e ela a engoliu rapidamente,



do sujeito, quiseram logo saber o que havia acontecido. E depois de dois goles de cachaça, para ver se o pesadelo acabava, contou aos seus amigos o fato. Quando um dos pescadores se dirigiu a ele e disse:

– Meu camarada, se quiser pegar a fera eu sei como fazer. Dizem que as cobras nunca mastigam suas presas. Elas as engolem e depois passam um tempo "jiboiando" para fazer a digestão e não conseguem ir muito longe. Se duvidar ela deve estar aqui por perto. E possa ser que seu menino ainda viva dentro dela.

– Meu amigo – Retrucou o pai – Não brinque com coisa séria! Não vê meu estado?

– Estou falando sério! Pergunte aos demais se já não peguei uma dessas uma vez... – defendeu-se o pescador.

Os outros pescadores confirmaram a história. E depois de muita conversa e cachaça resolveram ir à caça da **Boiúna**. Saíram em comboio pelo rio uns quinze pescadores, dentre eles o pai do menino. E não é que por volta das cinco horas da tarde eles encontraram a bicha! Estava dormindo, com a barriga enorme, num dos **furos** daquela região. O pai não perdeu tempo. Em silêncio, desceu da canoa com seu facão e o afinçou em sua cabeça. Nesse momento cada um dos pescadores, com seus facões, fizeram o mesmo na cabeça e no rabo da criatura. Ela se debateu, debateu, debateu, até perder as forças e morreu.

Estava feito, o pai havia derrotado a **Boiúna**. Mas uma coisa ainda lhe inquietava, então pegou seu facão e começou a abri-la de cabo a rabo. Os outros pescadores, entendendo o que o homem fazia, o ajudaram. De repente, ouviram uma voz vindo lá de dentro da cobra:

– Quem está aí?

Abriam mais um pouquinho e puderam ver melhor: o menino, sentado em seu mocho, descascando laranja e comendo com farinha.